

O SEGREDO DA DUQUESA

Os excêntricos - I



Courtney Milan





A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

O SEGREDO
DA DUQUESA





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

O SEGREDO DA DUQUESA

Os excêntricos - 1

Courtney Milan



Título original: *The Duchess War*

Copyright © 2012 por Courtney Milan

Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Caroline Bigaiski

preparo de originais: Karine Ribeiro

revisão: Camila Figueiredo e Tereza da Rocha

capa e diagramação: Miriam Lerner | Equatorium Design

imagem de capa: ©Magdalena Russocka/ Trevillion Images

foto da autora: © Jovanka Novakovic

e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M582s

Milan, Courtney

O segredo da duquesa [recurso eletrônico] / Courtney Milan; tradução de Caroline Bigaiski. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2022.

recurso digital (Os excêntricos; 1)

Tradução de: The duchess war

Continua com: O desafio da herdeira

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-65-5565-312-0 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Bigaiski, Caroline. II. Título. III. Série.

22-76815

CDD: 813

CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Carey,
que prefere beagles a bagels*

SUMÁRIO

Capítulo um

Capítulo dois

Capítulo três

Capítulo quatro

Capítulo cinco

Capítulo seis

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

Capítulo treze

Capítulo catorze

Capítulo quinze

Capítulo dezesseis

Capítulo dezessete

Capítulo dezoito

Capítulo dezenove

Capítulo vinte

Capítulo vinte e um

Capítulo vinte e dois

Capítulo vinte e três

Capítulo vinte e quatro

Capítulo vinte e cinco

Capítulo vinte e seis

Capítulo vinte e sete

Epílogo

Nota da autora

Agradecimentos

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

Capítulo um

Leicester, novembro de 1863

Robert Blaisdell, o nono duque de Clermont, não estava se escondendo. Sim, ele se retirara para a biblioteca no segundo andar da velha prefeitura, tão longe da multidão que o barulho da conversa não passava de um burburinho. Sim, não havia mais ninguém por perto. E sim, ele estava atrás de pesadas cortinas de veludo azul-acinzentadas, e tivera que arrastar o pesado sofá de couro marrom com botões para ficar naquela posição.

No entanto, não fizera tudo isso para se esconder, mas porque – e essa era uma parte essencial da linha de raciocínio um tanto ilusória de Robert –, naquela estrutura centenária de gesso e carpintaria, apenas um dos painéis das janelas se abria, e era justamente o que ficava atrás do sofá.

Então ali estava ele, com uma cigarrilha entre os dedos, enquanto a fumaça se dissipava no ar frio de outono do lado de fora. Robert não estava se escondendo; queria apenas proteger aqueles livros antigos do fumo.

Ele até acreditaria nisso tudo se, de fato, fosse fumante.

Ainda assim, olhando pelos painéis texturizados de vidro envelhecido, conseguia avistar a igreja de pedra escurecida logo à frente, do outro lado da rua. A luz dos lampiões formava sombras imóveis na calçada. Folhetos haviam sido empilhados em frente às portas, mas uma brisa os espalhara pela rua, carregando-os para poças d'água.

Robert estava fazendo uma bagunça. Uma baita e gloriosa bagunça. Ele

sorriu e bateu a ponta da cigarrilha intocada na abertura da janela, e a cinza caiu num rodopio até o calçamento de pedra.

O suave rangido de uma porta se abrindo o alarmou. Ele deu as costas à janela ao som de algo arranhando o assoalho. Alguém subira a escada e entrara na biblioteca. Eram passos leves – talvez de uma mulher, ou de uma criança. Curiosamente, também eram hesitantes. Quem quer que se dirigisse à biblioteca no meio de um evento musical tinha motivos para isso. Um encontro clandestino, talvez, ou a procura por um parente desaparecido.

De sua posição privilegiada atrás das cortinas, Robert conseguia enxergar apenas uma pequena parte do cômodo. A recém-chegada, quem quer que fosse, estava se aproximando, andando com hesitação. Não era possível vê-la – de alguma forma, Robert tinha certeza de que se tratava de uma mulher –, mas ele podia ouvir seus passos leves e investigativos, que paravam de vez em quando como se para analisar os arredores.

A moça não chamou ninguém nem fez uma busca meticulosa. Não parecia estar atrás de um amante secreto. Em vez disso, seus passos percorreram o cômodo num círculo.

Robert levou um instante para perceber que havia esperado muito para se anunciar. “Arrá!”, conseguiu imaginar-se exclamando, saltando de trás das cortinas. “Eu estava admirando o gesso. Muito bem-feito ali atrás, sabia?”

Ela pensaria que ele era louco. E, até aquele momento, ninguém havia chegado a essa conclusão. Então, em vez de falar alguma coisa, Robert jogou a cigarrilha pela janela. Ela girou pelo ar, com a ponta laranja brilhando, até cair numa poça d’água e se apagar.

As únicas coisas do cômodo que ele conseguia ver eram parte de uma estante de livros, o encosto do sofá e a mesinha ao lado, na qual havia um tabuleiro de xadrez. A partida estava pela metade. Do pouco que Robert se lembrava das regras, as pretas estavam ganhando. Ele encolheu-se contra a janela conforme a pessoa se aproximava.

A moça entrou no campo de visão dele.

Não era uma das jovens que Robert conhecera mais cedo no saguão. Aquelas eram beldades, ansiosas para chamar a atenção dele. E a moça em questão – quem quer que fosse – não era nenhuma beldade. Os cabelos escuros estavam presos num coque baixo e austero. Os lábios eram finos, e o nariz, pontudo e um tanto longo. Ela trajava um vestido azul-escuro com

detalhes da cor do marfim – sem babados, sem laços e de tecido simples. Até o corte do vestido inspirava seriedade: uma cintura tão apertada que Robert se perguntou como ela conseguia respirar, e mangas que desciam dos ombros até os pulsos sem um centímetro de tecido sobressalente para suavizar o todo.

Ela não viu Robert atrás da cortina. Estava com a cabeça virada para o lado e observava o jogo de xadrez da mesma forma que um membro do Movimento pela Temperança olharia para um barril de conhaque: como se fosse um mal que precisava ser erradicado com orações e louvores – e, se isso falhasse, com intervenção militar.

Ela deu um passo incerto, depois outro. Em seguida, pegou um par de óculos na bolsinha de seda que levava pendurada no pulso.

Os óculos deveriam ter lhe dado uma aparência ainda mais severa. Mas, assim que os colocou, sua expressão ficou mais suave.

Robert a avaliara mal. Ela não havia estreitado os olhos com desdém: estava apenas tentando enxergar. O que vira na expressão dela não era severidade, mas algo completamente diferente – algo que ele não conseguia decifrar. A moça pegou o cavalo preto e o girou entre os dedos. Robert não via naquelas peças nada digno de tamanha atenção. Eram de madeira maciça, esculpidas de qualquer jeito. Ainda assim, a moça continuava a estudar o cavalo com os olhos bem abertos e brilhantes.

Então, inexplicavelmente, levou a peça aos lábios e a beijou.

Petrificado, Robert observou em silêncio. Era quase como se estivesse interrompendo um encontro entre uma mulher e seu amante. Aquela era uma mulher que guardava segredos, sem intenção de compartilhá-los.

A porta da biblioteca rangeu ao ser aberta de novo.

A mulher arregalou os olhos, nervosa. Olhou ao redor freneticamente e, na pressa de se esconder, pulou por cima do sofá, caindo a meio metro de Robert num amontoado desonroso de tecido. Mas nem sequer o viu. Apenas se encolheu, arfando e puxando a saia para trás do encosto de couro.

Ainda bem que Robert havia puxado o sofá uns quinze centímetros para a frente. Do contrário, a moça e sua enorme saia nunca teriam cabido no espaço atrás dele.

Ela ainda segurava a peça com força, e a enfiou violentamente embaixo do sofá.

Dessa vez, passos pesados ressoaram no cômodo.

– Minnie? – chamou a voz de um homem. – Srta. Pursling? Está aqui?
Ela torceu o nariz e se encolheu contra a parede, sem dizer palavra.

– Gad, meu amigo. – Era outra voz que Robert não reconheceu, com um tom jovial e um pouco afetado pela bebida. – Essa sua moça não me causa inveja nenhuma.

– Não fale mal da minha quase noiva – retrucou a primeira voz. – Você sabe muito bem que ela é perfeita para mim.

– Aquela ratinha tímida?

– Ela vai cuidar bem da casa. Me dar conforto. Cuidar das crianças. E não vai reclamar de amantes.

Dobradiças rangeram – o som inconfundível de alguém abrindo uma das portas de vidro que protegiam as estantes de livros.

– O que está fazendo, Gardley? – perguntou o bêbado. – Vendo se ela está entre esses tomos alemães? Não acho que ela caiba aí. – Uma risada desagradável acompanhou a fala.

Gardley. Não podia ser o velho Sr. Gardley, que era dono de uma destilaria – não com aquela voz jovial. Devia ser o Sr. Gardley mais novo. Robert já o vira de longe – um cavalheiro pouco notável, de altura mediana, cabelos castanho-claros e feições que faziam Robert se lembrar vagamente de outras cinco pessoas.

– Pelo contrário – falou o jovem Gardley. – Acho que ela vai caber muito bem. Como esposa, a Srta. Pursling será como esses livros. Quando eu quiser pegá-la para ler, estará lá. Quando eu não quiser, ficará esperando pacientemente no lugar em que a deixei. Será uma esposa conveniente para mim, Ames. Além disso, minha mãe gosta dela.

Robert não se recordava de conhecer alguém chamado Ames. Deu de ombros e olhou para baixo para ver como a moça – que deduziu ser a Srta. Pursling – reagira àquela revelação.

Ela não parecia surpresa nem chocada com o comentário pouco romântico do quase noivo. Na verdade, parecia conformada.

– Terá que levá-la para a cama, sabe disso – comentou Ames.

– Verdade. Mas será com pouca frequência, graças a Deus.

– Ela é uma ratinha. Como todos os roedores, imagino que vai soltar um gritinho quando cutucá-la.

Essa fala foi seguida por uma pancadinha.

– Ai! – exclamou Ames.

– É da minha futura esposa que você está falando – repreendeu Gardley. Talvez o cavalheiro não fosse um homem tão ruim assim.

– Sou o único que pode pensar em cutucá-la – continuou ele.

A Srta. Pursling apertou os lábios numa linha fina e olhou para cima, como se implorasse aos céus. Mas dentro da biblioteca não havia céus aos quais implorar. E quando ela levantou a cabeça e seu olhar alcançou a fresta entre as cortinas...

Seus olhos encontraram os de Robert, e ficaram bem arregalados e redondos. Ela não berrou nem arfou. Nem ao menos se mexeu. Apenas ficou encarando-o com uma expressão ardente, com uma acusação silenciosa e as narinas dilatadas.

Não havia nada que Robert pudesse fazer além de erguer a mão e acenar.

Ela retirou os óculos e se virou em um gesto tão desdenhoso, de maneira tão majestosa, que Robert teve que olhá-la com atenção outra vez para se certificar de que a moça estava mesmo sentada em um amontoado de saia aos seus pés. Daquele estranho ângulo, ele conseguia ver dentro do decote do vestido – uma parte do corpo que não lhe parecia nada severa, e sim muito macia...

Deixe isso para depois, repreendeu-se, erguendo o olhar alguns centímetros. Como a Srta. Pursling havia virado o rosto, ele viu pela primeira vez uma cicatriz discreta na bochecha esquerda dela, como uma teia de aranha branca e emaranhada com linhas entrecruzadas.

– Aonde quer que sua ratinha tenha ido, não está aqui – disse Ames. – Deve estar na sala de descanso da milady. Vamos voltar para a festa. Diga à sua mãe que falou com ela na biblioteca.

– Sim – respondeu Gardley. – E nem preciso mencionar que ela não estava presente na conversa. Mesmo que estivesse aqui, ela não teria dito nada.

Passos retrocederam. A porta tornou a ranger e os homens foram embora.

A Srta. Pursling não olhou para Robert quando eles saíram, nem mesmo para reconhecer a presença dele com uma expressão de desdém. Em vez disso, ficou de joelhos, fechou a mão em punho e socou vigorosamente o encosto do sofá – uma vez, depois outra, usando tanta força que o móvel foi para a frente com o baque, reforçado pelos 45 quilos da moça.

Antes que ela pudesse dar um terceiro soco, Robert segurou-lhe o pulso.

– Ora, vamos – falou. – A senhorita não deve se machucar por causa daquele homem. Ele não merece.

Ela o encarou com os olhos bem abertos.

Robert não entendia como qualquer um poderia chamá-la de tímida. Ela transbordava rebeldia. Ele soltou o braço dela antes que a fúria que a possuía viajasse pelo contato e o consumisse. Já tinha bastante raiva por conta própria.

– Não se preocupe – respondeu ela. – Pelo jeito, não sou capaz de me conter.

Robert quase deu um pulo. Não sabia que tipo de tom de voz esperara dela – penetrante e severo, como a aparência sugeria? Talvez tivesse imaginado um tinido agudo, tal qual a ratinha que diziam ser. Mas a voz era baixa, calorosa e intensamente sensual. Era o tipo de voz que o fez perceber de repente que a moça estava ajoelhada à sua frente, com a cabeça quase na altura de sua virilha.

Deixe isso para depois também.

– Sou uma ratinha. Todos os roedores soltam um gritinho quando cutucados. – Ela tornou a socar o sofá. Ia machucar os dedos se continuasse. – Você vai me cutucar também?

– Não.

Por sorte, pensamentos não contavam; caso contrário, todos os homens queimariam no inferno pela eternidade.

– O senhor sempre fica escondido atrás de cortinas, ouvindo conversas particulares?

Robert sentiu a ponta das orelhas queimar.

– A senhorita sempre pula atrás de sofás quando escuta seu noivo se aproximando?

– Pulo – respondeu ela, desafiadora. – O senhor não ouviu? Sou como um livro que alguém perdeu. Um dia, um dos criados dele vai me encontrar cheia de pó durante a faxina de primavera. “Ah”, o mordomo vai dizer. “É aqui que a Srta. Wilhelmina veio parar. Tinha até me esquecido dela.”

Wilhelmina Pursling? Que nome medonho.

Ela respirou fundo.

– Por favor, não conte a ninguém sobre isso. Sobre nada disso. – Ela

fechou os olhos e pressionou-os com os dedos. – Só vá embora, seja quem for.

Ele afastou as cortinas e contornou o sofá. A alguns metros, nem conseguia vê-la. Só conseguia imaginá-la encolhida no chão, furiosa a ponto de ser levada às lágrimas.

– Minnie – falou.

Não era adequado chamá-la por um apelido tão íntimo. E ainda assim queria senti-lo na própria língua.

Ela não respondeu.

– Eu lhe dou vinte minutos – avisou ele. – Se não a vir lá embaixo depois desse tempo, virei atrás da senhorita.

Por um momento, não houve resposta. Então:

– A beleza do casamento é o direito que me dá à monogamia. Basta um homem para decretar aonde posso ou não posso ir, não acha?

Robert encarou o sofá, confuso, até perceber que ela pensara tratar-se de uma ameaça de tirá-la dali arrastada.

Ele era bom em muitas coisas. Comunicar-se com mulheres não era uma delas.

– Não foi isso que eu quis dizer – murmurou. – É que...

Ele voltou ao sofá e olhou por cima do encosto de couro.

– Se uma mulher importante para mim estivesse escondida atrás de um sofá, eu gostaria que alguém dedicasse um tempinho a garantir que ela está bem.

Houve uma longa pausa. Então veio o som de tecido farfalhando e a moça olhou para Robert. Os cabelos estavam se soltando daquele coque austero; os fios emolduravam o rosto dela, deixando seus traços mais suaves e destacando a palidez da cicatriz. Nada bonita, mas... interessante. E ele poderia ouvi-la falar a noite toda.

Ela o encarou, confusa.

– Ah – disse sem emoção. – Está tentando ser gentil.

Era como se a possibilidade nunca tivesse lhe ocorrido. Ela soltou um suspiro e balançou a cabeça.

– Mas está equivocado. Veja bem, *aquilo* – ela apontou para a porta por onde seu quase noivo havia se retirado – é o melhor que posso esperar. Busco algo do tipo há anos. Assim que conseguir tolerar a ideia, me casarei com ele.

Nenhum traço de sarcasmo marcava sua voz. Ela se levantou. Com uma mão hábil, ajeitou os cabelos, prendendo-os com os grampos, e endireitou a saia até recobrar o decoro completamente.

Só então se agachou, procurando embaixo do sofá até encontrar o cavalo que havia jogado ali. Então examinou o tabuleiro de xadrez, inclinou a cabeça para o lado e em seguida, com muito, muito cuidado, devolveu a peça ao devido lugar.

Enquanto Robert a observava, tentando encontrar sentido no que ela havia dito, a Srta. Pursling saiu pela porta.



Minnie desceu a escada que levava da biblioteca ao pátio escuro do lado de fora do saguão principal com o coração ainda acelerado. Por um momento, achara que o homem começaria a interrogá-la. Mas não, ela conseguira escapar sem que nenhuma pergunta fosse feita. Tudo estava exatamente como sempre: silencioso e maçante. Bem do jeito que ela precisava. Ali, não havia nada a temer.

As tênues notas do concerto musical, executado de forma medíocre por um quarteto de cordas local de habilidades ordinárias, mal eram ouvidas no pátio. A escuridão pintava o espaço em tons de cinza. Não que fosse muito colorido durante o dia; havia apenas o azul-acinzentado do piso de ardósia e o gesso envelhecido que cobria as paredes de madeira. Algumas ervas daninhas persistentes haviam crescido nos espaços entre as pedras do piso, mas secaram de forma que só restavam fiapos amarronzados. Não havia quase nenhuma cor no azul-marinho profundo da noite. Algumas silhuetas escuras estavam próximas à porta do saguão, com taças de ponche na mão. Tudo ali fora era cinzento – visão, audição e todas as emoções turbulentas de Minnie.

A apresentação musical atraía um número impressionante de pessoas. O bastante para lotar a sala principal, que estava com todos os assentos ocupados, e deixar algumas pessoas em pé nos cantos. Era estranho que as notas fracas daquele Beethoven mal executado tivessem atraído tanta gente, mas o público comparecera em peso. Um olhar para aquela multidão fez com que Minnie se retirasse, enjoada. Não podia entrar ali.

Talvez pudesse fingir que não estava passando bem.

Na verdade, não precisaria fingir.

Mas...

Uma porta se abriu atrás dela.

– Srta. Pursling. Aí está a senhorita.

Assustada, Minnie se virou rapidamente.

A prefeitura de Leicester era um prédio antigo – uma das poucas estruturas de madeira do período medieval que não sucumbira a um incêndio ou algo similar. Com o passar dos séculos, acumulara várias utilidades. Era salão de reuniões para eventos como aquele, sala de audiências para o prefeito e os vereadores, depósito para os poucos itens cerimoniais da cidade. Um dos cômodos até foi convertido em celas para prisioneiros. Um lado do pátio era de tijolos em vez de gesso e abrigava a casa do chefe de polícia.

Naquela noite, porém, o saguão principal estava em uso – motivo pelo qual Minnie não esperava encontrar alguém do gabinete do prefeito.

Uma figura robusta avançava a passos rápidos e confiantes.

– Lydia está procurando a senhorita faz meia hora. E eu também.

Aliviada, a Srta. Pursling soltou a respiração. George Stevens era um homem decente. Melhor do que aqueles dois patifes dos quais escapara. Ele era o capitão da guarda civil e noivo da melhor amiga dela.

– Capitão Stevens – cumprimentou ela. – Tem muita gente lá dentro. Eu só precisava de um pouco de ar.

– Precisava, é?

Ele se aproximou. A princípio, não passava de uma sombra. Depois chegou perto o bastante para que ela conseguisse distinguir, sem os óculos, seus contornos familiares: o bigode jovial, as costeletas pomposas.

– Não gosta de multidões, não é? – O tom de voz dele era solícito.

– É – confirmou ela.

– Por que não?

– Nunca gostei.

Mas, na verdade, já gostara. Tinha uma vaga lembrança de estar cercada por homens chamando seu nome, querendo falar-lhe. Na ocasião, não havia nenhuma possibilidade de flerte – Minnie tinha oito anos e, para completar, estava vestida como um garoto –, mas já houvera um tempo em que a energia de uma multidão a animava em vez de lhe embrulhar o estômago.

O capitão Stevens postou-se ao lado dela.

– Também não gosto de framboesas – confessou Minnie. – Deixam minha garganta coçando.

Mas ele a observava, e as pontas do bigode pendiam com o peso da expressão carregada em seu rosto. Esfregou os olhos, como se não confiasse no que via.

– Vamos lá – disse Minnie com um sorriso. – O senhor me conhece há muitos anos e sabe que nunca gostei de aglomerações.

– Verdade – concordou ele, pensativo. – Mas veja, Srta. Pursling, acontece que na semana passada eu estava em Manchester a trabalho.

Não reaja. O instinto fazia parte de seu ser. Minnie manteve a leveza do sorriso e continuou a ajeitar a saia, sem ficar paralisada de medo. Mas havia algo bradando em seus ouvidos, e seu coração martelava.

– Sei – ouviu-se dizendo.

A voz soava mais alegre do que deveria, e muito insegura.

– Meu antigo lar. Quanto tempo... O que achou de lá?

– Achei estranho. – Ele se aproximou mais um passo. – Visitei o antigo bairro em que Caroline, sua tia-avó, morava. Minha intenção era só jogar conversa fora, dar notícias suas a quem quer que se lembrasse da senhorita quando criança. Mas ninguém se lembrava de a irmã de Caroline ter se casado. E quando pesquisei, não havia certidão de nascimento sua no registro paroquial.

– Que esquisito. – Minnie encarava a calçada. – Não sei onde registraram meu nascimento. Terá que perguntar à minha tia Caroline.

– Ninguém tinha ouvido falar da senhorita. Morou *mesmo* no bairro em que ela cresceu, não morou?

O vento passou pelo pátio com um assobio lúgubre. O coração de Minnie batia descompassadamente. *Agora não. Agora não. Não se desespere agora.*

– Nunca gostei de multidões – ouviu-se responder. – Nem mesmo quando era criança. As pessoas não me conheciam.

– Humm.

– Eu era tão jovem quando me mudei que temo não poder ajudá-lo. Quase não lembro de Manchester. Já minha tia Caroli...

– Mas não é sua tia que me preocupa – interrompeu ele lentamente. – A senhorita sabe que manter a ordem é parte das minhas obrigações.

Stevens sempre fora um homem diligente. Embora a guarda civil tivesse sido requisitada uma única vez no ano anterior – para ajudar a combater um incêndio –, o jovem levava sua função bem a sério.

Minnie não precisava mais fingir estar confusa.

– Não estou entendendo. O que isso tem a ver com manter a ordem?

– Estamos vivendo tempos perigosos – disse ele. – Eu era parte da guarda civil que derrotou as manifestações cartistas em 1842, e nunca esqueci como elas começaram.

– Ainda não entendo o que isso tem a ver...

– Lembro bem dos dias antes de a violência irromper – continuou ele, secamente. – Sei como começa. Começa quando alguém diz aos trabalhadores que devem se expressar em vez de continuar a fazer o que mandam. Reuniões. Conversas. Folhetos. Ouvi o que a senhorita disse como membro da Comissão de Higiene dos Trabalhadores, Srta. Pursling. E não gostei. Não gostei nem um pouco.

O tom frio da voz dele fez um arrepio subir pelos braços de Minnie.

– Mas eu só disse que...

– Sei o que a senhorita disse. Na época, achei que fosse apenas ingenuidade. Mas agora sei a verdade. Não é quem diz ser. Está mentindo.

Os batimentos do coração de Minnie se aceleraram ainda mais. Ela olhou para a direita, para o pequeno grupo a alguns metros. Uma das garotas estava bebendo ponche e dando risadinhas. Se Minnie gritasse, certamente...

Mas gritar não ajudaria em nada. Por mais impossível que parecesse, alguém descobrira a verdade.

– Posso não ter certeza – acrescentou Stevens –, mas realmente sinto que algo está errado. A senhorita é parte disso *aqui*. – Ele empurrou um pedaço de papel para ela, quase batendo em seu peito.

Ela pegou o papel por reflexo e o ergueu à luz que vinha das janelas, para conseguir ler. Por um segundo, perguntou a si mesma para o que estava olhando – uma reportagem? Várias já haviam sido publicadas, mas a textura do papel não era de jornal. Talvez fosse sua certidão de nascimento. Se fosse, isso seria bem ruim. Ela pegou os óculos no bolso.

Quando enfim conseguiu ler, quase gargalhou de alívio. De todas as coisas de que ele poderia tê-la acusado – de todas as mentiras que ela já havia contado, começando pelo próprio nome –, Stevens achava que ela

estava envolvida com *aquilo*? Ele lhe entregara um folheto do tipo que aparecia nas paredes das fábricas e era deixado em pilhas desordenadas na porta da igreja.

“TRABALHADORES”, dizia a primeira linha em letras garrafais. E logo abaixo: “ORGANIZEM-SE, ORGANIZEM-SE, ORGANIZEM-SE!!!!”

– Ah, não – disse ela. – Nunca vi isso antes. E realmente *não* é do meu feitio.

Para começo de conversa, Minnie estava certa de que qualquer frase que usasse mais pontos de exclamação do que palavras era uma abominação.

– Estão espalhados pela cidade – rosnou Stevens. – Alguém está por trás disso. – Ele ergueu um dedo em riste. – A senhorita se ofereceu para fazer os panfletos da Comissão de Higiene dos Trabalhadores. Isso lhe dá uma desculpa perfeita para visitar todas as gráficas da cidade.

– Mas...

Ele ergueu mais um dedo.

– Foi a senhorita que sugeriu que os trabalhadores comessem a se envolver com a Comissão.

– Apenas sugeri que fazia sentido perguntar a eles sobre o acesso a bombas de água. Se não perguntássemos, teríamos tido todo aquele trabalho só para descobrir que não melhorou em nada a saúde deles. É bem diferente de sugerir que se organizem.

Um terceiro dedo.

– Suas tias-avós estão envolvidas naquela cooperativa medonha de alimentos, e sei que a senhorita foi essencial para organizá-la.

– Uma transação comercial! Por que o local onde vendemos nossos repolhos teria alguma importância?

Stevens apontou para ela com os três dedos.

– É um padrão. A senhorita simpatiza com os trabalhadores e não é quem diz ser. *Alguém* está ajudando-os a imprimir os folhetos. Deve achar que sou um tolo para assiná-los *deste* jeito.

Ele apontou para o rodapé do folheto. Havia um nome ali. Detrás dos óculos, Minnie estreitou os olhos para ler.

Um nome não. Um pseudônimo.

“De minimis”, leu. Nunca aprendera latim, mas sabia um pouquinho de

italiano e bastante de francês, e imaginou que significava algo como “ninharias”. Algo pequeno.

– Não entendi. – Ela balançou a cabeça vagamente. – O que isso tem a ver comigo?

– De. Minnie. Mis. – Ele enfatizou cada sílaba, dando ao nome dela uma reviravolta perversa. – Deve mesmo achar que sou tolo, Srta. *Minnie*.

Era uma lógica tão horrível, tão distorcida, que ela poderia ter caído na gargalhada. Só que as consequências daquela piada não tinham graça.

– Não tenho provas – informou ele. – E, como sua amizade com minha futura esposa é bem conhecida, não desejo vê-la humilhada publicamente e acusada do crime de insurreição.

– Crime de insurreição! – ecoou ela, incrédula.

– Considere isso um aviso. Se continuar com *isto* – ele sacudiu o papel nas mãos dela –, vou descobrir a verdade sobre suas origens. Vou provar que a senhorita está por trás disso. E vou arruiná-la.

– Não tenho nada a ver com isso! – protestou Minnie, em vão.

Ele já estava indo embora.

Ela fechou a mão em punho, amassando o folheto. Que rumo terrível os acontecimentos tinham tomado. Stevens estava partindo de uma premissa falsa, mas não importava como encontrara aquela pista. Se a seguisse, descobriria tudo. O passado de Minnie. Seu verdadeiro nome. E, acima de tudo, seus pecados – que, apesar de terem sido enterrados fazia bastante tempo, não estavam mortos.

De minimis.

A diferença entre a ruína e a segurança era tênue. Muito tênue, mas ela não estava disposta a atravessá-la.

Capítulo dois

– Minnie!

Dessa vez, Minnie não se assustou quando a voz soou pelo pátio. Os batimentos de seu coração não se aceleraram. Em vez disso, ela começou a se sentir mais calma e um sorriso sincero lhe tomou o rosto. De mãos estendidas, virou-se para sua interlocutora.

– Lydia – cumprimentou calorosamente. – Como é bom ver você.

– Onde você estava? – perguntou a outra. – Procurei por toda parte.

Para outra pessoa, Minnie teria mentido. Mas como era Lydia...

– Estava me escondendo. Atrás do sofá, na biblioteca.

Outra pessoa teria se ofendido. Mas Lydia conhecia Minnie melhor do que qualquer um. Ela apenas bufou, balançando a cabeça.

– Isso é tão... tão...

– Ridículo?

– Previsível – completou a amiga. – Mas que bom que a encontrei. Chegou a hora.

– Hora? Hora do quê?

Não havia nada programado para aquela noite além do espetáculo de Beethoven.

Mas Lydia não respondeu. Apenas pegou Minnie pelo cotovelo e a puxou para a porta do gabinete do prefeito.

Minnie firmou os pés no chão.

– Lydia, estou falando sério. Hora do quê?

– Eu sabia que você não aguentaria uma apresentação no saguão principal com toda aquela gente. – Lydia sorriu. – Então pedi ao papai que ficasse de vigia no gabinete. É hora de você ser apresentada.

– Apresentada? – Atrás delas, o pátio estava quase vazio. – Apresentada a quem?

A amiga sacudiu o dedo para ela.

– Precisa ficar em dia com as fofocas. Como assim você não *sabe*? Ele só tem vinte e oito anos, e já conquistou uma reputação como político. Muita gente dá a ele o crédito pelo Compromisso de Importação de 1860.

Lydia falou isso como se Minnie soubesse o que era o tal Compromisso de Importação de 1860 – como se todos soubessem. Minnie nunca ouvira falar sobre o negócio e tinha certeza de que Lydia também não.

A amiga soltou um suspiro de satisfação.

– E ele está *aqui*.

– Mas quem é ele? – Minnie tornou a olhar para Lydia. – E para que esse suspiro? Você está noiva.

– Sim, estou. E estou muito, muito feliz com isso.

Era repetição demais da palavra *muito* para que Minnie acreditasse no sentimento, mas, como nunca tinha sido bem-sucedida em discussões sobre o assunto, não via motivo para tentar de novo.

– Mas *você* não está noiva. – Lydia puxou a mão dela. – Ainda não. E o que a realidade tem a ver com a imaginação? Não pode sonhar uma única vez em descer até uma multidão de adoradores, com um lindíssimo vestido de seda vermelho e um homem bonito ao seu lado?

Minnie *conseguia* imaginar a cena, mas a multidão nunca era de adoradores. As pessoas gritavam. Jogavam coisas. Xingavam, e Minnie só tinha que esperar até o próximo pesadelo para que tudo se repetisse.

– Não estou dizendo para começar a guardar dinheiro para uma festa de casamento neste instante. Só sonhe um pouco. Um pouquinho.

Então Lydia abriu a porta.

Havia poucas pessoas no cômodo. O Sr. Charingford estava próximo da porta, aguardando-as, e cumprimentou a filha com um aceno de cabeça. O tamanho da sala era modesto, mas as paredes eram revestidas de madeira, havia vitrais nas janelas e padrões entalhados na estrutura da lareira. O brasão de Leicester se destacava na parede do fundo, e a cadeira pesada do prefeito estava na entrada.

Reunidos ali, estavam: o prefeito, a esposa dele, Stevens, um homem que Minnie não reconheceu e... ela prendeu a respiração.

Era ele. O homem loiro de olhos azuis que falara com ela na biblioteca. Pela aparência, Minnie nunca imaginaria que fosse alguém importante. Era jovem demais e, principalmente, gentil demais. Ver o prefeito recepcioná-lo com tanta pompa...

– Viu? – disse Lydia em voz baixa. – Acho que até *você* consegue sonhar com ele.

Bonito, gentil e importante. A imaginação de Minnie queria sugá-la com uma força quase visceral para caminhos à luz do luar, pavimentados com fantasias.

– Às vezes, se você acredita no impossível... – falou.

Na época em que as pessoas estimavam o pai dela o bastante para convidá-lo a todos os lugares, Minnie era muito jovem. Viena. Paris. Roma. Ele não tinha posses, só um nome de família antigo, uma conversa agradável e um talento para xadrez que era quase insuperável. Mas sonhara com o impossível e tinha contaminado a filha com a própria loucura.

Você só precisa acreditar, costumava dizer a ela desde que Minnie tinha 5 anos. *Não temos fortuna. Não temos riquezas. Nós, Lanes, só acreditamos com mais empenho do que os outros, e coisas boas vêm até nós.*

E então ela acreditara. Acreditara nele com tanto furor que, quando todos os esquemas dele desmoronaram, só lhe sobrou uma crença vazia.

– Se você acredita no impossível, ele pode se tornar realidade – disse Lydia, puxando-a de volta ao presente.

– Se você acredita no impossível, abre mão do que já tem – retrucou Minnie.

Não havia nenhum caminho iluminado pelo luar guiando-a até aquele homem. Havia apenas um cavalheiro que tinha sido gentil com ela. Apenas isso. Nada de sonhos. Nada de fantasias.

– E você tem muito a perder... – A voz de Lydia era sarcástica.

– Tenho bastante a perder. Ninguém fica apontando para mim e sussurrando quando passo na rua. Multidões não me seguem jurando vingança. Ninguém me atira pedras.

E homens estranhos ainda eram gentis com ela. E como ele era bonito... Isso sem dúvida explicava o brilho nos olhos de Lydia. Com base no que ela dissera sobre importação, ele devia estar envolvido com política. Talvez

fosse um membro do Parlamento? Embora parecesse ser jovem demais para isso.

– Que cara séria – disse Lydia, fazendo uma careta. – Sim, você tem razão. Poderiam cuspir em você e tratá-la como um monstro. E talvez você seja comida por um dragão. Seja razoável. Nada disso é remotamente plausível. Já que não consegue sonhar acordada sozinha, vou sonhar por você. Agora, vou imaginar que aquele homem vai se virar e olhar só uma vez para você...

Não era preciso imaginar. O homem, fosse quem fosse, se virou naquele instante. Primeiro, olhou para Lydia, que estava tremendo de entusiasmo. Ela fez uma reverência exagerada. Em seguida, os olhos dele pousaram em Minnie.

Aí está a senhorita, pareciam dizer. Ou algo do tipo. E uma sensação de reconhecimento atravessou Minnie. Não era simples como ver um traço familiar no rosto daquele homem. Era algo em relação à forma como eles se entendiam, algo que indicava que a familiaridade dos dois era mais profunda do que apenas alguns minutos passados atrás de um sofá.

Os olhos do homem foram para a direita, pousando no pai de Lydia, ao lado das moças. Ele se aproximou, abandonando as pessoas que estavam à sua volta.

– Sr. Charingford, correto? – perguntou.

Quando chegou mais perto, seus olhos encontraram os de Minnie, e ele abriu um sorriso levemente aflito – como alguém que relembra uma memória há muito escondida.

Mesmo sem a agitação do Sr. Charingford, aquele sorriso teria convencido Minnie de que estava diante de alguém importante. Ela precisou de um momento para reconhecer a expressão curiosa no rosto dele – o sorrisinho, os olhos que franziam com algo que parecia pesar.

Minnie tinha visto a mesma expressão oito anos antes no rosto de Willy Jenkins. Willy Jenkins era maior que os outros meninos – muito maior. Aos quinze anos, já tinha um metro e oitenta e pesava cerca de oitenta quilos. E era tão forte quanto grande. Uma vez, Minnie o viu erguer os dois irmãos caçulas, um em cada mão.

Os outros garotos teriam morrido de medo de Willy Jenkins, não fosse por aquele sorrisinho.

O Sr. Charingford fez uma mesura adúladora, abaixando-se tanto que a

cabeça quase roçou o chão. Quando falou, mal conseguiu pronunciar as palavras:

– Se me permite lhe apresentar...?

O Sr. Charingford não ousou presumir que ele *permitiria* a apresentação – e, por incrível que parecesse, parecia pensar que seria aceitável recusar.

– Mas é claro – disse o homem.

Os olhos dele reencontraram os de Minnie, e ela rapidamente desviou o olhar.

– Meu círculo de amizades sempre está aberto a jovens damas.

Aquele sorrisinho pesaroso de novo – o sorriso de Willy. Era o que ele costumava usar quando ganhava na queda de braço – e ele sempre ganhava. Parecia dizer: *Me desculpe por ser maior e mais forte do que você. Sempre vou ganhar, mas vou tentar não machucá-lo.* Era o sorriso de um homem que sabia ter uma força considerável e achava isso um tanto vergonhoso.

– Que atencioso – disse o Sr. Charingford. – Esta é minha filha, a Srta. Lydia Charingford, e esta é uma amiga dela, a Srta. Wilhelmina Pursling.

O homem loiro fez uma breve reverência ao pegar a mão de Lydia, inclinando levemente a cabeça, e se virou para Minnie.

– Moças, este é Robert Alan Graydon Blaisdell – disse o Sr. Charingford.

Os olhos dele – de um azul tão opaco que levavam Minnie a pensar em um lago no inverno – encontraram os dela. O sorriso curvou-se para baixo, parecendo ainda mais pesaroso. Os dedos dele tocaram os de Minnie e, mesmo com as luvas, a mão dele emanava calor. Apesar de todo o seu bom senso, Minnie sentiu-se reagir a ele. Um sorrisinho lhe tomou os lábios, imitando o do homem. Na imaginação dela, ao menos naquele instante, havia, *sim*, caminhos iluminados pelo luar. E a luz prateada pintava com magia cada faceta de sua vida sem graça.

Atrás de Minnie, o Sr. Charingford engoliu em seco, e o som era audível com a proximidade.

– Sua Graça é o duque de Clermont.

Minnie puxou os dedos de volta, quase arrancando-os da mão do homem. Um duque? Um maldito *duque* a tinha encontrado atrás do sofá? Não. Não. Impossível.

Charingford indicou o outro cavalheiro.

– E... hã... o parceiro de negócios...

– Amigo – corrigiu o duque.

– Sim. – Charingford tornou a engolir em seco. – É claro. O amigo dele, o Sr. Oliver Marshall.

– Srta. Charingford. Srta. Pursling – disse o duque, cumprimentando Lydia por cima do ombro de Minnie. – Decerto todo o prazer nesta apresentação é meu.

Minnie inclinou a cabeça levemente.

– Vossa Graça – falou baixinho.

Toda aquela noite conspirava para destruí-la. O noivo da melhor amiga achava que Minnie estava envolvida com insurreição e o maldito duque de Clermont poderia arruiná-la com uma única palavra. Era isso que a imaginação traiçoeira, os caminhos iluminados pelo luar e um único momento de contemplação romântica mereciam. Sonhos fracassavam, e, quando iam embora, a realidade ficava ainda mais cruel.

Os olhos do duque encontraram os de Minnie pouco antes de ela se retirar. E novamente ele abriu aquele sorriso acanhado. Dessa vez, Minnie sabia o que significava.

Ela não valia nada. Ele tinha tudo. E, mesmo que isso pouco importasse, ele tinha vergonha da própria força.



A carruagem balançava, e os movimentos bruscos sacudiam o veículo para a frente e para trás. Minnie imaginava que um dia as molas tinham sido novas, e os buracos na estrada até a fazenda de suas tias-avós não provocavam solavancos de fazer ranger os dentes. Mas o dinheiro era escasso, e as tias-avós não podiam se dar ao luxo de fazer reparos.

Tia Caroline ocupava o assento à frente de Minnie, com a bengala apoiada no joelho. Ao lado dela estava Elizabeth, menos corcunda, porém mais grisalha. Não poderiam ser mais diferentes se fossem duas estranhas no meio de uma multidão. Carol era alta e gorda, enquanto Eliza era baixinha e ossuda. Os cabelos de Carol eram lisos e escuros, com poucas mechas grisalhas, enquanto os de Eliza, que já tinham sido loiros, haviam se tornado brancos e frisados.

Numa noite fria de novembro como aquela, com a idade que tinham, as

duas deveriam estar em casa, descansando perto da lareira, em vez de sair por aí para assistir a eventos musicais vespertinos. Mas tinham acompanhado Minnie, e naquele momento a expressão carrancuda de ambas era de pura insatisfação.

Na escuridão da noite, longe dos olhos do homem que conduzia a carruagem, elas haviam se dado as mãos, em busca de conforto.

E, como sempre, Minnie estava prestes a piorar as coisas.

– Tia Carol. Tia Eliza. – O tom de voz da moça soou baixo na noite aveludada, quase abafado pelo chacoalhar das rodas. – Preciso contar algo para as senhoras. É sobre o capitão Stevens.

As duas mulheres trocaram um longo olhar.

– Já sabemos – admitiu Carol. – Estávamos considerando se devíamos contar para você.

– Ele está investigando o meu passado.

Elas trocaram outro olhar duradouro. E foi Carol quem tornou a falar:

– Com certeza é um contratempo, mas já passamos por coisas piores.

Minnie balançou a cabeça.

– Ele sabe. Ou vai descobrir. Logo. Não sei o que fazer.

Eliza esticou a mão e deu tapinhas no joelho de Minnie.

– Você está entrando em pânico – afirmou suavemente. – Nunca entre em pânico. Isso mostra aos outros que algo está errado. Basta lembrar que a verdade é esdrúxula demais para sequer ser considerada. Ninguém nunca vai adivinhar.

Minnie inspirou fundo uma vez, depois outra.

– Mas...

– Para chegar à verdade – disse Eliza –, ele teria que fazer as perguntas certas. E confie em mim, querida. Ninguém, absolutamente *ninguém*, vai perguntar se seu pai fingiu que você era um menino por doze anos.

– Mas, mesmo assim, se ele apenas suspeitar...

– Pare, Minnie. Respire fundo. Ficar assim não vai ajudar em nada.

Para elas era fácil falar. De olhos fechados, Minnie quase conseguia ver a multidão se fechando ao seu redor, com gritos ríspidos de discórdia proferidos por rostos tomados pela raiva...

– Não é nada – disse Eliza.

Desajeitada, a tia-avó dela moveu-se na carruagem, de modo a se acomodar ao lado de Minnie, e colocou uma mão no ombro dela.

– Não é nada. Não é nada.

A cada repetição, passou os dedos pelo cabelo da sobrinha-neta. Cada sussurro trazia ainda mais calma, até que Minnie conseguiu controlar o pânico. Trancou a lembrança no passado e a deixou lá até a visão parar de desfocar e a respiração voltar ao ritmo normal.

– Muito melhor assim – disse Eliza. – Nós vamos cuidar disso. Stevens falou comigo também. Ele acha que você está mentindo para nós. Na verdade, sugeriu que você não é quem diz ser, que está se aproveitando da nossa boa vontade.

– Meu Deus.

Minnie escondeu o rosto nas mãos.

– Não, não – disse Carol. – É mais fácil desmentir essa história, porque claramente é falsa. Nem precisamos mentir. Eu falei que estava lá no dia em que você nasceu, que prometi à sua mãe, quando ela estava no leito de morte, que cuidaria de você, e que não gostei dele metendo o nariz onde não foi chamado. Quando falei que não havia chance de você ser uma estranha enfiada no nosso ninho sem termos percebido, ele acreditou em mim. – Carol assentiu, convicta. – Ele sabe que você é minha sobrinha-neta, não tem dúvida quanto a isso. Ainda suspeita que algo está errado, mas eu o deixei bem inseguro. Ele não vai fazer nada.

– Mas eu não sou. – Com dificuldade, Minnie inspirou fundo. – Não sou sua sobrinha-neta. Sou...

Rapidamente, Carol pegou a bengala e bateu na perna de Minnie.

– Não se atreva a falar assim. Você sabe muito bem como funciona.

Minnie sabia. Desde que se entendia por gente, chamava Carol e Eliza de tias, mesmo que somente Eliza fosse sua parente consanguínea. Quase cinquenta anos antes, duas mulheres tinham frequentado o mesmo colégio. Tinham entrado na sociedade de Londres ao mesmo tempo. E, quando não conseguiram se apaixonar por um homem depois de algumas temporadas, se recusaram a aceitar um casamento por conveniência. Em vez disso, tinham se retirado para uma pequena fazenda próxima de Leicester que pertencia a Carol – amigas e solteironas para o resto da vida. Eram próximas como irmãs. Mais próximas que irmãs, até, Minnie suspeitava.

– Não se preocupe – disse Eliza. – Eu prometi à sua mãe. Nós *duas* prometemos. – A voz dela estava trêmula. – Falhei com ela uma vez, para minha grande desonra. Não vou falhar de novo.

Erguendo a mão, Minnie tocou a cicatriz na bochecha. Quando criança, costumava pensar que era imbatível. Outras pessoas poderiam tropeçar e falhar, mas Minnie, não. O próprio atrevimento do que tinha alcançado só era páreo para o tamanho da queda que veio depois. Ainda se lembrava de ter ficado deitada no escuro, sem saber se poderia voltar a enxergar com o olho esquerdo. Foi quando as tias-avós apareceram.

— Se você vier conosco, vai ter uma chance — dissera Carol.

Elas não ofereceram a vida glamorosa com a qual a maioria das garotas sonhava. Se Minnie fosse morar com elas, a vida seria regrada. Um nome falso. Teria alguns anos para aproveitar a infância, depois pouco tempo para conhecer os homens da cidade. Talvez se casasse e tivesse filhos. Não teria fama, não teria adulação. Carol e Eliza só podiam lhe oferecer uma coisa: um futuro sem multidões enraivecidas.

Elas haviam sacrificado muito para dar a Minnie uma chance, mesmo que fosse uma chance destituída de luxos e cor. Contaram os centavos para que ela tivesse um guarda-roupa respeitável quando alcançasse a idade para frequentar eventos. Nunca reclamavam, mas Minnie sabia por que o chá que tomavam não tinha açúcar. Sabia por que as tias-avós — com pesar — deixaram que a assinatura da biblioteca caducasse. Elas haviam sacrificado todos os confortos da velhice por Minnie.

E ela nem fazia o favor de querer aquilo que as tias lhe haviam concedido com tanta generosidade.

— Talvez — sugeriu —, quem sabe, se contarmos a verdade ao capitão Stevens...

As outras a encararam com consternação.

— Minnie — disse Eliza devagar. — Querida. Depois de todo esse tempo! Você sabe que nunca poderá fazer isso.

— Essas regras que lhe impomos, você deve saber que não são restrições — complementou Carol. — Nem punições. Fazemos isso porque a amamos. Porque queremos que tenha um futuro. Walter Gardley não está interessado em você? Se conseguir conquistá-lo e se casar logo... seria uma boa ideia.

— Sim — concordou Eliza, assentindo. — Seria uma ótima ideia. Tudo isso que Stevens está inventando vai perder força depois que você se casar com o filho do dono de uma destilaria. Afinal, o seu sustento estaria em risco se os trabalhadores se organizassem. O casamento não apenas lhe garantiria um bom futuro, mas também reforçaria suas referências.

Nada de novo. Minnie já tinha pensado em tudo isso.

E sabia que era sorte conseguir algo do tipo. Para uma garota sem dote e com uma aparência bem mediana, *qualquer* homem era um bom partido. Mesmo que ele apenas a quisesse porque achava que ela aguentaria calada seus comportamentos grosseiros. Ainda assim, ela não conseguia sentir nem um pouquinho de entusiasmo com a ideia.

– Eu o ouvi falando – disse Minnie, forçando as palavras para fora. – Disse que sou uma ratinha, que eu ficaria quieta quando ele arranjasse uma amante.

Carol e Eliza se entreolharam.

– Você não precisa se casar com ele – disse Eliza devagar. – Claro que não, se isso significa que você será infeliz. Mas, antes de recusar, pense nas opções que poderia ter. *Talvez* seja melhor esperar um pouco. – Essa parte foi dita com a testa franzida, insinuando que um segundo pedido de casamento, mais agradável, seria improvável com o passar dos anos. – Se há uma pequena chance de Stevens vir a descobrir a verdade...

Ela deixou a voz morrer.

Não precisava dizer em voz alta. Se a verdade viesse à tona, não haveria outro pedido.

Minnie não tinha mentido para o duque de Clermont. Gardley *era* sua melhor opção – um homem que só sabia que Minnie se calava em meio a multidões. Um homem que a preferia calada. Ele não se dera ao trabalho de perguntar absolutamente nada sobre ela: nem sua cor ou comida favorita. Mas, na verdade, era mais seguro se casar com um homem que não quisesse conhecê-la.

A Srta. Wilhelmina Pursling se sentiria pateticamente grata a Gardley se ele a pedisse em casamento. Mas Minerva Lane...

– Ele nem sabe quem eu sou – resmungou. – Me chamou de ratinha. Minerva Lane *nunca* foi uma rata.

– Não diga esse nome.

O tom de voz de Eliza era baixo, mas apreensivo. Ela apertou os joelhos de Minnie com a mão.

– Fique quieta – ordenou Carol. – Dizer a verdade não serve para nada.

Fique quieta. Não entre em pânico. Nunca diga a verdade a ninguém. Minnie vivia sob aquelas regras fazia doze anos, e para quê? Para que um dia tivesse a sorte de ser completamente esquecida.

A memória de Minerva Lane – de quem ela foi, do que ela fez – era como um pedaço de carvão quente coberto com cinzas frias. Continuava a fumar mesmo depois de o fogo se apagar. Às vezes, todo aquele calor a tomava por dentro, até que Minnie sentisse que estava prestes a chiar como uma chaleira. Até que quisesse queimar os fragmentos sem graça de sua personalidade esfarrapada.

Naquele momento, aquela rebeldia fogosa ardia dentro dela.

A parte de Minnie que ainda era Minerva – a parte que não havia sido transformada em algo suave, submisso – sussurrou em seu ouvido: *Você não precisa ficar quieta. Você precisa de uma estratégia.*

Nada de estratégias. As tias-avós *realmente* protestariam se soubessem que ela estava cogitando tomar uma atitude. Havia anos desde a última vez que se permitira fazer isso.

Stevens acha que você está escrevendo os panfletos. Você sabe que é mentira. Então descubra quem está por trás deles.

Estúpida. Tola. Idiota. Impossível.

Mas, não importava quanto ela se intimidasse, aqueles pensamentos traiçoeiros não iam embora. Como descobriria quem tinha escrito o panfleto? Poderia ser qualquer pessoa.

Não, não poderia. Você sabe que não foi o capitão Stevens. Nem suas tias-avós. Nem você mesma. Se ela conseguisse descobrir quem não faria algo do tipo, só restariam os possíveis culpados. E por eliminação...

Não, sua tola. Há centenas de pessoas que poderiam ser culpadas. Milhares.

Mas, uma vez que Minnie atribuía uma tarefa a si mesma, era quase impossível calar os próprios pensamentos. Havia aquelas letras garrafais, os pontos de exclamação. Parágrafos de texto que descreviam os donos das fábricas e seus filhos. Havia algo *realmente* estranho no meio daquilo tudo.

E então, por algum motivo, ela pensou em outra coisa. Minnie sabia por que estava escondida atrás do sofá. Tinha se escondido da multidão e do pedido de casamento de Gardley.

Mas por que diabos o duque de Clermont estava lá?

ORGANIZEM-SE, ORGANIZEM-SE, ORGANIZEM-SE!!!!

E que estranho aquele sorriso dele – aquele sorrisinho amigável, um pouco envergonhado... Por que um duque teria que aprender a se desculpar por ser quem era?

Não, definitivamente havia algo estranho ali. Algo...

A resposta a atingiu com uma força tão deslumbrante que a carruagem pareceu quase desaparecer em um clarão.

Momentos como aquele eram um dos motivos pelos quais havia sido tão bom ser Minerva Lane. Às vezes lhe parecia que as palavras eram apenas fios, completamente inadequadas para conter a enormidade de seus pensamentos. O terreno em sua cabeça se reorganizou com vigor tectônico, ajeitando-se com uma certeza maior do que Minnie era capaz de explicar.

E assim, mesmo tendo consciência de que não deveria – mesmo sabendo como era perigoso pensar em estratégias –, Minnie sabia o que precisava fazer. O plano se revelou de uma só vez.

Não era o tipo de coisa que uma ratinha como a Srta. Pursling iria considerar. Já Minerva Lane... *ela* sabia o que fazer.

E, graças a Deus, *não* ia ter que se casar com Walter Gardley tão cedo.

Talvez um dia se visse obrigada a aceitá-lo como marido. Mas se conseguisse acabar com as suspeitas de Stevens, poderia adiar o compromisso por meses. E talvez – só talvez – aparecesse algo melhor.

Capítulo três

A beleza dele era quase injusta, pensou Minnie quando o duque de Clermont adentrou a sala de visitas. A luz matinal por entre as cortinas refletia nos cabelos loiros claros dele, que seriam longos demais se não houvesse alguns cachos rebeldes. Ele parou na porta e passou a mão pelos cabelos enquanto a contemplava, bagunçando-os ainda mais. Mas qualquer suavidade que aqueles fios desordenados pudessem dar à aparência era ofuscada pelos olhos, que eram afiados e frios, de um azul cortante, como um córrego de primavera jorrando águas gélidas. Esses olhos pousaram em Minnie e ali permaneceram por alguns segundos antes de se desviarem para Lydia, que estava ao lado.

Lydia tinha dado risadinhas quando soube que Minnie pretendia visitar o duque de Clermont – e nem pestanejou quando a amiga explicou que queria falar com ele a sós.

Foi só na imaginação de Minnie que o olhar do duque penetrou a fachada que ela apresentava para o resto do mundo. Ele só *aparentava* saber de tudo.

Mas não podia saber de nada, porque, quando a viu, sorriu com algo que parecia alegria. A boca só se curvou um pouco, mas alguma coisa também mudou em seus olhos – o tom pálido de águas congeladas ganhou um pouco mais de cor, como o azul-claro de um céu de verão.

Havia uma característica quase infantil na boa aparência dele: certa timidez no sorriso, o corpo um tanto esguio. Ou talvez fosse o jeito como

ele rapidamente desviava os olhos para longe de Minnie e depois voltava a encará-la.

Se na noite anterior Minnie não tivesse ouvido Packerly, um membro do Parlamento, exaltar os esforços políticos do jovem duque, ela teria pensado que ele era uma fraude. Bonito, jovem e modesto? Era bom demais para ser verdade. Na vida real, duques costumavam ser barrigudos, velhos e exigentes.

– Srta. Pursling – cumprimentou ele. – Que prazer inesperado.

Inesperado: nisso ela acreditava. Já se era um prazer... Bem, ele mudaria de ideia até o fim da conversa.

– Vossa Graça – disse Minnie.

Ele pegou a mão dela por um breve instante – mesmo com as luvas, Minnie sentiu uma onda de calor – e inclinou a cabeça.

– Srta. Charingford.

Clermont fez uma reverência ao segurar a mão de Lydia, como se ela fosse a mais distinta das damas. Enquanto ele se curvava, Lydia olhou de relance para Minnie e comprimiu os lábios, como se estivesse resistindo à vontade de rir.

– O que traz as senhoritas à minha casa? – perguntou o duque.

Lydia voltou a espiar Minnie de esguelha, expressiva, esperando que tudo fosse revelado.

– Se alguém perguntar – disse Minnie –, viemos pedir doações para a Comissão de Higiene dos Trabalhadores.

Ela prendeu a respiração, esperando para ver quão astuto era o duque.

Ele refletiu por um momento.

– Entendido – falou. – Com certeza, farei uma doação adequada, se a senhorita me passar os dados. Quanto ao resto... Se é a respeito de ontem à noite, fique tranquila, pois sou um exemplo de discrição.

Bem astuto.

Lydia ergueu a sobrancelha ao ouvir a insinuação de que a amiga e o duque haviam se falado antes das apresentações formais, e Minnie balançou a cabeça.

– Não, Vossa Graça. Preciso conversar com o senhor sobre outra coisa. E, apesar de a Srta. Charingford estar aqui como minha acompanhante, o assunto não é para os ouvidos dela.

– É verdade – disse Lydia com um tom de voz animado. – Não tenho a

mínima ideia do que se trata.

– Entendo.

O sorriso dele se desfez numa frieza reservada. Sem dúvida, estava imaginando algo terrível e escandaloso – algum tipo de conspiração para forçá-lo a se casar. Era um duque atraente com uma fortuna razoável. Era provável que coisas do gênero lhe acontecessem com frequência. Mas ele não pôs Minnie para fora. Em vez disso, coçou o queixo e correu os olhos pela sala.

– Bom. Se a senhorita for capaz de conversar em voz baixa, a Srta. Charingford pode ficar sentada aqui. – Ele apontou para uma cadeira próxima à porta. – Vamos deixar a porta aberta e ficar perto da janela. Assim, a Srta. Charingford vai conseguir ver tudo, garantindo que estamos nos comportando adequadamente, mas não vai ouvir nada.

Ele puxou a cadeira para Lydia. Agia como um perfeito cavalheiro, com modos tão naturais que Minnie quase duvidou dos próprios instintos. Clermont tocou um sino – “chá servido em duas bandejas”, falou quando a cabeça de uma criada apareceu na porta. Enquanto esperavam, ele pousou a mão nas costas de Minnie e a guiou até a janela. Foi o contato mais sutil possível – só o calor da mão dele na coluna dela, abafado por camadas de tecido –, e ainda assim ela o sentiu reverberar nos batimentos que saltaram em sua garganta.

Aquilo era tão injusto que Minnie sentia vontade de gritar. Ele era rico, bonito e capaz de fazer o coração dela acelerar apenas com o toque de um dedo. Ela estava ali para chantageá-lo, não para flertar com ele. Da janela da frente, podia ver a praça do lado de fora.

Praças não eram tão comuns em Leicester como em Londres. Aquela estava bastante malcuidada. Havia apenas uma árvore, tão fina que nem merecia ser chamada assim. A grama morrera tempos antes, e cascalhos cinza ocuparam o espaço deixado por ela. Mas, ainda assim, aquele era um dos poucos bairros de Leicester no qual *havia* praças.

Os comerciantes mais bem-sucedidos tinham casas um pouco mais adiante, em Stoneygate, na estrada que levava a Londres. Os nobres viviam em propriedades com grandes terrenos nas regiões ao redor da cidade. Todo mundo que acumulara riquezas e status de verdade morava fora dali.

Mas não o duque. Minnie passou os dedos pelo papel que levava no bolso e adicionou mais esse fato à lista de coisas estranhas sobre aquele

homem. Quando duques passavam pela região, para participar de caças a raposas, costumavam se hospedar no Quorn ou no Melton-Mowbray. Mas o duque havia alugado uma residência que ficava a poucas quadras das fábricas.

– Como posso ajudá-la? – perguntou ele.

Várias coisas não se encaixavam. Ele *estava* mentindo. Tinha que estar. Ela só não sabia o motivo. Havia um jogo de xadrez montado num tabuleiro na mesinha de canto. Minnie tentou não olhar para ele, tentou não sentir aquela atração inevitável. Mas...

As brancas estavam ganhando. Faltavam seis jogadas para o xeque-mate, ou talvez apenas três. Ela conseguia ver como acabaria, o ataque formado pela torre e pelo bispo, a linha com três peões brancos cortando o tabuleiro pela metade.

– O senhor joga xadrez? – perguntou.

– Não. – O duque acenou com a mão. – Eu perco no xadrez. E perco feio. Mas o meu... quer dizer, um dos homens que veio comigo joga por correspondência com o pai. É aqui que ele deixa o tabuleiro. A senhorita não vai me desafiar a jogar, vai?

Ele abriu um sorriso.

Minnie balançou a cabeça.

– Não. Foi só uma pergunta.

As criadas chegaram com o chá. Minnie esperou até que partissem. Em seguida, tirou do bolso o folheto que Stevens havia lhe dado. As margens, umedecidas pela chuva da noite anterior, tinham vergado e amarelado ao secar, mas ela o estendeu para o duque assim mesmo.

Ele não o pegou. Apenas olhou para o papel com curiosidade – por tempo suficiente para ler as letras garrafais que tomavam a parte superior da página –, e depois para Minnie.

– Eu deveria me interessar por folhetos radicais?

– Não, Vossa Graça. – Ela mal conseguia acreditar na própria audácia. – O senhor não se interessa por folhetos radicais. O senhor os escreve.

O duque tornou a olhar para o papel. Lentamente, ergueu os olhos para Minnie e arqueou uma sobrancelha. Ela desviou o olhar, desconfortável sob a inspeção intensa dele. Por fim, ele pegou um pãozinho e o partiu ao meio. O vapor subiu no ar, mas o calor não pareceu incomodá-lo.

Tampouco se dignou a responder. A acusação dela era risível e absurda.

Ele sentou-se na própria cadeira, que era confortável e rodeada por móveis encerados e polidos todos os dias por criados que não tinham mais nada a fazer além de atacar ciscos de poeira assim que ousassem aparecer. O duque de Clermont havia alugado uma casa e contratado doze criados pelo período de dois meses. Tinha propriedades espalhadas por toda a Inglaterra e uma fortuna que, segundo menções estarrecidas nos folhetins de fofoca, era praticamente incalculável. Um homem como ele não tinha motivo algum para publicar panfletos políticos radicais.

Mas Minnie já sabia que o duque não era o que parecia.

Como se para reforçar tudo isso, ele casualmente mordeu o pãozinho e gesticulou para que ela fizesse o mesmo.

Sem chance. O estômago de Minnie se retorcia quando ela sequer pensava em tomar um gole de chá. Justo quando achou que o duque simplesmente ignoraria a acusação, ele pegou o papel e o desamassou.

– “Trabalhadores” – leu. – “Organizem-se, organizem-se, organizem-se”, seguido de vários pontos de exclamação. – Ele soltou um som de desdém. – Para começo de conversa, detesto pontos de exclamação. Por que a senhorita acha que estou envolvido nisso?

Minnie não tinha nenhuma prova, apenas a forma como as peças se encaixavam. Mas, ainda assim, se sentia segura no que estava fazendo. Na pior das hipóteses, estava errada. Nesse caso, passaria vergonha na frente de um homem que nunca mais veria na vida. Ela entrelaçou as mãos no colo e esperou. Se ele podia deixá-la desconfortável com o silêncio, ela podia fazer o mesmo.

E, de fato, ele falou primeiro.

– É porque acabei de chegar na cidade e a senhorita não quer que seus amigos sejam incriminados?

Minnie mordeu a língua.

– É porque pareço gostar de causar confusão?

Havia um tom irônico na voz dele. O duque parecia – e soava como – o oposto de um baderneiro. Falava com suavidade e fluidez, pronunciando as sílabas com a mesma elegância que a rainha. Um sorrisinho leve curvava sua boca, com uma expressão condescendente que dizia que ele estava apenas fazendo a vontade de Minnie.

– Ou é porque a senhorita ouviu histórias sobre minhas tendências radicais?

Não havia histórias do tipo. Ele tinha a reputação de um político, um homem que era tão perspicaz quanto sua fala era mansa.

– Por que o senhor está aqui? – perguntou Minnie, em vez de responder.
– Ouvi o que falam por aí, mas um homem da sua posição, se de fato estivesse pensando em investir na indústria de Leicester, mandaria um parceiro de negócios, não viria por conta própria para intimidar todos.

– Tenho amigos na região.

– Se são amigos tão próximos que merecem uma visita, o senhor se hospedaria com eles.

Ele deu de ombros.

– Odeio me impor aos outros.

– O senhor é um duque. *Sempre* está se impondo.

Ele fez uma careta, parecendo levemente envergonhado.

– E é por isso, Srta. Pursling, que odeio agir assim. Tem alguma prova concreta de suas acusações?

Ela pegou o papel.

– Se faz questão de saber, tem dois parágrafos neste panfleto que me convenceram de que foi o senhor quem o escreveu.

– Vá em frente. – Ele esticou a mão com a palma para cima. – Leia esses parágrafos e me exponha.

Minnie pegou os óculos no bolso e achou o trecho.

– “O que os patrões fazem para ganhar a maior parte do pagamento? Eles supervisionam. Eles são os donos. E por esse trabalho, um trabalho que não requer inteligência nem esforço, ganham valores tão altos que não precisam levantar um dedo nem mesmo para se vestir. Suas filhas, em vez de começarem a labutar aos catorze anos, têm toda a liberdade para fazer o que quiserem. Seus filhos só precisam se preocupar com o grau da própria devassidão.”

Nenhuma reação do duque. Ele apenas continuou sentado enquanto a encarava com aqueles olhos azuis gélidos, tamborilando suavemente os dedos no braço da cadeira.

– Acha que um duque escreveu isso? – perguntou por fim, com um toque de divertimento na voz.

– Não foi um trabalhador.

– Ficaria surpresa com a instrução que muitos...

– Eu *estou* envolvida na Comissão de Higiene dos Trabalhadores –

interrompeu Minnie. – Não subestimo os trabalhadores. Conheço um homem que tem a memória de uma enciclopédia, lê o último livro de Dickens à noite e recita os trechos para os outros durante o dia. Não é só o primeiro parágrafo que entrega o senhor como culpado. É o primeiro à luz do segundo.

– Ah – disse o duque, sem parar de sorrir. – Tem um segundo parágrafo que é muito mais condenador. É claro, o folheto só tem dois parágrafos. Então vá em frente, pode ler.

– Não posso fazer isso. – Minnie largou o papel e retirou os óculos. – O segundo parágrafo, Vossa Graça, é o que o senhor se esqueceu de escrever. O senhor escreveu tudo que os patrões *não* fazem. Mas não mencionou nenhuma vez o que os trabalhadores *de fato* fazem. Um trabalhador teria focado no que faz durante o dia, o que produziu, quem beneficiou, não o que outra pessoa faz. Este panfleto foi escrito por alguém, sejam quais forem suas intenções, que pensa como um patrão.

O duque de Clermont inclinou a cabeça. Em seguida, esticou a mão, pegou o papel e o leu do começo ao fim. Quando começou, seus lábios estavam torcidos numa expressão de desaprovação. Ele leu rapidamente, esquadrinhando a página com os olhos. Mas Minnie conseguiu perceber a mudança no semblante dele – passando da incredulidade a uma sobrelance erguida em surpresa. Devagar, a boca se curvou num sorriso. Quando ergueu os olhos, que antes estavam rígidos e frios, eles brilhavam.

– Pois bem – disse afinal. – Que o diabo me condene. A senhorita tem razão.

– Sabendo disso, é apenas uma questão de lógica. – Minnie entrelaçou as mãos. – Um patrão nunca escreveria isso. Há muita coisa em jogo para ele. E, uma vez retirados os trabalhadores e os patrões da equação, sobram poucas opções. O senhor *estava* escondido atrás da cortina ontem à noite. Não é quem parece ser. É a única possibilidade que faz sentido, considerando as evidências.

Ela esperava que ele tornasse a negar a autoria. O que ela havia apresentado era uma presunção de prova das mais fracas.

Mas não foi questionada. Ele correu os olhos até Lydia – que estava tomando chá e espiando na direção deles, cheia de curiosidade. Então abaixou a voz ainda mais.

– Se a senhorita tivesse a intenção de me acusar em público, teria

informado o magistrado, que teria vindo até aqui com um monte de patrões irritados, todos exigindo que eu parasse de atirar os trabalhadores. Porém não fez isso. Na verdade – o duque inclinou a cabeça na direção de Lydia –, a senhorita se esforçou para esconder de todos o verdadeiro propósito da visita. O que quer de mim?

A mão dele estava no bolso do colete, onde um homem deixaria o porta-moedas.

– Quero que pare.

Ele a encarou.

– Por favor. – Minnie engoliu em seco. – Veja bem, esses panfletos deixam todos agitados. As pessoas suspeitam umas das outras. E estou envolvida com a distribuição dos panfletos para a caridade, em favor dos trabalhadores. Pode não haver nada de radical neles, falam apenas sobre cólera, mas, ainda assim, podem suspeitar de mim.

– Mesmo que a senhorita fosse investigada, certamente logo seria absolvida. – Ele fez uma pausa. – A não ser que tenha algo mais a esconder. Talvez não queira que alguém pergunte por que uma jovem, às vésperas do matrimônio, pula atrás de um sofá quando o pretendente aparece.

Ele ergueu uma sobrancelha.

Minnie teve que desviar os olhos.

– Algo do gênero – sussurrou, olhando para a xícara de chá.

– Que surpresa – disse o duque, em voz baixa e provocativa. – Não me diga que a *senhorita* tem algo no passado que deseja esconder.

Ela encarou o líquido marrom dentro da xícara.

– É fácil para o senhor achar tudo isso divertido. Mas meu futuro não é um jogo. Trabalhei muito para chegar onde estou e vou batalhar para manter o pouco conforto que consegui, por menor que seja. Não quero que minhas ações sejam examinadas. E suspeito que o senhor também não. Se parar, nós dois estaremos a salvo.

– A salvo... – Ele prolongou cada sílaba, como se saboreasse as palavras. – Não me importo muito com estar a *salvo*. E estaria lhe fazendo um favor se a separasse do seu pretendente.

Ela não tinha argumentos contra aquela afirmação. No entanto, balançou a cabeça.

– Não será um favor se o senhor impossibilitar que eu encontre outro. Minha vida depende do destino, Vossa Graça. Quando minha tia-avó

falecer, a fazenda será herdada por um primo dela. Eu e tia Elizabeth não teremos para onde ir. *Preciso* me casar. – Ela ergueu a cabeça ao falar isso e o encarou profundamente. – Não tenho escolha.

O olhar dele se suavizou.

– Seu passado... é tão ruim que está preocupada que alguém *talvez* o bisbilhote por causa de um panfleto?

Por um momento de loucura, Minnie considerou contar toda sua história de vida. O duque parecia tão receptivo, com a cabeça inclinada daquele jeito acolhedor e sedutor. Certamente, ela poderia...

Só de pensar numa confissão, o ar lhe pareceu mais frio e seu peito começou a doer.

Minnie voltou a olhar para o chá.

– O senhor imagina como é ser uma mulher nestes tempos? Os cavalheiros estão se casando cada vez menos. Li que trinta e quatro por cento das jovens distintas chegam aos vinte e sete anos sem casar. Não é necessário haver algo vergonhoso em meu passado. Qualquer coisa fora do padrão, por mais inofensivo que seja, é uma catástrofe.

Ele se recostou na cadeira e considerou a fala dela.

– Então tenho uma solução alternativa para nosso problema. Aparentemente preciso de um motivo mais aceitável para ficar na cidade. Se a senhorita não acreditou no que eu disse, os outros também não vão acreditar. A senhorita precisa ficar no topo dos sessenta e seis por cento de mulheres que, pelo jeito, são dignas de casamento. – Ele deu de ombros. – Então vou cortejar a senhorita um pouco enquanto eu estiver aqui. Pode me rejeitar, e ficarei andando por aí de mau humor. Será maravilhoso para a sua reputação. Assim eu posso continuar a escrever e a senhorita consegue arranjar um marido.

O duque falou de forma bem direta, mas a imagem que veio à mente de Minnie – *ele* tratando alguém como *ela* com pompa, a mão dele pousando na dela numa valsa – fez o estômago dela se embrulhar com incerteza. Ela balançou a cabeça, firme.

– Essa ideia é péssima. Ninguém nunca acreditaria que o senhor está interessado em mim.

– Eu faria com que acreditassem. Ninguém entre centenas de milhares de pessoas teria adivinhado o que a senhorita adivinhou. Ninguém. Eu

poderia fazer todos acreditarem na mulher que enxergou isso, que é quieta, sim, e talvez um pouco tímida na presença de estranhos...

Minnie emitiu um som rude, mas o duque gesticulou, pedindo silêncio.

– A senhorita é determinada e tem o raro talento de ver o que está claramente na sua frente. Posso fazer todos enxergarem isso.

Os olhos dele eram intensos, penetrantes. Pelo jeito, não havia como escapar dele.

O duque baixou a voz.

– Posso fazer todos verem quem a senhorita realmente é.

Era só o estômago dela que estava embrulhado? Não. Todo o corpo parecia estar prestes a começar a tremer. Fazia anos desde que alguém fingira estar interessado em Minnie. A atenção dele toda focada nela daquele jeito, tão compenetrado... Era demais.

Mas o duque ainda não terminara.

– E tem também os seus cabelos. Em teoria, não deveriam mudar de cor só por ficarem um pouco cacheados, mas as pontas parecem refletir a luz, e não consigo decidir se são castanhos, ou loiros, ou mesmo ruivos quando fazem isso. Eu poderia ficar horas observando para tentar descobrir.

O coração de Minnie martelava dentro do peito. Não estava batendo mais rápido, apenas com mais força, como se o sangue precisasse de mais esforço para fluir.

Mas aquele era um exercício hipotético, e Minnie estava desesperada demais para aceitar qualquer coisa que não fosse prática.

– Não me venha com essa. – Ela queria soar desdenhosa, mas sua voz estava trêmula. – O que diria quando estivesse sozinho com outros homens? Quando perguntassem ao senhor o que diabos viu em uma ratinha como a Srta. Pursling? Ouso dizer que nunca falaria que ficou encantado com meus cachos. Esse é o tipo de coisa que os homens dizem para conquistar uma mulher, mas não é assim que falam entre si.

Ficou claro que o duque esperava que ela aceitasse, quieta, aquela baboseira sobre cabelos, porque ele fez uma pausa, levemente pego de surpresa. Então balançou a cabeça e abriu um sorriso enviesado.

– Ora, Srta. Pursling – falou. – Homens não perguntariam algo assim. Já saberiam o que chamou minha atenção. – Ele se inclinou para a frente e sussurrou de um jeito conspiratório: – Seus seios.

Minnie ficou boquiaberta. De repente se sentiu muito consciente dos

próprios seios – quentes e formigando em antecipação, mesmo que o duque não estivesse nem um pouco perto deles.

– São magníficos – murmurou ele.

Não estava nem olhando para eles, mas as mãos de Minnie coçavam para escondê-los – não com a intenção de tirá-los da linha de visão do duque, mas para que ela pudesse explorar as próprias curvas. Para verificar se, talvez, *realmente* seriam magníficos – se sempre tinham sido magníficos, sem que ela tivesse notado.

Se outro homem tivesse dito aquilo, poderia ter soado sedutor, luxurioso – de um jeito que fizesse a pele dela formigar. Mas o duque de Clermont estava sorrindo, bem-disposto, e soltara as palavras como se apenas relatasse um fato. *O tempo está agradável. As ruas são pavimentadas com pedras arredondadas. Seus seios são magníficos.*

– Não reclame – disse ele. – A senhorita perguntou, e, agora que nossa relação passou por um momento de chantagem, não temos que nos preocupar com falsa modéstia.

Minnie ajustou os ombros, plenamente ciente de que, ao fazer isso, seus seios se empinaram um pouco.

– Olhe-se no espelho um dia desses – sugeriu o duque. – Olhe além disso. – Ele tocou a própria maçã do rosto no mesmo lugar em que ficava a cicatriz de Minnie. – Olhe-se como está agora, cheia de fogo e raiva, pronta para me enfrentar. Se alguma vez tivesse se olhado desse jeito, não duvidaria de que eu gostaria de cortejar a senhorita. *Saberia* que sim.

O corpo todo dela estava pegando fogo – uma chama reluzente e faiscante. Minnie nunca estivera tão consciente do próprio corpo – cada pedacinho dele, do bico dos seios, que poderiam ou não ser magníficos, aos calcanhares. Os olhos do duque a penetravam.

Ela engoliu em seco.

– Não é adequado ficar me lisonjeando antes que eu tenha concordado com o plano.

E, mesmo se estivesse contemplando a ideia de aceitá-lo, aquele teatrinho era a única coisa que precisava para decidir. Um homem que sabia flertar *daquele* jeito não ficaria flertando com ela.

Ele franziu o cenho, depois esfregou a testa.

– Vamos lá, Srta. Pursling. – O duque abriu um sorrisinho torto para ela.

– A senhorita é a pessoa mais interessante que conheci desde que cheguei à cidade. Seria um prazer passar mais tempo na sua companhia.

Para ele, isso significava que poderia partir para outras cidades. Para ela... para ela significava um período curto em que aquele homem lhe daria toda a atenção. Um mês dos elogios dele, algumas semanas de sorrisos arrebatadores. Significava dias radiantes, um após outro, em que Minnie poderia se entregar ao charme dele. E veja o que dez minutos de conversa tinham feito com ela.

Minnie balançou a cabeça, livrando-se das ideias que o duque tinha plantado artisticamente. Significava que todos a olhariam em cada reunião. Ela não conseguiria aguentar ser observada com tanta minúcia.

– Não há nada nesse plano que me beneficie, Vossa Graça. Se eu o ajudar e formos descobertos, apenas dirão que o senhor é um homem rico, excêntrico e poderoso. Eu serei a mulher, a traidora, que desistiu de tudo pelo senhor. E se o senhor me tratar como uma conquista, todos vão acreditar que fui sua amante. Será a minha ruína. E quando...

Uma onda de tristeza a acometeu. Não conseguia terminar aquela frase. Não queria pensar no dia em que sua tia-avó Caroline não estaria mais ali. Em vez disso, respirou fundo.

– No fim das contas, eu estarei desamparada, e o senhor ainda será um duque.

– Eu cuido das minhas amantes melhor do que isso. Até das que são de mentirinha.

Minnie ergueu o queixo e lançou um olhar sério para ele.

– Meu futuro não é uma piada, Vossa Graça.

Ele fez uma careta.

– Estou fazendo tudo errado, Srta. Pursling. – Ele suspirou. – Não estou tentando fazer pouco caso da situação. Mas não estou aqui para criar confusão em Leicester por um capricho. Estou aqui por causa de uma promessa. Meu pai fez algumas coisas erradas, e preciso consertá-las. Não *quero* causar problemas para a senhorita, mas não vou parar apenas porque me pediu. Não precisamos estar em desacordo.

– E eu não *quero* ter que soltar pistas aos poucos e criar uma relação de provas que inevitavelmente o indicariam como o culpado – disse Minnie. – Mas, se for preciso, é isso que farei. Se fizer do meu jeito, no fim das

contas, as pessoas vão dizer: “Ora, a Minnie realmente manteve a cabeça no lugar, mesmo quando havia um duque por aqui.”

– E homens casariam com a senhorita por causa disso? – perguntou ele, duvidoso.

– Só preciso que um homem se case – retrucou Minnie. – Mais do que isso seria ilegal.

Aquele sorriso apareceu de novo no rosto dele.

– A senhorita não deixa passar nada, não é? Não acredito que aquele Gardley a chamou de ratinha. É a rata mais formidável que já conheci.

Ele colocou o indicador em cima da mão dela. Não era uma carícia. Não podia ser. Ainda assim, Minnie sentiu todo o seu ser congelar, fixado naquele único ponto de contato.

– Minha querida – disse ele –, prometo que a senhorita receberá um pedido de casamento antes de eu ir embora. Nem que eu mesmo tenha que fazê-lo.

Minnie se pôs de pé, afastando-se dele.

– Isso não tem graça – falou, sem se preocupar em controlar o tom de voz. – Não é uma piada, não importa o que o senhor ache, e agradeço se parar de tratar o assunto como tal.

Na tentativa de escapar dele e daquela terrível proposta, Minnie derrubara a xícara de chá, fazendo-a cair no próprio pé. Podia sentir o líquido encharcando suas meias. Mas o duque não fez nenhum comentário; apenas arrumou a bandeja na mesa. Atrás deles, as sobancelhas de Lydia estavam franzidas enquanto ela os observava com apreensão.

– Pois bem – disse ele, mantendo a voz baixa. – Farei do meu jeito, e a senhorita tente do seu. Vamos ver quem ganha.

– Isso é impossível – respondeu Minnie sem emoção. – Não pode flertar comigo. Vou estar em guerra com o senhor.

– Não vai, não – disse ele educadamente. – Tente comprar briga com um combatente que não está interessado em guerra. Acho que nem a senhorita consegue fazer isso.

– Não sabe do que eu sou capaz.

– Não.

O duque abriu um largo sorriso enviesado, um sorriso que fez Minnie sentir um frio na barriga.

Então ele se levantou e tomou a mão dela. Dessa vez, abaixou-se tanto

ao se curvar que seus lábios encostaram nas costas da mão dela. Minnie tinha retirado as luvas e sentiu aquele leve beijo tocá-la da cabeça aos pés.

– Não sei – prosseguiu o duque. – Mas mal posso esperar para descobrir.

Capítulo quatro

Gotas de chuva batiam no vidro das janelas do escritório de Robert no segundo andar, dissolvendo o mundo do lado de fora em espirais turvas. Lá embaixo, na rua, as duas mulheres pareciam borrões de saias esvoaçantes que se afastavam debaixo de guarda-chuvas escuros. Um azul-claro – essa era a Srta. Charingford – e um marrom-escuro – a incomparável Srta. Pursling. Do alto, nada a distinguia dos demais guarda-chuvas na rua. Se Robert não tivesse visto o vestido dela poucos minutos antes, nem a teria reconhecido.

Ele se sentia fraco e confuso, como se tivesse acabado de acordar e lhe tivessem dito que passara as últimas três semanas acamado, com febre – e que, enquanto estava doente, a rainha Vitória abdicara do trono e fugira com um domador de leões de Birmingham. O mundo parecia um lugar completamente diferente. E ainda assim, ali estava a Srta. Pursling, parando embaixo de um toldo na esquina, virando-se para a amiga e girando o guarda-chuva como se nada tivesse acontecido.

Como se ela não tivesse acabado de superar todas as expectativas dele.

A porta se abriu silenciosamente às costas de Robert, e passos se aproximaram. Ele nem precisou olhar para saber quem era. Os criados da casa ainda se sentiam intimidados demais para entrar sem pedir permissão. Só restava uma possibilidade – o Sr. Oliver Marshall.

– Então – disse Oliver às costas de Robert. – Foi tão ruim quanto você temia?

Robert tamborilou os dedos no peitoril da janela e considerou a melhor forma de responder.

– Duas jovens vieram pedir uma contribuição para a Comissão de... Ah, diabos. Não consigo lembrar... Ah, sim. A Comissão de Higiene dos Trabalhadores.

Robert escondia poucos segredos de Oliver. Não tinha mencionado a Srta. Pursling na noite anterior. Primeiro porque não lhe parecera importante, e segundo porque, se havia algum segredo relacionado àquela ocasião, era dela, não dele. Mas isso... Isso envolvia um dos poucos segredos sobre o qual ele não tinha escolha a não ser esconder de Oliver.

– Entendo. Vieram para ficar olhando para você como se fosse uma atração de circo.

Havia um toque de humor na voz do outro homem, que se aproximou de Robert, postando-se ao lado dele. Também olhou pela janela, franzindo o cenho ao não ver nada interessante.

– Na verdade, não.

Do outro lado da rua, a Srta. Pursling e a amiga passaram por baixo do toldo, com as cabeças inclinadas uma na direção da outra e os ombros se tocando. A chuva caía da saliência de metal que as protegia, pingando no chão em ondas de água suja. Oliver imaginara que estavam naquela cidade apenas para conversar com os moradores sobre o panorama da reforma eleitoral. A Srta. Pursling tinha ameaçado revelar a verdade sobre as outras atividades de Robert na região, e isso era substancialmente mais irritante do que ser tratado como uma atração de circo. Porém...

Ele se virou para Oliver.

– Como você chegou à conclusão de que eu era um ser humano decente? – perguntou.

O homem tirou os óculos e os limpou com um lenço.

– O que faz você pensar que cheguei a essa conclusão?

– Estou falando sério. Até eu conhecer você, ninguém jamais me viu como uma pessoa de verdade. Só como o filho de um duque.

Tampouco alguém depois de Oliver vira nele uma pessoa de verdade. Viam apenas um voto na Câmara dos Lordes e uma fortuna herdada do avô. Viam as possibilidades que Robert representava.

A Srta. Pursling desapareceu na esquina, e Robert sacudiu a cabeça. Ela

era um problema – e um prazer – com o qual ele teria que lidar em outra ocasião.

Oliver passou o lenço uma última vez nas lentes do óculos e tornou a olhar para Robert.

– Bem – falou. – Talvez seja porque eu saiba exatamente quanto vale ser filho de um duque. Você não é o único.

– Mas eu era um completo idiota quando nos conhecemos.

– Verdade.

A amizade deles – ou qualquer que fosse o vínculo que tivessem – não surgira sem obstáculos. Quando Robert conheceu Oliver, o viu como um inimigo, incentivando os outros garotos a incomodá-lo. Não que precisassem de muito encorajamento para fazer isso.

Até que um dia Oliver contou a ele – com calma, como se fosse um fato qualquer – que eles eram irmãos. E o mundo inteiro de Robert virou de ponta-cabeça.

– De onde veio toda essa introspecção? – perguntou Oliver. – Foi simples. Nós brigávamos, e é normal que irmãos briguem. Levou um tempinho para nos entendermos. Depois disso...

Ele deu de ombros.

– A sua memória é horrível. Não “levou um tempinho para nos entendermos”. Eu incentivava os outros garotos a pegarem no seu pé. E, mesmo depois que decidimos dar uma trégua, para mim foi terrível aceitar o que você me contou.

Robert passara meses pensando sobre aquela aritmética medonha e inevitável – que subtraía nove meses do nascimento do irmão e chegava a uma data dois meses depois do casamento dos pais de Robert. A mente dele continuou tentando fornecer um motivo plausível para seu pai ter tido um filho fora do casamento e depois tê-lo abandonado sem qualquer suporte financeiro. Robert criou explicações complicadas baseadas em mensagens que se perderam, mentiras que foram contadas, criados que por acaso estavam de folga...

– Só parei de criar desculpas para o comportamento do meu pai porque perguntei a ele o que aconteceu.

“Não ligo para o que ela diga”, dissera o pai, quase com um rosnado. “Ela queria. Elas sempre querem.”

Aquela negação espontânea de um crime do qual não fora acusado

deixara tudo às claras. Robert fora atrás de Oliver logo depois das férias.

– Não sou meu pai – dissera, com a voz trêmula. – Não sou meu pai, não importa o que digam.

E Oliver apenas sorrira para ele.

– Sei disso – respondera com um tom imprudente. – Só estava esperando você perceber.

Sei que você não é seu pai. Com o passar dos anos, essas palavras significaram mais para ele do que qualquer outro elogio que frequentemente lhe faziam. Um fidalgo de Cambridge tinha olhado Robert nos olhos e dito: “Meu Deus, o senhor é a cara dele.” Quando atingiu a maioridade, homens lhe davam batidinhas nas costas e diziam quanto ele se parecia com o velho duque de Clermont. Toda vez que elogiavam o legado de Robert, ele ouvia o lamento queixoso do pai. *Ela queria. Elas sempre querem.*

Robert era cinco centímetros mais alto do que o irmão. Era três meses mais velho. E – a única parte que realmente valia alguma coisa – era o filho legítimo, quem herdaria o ducado do pai e uma grande fortuna da mãe. Ninguém teria pestanejado se Robert tivesse delegado ao irmão o lugar a que pertencia – um lugar bem, bem atrás dele.

E por esse motivo Robert jamais o faria. *Ganhei o primeiro sorteio, então de agora em diante eu fico com tudo* não era um grito de guerra satisfatório. Especialmente considerando que Robert só tinha ganhado a primeira rodada porque o pai trapaceara.

Desde aquele dia, qualquer lembrete do privilégio que possuía – das riquezas e da posição do pai – o incomodava. Fazia com que ele se lembrasse do momento em que descobrira o que o fato de seu pai ser um duque significava. Significava que ninguém nunca o questionava, independentemente de quão erradas fossem suas ações. Significava que não teria que se redimir por seus crimes, independentemente de quem pagasse o preço. Significava que, se Robert agisse como o pai, ninguém se surpreenderia.

Os homens, afinal, tinham necessidades. E as mulheres queriam. Elas sempre queriam.

Em toda a vida de Robert, uma única pessoa tinha olhado para ele e dito:

– Você não precisa ser seu pai.

Uma pessoa e... O olhar de Robert correu para fora da janela de novo.

Uma pessoa e meia.

Porque a Srta. Pursling acabara de entrar na casa, lhe entregar o panfleto e afirmar que fora ele quem o escrevera. Robert precisara de todas as forças para não estufar o peito de orgulho e perguntar o que ela havia achado. *Achou persuasivo? Gostou?*

Ele franziu o nariz.

– Nosso pai era um canalha.

Oliver fez uma careta.

– *Seu* pai – corrigiu, ríspido. – O duque de Clermont não me criou. Não me levou para pescar. Ele é meu *genitor*, não meu pai. Nunca foi meu pai.

Pensando assim, Robert tinha sido criado por colheres de chá e grama.

– Eu não estava falando sobre criação – disse Robert, rígido. – Só biologia mesmo.

Oliver balançou a cabeça.

– Família não tem nada a ver com criação. Nem biologia – comentou com um tom de voz suave. – É uma questão de escolha. E não faça essa cara. Sabe o que eu quis dizer. Só porque me recuso a deixar aquele homem ser meu pai, isso não significa que você não possa ser meu irmão.

– Seria ótimo se as coisas fossem simples assim. – Robert colocou as mãos nos bolsos e desviou o olhar. – Recebi uma mensagem da minha mãe hoje de manhã.

– Ah. – Oliver esticou a mão e tocou no ombro dele. – Entendo.

– Pois é – disse Robert, com uma voz que esperava ter saído com um tom irônico. – E a vi em Londres faz apenas dois meses.

O irmão o contemplou de relance ao ouvir essa frase – um olhar rápido, de esguelha, que transbordava piedade. Robert fez um gesto de indiferença com a mão.

– Nem comece – murmurou em um tom brusco. – Ela está vindo para cá.

“Clermont”, tinha escrito a mãe. “Irei me hospedar no Three Crowns Hotel de Leicester por alguns dias. Acredito que você esteja na região, então podemos nos encontrar para jantar no dia 19 de novembro.”

– Ela não explicou o motivo, e não consigo imaginar o que a traria até aqui. – Robert certificou-se de não olhar para o irmão. – Se família é uma questão de escolha, ela escolheu qualquer pessoa além de mim há muito

tempo. Por que estaria interessada agora, quando nunca me deu atenção no passado...

– Talvez... talvez ela queira... – começou Oliver.

– Ela não quer – interrompeu Robert, ríspido. – Ela nunca quer.

Oliver e Robert se conheciam por mais da metade das próprias vidas. Tinham ido para Eton juntos, depois para Cambridge. Naquele período, Oliver sempre recebia cartas da família e não deixou de perceber que quase nunca chegavam correspondências dos pais de Robert.

Os olhos do irmão se desviaram para cima e para a direita, como se ele estivesse escolhendo as próximas palavras com muito cuidado.

– O que você vai fazer, então?

– Já respondi dizendo que não estaria aqui nessa data, porque tinha prometido acompanhar Sebastian.

– Ah.

– E depois escrevi para Sebastian e implorei que ele viesse até aqui – admitiu Robert. – O que quer que ela queira não pode ser muito importante. Além disso, faz quase um ano que nós três não nos encontramos. Se nós, os irmãos excêntricos, com toda a nossa vilania, não formos hostis o suficiente para afastá-la...

Oliver abriu um sorriso.

– Só nos chamavam assim em Eton porque somos todos canhotos. Sou quase uma pessoa respeitável hoje em dia. Você é um duque. E Sebastian é... – Ele franziu o cenho. – Benquisto por pessoas inteligentes. Bem, por algumas delas.

Robert soltou uma risada.

– Uma tentativa corajosa, mas não vai funcionar. Minha mãe acha que a sua existência é um insulto a ela. E tem certeza de que Sebastian é um traidor... e, desde que ele flertou com ela no ano passado, um libertino.

Oliver se engasgou.

– Ele fez o quê?

– Pedi que ele me salvasse num evento. E ele me salvou. – Robert balançou a cabeça. – Só que do jeito dele.

Oliver fez uma careta.

– Não foi nada sério – afirmou Robert. – Mas o que importa é que, se ela insistir em me ver mesmo com a mudança da data e a presença de duas pessoas que ela odeia, é porque a situação é séria.

Outrora, Robert talvez tivesse se deixado levar por um devaneio em que a mãe corria até ele em lágrimas, desesperada por ajuda. Ele a salvaria graças à combinação de sagacidade e bom senso. E ela, chorosa, pediria perdão por tê-lo ignorado por todo aquele tempo.

Quando ele era jovem e imaginava o remorso sincero dela, sempre lhe dizia para não chorar.

– Não se preocupe – imaginava-se dizendo. – Temos anos para recuperar o tempo perdido.

O tempo ainda não se esgotara, mas havia um limite para o número de vezes que alguém podia perder as esperanças antes de desistir, exausto. Já fazia mais de uma década desde a última vez que Robert se permitira sonhar com um mundo em que a mãe se importava com ele, e não ia recomeçar naquele momento. Por mais improvável que parecesse, ela devia ter negócios para resolver em Leicester – negócios que a levariam embora antes que ele voltasse. Ambos seriam mais felizes se nem sequer tentassem.

– E o que você vai fazer se a situação for *mesmo* séria? – perguntou Oliver.

Robert balançou a cabeça.

– Vou fazer o que sempre faço. O que for preciso, Oliver. O que for preciso.



Naturalmente, a questão do que fazer em relação à Srta. Pursling esperou até que Robert a visse de novo, três dias depois, na residência dos Charingfords, à qual Robert e Oliver tinham sido convidados para jantar.

Robert pensara na moça todos os dias até o reencontro, é claro. Algo sobre ela o intrigava. A perspicácia aguda, o estilo intrépido – coisas que o cativavam. Acordou certa noite de um sonho em que ela agira gratificadamente sem pudor.

Mas era raro que fantasias noturnas se transformassem em realidade. Ele duvidava que ela tivesse a intenção de lhe dar qualquer prazer. Na verdade, suspeitava que estava prestes a ser subjugado a uma investigação amadora. Disfarces fajutos, perguntas pouco sutis, tentativas de encontrar

pistas no lixo dele... A Srta. Pursling decerto era o tipo de jovem de cabeça quente que se atiraria na caçada sem qualquer prudência.

Então ele não ficou surpreso ao vê-la no jantar. Ela já tinha se acomodado quando Robert chegou, mas era só uma questão de tempo até que viesse a ele. Robert a observou de soslaio antes de se sentar para comer, esperando que ela tentasse ouvir o que ele estava falando.

Mas, em vez disso, a Srta. Pursling o ignorou.

Ela o ignorou tão bem que, pouco antes de serem chamados para jantar, ele se pegou tentando escutar o que *ela* falava com outras três moças. Tinha certeza de que a jovem estaria perguntando a respeito dele.

Não estava.

Na verdade, ela mal falava. E, quando dizia alguma coisa, era tão baixinho que ele tinha que se esforçar para ouvi-la.

Ele lembrou a melodia sensual do discurso dela, a luz belicosa que havia iluminado seu rosto, dando-lhe traços mais belos. Agora, não havia nada disso.

A moça trajava um vestido marrom de gola, ornado apenas com uma simples barra trançada no manguito e no decote. Os óculos deviam estar guardados na bolsinha nada sofisticada que ela usava pendurada no pulso. A Srta. Pursling manteve-se distante de Robert e não disse nada de inteligente. Na verdade, mal falou qualquer coisa.

Ele quase avisara Oliver que a jovem tinha uma conversa afiada, já que, quando se sentaram para jantar, ela tomou o assento ao lado dele. Mas a Srta. Pursling não puxou conversa. Mal ergueu os olhos do prato de comida, apenas para ocasionalmente verificar quanto vinho ainda tinha na taça. Chegou a murmurar algo para Oliver uma vez, mas, como a resposta dele foi entregar-lhe o saleiro, Robert suspeitava que ela dissesse algo completamente inofensivo.

Aquela era a mulher que ameaçara provar que ele era responsável pelos folhetos? Inacreditável.

Oliver fez algumas perguntas a ela durante a refeição. Em resposta, a Srta. Pursling sussurrou algo ininteligível em direção à comida. Aos poucos, o irmão de Robert desistiu das tentativas de começar um diálogo.

Qualquer traço da mulher que Robert vira tinha desaparecido, deixando apenas uma sombra com postura perfeita e incapaz de dialogar. Ela tinha

razão. Todos *iam* questionar se flertasse com ela. Ele nem sabia como fazer isso. Não dava para flertar com uma porta.

Ainda assim, depois que os cavalheiros reuniram-se com as moças, Robert desempenhou seu papel – parando para conversar com todos os presentes, aprendendo seus nomes, perguntando sobre sua saúde. Teria feito isso de qualquer jeito – não valia a pena ser um duque se não usasse a posição para fazer as pessoas sorrirem –, mas agora tinha um incentivo a mais. Robert andou em círculo pelo cômodo, direcionando-se inevitavelmente para a Srta. Pursling. Ela estava sentada numa cadeira na lateral da sala, observando os outros convidados conversarem. Se o olhar dela se demorava em alguma pessoa em especial, Robert não conseguiu identificar.

– Srta. Pursling. Como é bom vê-la de novo.

Ela ergueu os olhos, mas não para ele. Em vez disso, fixou o olhar num ponto logo acima do ombro de Robert.

– Vossa Graça.

Ela falou em voz baixa, mas ainda assim o tom era como ele lembrava: profundo, rouco. Pelo menos isso Robert não havia imaginado.

– Posso sentar ao seu lado por um instante?

A moça continuou a não olhá-lo. Desviou o olhar para o tapete e depois indicou a cadeira ao lado com um movimento brusco da mão. Robert se sentou e esperou.

Depois que um minuto inteiro de silêncio se passou, ele percebeu que ela não ia abrir a boca.

Ele se recostou na cadeira.

– Então é assim que vai ser? Deixe que todo o trabalho de conduzir a conversa fique com Robert, ele é o duque, então deve ser bom nisso.

– Ah, não. – O canto da boca da Srta. Pursling se contraiu levemente. – Não tenho nenhuma expectativa de que o senhor tenha qualquer talento especial nesse quesito.

Era a primeira pista que ela dava de que era mais do que uma mulher extremamente tímida. Robert havia começado a duvidar da própria memória. Decerto não era a mesma moça que tinha ido até a casa dele e tentado chantageá-lo. Era?

– Me diga – insistiu ele –, como Wilhelmina vira *Minnie*? *Minnie* me lembra uma miniatura, e nada em relação à senhorita parece diminutivo.

Ela examinou as luvas com bastante atenção.

– Vem da terceira sílaba, Vossa Graça.

De volta à estaca zero. *Será* que ele tinha imaginado a conversa? Talvez estivesse enlouquecendo.

– Qual é o problema das outras sílabas? – tentou de novo.

Ela ergueu o olhar. Pela primeira vez naquela noite, encontrou o dele. Robert teria jurado que veria algum tipo de faísca nos olhos dela – alguma indicação da inteligência que havia brilhado no último encontro. Mas se os olhos eram a janela da alma, a janela dela fora fechada com tijolos para evitar problemas. Robert não via nada ali.

– Tenho certeza de que o senhor é capaz de identificar os problemas por conta própria – disse ela agradavelmente. – *Willy* não dá. É masculino demais.

– Sim, tem razão – murmurou Robert.

– Já Helmina...

Ela voltou a olhar para o ombro de Robert, evitando os olhos dele. Os dela continuavam velados por uma máscara, mas a boca se contraiu mais uma vez.

– Pense só, Vossa Graça. Helmina é parecido demais com “helminete”. Imagine só: “Meu nome é Wilhelmina Pursling, mas pode me chamar de... Verme.”

Ele deu uma risada, quase por puro espanto. Ela continuava a agir como alguém tão interessante quanto uma porta, mexendo os dedos com timidez, recusando-se a olhá-lo nos olhos. Mas lá estava aquela voz. Aquela voz que o levava a pensar na fumaça da lenha numa noite de outono, em peças de seda em cima de lençóis exuberantes. Nos cabelos dela sem o confinamento daqueles grampos, espalhados em um travesseiro, com as pontas cor-de-mel lhe cobrindo os seios.

Robert engoliu em seco e pigarreou.

– Não era bem isso que eu esperava quando a senhorita disse que estaria em guerra comigo.

– Me deixe adivinhar. – A Srta. Pursling passou os dedos com cuidado sobre a luva, e Robert percebeu que ela estava mexendo num buraquinho minúsculo na ponta. – Pensou que eu ia soltar uma risadinha quando sorrisse para mim. Imaginou que, quando eu disse que ia provar para todos

o que o senhor está fazendo, eu planejava começar uma investigação tosca e deselegante sobre fatos públicos a respeito de Vossa Graça.

– Eu... não. É claro que não.

Mas Robert sentiu as próprias bochechas queimarem. Porque fora precisamente isso que pensara.

A Srta. Pursling mordeu o lábio; era a personificação da timidez. Mas suas palavras eram o oposto disso.

– E agora – sussurrou – está surpreso ao descobrir que sou melhor que o senhor.

– Estou? – repetiu ele, olhando para ela. – E a senhorita é?

Os olhos dela estavam fixos no ombro de Robert, sem nada na postura que desse indícios do que ela estava sussurrando.

– Claro que sou melhor.

Falava como se não houvesse dúvida sobre a questão.

– O senhor é um duque que recebeu uma boa educação, um dos homens mais poderosos da Inglaterra. Provavelmente tem mais de uma centena de empregados espalhados pelas diversas propriedades em seu nome. Se precisasse, teria acesso a fundos na faixa de dezenas de milhares de libras.

O canto da boca dela estava erguido naquele momento, desfazendo a ilusão da garota simples e quieta. Uma covinha apareceu na bochecha. Ela ergueu os olhos para Robert – só uma vez –, e ele quase ficou sem ar.

Aquela – *aquela* era a mulher que o tinha ameaçado.

– O senhor tem todas essas coisas – disse ela. – Mas eu tenho algo em meu arsenal que o senhor não tem.

Ele se inclinou para a frente, sem querer perder uma única palavra.

– Eu sou boa em estratégia.

Robert só pôde ver o vislumbre de um sorriso, um breve momento no qual prendeu a respiração – e então tudo desapareceu. O rosto dela se suavizou. A Srta. Pursling abaixou os olhos de novo e voltou a ser completamente sem graça.

Outro homem teria ficado tão surpreso que se calaria. Mas Robert não conseguia se ver desistindo naquele momento – não quando ela estava com a cabeça baixa, olhando para o chão. Não mesmo. Ele queria trazê-la de volta à superfície.

– A senhorita ainda não fez nada – falou.

A expressão dela não mudou.

– Eu vou ganhar – anunciou ele. – Não pode me fazer desistir por puro tédio.

– O senhor provavelmente pensa que, para ganhar uma batalha, só precisa de canhões, discursos corajosos e comandantes destemidos. – Ela ajeitou a saia enquanto falava. – Mas não é assim que funciona. A guerra é ganha pela vantagem de ter sapatos feitos com o couro certo. É ganha por garotos que fazem cartuchos em fábricas de armas, pelos trens com suprimentos escondidos dos olhos do inimigo. É ganha por um cuidado especial com detalhes entediantes. Se for esperar que a cavalaria chegue, Vossa Graça, já terá perdido.

Ele piscou.

– Está tentando fazer com que eu desista. Não vai funcionar.

– É aí que está a beleza da estratégia. Tudo que eu faço carrega uma ameaça dupla. Se o senhor não recua diante de palavras, revela seu caráter. Tudo que diz, tudo que faz, cada sorriso encantador, cada protesto afetuoso... A única coisa que vai conseguir com tudo isso é mudar o modo como eu vou ganhar. Mas não vai mudar o fato de minha vitória ser a conclusão inevitável.

Ela parecia tão pequena sentada naquela cadeira, tão frágil. Era só quando fechava os olhos e apagava aquela imagem desconcertante de uma solteirona sem sal que ele conseguia entender a evidência apresentada a seus ouvidos. A Srta. Pursling se recusava a sequer olhá-lo nos olhos. Mas a voz dela parecia indomável.

– Então – disse ele – a senhorita acha que sou encantador. Não incluiu isso na lista das minhas qualidades antes.

– É claro que o senhor é encantador. – Ela não o olhou. – Estou encantada. Estou encantada até os fios do cabelo.

A voz dela soava tão amarga que era quase doce.

– O senhor é uma força da natureza, Vossa Graça – admitiu ela. – Mas eu também sou. Eu também sou.

Não concordou que ela mesma era encantadora... porque, na verdade, não era. Não no sentido usual da palavra. Mas havia algo nela que era completamente cativante. Robert não tinha mais ideia de quem a moça era. A princípio achara que se tratava de uma mulher espirituosa e inteligente. Depois se perguntou se era tímida. Mas, naquele momento, ela parecia

incapaz de ser categorizada, muito mais complexa do que qualquer outra pessoa que Robert conhecia.

– Se quer que eu desista – falou ele suavemente –, não seja tão interessante assim.

Os lábios da Srta. Pursling se comprimiram.

Porém, antes que ela pudesse responder, um barulho soou do outro lado da sala. Robert virou a cabeça a tempo de ver uma mulher – a Srta. Charingford, filha dos donos da casa e, se ele se lembrava bem, a amiga que tinha acompanhado a Srta. Pursling no outro dia – se levantar tão abruptamente que a cadeira caiu no chão.

– Ora, vamos lá, Lydia – disse o homem que estivera sentado ao lado dela. – Não quer realmente dizer que...

– Quero, sim – retrucou a Srta. Charingford em tom ácido.

Ao falar, pegou uma taça de ponche da mesa ao lado e, antes que qualquer um pudesse intervir, jogou o conteúdo no rosto do homem. O líquido vermelho escorreu pelo nariz e o queixo, manchando a gravata. Um arquejo coletivo ecoou pela sala.

– Não pode fazer isso! – exclamou o homem, levantando-se.

Era George Stevens. Robert já tinha conversado com ele duas vezes, o bastante para lembrar que era responsável pela guarda civil. Um homem importante, considerando-se como lidavam com as coisas naquela região.

– Não posso? – ironizou a Srta. Charingford. – Pois então veja.

Ela arrancou outro copo de ponche dos dedos de uma pessoa ao lado e atirou o conteúdo no rosto de Stevens.

– Viu? Pelo jeito eu posso, *sim*.

Dito isso, ela empinou o nariz e saiu, furiosa, pela porta.

Robert se virou para a Srta. Pursling.

– Ela...

Mas a Srta. Pursling já estava na metade da sala. Nem tinha se desculpado ou pedido licença. Apenas se levantara para correr atrás da amiga. A porta se fechou às costas dela um instante depois.

Robert achou impressionante a postura da moça e a expressão no rosto dela permanecerem tão inalteradas durante a conversa. Mas a Srta. Pursling estivera escondendo algo dele. Indicara que Robert sentasse na cadeira que permitiria que conversassem enquanto ela ficava de olho na amiga. Ele

pensara que ela evitava seu olhar para fingir ser acanhada. Mas, na verdade, estivera observando Stevens.

Tudo que eu faço carrega uma ameaça dupla. Ela não estava brincando ao dizer isso. Estivera repelindo as tentativas dele de puxar conversa com meia atenção, dando-lhe uma lição de estratégia e fingindo ser uma mulher tímida e sem graça para qualquer pessoa que estivesse observando. E, enquanto fazia tudo isso, também estivera de olho no drama escandaloso da amiga no outro lado da sala. Meu Deus! A cabeça de Robert doía só de pensar em todas as linhas de raciocínio com que ela teve que lidar.

– Vossa Graça.

Robert se virou, livrando-se dos devaneios, e viu um homem ao seu lado. Era George Stevens, que ostentava uma expressão obscura e uma rigidez reprovadora no queixo. Ele havia limpado a maior parte do ponche, mas a gravata ainda estava manchada de rosa, e havia um brilho em sua testa que fez a pele de Robert coçar em solidariedade por causa da sensação viscosa.

– Capitão Stevens – cumprimentou Robert.

– Posso incomodar o senhor por um momento?

Robert olhou mais uma vez para a porta por onde a Srta. Pursling tinha desaparecido.

– É claro.

Stevens fez uma reverência tensa, e igualmente tenso se sentou no lugar que a Srta. Pursling desocupara.

– É incrível – falou –, realmente incrível, que um homem da sua posição se digne a falar com todas as pessoas de mérito num evento como este. – Ele esfregou as mãos. – Mas... ah, como posso dizer isso? – Abaixou a voz. – Nem todas as mulheres têm o mesmo mérito. E a Srta. Pursling não é quem parece ser.

– Ah, é? – Robert ainda estava chocado demais para fazer qualquer coisa além de absorver aquela declaração. – Em que sentido a verdadeira Srta. Pursling é diferente do que aparenta ser?

Stevens pareceu relaxar diante da pergunta.

– Tenho motivos para acreditar que ela não é quem diz ser.

– Motivos? Que motivos?

O outro homem piscou, como se não estivesse acostumado a ouvir tais questionamentos.

– Bem... eu... hum... eu falei com alguém que era bem próximo da tia-avó dela. E a mulher nem sabia da existência da Srta. Pursling.

– Era alguém *bem próximo*, foi isso que o senhor disse? – Robert manteve o tom de voz leve. – Quando essa pessoa conviveu com a tia-avó da Srta. Pursling?

Stevens estava começando a se remexer como um menininho pego mentindo.

– Tecnicamente, as duas conviveram antes de ela se mudar para Leicester. Mas isso quer dizer que...

– Tecnicamente? – Robert arqueou as sobrancelhas. – Me perdoe se eu estiver enganado em relação às famílias que moram na região, já que não as conheço tão bem quanto o senhor. Mas a tia-avó da Srta. Pursling não se mudou para cá há cinquenta anos?

– Sim. – Stevens afundou na cadeira. – Mas essa mulher conhecia toda a família, di... ah, droga. – Stevens fez uma pausa e respirou fundo. – Ela saberia se a jovem Srta. Elvira Pursling, a mulher que supostamente é a mãe da Srta. Wilhelmina, tivesse se casado. As pessoas gostam de falar, Vossa Graça, principalmente sobre eventos alegres. Mas não há registro nenhum disso. Tenho motivos para acreditar que a Srta. Pursling não é uma filha legítima.

Podia ser verdade. Se fosse, explicaria a insistência dela em que ninguém investigasse seu passado. *Um pouco diferente*, de fato.

Se algo na acusação de Stevens fosse verdade, Robert teria uma solução fácil para o próprio problema. Bastaria uma pequena ameaça, ainda mais levando em conta que a Srta. Pursling já tinha envolvido chantagem na história...

Mas não. Ele era um cavalheiro e um dos homens mais poderosos do país. Homens poderosos que usavam o próprio privilégio para maltratar mulheres não passavam de canalhas.

Robert permitiu que sua expressão ficasse fria como gelo. Olhou para o outro não com fúria, mas sem piscar, observando-o até que o capitão da guarda civil abaixasse os olhos e fizesse uma careta.

– Stevens – disse Robert, sem se preocupar com o uso do honorífico. – Por acaso ouviu alguma coisa sobre mim que o levou a pensar que eu gostaria de escutar tais difamações?

– Mas... Vossa Graça, a Srta. Pursling é uma estranha para o senhor. Eu

só queria...

– Pensou que eu receberia bem fofocas sem fundamento só porque não são sobre alguém que conheço?

Stevens retesou o maxilar.

– Eu só quis...

– Já cansei dessa sua especulação. Se eu souber que continua a espalhá-la por aí, farei com que Leicester tenha um novo capitão da guarda civil.

Stevens ficou pálido.

– O senhor não pode fazer isso.

Mas o homem sabia muito bem que Robert *podia*. Não diretamente, é claro, mas ele só precisaria mencionar algo para os ouvidos certos. Robert não usaria sua influência sem um bom motivo e, considerando o que esperava encontrar naquela região, precisava reservar o máximo que pudesse daquele poder. Mas ameaças não custavam nada.

O homem abaixou a cabeça.

– Perdão, Vossa Graça. A mulher não é nada. Eu errei. Nunca imaginei que o senhor fosse se interessar por alguém tão abaixo da sua posição.

– Qual é o objetivo de ser um duque se eu *não* me interessar?

A pergunta escapou antes que ele pudesse se conter – mas não teria ficado calado nem se pudesse voltar atrás.

Stevens piscou, confuso, e Robert balançou a cabeça. Era loucura dar a um homem tanto poder e não ter expectativas de como ele o usaria. Robert poderia acabar com a Srta. Pursling com uma palavra. Poderia destruí-la com o silêncio. Mas tudo isso teria sido errado.

– Vossa Graça – disse Stevens por fim. – Sua preocupação é digna de quem o senhor é.

As adulações do homem não eram dignas de ninguém.

Robert encontrou os olhos de Stevens.

– Não, não é. Isso é ser uma pessoa decente, e não mereço nenhum crédito por fazer algo que qualquer homem faria.

Stevens fez outra careta, recuando, e colocou a mão na testa – na testa viscosa, pelo que indicavam as marcas de dedos que deixou.

– Agora – disse Robert, se levantando –, se me der licença, preciso conversar com outras pessoas.

Robert estava bem ciente dos olhos do capitão fixos em suas costas à

medida que cruzou a sala. Tomou nota: aquele homem precisava ser observado.

Capítulo cinco

– Lydia – chamou Minnie, apressando-se pelo corredor. – Lydia, espere! O que você está fazendo?

Lydia parou no meio do corredor, com os braços rígidos junto ao corpo e as mãos fechadas em punhos.

– Estou indo para o segundo andar. – Ela não se virou. – O que parece que estou fazendo?

Minnie se aproximou.

– Ainda não é tarde demais. Volte e peça desculpas. Stevens vai perdôá-la. Sei que vai.

– Bem, mas eu não vou perdôá-lo – retrucou Lydia. – Ele me contou o boato mais perverso sobre você, que você não é uma filha legítima. O *cafajeste*, dizendo algo assim para mim!

Minnie segurou a amiga pelos ombros.

– Lydia, me escute. Volte lá. Peça desculpas. Diga que sente muito. Diga que se enganou. Diga que bebeu ponche demais, e tenho certeza que ele vai aceitá-la de volta.

– Mas eu não o quero de volta. – Lydia bateu o pé. – Não quero. Não quero um homem que fala assim da minha melhor amiga. Não vou casar com alguém que faz piada sobre algo tão sério e espera que eu fique calada, só concordando. Não vou!

– Você sabe o que vai acontecer quando seu pai morrer. Seu irmão vai ficar com o moinho, e você...

– Uma parte vai ficar para mim.

Lydia ergueu o queixo.

Aquela parte não era suficiente para se viver, Minnie sabia. E, por ter terminado o relacionamento com Stevens de um jeito tão descortês, Lydia dificilmente acharia outro pretendente. Além disso...

– E se, na próxima vez, o boato for sobre você? – insistiu Minnie.

Não era preciso dizer qual boato seria. Muitas pessoas sabiam o segredo de Lydia. O médico que a tinha diagnosticado. Qualquer pessoa que a tinha visto na Cornualha durante aqueles meses horríveis. Lydia vivia com a possibilidade de ser desonrada publicamente no mesmo nível que Minnie.

– E daí se as pessoas souberem? – disse Lydia, desviando o olhar. – Pelo jeito, boatos não precisam de nenhum fundamento. Afinal, Stevens está espalhando essa fofoca horrível sobre você.

Explicar a origem do boato levaria a amiga a fazer perguntas – perguntas que Minnie não poderia responder. Por que não havia nenhum registro do nascimento de uma pessoa chamada Wilhelmina Pursling? Qual era o verdadeiro nome dela e por que foi necessário mudá-lo?

Minnie balançou a cabeça.

– Meus pais eram casados. Posso lhe garantir isso. – Isso e mais nada. – Mas, Lydia, você não pode jogar seu futuro fora assim. Largar um noivo só porque ele disse uma coisa de que você não gostou? Ninguém é perfeito.

Lydia abraçou o próprio corpo e balançou a cabeça.

– Como pode sequer perguntar isso? Como eu poderia ficar quieta?

– Mas ele era... – Minnie tropeçou nas próprias palavras. – Você disse...

Lydia tinha dito que Stevens a fazia feliz. Tinha repetido isso várias vezes, como se estivesse tentando convencer a si mesma. Lydia era assim. Ela acreditava no melhor. Queria que todos fossem felizes. Teria achado o lado positivo de uma catástrofe.

Lydia se virou para Minnie.

– Às vezes – falou lentamente –, nós temos que fazer escolhas. Quando algo parece inevitável, como o casamento com um homem que seria bom para meu pai... quando é um homem decente que gosta de mim... Bem, parecia que eu não ia achar um pretendente melhor. Faz sentido. – Ela franziu o cenho com vigor. – *Fazia* sentido.

– Então volte lá e peça desculpas.

O semblante de Lydia se enrijeceu.

– Depois do que ele disse sobre você? Disse que eu não devia mais nem falar com você. Não acredito que o mundo seja tão cruel a ponto de exigir que eu abra mão da minha melhor amiga para ter um bom casamento.

Ah, Lydia. O coração de Minnie doía pela amiga. Mesmo depois de tudo que lhe acontecera, ela ainda acreditava naquilo.

– Pode ser que o mundo seja cruel a esse ponto – sussurrou.

Em seguida, porque conhecia em primeira mão essa crueldade, Minnie acrescentou:

– Ele é.

– Não pode ser. – Lydia descruzou os braços, mas só para jogá-los ao redor de Minnie e puxá-la para perto. – Não vou deixar que seja.

Minnie quase deixou que o calor daquele abraço a enganasse. Quase.

Um dia...

Um dia, Lydia ia descobrir tudo que Minnie escondera dela. A amizade das duas não sobreviveria. Não seria a revelação do que tinha acontecido o que destruiria a relação delas, mas o fato de Minnie haver guardado segredo por todos aqueles anos. O fato de ela ter ouvido todos os segredos mais sombrios da amiga, enquanto egoisticamente guardava a própria confissão para si.

Não era uma questão de *se* um dia elas deixariam de ser amigas. Era uma questão de *quando*. E ainda assim Minnie se sentia incapaz de abrir mão de Lydia. A amiga era acolhedora, esperançosa e feliz e, vez ou outra, apesar das inclinações racionais de Minnie, Lydia conseguia infectá-la com seu otimismo puro.

Às vezes, Minnie acreditava que seriam felizes. Não haveria mais nada a temer para o futuro. Tudo acabaria bem e elas seriam amigas para sempre.

De todas as fantasias tolas pelas quais Minnie se deixava levar, *essa* era a única que estava impregnada em seu ser, a única da qual não conseguia abrir mão. Então ela simplesmente abraçou a amiga e rezou para que *aquilo* não se tornasse realidade tão cedo.

– Então – disse Lydia. – O duque de Clermont conversou por um bom tempo com você. O que ele disse?

– Nada. – Mas Minnie sorriu contra a própria vontade. – Ele não disse nada.



A residência – se é que podia ser chamada assim, e Robert não tinha certeza de que ela merecesse tal título – estava caindo aos pedaços. O que restava do gesso nas paredes do único cômodo estava rachado e tinha manchas de fuligem. O aposento cheirava a vinagre azedo e repolho velho. A cadeira em que estava sentado ficava tão próxima do chão que chegava a ser desconfortável, como se uma das pernas tivesse quebrado e as outras tivessem sido serradas para se alinharem. Se ele se inclinasse demais para qualquer lado, o assento rangia e balançava. Aquele cortiço sórdido representava todas as coisas ruins que o pai dele causara a Leicester, e Robert estava ali para consertar tudo.

Ele tinha levado um bom tempo tentando compensar o prejuízo. Mas, em sua defesa, só descobrira recentemente o que havia dado errado.

À sua frente, o morador – um homem magro, com uma tosse constante, chamado Finney – ajeitou o casaco.

– Graydon Boots. – Finney se recostou no assento e olhou para o teto. – Esse *aí* é um nome em que não penso há anos. Trabalhei lá até... 58, não foi?

– É o que dizem os registros.

O homem apontou para Robert com o cachimbo.

– E está me dizendo que depois de todos esses anos, mais de uma década, depois que a Graydon Boots deixou de existir, um bambambã quer me dar uma pensão. Para *mim*.

Robert assentiu.

– Sr. Blaisdell, passei quatro meses na prisão. Pode ter acabado com a minha saúde, mas a minha mente ainda funciona muito bem. Não acredito nisso, não, não acredito. É algum truque.

Não era. O avô de Robert tinha dado a fábrica para o filho como se fosse um pacto com o diabo. O pai de Robert – que não sabia nada sobre indústria – recebeu a fábrica com a ordem de administrá-la e gerar o máximo de lucro que conseguisse. Robert só descobrira a existência do lugar quando estava analisando os registros do avô de anos antes. Os registros do pai dele, geralmente incompletos, nem sequer mencionavam a fábrica.

– Sr. Finney – disse Robert –, não estou lhe dizendo que a Graydon

Boots quer lhe dar uma pensão. Isso seria um absurdo. A caridade que represento está investigando os eventos que aconteceram naquele ano. Foi decidido que o senhor foi preso injustamente.

– É o que *eu* venho dizendo há anos.

– Na verdade, Leicester tem um histórico curioso em relação a isso – acrescentou Robert. – Sabia que mais pessoas foram presas por crimes de insurreição na última década em Leicester do que em toda a Inglaterra?

Essa era outra coisa que se iniciara na administração do pai de Robert e, até onde ele conseguira descobrir, as prisões ainda não tinham parado quando a fábrica fechou.

– A gente fala o que pensa por aqui, fala, sim.

Robert colocou os papéis na mesa.

– Falar o que se pensa só é ilegal se as palavras têm a intenção de criar desafeto com o governo. Não com seus patrões, só com o governo.

A princípio, Robert só buscara um jeito de consertar o que o pai destruíra. Mas quanto mais investigava, mais descobria. Então deu uma olhada nos registros daquelas condenações e ficou claro que o julgamento não tinha sido correto, de acordo com a lei.

– O senhor nunca deveria ter sido preso apenas por ter organizado um sindicato.

Finney o encarou, balançando a cabeça.

– É como o senhor disse. Só que os patrões conseguem o que querem. Não quero mais me envolver. Já estou bem ocupado com a Cooperativa, estou, sim.

Como se para enfatizar isso, a porta daquele minúsculo quarto se abriu. Duas mulheres surgiram. Uma delas, uma idosa bem magra, trajando um vestido marrom frouxo, segurava uma sacola de compras. Ela ajeitou o chapéu amarelado que caía de sua cabeça e apontou para a moça que a acompanhava.

– Só estou dizendo que acho que não vai funcionar.

A moça que a acompanhava era a Srta. Pursling. Ela parecia um exemplo perfeito de severidade, com os cabelos castanhos da cor de mel presos em um coque firme, apenas alguns cachos bem penteados lhe caindo na nuca.

As duas mulheres estavam completamente compenetradas uma na outra.

– Sra. Finney – disse a Srta. Pursling –, já falei com todos os

farmacêuticos da cidade. A senhora é minha última esperança.

A Sra. Finney tirou o xale.

– Mas a Cooperativa vende comida. Nada dessas outras baboseiras.

– Mas o anúncio...

– Srta. Pursling, eu gosto da senhorita, mas como posso propor isso ao conselho?

A outra baixou o olhar.

– Não faz ideia de como o resto da Comissão vai chiar se eu voltar sem uma solução. – Ela fazia bem o papel de uma moça submissa, com a cabeça tombada e as mãos enlaçadas à frente do corpo. – Por favor.

– Bem... – A Sra. Finney colocou o xale no aparador ao lado da porta. – Pode ser. Talvez eu possa articular alguma coisa.

– Muito obrigada – disse a Srta. Pursling. – Muito obrigada mesmo.

Foi nesse momento que o marido interveio.

– Sra. Finney – chamou. – Temos visita. Não vai acreditar no que ele está falando.

As duas mulheres se viraram para o Sr. Finney. Os olhos da Srta. Pursling recaíram em Robert e se arregalaram. Ela deu um passo para trás.

– É um cavalheiro de Londres – disse o Sr. Finney. – Sr. Blaisdell, esta é a minha esposa. E esta é a Srta. Pursling. Ele é um procurador, acho eu.

A Srta. Pursling nem pestanejou.

– Um procurador – repetiu. – Que curioso, Sr. Blaisdell.

– Sou apenas um representante – disse Robert.

– O Sr. Blaisdell estava me dizendo que foram estabelecidas pensões para homens que se dedicaram a sindicatos e que estão com dificuldades financeiras por causa disso.

O Sr. Finney soltou uma risada.

A Sra. Finney apenas franziu o cenho.

– Bem, e o que eles querem conosco? – Ela olhou em volta. – Somos só nós dois nesse quarto enorme e espaçoso, e temos carne na mesa três vezes por semana. Não estamos nada mal.

Robert pestanejou e olhou ao redor do cômodo, tentando vê-lo com os olhos dela. Não estavam nada mal?

– Eles me ofereceram uma pensão! – Finney soltou outra risada. – Para mim! Quando a única coisa que fiz para a Graydon Boots foi convencer todo mundo a se rebelar quando Jimmy morreu envenenado.

Robert desviou os olhos. Uma das primeiras ações da administração para cortar os custos tinha sido substituir a graxa original das botas por uma fórmula que era mais barata – mas muito mais perigosa para aqueles que tinham que ficar com as mãos dentro do produto o dia todo. Dinheiro nunca compensaria algo assim, mas Robert tinha que tentar.

– Sim, é isso – reforçou Robert. – E, como expliquei, não é pelo trabalho que o senhor prestou à Graydon Boots, mas pela sua experiência na organização de operários.

Finney apenas balançou a cabeça devagar.

– O senhor ainda é jovem. Não entenderia. Aprendi minha lição depois daquilo, sobre ficar no meu canto. Chega de rebelião. Chega de me associar com esse tipo de coisa. Especialmente agora. Eu soube que o duque de Clermont está na cidade.

– Está, sim – confirmou a Srta. Pursling.

Finney cuspiu no chão.

– Tudo começou quando *ele* comprou a Graydon Boots. – As mãos dele, manchadas pela idade, estavam tremendo. – Trabalhávamos mais horas por um salário menor. Daí vieram os fura-greves, as prisões. É um monstro, aquele homem, e eu nunca...

– Nathan Finney – interrompeu a esposa. – É perigoso dizer essas coisas. Já tiraram você de mim uma vez. Ainda não aprendeu a pensar antes de falar?

– Não, não – disse Robert. – Não precisa segurar a língua por mim. Concordo com o que o Sr. Finney disse.

A Srta. Pursling deu dois passos para dentro do cômodo.

– O senhor concorda, é mesmo?

Ela claramente pensava que Robert estava ali por um capricho.

Ele se virou para ela.

– Verifiquei os registros do que Clermont fez – falou Robert com a voz suave. – É tão errado assim querer acertar as contas?

Ela virou a cabeça, desviando o olhar.

– Apenas estou questionando seus métodos. – Ela franziu as sobrancelhas bem de leve. – Seu motivo... ainda não entendo qual é.

– Meu motivo é simples. É um desperdício dar privilégios a nobres – respondeu Robert. – Eles têm o direito de ser julgados na Câmara dos Lordes. Pense, Sr. Finney, no que isso teria significado para o senhor. Os

lordes nunca teriam aceitado um caso de crime de insurreição baseado na evidência que foi apresentada contra o senhor. A lei é bem clara. Eles teriam protegido o acusado, se fosse um deles.

– Bem verdade isso, bem verdade – concordou Finney.

– Eu acho que – continuou Robert, virando-se para a Srta. Pursling –, se o duque de Clermont, por exemplo, resolvesse escrever folhetos repetindo o que Finney disse aqui em 1858, *ele* poderia falar a verdade, e ninguém seria capaz de impedi-lo com ameaças de prisão baseadas numa corrupção da lei.

A Srta. Pursling inclinou a cabeça para ele.

– Ele poderia fazer isso? – perguntou.

Finney assentiu.

– Tem toda a razão, Sr. Blaisdell.

– Mas os nobres usam esse privilégio não para falar a verdade, mas para suprimi-la. Pense, Sr. Finney: o que o senhor poderia fazer se fosse parte da Câmara dos Lordes?

– Eu, parte da Câmara dos Lordes? – Finney riu. – Eu ia gostar de ver *isso*.

– Eu também – disse Robert. – Se *eu* tivesse a chance de fazer parte do governo desse país, não iria desperdiçá-la protegendo meus próprios privilégios e interesses. Não mesmo. Eu ia descobrir todas as normas que permitem que pessoas como Clermont envenenem os operários e os punam se eles reclamarem. E então acabaria com todas elas.

Ele ficou surpreso com a força que ouviu na própria voz.

– Mas isso – disse a Sra. Finney –, *isso* é insurreição, e é melhor não dizer essas coisas, não importa se acha que é seguro. O senhor é jovem, Sr. Blaisdell. Todos nós já fomos jovens. Mas respire fundo e esqueça esse tipo de conversa. Não vai ajudar ninguém. – Ela olhou de relance, com cautela, para a Srta. Pursling. – Por sinal, Srta. Pursling, a senhorita já *encontrou* o duque de Clermont? A senhorita também frequenta aqueles grupos às vezes.

O Sr. Finney afundou na cadeira, um pouco envergonhado.

A Srta. Pursling desviou os olhos de Robert.

– Já o encontrei.

– E como está o velhote? – perguntou Finney. – Só podemos esperar que...

– Calado, Sr. Finney.

– Acredito que o duque que está aqui seja filho de outro homem – disse

a Srta. Pursling.

Finney fez um gesto de indiferença.

– Quem já viu um duque já viu todos. Estou certo, Sr. Blaisdell, não estou?

Robert não respondeu. Apenas ficou observando a Srta. Pursling. Ela mal tinha demonstrado qualquer emoção enquanto ele estava falando, nem ao franzir de leve as sobrancelhas, concentrada.

A moça balançou a cabeça.

– Ele é alto. É rico. É bonito. E essas coisas raramente são sinais do bom caráter de um homem.

Robert fez uma careta.

Mas a Srta. Pursling ainda não terminara.

– Duvido muito que ele entenda o que significa ser um trabalhador e suspeito que durante toda a vida sempre teve tudo o que quis, apenas por querer.

Era um julgamento cruel, que ficava ainda mais cruel por ser verdadeiro. Robert se encolheu no assento.

– Muitas vezes, homens que sempre tiveram tudo não conseguem compreender como é ter uma vida difícil – afirmou a Srta. Pursling.

Era incrível como fatos podiam causar cortes tão profundos. Robert nem podia ficar irritado com ela. Aquilo não era diferente do que ele dizia a si mesmo à noite.

– Mas, ainda assim...

A Srta. Pursling deixou a voz morrer, balançando a cabeça, e Robert se inclinou para a frente, desesperado para ouvir o que mais ela teria a dizer a respeito dele.

O tom de voz dela já era bem baixo, e mesmo assim o quarto parecia ainda mais quieto, esperando que ela preenchesse o silêncio.

– Mas, ainda assim – continuou ela, sem olhar para Robert nem uma vez –, acho que ele não é nem um pouco parecido com o pai. Não sei o que pensar sobre ele.

Robert se sentia enraizado na cadeira, incapaz de se mexer. Os olhos da Srta. Pursling não tinham recaído sobre ele uma única vez enquanto ela falava. Ela não tinha erguido a voz. Porém aquelas palavras, ditas quase num sussurro, soaram como uma benção.

Nem um pouco parecido com o pai.

Robert soltou a respiração, trêmulo.

– Então vai contar aos magistrados sobre essa conversa, Srta. Pursling?

– E envolver os Finney? Claro que não. – Ela mordeu o lábio. – Me diga, Sr. Blaisdell. Essa caridade que o senhor representa... Estão oferecendo pensões para *todos* que trabalharam na Graydon Boots?

Não para todos. Para começo de conversa, ninguém ia acreditar naquilo. E metade deles já falecera, e alguns tinham deixado a cidade.

– Para aqueles que foram injustiçados – respondeu ele com a voz firme, desviando os olhos.

– Srta. Finney – disse a Srta. Pursling –, estou muito agradecida por ter concordado em apresentar nossa proposta ao conselho da Cooperativa.

– Mas é claro – respondeu a outra mulher.

– Sr. Finney. Sr. Blaisdell.

A Srta. Pursling inclinou a cabeça, tocou a saia numa leve mesura e se retirou.

Robert tinha achado que ela não era atraente quando estava assim, com a cabeça e a voz tão baixas. Mas mudou de ideia. Algumas mulheres resplandeciam com luz e energia. A Srta. Pursling o lembrava da luz perolada que entra por baixo da porta depois de uma noite longa, aludindo ao nascer do sol. Havia certa elegância silenciosa na moça, como um tigre que anda com impaciência na jaula. Havia a grandiosidade de garras que não eram usadas, de músculos prontos para o ataque que nunca vinha. Havia a beleza sombria de uma fera cativa.

Ele queria vê-la se livrar daquela melancolia. Queria que ela o olhasse com aqueles olhos inteligentes e dissesse que ele não era como o pai, que não *poderia* ser.

O que havia entre os dois tinha se tornado algo infinitamente simples e plenamente complicado ao mesmo tempo.

Nem um pouco parecido com o pai.

Robert queria que ela dissesse aquilo de novo, e queria que cada palavra fosse sincera.

Capítulo seis

O sonho de Robert naquela noite – como muitos de seus sonhos naqueles dias – estava carregado de anseio sexual.

Nesse sonho, ele estava com Minnie no lugar onde a tinha conhecido: atrás do sofá na biblioteca da prefeitura, escondidos pelas cortinas. Dessa vez, porém, em vez de escutar a conversa de outras pessoas, eles ouviam o murmúrio gentil de ondas do mar. Nenhum dos dois comentou a estranheza de haver um mar numa biblioteca. Não estavam completamente vestidos. Robert não usava nada – e ela estava despida até a cintura. A Minnie do sonho sorriu para ele com um ar de tentação convidativa. Os cabelos castanhos cor de mel estavam soltos e caíam em cachos sobre os ombros, emoldurando os seios nus com mamilos de um tom rosado profundo. Aqueles seios roçaram os joelhos dele quando ela se ajoelhou à sua frente e tomou o membro dele na boca.

Os detalhes dos sonhos de Robert sempre eram frustrantemente vagos. Ele não conseguia sentir o calor úmido da boca dela ou a pressão da língua. Havia apenas o fogo de sua própria luxúria queimando e uma sensação abafada de desejo. Mas, ao menos nos sonhos, ninguém precisa se preocupar com a moralidade ou as consequências. No sonho não havia nada além da verdade física do desejo, e esse desejo o prendera em suas garras.

No sonho de Robert, Minnie era muito, muito habilidosa. Ele sabia disso, ainda que não pudesse sentir direito. Não importava quanto ele se mexesse, quanto a segurasse, não conseguia tocá-la de verdade. Só havia a

força do desejo ardente dele, que crescia a cada carícia. Só podia entregar-se à luxúria de novo, de novo e de novo.

– Meu Deus, Minnie – implorou no sonho. – Me dê o que eu quero.

Mas, em vez de tomá-lo com mais força – ou de mudar de posição para que ele pudesse se afundar nela –, a Minnie do sonho ergueu os olhos para ele e se afastou, sentando sobre os calcanhares.

– Se você insiste – disse ela com um sorriso assanhado.

Ela se inclinou e, de repente, como as coisas costumam acontecer nos sonhos, estava sussurrando no ouvido de Robert.

– Eu sei quem você é.

O choque foi tão grande que o acordou. Ele piscou, com a visão turva. Era alta madrugada, e só havia silêncio. O quarto estava escuro. Mesmo que Robert tivesse se livrado da maioria das cobertas enquanto dormia, sentia como se estivesse queimando de febre. Seu membro estava duro como pedra e seu corpo estremecia com a tensão, pedindo alívio. E Robert não conseguia afastar a imagem do sonho. A Srta. Pursling, despida, com os cabelos nos ombros, olhando para ele com aquele sorriso brilhante.

Deus.

Ele pensara que teria sido difícil explicar aos amigos o que via nela. Não era bela do jeito clássico, sequer era notável. E, embora o corpo dela tivesse vários atributos, Robert sabia que havia mulheres com corpos melhores.

Talvez fosse porque, quando ela o viu pela primeira vez, não enxergou um duque, mas, sim, um homem que escrevia folhetos radicais.

Eu sei quem você é.

A mão esquerda dele segurou a ereção.

Robert acreditava em coibição. Fazia questão de *não* imitar o pai. Recusava-se a ser o tipo de homem que tomava uma mulher apenas porque se sentia atraído por ela. Mas, diabos, às vezes não queria ser assim. Às vezes, desejava poder fazer o que quisesse com todas as forças de seu ser.

Ele jogou para longe as cobertas que ainda o cobriam e deixou o ar gelado entrar em contato com a pele. Não adiantou.

Nunca adiantava, não sem outras coisas. Então Robert passou a mão pelo membro, muito devagar, deixando-se seguir aquele ritmo familiar. Permitiu que o sonho passasse de novo em sua mente – Minnie de joelhos, Minnie sorrindo para ele ao fechar os lábios ao seu redor. Robert se

acariciou com movimentos curtos e fortes, aumentando o ritmo, deixando-o mais urgente, até chegar ao clímax.

E, naquele momento, imaginou Minnie sorrindo para ele daquele jeito – com aquele sorriso que não omitia nada – e dizendo que sabia quem Robert era. Ele mordeu o lábio com o prazer selvagem que o dominou.

Foram necessários alguns minutos para que seu raciocínio voltasse a funcionar, para que pudesse admitir que estava excepcionalmente focado em uma única pessoa. Não foi o primeiro sonho com ela. Tampouco era a primeira vez que acordava num estado de desejo desenfreado e se saciava. Na mente de Robert, ele já a tinha tomado contra paredes e em camas. A beleza da masturbação era que ele sempre conseguia o que queria, como queria. Ninguém se machucava e não tinha efeitos duradouros.

Eu sei quem você é.

Ele ficou olhando a escuridão da noite. Foi apenas um sonho, é claro. Aconteciam coisas em sonhos que não tinham nada a ver com a realidade. Se os sonhos de Robert tivessem qualquer relação com a verdade, ele já teria sido expulso da sociedade anos antes. Ainda assim, sonhos ocasionalmente faziam as vezes de uma alavanca para a luxúria dele. Robert acordava febril, pensava nas imagens ao se levar ao clímax, e a combinação do sonho com seus próprios esforços aliviava o pior de suas frustrações.

Mas não havia orgasmos suficientes no mundo que lhe dessem o alívio do desejo que corria em suas veias naquele momento. Até então, tivera o bom senso de se entregar a desejos que podia satisfazer com facilidade. Não havia motivo para mudar essa estratégia.

Eu sei quem você é.

Ele encarou a escuridão e desejou que as palavras fossem embora. Mas elas ficaram ali, não ditas e, ainda assim, ecoando em seus ouvidos.

A Srta. Pursling não pensava que Robert era igual ao pai. Ele queria que ela soubesse quem ele era. E queria saber quem *ela* era.



Apesar dos melhores esforços de Robert, demorou uma semana para que voltasse a ver a Srta. Pursling – e foi num encontro que ele teve que

organizar.

Ele fizera uma doação de cem libras para a Comissão de Higiene dos Trabalhadores. Com isso, virara um dos patronos da caridade – e não fazia sentido que fosse observar como seu dinheiro estava sendo usado?

No entanto, a Comissão não realizava reuniões em um quarto privado respeitável no Three Crowns Hotel ou no saguão de entrada do Bell. Em vez disso, os encontros aconteciam nos arredores da parte antiga da cidade, em um lugar caindo aos pedaços chamado Nag's Head Hostelry.

Robert chegou dez minutos antes do horário marcado e ninguém olhou para ele quando entrou escondido atrás de uma garçonete. Ela andava pelo cômodo com rapidez e competência, enchendo os copos das moças com o que parecia ser água cevada e servindo cerveja de baixa fermentação aos cavalheiros, limpando os respingos inevitáveis com um pano grande e sujo que ficava pendurado nos cordões do avental.

Ninguém prestava atenção. Todos já estavam bem compenetrados na discussão.

Robert achou uma cadeira no fundo e se sentou.

Não bastasse o lugar peculiar em que aquela comissão em especial se encontrava, os integrantes também eram bem surpreendentes. Robert já fizera parte de conselhos de caridade suficientes para saber o que esperar – algumas pessoas ricas, que tinham sido convidadas por sua fortuna e suas conexões, não por sua sabedoria, intercaladas com alguns profissionais. Ali estava um homem que Robert lembrava ser um médico. O capitão Stevens também estava presente. E, é claro, a Srta. Pursling estava sentada ao lado de uma senhora mais velha que aparentava ter dinheiro. Essas pessoas faziam parte do típico grupo que compunha um conselho de caridade. Porém, do outro lado da mesa estava uma jovem, talvez da idade da Srta. Pursling, vestida com roupas da criadagem. Ao lado dela estava um homem mais velho, grisalho, que vestia uma roupa de lã bem gasta e remendada. Mais distante havia uma mulher gorda com um vestido de lã preto de gola alta, adornado com um colarinho branco e arredondado – o tipo de uniforme que gritava que ela era uma criada. Metade dos participantes aparentava ser da classe dos trabalhadores.

Não se parecia com nenhum conselho de caridade que Robert já vira. Ele se inclinou para a frente, interessado.

Stevens estava balançando a cabeça.

– Bem – murmurou –, vamos nos preocupar com isso depois. Srta. Pursling, está com o relatório sobre o desinfetante?

Ela assentiu. Estava de costas para Robert, e ele podia ver os cachos caídos na nuca dela. Eram bem interessantes, diferentes dos cachos grossos que eram cuidadosamente feitos com ferro por criadas. Os cachos da Srta. Pursling eram dissimulados – enrolados demais, selvagens demais. Robert suspeitava que os cabelos dela eram naturalmente cacheados, de um jeito que nenhum ferro conseguiria transformar no penteado mais comum entre as mulheres.

– O conselho da Cooperativa se encontrou ontem à noite.

Robert teve que se esforçar para conseguir ouvi-la. A voz era clara, mas muito baixa.

– Concordaram em vender a solução desinfetante a preço de custo, contanto que nós mencionemos a Cooperativa no folheto. No final foram convencidos de que o anúncio é compensação suficiente.

Que modo estranho de falar – *no final foram convencidos*. Outra pessoa teria dito: *Eu os convenci*, assumindo o crédito. Robert uniu as pontas dos dedos no formato de uma torre de igreja.

Tudo que conseguia ver da Srta. Pursling era a parte de trás da cabeça, a bela curvatura da cintura, aquela leve sugestão do quadril antes que a azáfama e as crinolinas do vestido acobertassem todas as curvas naturais. Ao falar, ela virou a cabeça, mas ainda estava olhando para longe de Robert. Ele não conseguia ver os olhos dela – apenas a bochecha e aquela teia tênue que formava a cicatriz. Mas a moça estava usando óculos e, com eles, lia os papéis à sua frente.

Ah, sim. Ele pensara nela na semana que tinha se passado. Pensara tanto que não estranhava mais a fala silenciosa, os olhos caídos. Por mais inacreditável que parecesse, a Srta. Pursling tinha convencido todos ali de que não valia quase nada. Sua verdadeira competência parecia ser um segredo íntimo entre ela e Robert.

– Qual vai ser o custo da solução, então? – perguntou uma das jovens trabalhadoras.

A voz dela era normal, mas, perto do tom baixo da Srta. Pursling, soou quase como se tivesse gritado.

– Um xelim por garrafa. Se for usada com moderação, essa quantidade deve durar numa residência por uns seis, ou sete meses. Srta. Peters, esse

custo é razoável para uma família trabalhadora ou devemos achar um jeito de abaixar ainda mais o valor?

A Srta. Pursling inclinou a cabeça na direção da trabalhadora mais jovem.

A garota se curvou sobre um caderno e folheou as páginas.

– Humm – murmurou. – Deve... ser suficiente.

– Tolice – interrompeu Stevens. – É tudo uma tolice, como já falei. As instruções para desinfetar, a solução, os panfletos...

Ele lançou um olhar severo para a Srta. Pursling. Era um olhar que dizia que ele não tinha levado o aviso de Robert a sério – o capitão ainda suspeitava dela.

– Com certeza não é *tudo* uma tolice – interveio a Srta. Peters. – Afinal...

Robert se inclinou para a frente.

Stevens bateu com a mão na mesa.

– Não haveria necessidade de desinfecção se aqueles macacos infernais dos trabalhadores vacinassem os filhos, como manda a lei.

O homem com roupa de lã remendada se pôs de pé.

– Eu nunca vou deixar que enfiem um alfinete cheio de uma doença nos meus filhos!

– Minha mãe foi vacinada e morreu na semana seguinte!

A mulher gorda se inclinou por cima da mesa.

– Bom, deixei que vacinassem o meu Jess, e ele ainda pegou varíola e perdeu a visão. Depois descobrimos que a vacina tinha acabado quando chegamos, então o aplicador só injetou álcool e cobrou o mesmo valor!

Metade das pessoas na mesa tinha se levantado. Todos fulminavam o capitão com os olhos. Uma palavra errada, e era provável que tudo acabasse em violência.

Naquela atmosfera tensa, a Srta. Pursling se ajeitou no assento, com as costas muito retas. Ergueu a mão para tocar a cicatriz no rosto, passando os dedos nela como se fosse um talismã contra danos futuros.

– Stevens – disse um homem com voz arrastada e baixa. – Certamente tenho o mesmo interesse em vacinas que o senhor.

Quem falou foi o homem de cabelos escuros, sentado perto da cabeceira da mesa – o Dr. Grantham, um jovem que tinha uma clínica na Belvoir Street.

Suas palavras cortaram a tensão que se formava, e a Srta. Pursling soltou um breve suspiro, recostando-se na cadeira.

Grantham estava brincando distraidamente com uma caneta-tinteiro.

– Mas, com o tempo, aprendi que devo tratar os pacientes que tenho, não os pacientes que *gostaria* de ter.

Stevens lançou-lhe um olhar carrancudo.

– O que quer dizer com isso?

Grantham deu de ombros.

– Eu queria ter pacientes que comem carne e vegetais em todas as refeições, que têm água limpa para se lavar e que têm janelas em todos os cômodos da casa. Eu queria ter pacientes que não precisam se abaixar para trabalhar. – Ele batia com a caneta nos dedos enquanto falava. – É ruim para a coluna e para os órgãos internos, ficar abaixado. – Ele deu de ombros de novo. – Eu também queria ter pacientes que ganham o dobro do que ganham os operários nas fábricas. Mas não é assim que as coisas funcionam. Então aceito os pacientes que tenho.

– Diga a ele, doutor – murmurou a viúva.

– Deixar que essas pessoas tomem tais decisões por conta própria faz com que criem autonomia – sibilou Stevens. – Faz com que comecem a falar em estabelecer as próprias regras. Quando percebermos, teremos outro grupo de cartistas que precisa ser reprimido. As pessoas já estão falando sobre o voto. Essa cidade é um barril de pólvora cheio de tumultos, e os senhores estão balançando uma tocha. – Ao apontar com a mão, Stevens incluiu não apenas Grantham, mas também a Srta. Pursling. – Essa conversa toda vai dar *ideia* a eles.

Grantham sorriu e se inclinou para a frente.

– No decorrer do meu treinamento como médico, aprendi que todas as pessoas usam o cérebro, sabia? Até os pobres e os trabalhadores. Não precisam que uma pessoa rica lhes dê ideias. Eles conseguem pensar por conta própria.

– Cavalheiros. – A Srta. Pursling bateu na mesa com os nós dos dedos, o primeiro som alto que fez. – A questão da vacinação pode ser adiada para depois. Agora estamos falando sobre o *desinfetante*, e preciso lembrá-los de que esse desinfetante ajuda a proteger contra a cólera e a gripe, duas doenças para as quais não há vacina?

– Ah, Srta. Pursling – disse Grantham suavemente. – Usando fatos para

resolver conflitos. Que ousado da sua parte.

A Srta. Pursling nem piscou em resposta, mas Robert imaginou que ela deveria estar se sentindo desconfortável até mesmo com aquela pouca atenção.

– Está resolvido, então – falou ela. – Marybeth Peters e eu iremos espalhar os folhetos...

– Duas mulheres andando sozinhas na rua? – interveio Stevens. – Acho que não.

– Se for necessário, eu posso acompanhá-las – falou Grantham. – E, Srta. Pursling, talvez a senhorita pudesse levar aquela sua amiga, a Srta. Charingford, não é?

Aquela era a mulher que tinha batizado Stevens com ponche. Com a alfinetada, o rosto do capitão ficou quase tão vermelho quanto a bebida que tinha sido jogada nele mais de uma semana antes.

– Os três entregando panfletos sobre a Cooperativa? – zombou. – Não vou permitir que radicais assim se encontrem na minha cidade. Não enquanto eu estiver aqui. *Eu* vou acompanhá-las. E pode dizer para a Srta. Charingford ficar em casa, onde é o lugar dela.

– Já que tem tanto medo de uma única jovem – disse Grantham de maneira suave –, duvido que será capaz de proteger as moças como deve. Eu vou.

– Que o diabo o carregue – rosnou Stevens. – Na verdade, que o diabo carregue todo esse...

– Eu vou – disse Robert.

Ao som da sua voz, todos se viraram na direção dele. Os olhos da Srta. Pursling se arregalaram. O Dr. Grantham o encarou com uma expressão intrigada. Mas Stevens empalideceu.

– Com certeza – disse Robert –, não suspeita que *eu* tenha tendências radicais, não é, Stevens?

– Vossa Graça! – Stevens se pôs de pé. – É claro que não, Vossa Graça. Mas é claro que não seria adequado que o incomodássemos. E... o que o senhor está fazendo aqui?

Robert dispensou a pergunta com um gesto indiferente.

– Não é incômodo nenhum. Isso me dará a oportunidade de conhecer a cidade a pé.

A Srta. Pursling lhe lançou um olhar repressivo.

– A Srta. Pursling já se deu ao trabalho de convencer a Cooperativa a vender essa solução a um bom preço – acrescentou Robert. – Será um prazer ver todo o trabalho árduo dela ser recompensado.

Na verdade, a Srta. Pursling parecia bem aborrecida por todo o crédito ter sido tão claramente dado a ela.

– Mas...

– De acordo – disse o Dr. Grantham.

– De acordo – rosnou Stevens.

E com isso só faltava ajustar os detalhes com a Srta. Pursling. Ela apenas lançou um olhar venenoso a Robert antes de se virar para contemplar o nada, com as mãos entrelaçadas. Não se voltou para ele de novo pelo resto da conversa – nem mesmo para fulminá-lo com o olhar. Tampouco reconheceu a presença dele quando todos se levantaram. Em vez disso, concentrou-se em organizar seus pertences.

Robert se aproximou antes que ela tivesse a chance de desaparecer.

– Devo mandar um recado, então, para determinamos um horário adequado para distribuir os folhetos?

Ela não olhou para ele enquanto colocava os papéis e um lápis numa bolsa fininha.

– Se for melhor para Vossa Graça.

– Podemos decidir agora.

– Se é o que Vossa Graça deseja.

A Srta. Pursling estava propositalmente virada para ele de perfil – o lado da cicatriz exposto. De um ponto de vista objetivo, Robert sabia que a cicatriz era o tipo de falha numa perfeição assimétrica que faria a maioria dos homens olhar para longe da moça, sem querer sequer ter um vislumbre da marca. Mas não o incomodava. Ela usava a cicatriz como uma máscara de fantasia de baile, como se pudesse utilizá-la para mantê-lo longe.

– Estarei fora da cidade nos próximos dias – avisou Robert. – Combinei de acompanhar meu primo... bem, não importa.

A Srta. Pursling abaixou a cabeça.

– Como for conveniente para o senhor, Vossa Graça. De qualquer jeito, os folhetos corrigidos não serão impressos nos próximos dias.

– Pode ser na próxima quinta, então?

– Quando for mais fácil para o senhor.

– Vamos marcar às duas da madrugada então – sugeriu Robert. –

Quando os ursos saem para caçar.

Ela enfim ergueu a cabeça, com um olhar rápido de raiva que foi logo suprimido. Robert suspirou. A Srta. Pursling se esforçava ao máximo para não chamar atenção – com aquela voz suave, aquele jeito discreto de mencionar as próprias façanhas. Robert perguntou a si mesmo se havia alguma conexão entre a cicatriz na bochecha e o ar reticente da moça. Afinal, ela não era quieta como as pessoas naturalmente tímidas. Aquele silêncio tinha uma origem diferente.

– Vamos lá, Srta. Pursling – insistiu Robert. – Isso é o melhor que consegue fazer? Não achei que fosse do tipo que faz ameaças em vão.

– Não sei do que está falando.

Ela virou um pouco a rosto para longe dele. E aquilo era uma leve *empinada* do nariz?

Era, sim. Ela tinha mesmo erguido o nariz para Robert.

Ele conteve um sorriso.

– Tínhamos um acordo – disse ele em voz baixa, tão baixa que o Dr. Grantham, que estava próximo à porta, ajustando o casaco, não conseguiria ouvir. – Eu vou flertar com a senhorita, e a senhorita vai tentar destruir minha reputação. Mas ainda não cumpriu sua parte do acordo. Não fez absolutamente nada contra mim. Nunca achei que fosse uma caloteira.

Ela inclinou a cabeça para olhá-lo de lado.

– Mil perdões, Vossa Graça. – Seu tom de voz não soava nem um pouco arrependido. – Estava esperando que eu lhe desse relatórios com atualizações?

Enquanto falava, ela fechou as fivelas da bolsa.

– Imaginei que a senhorita ia dar umas alfinetadas preliminares, sim.

O olhar dela era gélido.

– Está claro que o senhor tem expectativas bem baixas de si mesmo. Independentemente dos seus defeitos, *eu* não dou alfinetadas prematuras.

Robert se engasgou com uma risada atrapalhada e indignada, e olhou ao redor. Mas não havia mais ninguém por perto para ouvir aquela declaração.

A Srta. Pursling dobrou a amostra de folheto que tinha trazido, que estava cheia de anotações com os comentários da Comissão, e a colocou no bolso da saia.

– Pode ter certeza de que não fico exibindo minha estratégia para os inimigos. Isso seria idiotice.

– O que quer dizer é que ainda não encontrou nenhuma prova.

Ela olhou para ele com uma expressão calma e balançou a cabeça.

– O que quero dizer é que não sou tão orgulhosa a ponto de revelar tudo que descobri só porque o senhor insiste nesse interrogatório tolo.

– Ora! – disse Robert, com um sorriso pesaroso. – Primeiro me acusa de ficar alfinetando de forma prematura, depois de fazer um interrogatório tolo. Tenha dó do orgulho dos homens.

A moça abriu um sorrisinho e se inclinou para fazer um afago na mão dele.

– Queira me perdoar – disse com voz doce. – Não tinha ideia de que o senhor era tão suscetível a um... *orgulho* murcho.

Naquele tom de voz baixo e confiante, a insinuação fez com que uma onda de calor viajasse pelo corpo de Robert. *Murcho* era exatamente o oposto de sua realidade.

A Srta. Pursling colocou a bolsa no ombro e se encaminhou para a porta. Tinha dado dois passos antes de se virar e lançar um sorriso lento para Robert, daqueles que pareciam lhe dar uma facada no intestino.

– Tenho certeza de que o que o senhor tem entre as pernas é tão grosso quanto sua cabeça é dura.

De jeito nenhum Robert ia deixá-la ir embora com aquela fala condescendente e carregada de erotismo, deixando-o fervendo de desejo.

Ele deu três passos e pousou a mão na manga do vestido dela.

– Espere.

Mas a Srta. Pursling não esperou, então Robert teve que segui-la, mantendo-se em silêncio enquanto abriam caminho pela hospedaria até a rua. Eles saíram e, quando já tinham se afastado o bastante para que ninguém por perto pudesse ouvi-los, Robert voltou a falar.

– O que eu quis dizer é que *sei* que a senhorita ainda não descobriu nada. Sei que, usando um pregão para esse seu folhetinho como desculpa, a senhorita visitou todas as gráficas da cidade atrás de alguma prova de que estão trabalhando comigo. E não encontrou evidência alguma.

A Srta. Pursling parou de andar, inclinou a cabeça e se virou para ele.

– O senhor está me observando – concluiu.

– Não exatamente. Seria um tanto sórdido mandar que alguém a seguisse. Mas pedi a alguns comerciantes que me contassem o que a

senhorita anda perguntando. – Ele sorriu. – Já que eu não estava esperando que me desse relatórios com atualizações.

Ela deu de ombros.

– Seria sórdido se mandasse que seguissem uma amante por causa de um surto de ciúmes. Mas lembre que somos inimigos. Ficar de olho em mim é apenas prudente. Acho formidável.

Ela recomeçou a andar. Robert ficou olhando para ela, confuso.

Tentava ser honesto consigo mesmo. Tinha que ser, já que tão poucas pessoas eram. Seu amigo Sebastian conseguiria seduzir até as mulheres mais formidáveis e respeitáveis da alta sociedade – e tinha feito isso algumas vezes. Já Oliver estava armado com uma sagacidade afiada e com o dom de fazer os outros se sentirem confortáveis. Ele conseguia fazer as mulheres rirem.

Já Robert... Eram raras as vezes que conseguia pensar numa resposta quando estava no meio de uma conversa inebriante. De vez em quando pensava em uma frase inteligente... horas depois. Porém era comum cometer o pior pecado de todos: falava o que realmente pensava. E por isso proferia pérolas como “Gosto dos seus seios”. Aquele não tinha sido um de seus melhores momentos.

– Não – falou para a Srta. Pursling, balançando a cabeça ao alcançá-la.

– Por que temos que ser inimigos? Podíamos ser... aliados.

Ela estreitou os olhos para ele, cética.

– Por quê? Por acaso o senhor precisa da ajuda de mulheres meio cegas e praticamente encalhadas?

Ele fez uma careta.

Os lábios dela se contraíram.

– Deixe para lá. Vi como agiu na casa dos Finneys. É óbvio que o senhor precisa de ajuda.

Ele ignorou essa fala.

– Porque, quando a senhorita começou a procurar uma prova de que sou o autor dos folhetos, primeiro fez uma lista de todas as gráficas da cidade, e depois visitou todas elas sistematicamente. A senhorita é... uma boa estrategista. Gosto disso.

Ela tamborilou um dedo enluvado sobre os lábios.

– O senhor insiste em afirmar que não descobri nada – ponderou. – Mas

está errado. Descobri que os folhetos não foram impressos em Leicester. E, como o único suspeito não é daqui, eu diria que fiz um bom progresso.

Robert pestanejou. Tinha a impressão de que estava perdido naqueles olhos cinza serenos, incapaz de parar de olhá-la. Era um duque. Ela era uma... como tinha se chamado? Uma mulher meio cega e praticamente encalhada. Em teoria, aquela luta jamais seria justa.

— O senhor acha que, porque identificou um dos meus propósitos, sabe o que estou fazendo — disse a Srta. Pursling — Mas essa consulta às gráficas foi um tipo de ataque descoberto.

Tão perto assim dela, Robert começava a ver a diferença. Ela ainda estava olhando para o chão, ainda parecia tímida e recatada de modo que qualquer pessoa a mais de três passos de distância não tivesse ideia do que dizia. Mas as mãos estavam mais agitadas. Os lábios tremiam, quase abrindo um sorriso.

— O que quer dizer com “ataque descoberto”?

— É um termo tático. — Ela uniu as mãos. — No xadrez, durante um movimento, fazemos duas coisas. Primeiro, avançamos a peça, e o espaço que ela passa a ocupar tem significado. Mas também deixamos vazio o espaço em que a peça estava, expondo o jogo do oponente a ataques de longo alcance. É importante sempre saber onde estamos e o espaço que deixamos para trás.

— Não me parece que a senhorita só é boa de estratégia — disse Robert, piscando ao olhá-la de cima. — Parece que recebeu treinamento tático de verdade. Como uma mulher meio cega e quase encalhada aprende tal coisa?

Na verdade, como *qualquer* mulher aprenderia tal coisa? Mas a Srta. Pursling não parecia estar preocupada.

— Juntei uma pilha de documentos que *vão* apontá-lo como o culpado. O que o senhor fez, Vossa Graça? Fingiu flertar comigo.

Ele tornou a piscar, completamente surpreso. Ela nem sequer estava olhando para ele. Claro que não. Estava estudando o chão, como se fosse uma mulher comum, pálida e oprimida, que era incapaz de olhar um duque nos olhos.

— Fingi? — Robert se sentia quase perigoso. — A senhorita não me olha nos olhos. Murmura essas respostas perspicazes em sussurros. Esconde qualquer pista que possa mostrar como é inteligente. É a senhorita que está fingindo, minha querida.

Os olhos dela se arregalaram um pouco.

– Isso... só estou me conformando às pressões da sociedade...

– Está, é? Olhe para cima, Minnie. Me olhe nos olhos. Deixe que todos na rua saibam o que sabemos ser verdade. A senhorita não está me respeitando. Está me desafiando. Olhe para *cima*.

Ela não olhou. A cabeça continuou curvada, teimosa. Robert queria segurar a moça e sacudi-la. Queria pegá-la pelo queixo e forçá-la a encará-lo nos olhos. Queria...

Queria fazer muitas coisas depois disso, mas não conseguiria nenhuma delas usando a força.

– Não estou *fingindo* flertar com a senhorita – falou ele em vez de agir.

– Não tem fingimento nenhum. Eu a quero. Meu Deus, como eu a quero.

Ela soltou uma leve arfada e depois – quase de forma involuntária – ergueu o olhar.

Naquele curto momento, Robert viu algo que achou não ser fingimento – um desejo desesperado na forma como o rosto dela estava inclinado na direção dele, uma palpitação na respiração irregular. Os lábios dela se entreabriram, e de repente ela estava devastadoramente linda.

Mas então ela fechou os olhos e tornou a baixá-los. O som de sua respiração estava mais nítido; as mãos estavam fechadas em punho junto ao corpo. Ela balançou a cabeça.

– Sorte sua – falou com amargor. – Sorte sua poder planejar e analisar e conspirar sem fingimento. Poder querer abertamente, não ter que guardar tudo dentro de si e deixar que apodreça. Sorte sua poder erguer os olhos para o céu sem queimar as asas. Sorte sua poder pensar no futuro sem sentir terror.

As mãos dela estavam começando a tremer.

– Eu ergui os olhos para o céu. – A voz dela era um sussurro urgente. – E caí de uma altura que o senhor não pode imaginar. Então não me venha com lições de moral. Só quero fingir que isso é o bastante. Que consigo me sentir satisfeita com as migalhas que sobraram.

Robert teve de novo aquela sensação de estar olhando para uma grande fera que dava voltas na jaula. Queria lhe tocar a bochecha, erguer sua face para a dele. Queria lhe dizer num sussurro que tudo acabaria bem.

Em vez disso, apenas disse:

– Minnie.

Ela fez uma careta.

– Não diga meu nome assim. Por favor, Vossa Graça. Se o senhor se importa um pouco que seja comigo, só *finja* flertar. Não flerte de verdade.

– Minnie – insistiu ele. – Quem você seria se não dedicasse três quartos do seu tempo a esconder o que consegue fazer?

Ela balançou a cabeça.

– Não me diga para olhar para cima. Não me peça que eu queira algo. Se eu fizer isso, não vou sobreviver.

A voz dela soava trêmula. Pelo tom, Robert teria imaginado que ela estava à beira das lágrimas, mas os olhos estavam secos e límpidos e presos ao chão.

Naquele momento, ele só queria pegá-la nos braços e segurá-la, queria fazer com que ela se sentisse a salvo do que quer que temesse. Se ela tivesse erguido os olhos para ele apenas por um segundo, ele a teria beijado, e que todos ao redor fossem para o inferno.

Mas ela não o fez. Em vez disso, pareceu reunir aquela calma forçada e graciosa a cada inspiração.

– Marybeth Peters está me esperando perto da bomba d’água – falou, e a voz voltou a ser suave. – Permita que eu me retire, Vossa Graça.

Não era uma pergunta. Ele não tinha escolha.

Então ele a observou ir embora, deixando-a retomar a caminhada, impaciente, dentro dos confins da jaula.

Capítulo sete

Quando Minnie chegou em casa, as tias-avós a encontraram na porta, agitadas. O motivo para a animação logo ficou claro quando informaram que Walter Gardley a esperava na sala de visitas. Sozinho.

Gardley. De todos os momentos em que ele poderia ter aparecido, tinha que ser naquele?

Minnie pousou a mão na barriga. Era como se um fogo queimasse dentro dela, como se estivesse saciada por todas as coisas que o duque dissera.

É uma mulher inteligente e brilhante.

Olhe para cima.

Eu a quero. Meu Deus, como eu a quero.

Não podia falar com Gardley enquanto se sentisse assim, mas não tinha muita escolha. Se pedisse para ser deixada em paz, ele voltaria. E se não voltasse...

Ela alisou a saia e entrou na sala.

Gardley se levantou.

– Aí está a senhorita – disse ele, como se a tivesse perdido e só então a reencontrasse entre os tufo de poeira acumulados embaixo do divã.

Minnie tentou se convencer de que ele não era tão ruim assim. Em comparação com os outros, não era feio. Só tinha alguns anos a mais do que ela e não parecia que ia ficar careca.

É a senhorita que está fingindo, podia ouvir a voz do duque sussurrando

às suas costas.

– Sr. Gardley – forçou-se a falar, com toda a acolhida que conseguiu expressar. – Como posso ajudá-lo?

Ele a fixou com um olhar indiferente.

– Bem, Minnie, minha mãe está me perturbando para resolver as coisas. Já fiz o necessário. Vou anunciar na missa de domingo que nos casaremos em dezembro.

Ele estava tão convicto que ela aceitaria que nem esperou a resposta. Arrumou o casaco e se ajeitou de novo na cadeira, sem esperar que Minnie sentasse primeiro.

– Acho que no meio do mês será melhor para nós.

Quem seria se não dedicasse três quartos do seu tempo a esconder o que consegue fazer?

Era estupidez comparar o disponível Walter Gardley com o inacessível duque de Clermont. Ainda assim, Minnie não conseguia evitar. Gardley perdia de todas as formas. Havia aquela leve pança logo acima do cinto, o jeito como ele se jogara na cadeira sem esperar que Minnie se sentasse primeiro. Havia o que ele dissera sobre ela. O homem pensava que ela era uma ratinha quieta que aceitaria o lugar onde fosse colocada. Que não reclamaria de amantes.

E, além disso, havia as coisas que ele *não* fazia.

Gardley não fazia com que Minnie sentisse nenhum frio na barriga. Não fazia com que ela perdesse o ar. Nunca tinha sequer fingido flertar com ela.

Não me parece que a senhorita só é boa de estratégia. Parece que recebeu treinamento estratégico de verdade.

O futuro dela estava em jogo. Não havia espaço para ser irracional. Qualquer mulher na posição de Minnie teria que aceitar as imperfeições do pretendente. Uma pancinha, algumas amantes – não era isso que a incomodava. Ele a queria porque achava que Minnie ficaria agradecida por ser desejada. E não estava errado. Ela *estava* agradecida. Ela *era* patética. Não era?

– Não – Minnie se ouviu dizer.

Gardley deu de ombros.

– Depois do Natal, então. Imagino que queira passar as festas com suas tias-avós, não é? Acho que posso permitir isso.

Minnie respondera à própria pergunta em voz alta. *Não, ela não era*

patética. Mas dar voz àquela palavra lhe trouxe clareza em relação à empreitada. Gardley queria Minnie porque achava que ela era patética. E ela seria, se casasse com ele.

– Vai permitir que eu escolha a data do meu próprio casamento? – murmurou. – Que tolerante da sua parte.

Ele ergueu a cabeça.

– Tolerante? Não pense que serei um marido tranquilo só porque vou permitir isso. Não serei nem um pouco. Se tentar qualquer truque depois que estivermos casados, Minnie, vou pô-la na rua. E ambos sabemos que não tem para onde ir.

Minnie não conseguia respirar.

Meu Deus, ela não conseguia respirar.

Nada que Gardley dissesse era surpreendente. No entanto, Minnie tinha imaginado que aquele casamento – mesmo com um homem que lhe causava desconforto – lhe traria proteção e segurança. Na mente dela, o casamento duraria para sempre. Nunca tinha pensado que outra pessoa teria uma visão diferente.

Se casasse com ele, só ficaria *mais* desesperada, não menos. Se a verdade sobre quem era fosse revelada um dia, Gardley a abandonaria, independentemente do casamento.

Minnie alisou a saia.

– Sr. Gardley, eu disse não para todo o pedido, não apenas para a data do casamento. Agradeço, mas não.

Ele franziu o cenho e esfregou a testa.

– Por que dizer não?

Depois do discurso dele?

– O senhor acha que sou calada, submissa e obediente.

Mesmo naquele momento, a voz dela estava baixa, pouco preenchendo sala. Gardley se mexeu, e o assento rangeu alto. Minnie sentia que os sons dele a afogavam.

Ele soltou uma risadinha forçada.

– Seu caráter feminino, Srta. Pursling, é seu maior louvor. – Ele se inclinou. – Nunca pense que é fraca por ser flexível.

– Sr. Gardley, o senhor não está me entendendo.

– A mulher se curva como o bambu na ventania – continuou ele, sem esperar que ela terminasse de falar. – O homem tomba como um carvalho. –

Ele franziu o cenho. – Ou seria um pinheiro? Sim. Quando o vento é forte, o homem tomba como um pinheiro. – Ele estendeu a mão para ela. – Eu a escolhi porque a senhorita entenderia minhas necessidades e porque acredito que tem a habilidade de executá-las.

Olhar para cima? Não, o duque de Clermont tinha entendido tudo errado. Ela precisava olhar para baixo. Ela se permitira acreditar que Gardley lhe oferecia certa segurança. O problema tinha sido otimismo demais, não de menos. Gardley deixara claro que não sentia nenhuma lealdade por ela. Onde estava a segurança nisso?

– Isso é ridículo – disse Minnie. – As mulheres também tombam como um pinheiro. Como pode achar que sou tão flexível, se estou me recusando a casar com o senhor?

– Está... está recusando? – As sobrancelhas dele se franziram. – Não pode recusar. Era esse o objetivo...

Ele se interrompeu para tossir, fazendo uma careta.

– Era esse o objetivo de dizer para sua mãe que estava me cortejando? – complementou Minnie por ele. – Que ia escolher uma mulher que ela aprovasse, uma mulher tão desesperada que nunca diria não, mesmo se o senhor nunca se desse o trabalho de tentar me conquistar?

Ele ficou em silêncio. Não era homem o bastante para olhá-la nos olhos e admitir a verdade. Por fim, deu de ombros.

– O que quer de mim? Quer que eu a leve para passear algumas vezes?

Stevens ainda suspeitava dela. A ameaça de ser exposta era maior do que nunca. Mas, caso se casasse com Gardley, Minnie nunca estaria segura. Perceber isso a aterrorizava mais do que qualquer outra coisa. Por muito tempo, o casamento fora como um talismã. Mas não era suficiente. Minnie não sabia mais o que seria suficiente.

Ela esticou os braços e virou o rosto de Walter Gardley em sua direção. Ele se recusava a encará-la e, como os olhos dele ficavam se desviando para longe da cicatriz, no final ele os fixou no canto da bochecha esquerda dela.

– Não – falou Minnie em voz baixa. – Não vou me casar com o senhor. Gardley parecia absolutamente atordoado.

– Mas... mas... o que a senhorita vai fazer? – perguntou.



– Mas o que vai fazer? – perguntou Eliza menos de trinta minutos depois.

Minnie estava sentada na sala de estar, com as tias-avós sentadas no sofá diante dela. As agulhas de Eliza tilintavam enquanto ela cuidadosamente cerzia uma meia. Carol apenas observava Minnie, com os braços cruzados.

Sempre saiba o caminho a seguir. Essa tinha sido uma das regras do pai dela. Por que ainda se prendia àquelas regras, depois de tudo que ele tinha feito com ela, Minnie não sabia. Talvez porque esquecê-las faria com que sua infância fosse não apenas o resultado de mentiras, mas inteiramente falsa. Ainda assim, Minnie balançou a cabeça.

– Queremos que você seja feliz – disse Carol. – E eu nunca lhe diria que você não deve ter ambições na vida. Mas o segredo é desejar coisas *adequadas*. Veja bem, se eu quisesse ser a rainha da Inglaterra, nunca ficaria satisfeita.

– Eu não quero ser a rainha da Inglaterra.

Minnie abraçou o próprio corpo.

– Não, não. – Carol deu um sorriso triste. – Só estou dizendo que você deve desejar coisas que estejam ao seu alcance. Mais do que isso e vai se machucar.

Minnie se levantou.

– Não recusei o pedido de Gardley porque sou ambiciosa. Não é que eu ache que posso conseguir algo melhor. É que nada seria pior.

Carol tentou, sem sucesso, reprimir um suspiro.

– Pensem pelo lado lógico – pediu Minnie. – Era assim que eu devia ter pensado antes. Se eu casar com alguém que quer uma esposa calada e obediente, ele vai me mandar embora se descobrir sobre meu passado.

As agulhas de Eliza pararam de se mexer.

Era um assunto perigoso, e todas sabiam disso.

Olhe para cima. Mas ela não ia olhar. Se fizesse isso, pensaria em um homem de pé ao seu lado, com o sol refletindo nos cabelos loiros dele enquanto dizia como Minnie era inteligente.

– Você é calada, Minnie – disse Eliza por fim. – Não queremos que vá contra a sua natureza.

Calada, sim. A voz dela não fora feita para ser projetada. Ela não gostava de chamar atenção. Nunca seria feliz em qualquer lugar que não fosse fora de foco. Já quanto a ser obediente...

Minnie quase conseguia ver Clermont com o canto dos olhos, como se ele ainda estivesse ali ao seu lado. Ele tinha olhos azuis brilhantes e um sorriso que aumentava ao vê-la. Minnie pensou na mão dele segurando seu pulso antes que pudesse socar o sofá mais uma vez. No timbre rico da voz dele quando se postou ao lado dela e disse...

Eu a quero.

Minnie balançou a cabeça. Se voasse tão alto assim, com certeza iria se queimar. Tudo que ela queria era um pouco de segurança.

– Os homens procuram vários tipos diferentes de esposa – disse Eliza. – Esposas belas e animadas. Esposas ricas e complacentes. Esposas nobres e orgulhosas. Ninguém está procurando uma garota tímida e inteligente com um pai que morreu cumprindo uma sentença de trabalho forçado.

Minnie colocou os dedos na ponte do nariz, fazendo pressão para tentar aliviar a dor. Não ajudou. As barreiras de sua vida a prensavam como as paredes de uma prisão. Olhar para cima? Com rochas duras abaixo dos pés, se ela olhasse para cima, iria tropeçar.

– Faça uma lista das suas características – disse Eliza – e pergunte a si mesma que homem iria querê-las.

Eu a quero. Mas Clermont também não a conhecia.

– Suas escolhas são suas – continuou Eliza. – Não vamos roubá-las de você.

Não. Elas nunca *roubavam* as escolhas de Minnie. Apenas salientavam – com gentileza, meiguice e irredutibilidade – que ela não tinha muitas. As mãos de Minnie tremiam. A única coisa em que as tias-avós tinham errado era em deixá-la acreditar que *tinha* uma escolha.

Ela não conseguia ver como prosseguir. Não conseguia ver nenhum futuro. Sentia que estava sufocantemente cega.

Só havia uma coisa que ela podia fazer: continuar na direção que já estava seguindo. Evitar a ruína por mais uma semana, rezar para que um refúgio aparecesse onde nunca houvera um. E, para isso, precisava encontrar provas do que Clermont tinha feito. Tinha que dar o próximo passo e ter esperança no futuro.

E isso significava que...

– Vou para Londres amanhã – anunciou Minnie.

Os olhos de suas tias-avós se arregalaram, e elas pestanejaram. Eliza se ajeitou no sofá, endireitando as costas.

– Mas...

– Você já...

– É por causa de um emprego?

As duas falaram uma por cima da outra. Suas mãos se encontraram no espaço entre elas no sofá.

– Cuidado – alertou Carol. – Li sobre esses arranjos no jornal. Madames sem credibilidade anunciam ofertas de emprego com um ótimo pagamento, e depois...

– Não vou procurar um emprego – afirmou Minnie. – As senhoras têm razão. Não posso olhar para cima. Não posso sonhar. Não vou ousar. A única coisa que posso fazer é dar o próximo passo.

Carol franziu o cenho.

– E o próximo passo é... ir a Londres?

– O próximo passo é ganhar o jogo que estou jogando – disse Minnie. – E isso significa que preciso falar com alguns vendedores de papel. Estarei de volta em três dias.

As senhoras trocaram um olhar – um olhar cauteloso, que fez o coração de Minnie doer. Mas ela não podia explicar nem desistir. E, apesar de não ser muito aceitável que uma jovem da idade dela viajasse sozinha de trem, Minnie não era uma debutante que teria que justificar onde esteve em todas as horas de todos os dias.

– Bem – disse Carol por fim –, se é o que acredita que precisa fazer... Você tem... tem condições de ir?

– Tenho.

Tinha o dinheiro dos ovos, apesar de esse nome ser enganoso. Quando Minnie chegara à maioridade, as tias-avós a tinham responsabilizado pelas galinhas – e dariam a ela todo o lucro que as aves gerassem. Era um presente, já que elas poderiam ter ficado com aquela renda. Mas não fora apenas dinheiro que lhe deram, mas um presente de independência. E as duas raramente podiam se dar ao luxo de abrir mão de algo assim.

Deixaram que Minnie voltasse ao quarto para se preparar. Mas, em vez de arrumar as malas, a moça se sentiu atraída pelo tabuleiro de xadrez abandonado no fundo de seu baú. Fazia doze anos desde a última vez que tinha olhado para ele, e ainda assim ela se aproximou com severa cautela. Minnie se ajoelhou em frente ao baú de madeira, retirou o pano que o

cobria e abriu as travas. O metal resistiu, e foi preciso empurrar a palma nas travas e fazer força.

O tabuleiro de xadrez estava no fundo, escondido debaixo de roupas velhas e um punhado de frágeis recortes de jornal. *Ali*. As peças eram de ébano e marfim, ao mesmo tempo estranhamente familiares e peculiares. As primeiras memórias de Minnie eram daquele tabuleiro – de levantar peças que na época lhe pareciam grandes e pesadas. Agora ela conseguia fechar as mãos ao redor do peão e escondê-lo por completo.

Minnie tirou o tabuleiro do baú e pegou as peças na bolsinha de veludo em que ficavam guardadas. Colocou tudo em cima da escrivaninha. Mesmo depois de todos aqueles anos, ela não precisava pensar no lugar certo das peças. Dama, rei e uma fileira de peões tomaram seus lugares. Se Minnie fosse uma peça em um jogo de xadrez, seria... Não, não seria sequer um peão. Tinha se tornado tão pequena que não era digna nem disso.

Antes, o ato de arrumar as peças no tabuleiro costumava animá-la. O começo de cada jogo era cheio de possibilidades. Tudo podia acontecer. Todas as escolhas estavam disponíveis. Mas Minnie não sentia mais nada disso. Ficou olhando as peças e percebeu que não estava no começo desse jogo, mas perto do final. A essa altura, havia partes inteiras do tabuleiro que não estavam mais ao seu alcance, peças que haviam sido roubadas, movimentos que ela nunca poderia fazer.

Não lhe sobrava quase nada no tabuleiro. Mas, ainda assim, ela pegou os óculos, colocou-os no rosto e começou a estudar as peças.

– Há um momento em quase todo jogo em que a vitória é inevitável – dissera o pai dela certa vez. – Quando cada movimento seu força o inimigo a reagir e, ao reagir, ele cava a própria cova.

Que estranho. Minnie não se lembrava mais da aparência do pai, mas conseguia visualizar precisamente como o jogo estava disposto no momento em que eles tiveram aquela conversa. Ela tirou peças do próprio tabuleiro, deixando apenas as que tinham estado lá naquele dia. O bispo e o cavalo dela, ameaçando a torre dele. A dama dela cercada por dois peões, que eram a única proteção frágil que sobrara ao pai contra a ofensiva de Minnie.

– Já chegamos a esse momento? – perguntou o pai. – Planeje o que vai acontecer. Sempre saiba o que vem pela frente.

Minnie encarara o tabuleiro, estreitando os olhos – e naquele momento enxergou a vitória pela primeira vez. Poderia forçar para longe aqueles

peões protetores. Seriam roubados pelos cavalos e pela dama, e a torre de Minnie entraria em combate e forçaria o rei do pai contra o ataque do bispo dela.

– Sim – dissera ela, maravilhada. – Chegamos.

– Então, no próximo movimento, quando pegar a peça, beije-a. Bem assim, meu amor.

Minnie pegou o bispo. Na lembrança, a peça era enorme, e as mãos dela eram gorduchas. Não devia ter mais do que seis anos.

– Por quê? – perguntara.

– Tradição da família Lane. – O pai abrira um sorriso. – Quando você tiver encurralado o adversário, lhe dê um beijo para mostrar que não há ressentimentos.

Depois disso, sempre que jogavam – quando um deles chegava perto do xeque-mate –, o pai ria e dizia que um beijo estava próximo. Minnie queria se lembrar dele assim – caloroso e sorridente, ensinando-lhe tudo que sabia. Rindo, dizendo que ela era o centro da existência dele. Minnie tinha que se lembrar do pai assim, porque a alternativa era pensar sobre quem ele fora no final.

Olhar para cima? O pai não tinha lhe dito para olhar apenas para cima. Ele a tinha ensinado a voar. E quando ela chegara ao topo do mundo, ele a arrancara do céu.

Capítulo oito

No final das contas, passaram-se vários dias antes que Robert conseguisse levar Sebastian a Leicester – principalmente porque Violet, a recém-viúva condessa de Cambury, insistiu em acompanhá-lo.

– Em primeiro lugar – dissera Violet, alfinetando Robert com o olhar –, estou cansada de ficar sentada numa propriedade em Cambridgeshire sem nada para fazer. Em segundo, você vai precisar de alguém para manter Sebastian na linha.

Ela acenara com a cabeça para Sebastian, que tentara fazer cara de inocente.

Havia certa verdade naquela declaração. Violet *conseguiu* fazer Sebastian se comportar – teoricamente – quando queria. A condessa era dois anos mais velha que os dois. Crescera na propriedade vizinha à de Sebastian e, até ser considerada velha demais para brincar com garotos, os tinha acompanhado nas aventuras de verão.

Mas Robert tinha muito mais lembranças de Violet em surtos de raiva, beliscando Sebastian e o mandando escalar árvores para procurar ovos de falcões, do que convencendo Sebastian a se comportar.

– E, por último – prosseguiu ela –, sua mãe realmente gosta de mim, e, se quisermos distraí-la, um ataque duplo vai funcionar melhor. Sebastian pode espantá-la, e eu a atraio para longe de vocês.

Mas foi Sebastian quem deu o principal incentivo, depois de Violet ter desaparecido logo na primeira noite.

– Veja bem – dissera para Robert –, ela está de luto por um homem que odiava. Dê a ela a oportunidade de sair um pouco.

Então Robert cedera – e, portanto, se encarregara de providenciar uma comitiva de criados, damas de companhia e camareiros e de enviar mensagens para reservar quartos em um hotel, já que Violet não poderia ficar nas instalações de solteiro dele. Passaram-se mais de quarenta e oito horas antes que Robert, o primo, a condessa de Cambury, nove criados, dois gatos e uma coruja estivessem na plataforma da Euston Square, em Londres.

Os criados estavam ocupados colocando a bagagem no compartimento adequado, e Robert aproveitou esse momento para caminhar com o primo. Havia uma leve brisa, suficiente para deixar o ar na plataforma fresco e agradável. O cheiro de tabaco queimando – essa foi a desculpa que Robert usou para não se sentar na estação ao lado de Violet – contrastava de forma pungente com o cheiro das folhas de outono.

Ele caminhava ao lado do primo, e todas as suas inúmeras preocupações pareciam ter diminuído.

– Então – falou para Sebastian –, pelo jeito estão mesmo se mobilizando para arranjar uma posição para você em Cambridge. Considerando o que costumavam dizer quando você estudava lá, imagino que fosse a última coisa que esperava. Está surpreso?

Sebastian lhe lançou um longo olhar.

– Não sou mais um estudante, como você bem sabe.

– Não finja que mudou desde aquela época.

Isso lhe provocou um sorriso travesso.

– Espere só até eu recusar a oferta – disse o primo. – Isso, sim, vai chocar todo mundo.

Robert piscou e olhou para o outro com mais atenção. Sebastian era conhecido por ser piadista, mas levava o trabalho atual muito a sério.

– Você vai recusar?

– Infelizmente, sim. – Sebastian colocou as mãos nos bolsos. – Até Newton teve que conseguir uma dispensa de Carlos II porque não acreditava no Trinity College. Oxford está ficando mais liberal, mas Cambridge... – Ele deu de ombros. – Lá as coisas continuam na Idade Média. Insistem em aderir à doutrina da Igreja da Inglaterra. Metade dos cientistas da natureza me quer porque acha que meu trabalho é interessante.

A outra metade acha que me indicar como um membro acadêmico me forçaria a calar a boca.

– E forçaria? – Robert olhou para ele de relance. – Nunca vi você calar a boca sobre nada. E você *realmente* não crê em Deus? Eu li todos os seus artigos, mesmo aqueles que não fizeram o menor sentido para mim, e não me lembro de você ter se posicionado abertamente.

Sebastian deu de ombros.

– Ainda não ouviu? Sou um cientista sem deus, um seguidor apóstata de Darwin.

– Mas até o Sr. Darwin acredita em Deus.

Sebastian não retrucou. Em vez disso, tornou a dar de ombros, resignado.

– Eu não só penso que as espécies evoluíram, como posso provar, de forma científica e confiável, que características são transmitidas de progenitores para os descendentes. Não é pela graça de nenhum ser divino. E consigo provar isso por meio de operações de princípios simples e naturais. – Ele olhou para Robert. – Aos olhos da sociedade, isso significa que não creio em Deus. E quem sou eu para discutir?

– Imagino que essa seja uma pergunta retórica, já que você nunca deixa passar uma oportunidade para discutir com qualquer pessoa.

Sebastian sorriu com prazer e balançou a cabeça.

– Acho que você simplesmente gosta de ser um pária – falou Robert.

– Talvez.

Mais uma vez, Sebastian deu de ombros.

– E conseguiu me distrair sem responder à minha pergunta. Você *acredita* em Deus?

– Vou lhe dar a resposta que daria a qualquer um. Acho que é uma pena que o Sr. Darwin tenha que usar a própria religião como base para o trabalho. As crenças de um homem deveriam ficar entre ele e qualquer divindade que honre ou não. Ninguém pergunta a um tanoeiro se ele crê em Deus. Por que eu tenho que responder? Por que as pessoas se importam?

A fama de Sebastian crescera muito rápido. Tanto que ainda era um choque para Robert descobrir que Sebastian Malheur, com seu intelecto e sua boca suja, primo e antigo cúmplice de Robert, se tornara um cientista famoso. Não que Sebastian não tivesse capacidade. Sempre teve o raciocínio rápido e a inteligência necessários. Mas era mais fácil ver o

primo como o menino travesso que costumava ser em vez de um adulto sério de verdade.

– Além disso – acrescentou Sebastian –, é bem mais divertido ficar zombando de todos. O fato de me recusar a responder à pergunta faz com que todos os velhotes me queiram longe e me excluam da lista de convidados.

Possivelmente isso se devia a Sebastian não ter, de fato, se tornado um adulto sério. Como Robert sentira saudades dele.

O condutor apitou, e os passageiros começaram a embarcar. Robert e Sebastian esperaram no final da plataforma até que as primeiras pessoas aglomeradas se dissipassem, em seguida refizeram o caminho que tinham percorrido. Passaram pelos vagões das bagagens, depois pelas cabines de segunda classe, em direção a seus assentos.

Mas, ao passar por um dos vagões, Robert pestanejou. Não podia ter visto... Ele rapidamente se virou e voltou.

– Ei! – chamou Sebastian. – Você está indo para o lado errado.

Robert respondeu com um aceno, ignorando o primo. Tivera a mais estranha ilusão ao passar por um compartimento – a ilusão de que a mulher que tinha visto de esguelha era ninguém menos do que a Srta. Pursling.

Não podia ser.

Quando parou ao lado da janela, viu que seus olhos não o tinham enganado. A mulher desviou os olhos do livro que estivera contemplando para encarar a janela do outro lado. O sol passou pela poeira acumulada na janela, iluminando aquele nariz – e aqueles lábios – que ele conhecia tão bem.

A Srta. Pursling estava sentada naquele compartimento. Estaria sentada ali por todo o caminho até Leicester – diversas horas sem ter com quem conversar. Ninguém, a não ser que...

Violet também saía da estação. Estava dando ordens ao porteiro.

Robert deu tapinhas no ombro dela.

– Violet – falou –, posso pegar emprestada sua dama de companhia?

Os olhos de Violet se estreitaram de suspeita.

– O quê? Não, você não pode pegar Matilda emprestada. Para que precisa dela?

– Eu... – Ele tentou não olhar na direção da Srta. Pursling. – É...

– É por causa de uma mulher – interveio Sebastian. – Dá para saber pelo

olhar de ansiedade no rosto dele. É por causa de uma mulher.

– Ah, é mesmo? – Violet correu os olhos pela plataforma com discrição.
– Será que é... Não. Não me diga quem é. Vou adivinhar.

Violet conseguia investigar com sutileza. Já Sebastian esticou o pescoço, olhando de um lado para outro com movimentos exagerados.

Robert fez uma careta.

– Pare. Pare com isso. Dá para não ser tão descarado?

– Eu sabia que era por causa de uma mulher! – gabou-se Sebastian, triunfante. – Ele está envergonhado, tem que ser por causa de uma mulher.

Um instante antes, Robert estivera pensando sobre como era agradável estar com pessoas que o entendiam. Ele mudou de ideia. Sentiu as bochechas corarem.

– Se eu admitir que é por causa de uma mulher, vão parar de ficar olhando assim e fingir serem normais?

Violet fungou.

– Ainda não entendo o que uma mulher tem a ver com você precisar de Matilda.

– Ela está sentada num dos compartimentos de segunda classe sozinha – admitiu Robert. – Quero sentar com ela.

Essa declaração foi recebida com um silêncio rígido. Sebastian olhou para Violet. Violet olhou para Sebastian. Seria a mesma coisa se estivessem balançando as sobrelhas com suspeita, acusando Robert.

– *Você* está interessado em uma mulher que está viajando de segunda classe – disse Sebastian por fim.

O olhar de Violet era quase idêntico ao dele.

– Você está interessado numa mulher que está viajando de segunda classe, e está tão interessado que se preocupa com a reputação dela.

Sebastian esfregou as mãos.

– Ah – falou com alegria –, sua mãe vai *amar* isso!

– Eu odeio quando vocês agem assim – resmungou Robert.

Mas era mentira. Normalmente ele adorava quando os dois falavam daquele jeito, o modo como os pensamentos de Violet se encaixavam nos de Sebastian, criando uma conversa desengonçada. Mas naquele momento essa sincronia se mostrava bastante inconveniente.

Violet ergueu o olhar.

– Bem, sinto muito, Robert. Você não pode pegar emprestada minha

dama de companhia.

– Mas...

– Mas – disse Violet, esfregando as mãos com vigor – eu mesma posso acompanhá-lo de bom grado.

Robert engoliu em seco. Tentou imaginar como seria conversar com a Srta. Pursling enquanto a condessa de Cambury assistia a tudo com ávido interesse.

– Segunda classe – disse Sebastian. – Nunca viajei de segunda classe. Vai ser divertido.

Robert se engasgou.

– Não, vocês dois não. Nem pensar.

– Você precisa de nós – disse Sebastian. – São quatro lugares. Se levar só Violet, alguém pode sentar no compartimento com vocês. Tenho certeza de que você não quer acabar com a chance de ter uma conversa particular.

– Mas...

– Você me conhece – interrompeu Sebastian. – Sou a descrição em pessoa.

– Não, você não é. Você é o oposto.

Sebastian abriu um sorriso enviesado.

– Eu só faço pouco caso de você quando não há ninguém por perto para ouvir. Além disso, se *você* não for sentar com essa mulher misteriosa, eu vou. Acho que vi onde ela está.

Robert estava perdido. Talvez fosse melhor simplesmente ir embora e nem falar com a Srta. Pursling. No entanto...

Ele voltou a olhar para o compartimento dela. A moça estava olhando pela janela, pressionando o vidro com os dedos. Não estava contemplando ninguém. Em vez disso, apenas olhava para o horizonte, para longe das colunas altas da estação, como se o que desejasse estivesse muito longe.

– Não diga nada vergonhoso – pediu Robert.

– Eu? – disse Sebastian. – Mas isso não ajudaria em nada. Posso não estudar o comportamento humano, mas, do ponto de vista científico, é necessário não interferir para observar corretamente os rituais primitivos de acasalamento dos...

Meu Deus. Aquilo seria *horrível*. Robert não devia ter dito nada.

– Estou falando sério – disse. – Se vocês dois vão junto, não quero ouvir nem um pio. Nem uma palavra durante toda a viagem.

– Você sabe que pode confiar em mim para ser discreta – prometeu Violet.

– Não estou preocupado com você – declarou Robert, o que era mais ou menos verdade. – Sebastian?

– Fique tranquilo que não vou quebrar meu voto de silêncio até que me dê permissão, sob o risco de perder minha alma imortal.

Uma promessa menos eloquente teria feito Robert sentir mais confiança no primo. Principalmente porque Sebastian se recusava a admitir se acreditava ou não na existência da alma imortal. Ainda assim, Robert abaixou a cabeça e torceu – fervorosamente – para que aquilo não fosse tão ruim quanto temia.



O condutor estava pedindo a todos que embarcassem no trem que saía da Euston Square, e Minnie tinha se escondido no vagão da segunda classe. O compartimento estava quase vazio, e Minnie ocultara o rosto com a capa de viagem. Uma firme expressão de desaprovação normalmente fazia qualquer possível companheiro de viagem fugir às pressas para o próximo compartimento.

Portanto quando a maçaneta da porta começou a sacudir, Minnie adotou uma expressão sombria e pouco convidativa. As dobradiças rangeram, a porta se abriu, e uma mulher entrou no compartimento.

E não era qualquer mulher. Era uma *lady*. Estava vestida nos tons cinza-escuros do meio luto, com laços e fitas de uma tonalidade de lavanda tão clara que quase não tinha cor. Minnie não precisava ver as pérolas na barra das mangas para saber que aquela mulher era rica e importante. Poderia deduzir isso só pelo vestido, com as pregas e os babados nos lugares certos, pelo tecido que esvoaçava com pouco cuidado, pelo ajuste da roupa, que só podia ficar perfeito daquele jeito depois de diversas visitas a uma modista.

O que uma mulher como aquela estava fazendo ali, em um vagão da segunda classe?

As sobrancelhas dela estavam franzidas. Ela bateu de leve com os nós dos dedos no assento à frente de Minnie, como se estivesse se certificando

de que era tão duro quando parecia. Em seguida, deu de ombros, indiferente.

Antes que ela pudesse olhar para Minnie, um homem – um cavalheiro, a julgar por sua aparência, com calças bem passadas e engomadas e um colete vermelho coberto por um longo casaco de viagem – colocou a cabeça para dentro da porta.

– Cobber perdeu o baú de novo – relatou. – E Matilda diz que o porteiro insiste em colocar o segundo caixote na parte de baixo, mesmo com os avisos.

– Ah, inferno – disse a mulher.

O homem não pestanejou com a profanação. Apenas deu um passo para o lado e deixou que a mulher saísse às pressas pela porta.

Estranhamente, o cavalheiro – com olhos e cabelos escuros – olhou direto para Minnie. Ela imaginava que já era tarde para fazer com que aquelas pessoas fossem embora, quem quer que fossem, mas ainda assim fulminou o homem com o olhar.

Em resposta, ele lhe deu uma piscadela.

– Os vagões da primeira classe ficam mais adiante. – Minnie indicou com a mão.

O homem deu de ombros, jogou o pesado casaco em outro assento e foi atrás da outra mulher.

Então, pelo que parecia, Minnie teria companheiros de viagens – e que companheiros estranhos.

A porta se sacudiu de novo. Minnie ergueu o olhar, esperando ver aquelas pessoas esquisitas de volta – mas não. O coração dela se acelerou. Suas mãos pegaram fogo.

– Srta. Pursling – disse o duque de Clermont. – Como é absolutamente maravilhoso vê-la.

Na última vez que se encontraram, ele dissera a ela que olhasse para cima. Ela *quisera* olhar. E depois... Depois, descobrira que tinha ainda menos chances do que pensava. Olhar para ele a fazia querer esquecer tudo aquilo. Ela esperara se livrar daquele desejo de vez, mas, ao ver Clermont, a memória voltou, sem ser convidada, esperando à flor da pele de Minnie, renascendo a cada respiração que passava por seus lábios.

Eu a quero.

Aquelas palavras haviam se apoderado da imaginação de Minnie, e,

mesmo que a mente dela soubesse que nunca aconteceria nada entre eles, seu corpo ainda não tinha sido convencido disso. Ela ficava arrepiada na presença do duque. Então olhou para baixo.

– Sua viagem está sendo agradável?

Ele colocou uma mala na prateleira de cima e, em seguida, se sentou de frente para Minnie.

– Sim – respondeu ela, um pouco tensa. – Visitei um fabricante de papel em Londres para descobrir como o senhor consegue seus materiais.

Minnie jogou a informação para que o duque soubesse em que posição estavam – o mais distante um do outro que ela conseguia forçá-los a ficar.

Ele torceu o nariz.

– Um relatório com atualizações – falou alegremente. – Pelo jeito, estou numa posição melhor aos seus olhos. Que ótimo.

E sorriu para ela.

Não havia lugar para o duque e seus desejos na vida de Minnie. Lugar nenhum. Por sorte, naquele momento, a porta voltou a se abrir para que aquela mulher com roupas de viagem impressionantes pudesse entrar.

– Robert – disse ela. – Não podemos partir ainda. Perderam Herman, e o condutor está ameaçando ir embora sem ele. Qual é o problema se o trem atrasar? Você precisa impedi-lo, porque minhas artimanhas não vão durar muito tempo.

– Suas artimanhas? – O duque de Clermont se sentou com as costas retas, e sua voz ficou mais sombria. – O que você fez?

A mulher ergueu a mão na qual segurava um apito de prata.

– É do condutor – explicou.

O duque a encarou, depois soltou um resmungo e esfregou a testa.

– Meu Deus. – Ele tocou o chapéu e se virou para Minnie. – Espere um pouco. Eu já volto.

A porta tornou a se fechar, e Minnie ficou mais uma vez sozinha. Por um momento considerou se mudar para outro compartimento. Mas, se o fizesse, Clermont voltaria a encontrá-la. Além disso, o condutor já tinha marcado aquele assento no bilhete dela, e Minnie não sabia se ele se lembraria dela caso estivesse em outro lugar.

Outra tentação a atingiu logo em seguida. O duque havia largado a mala no compartimento. Uma única fivela de prata a separava dos documentos dele. Os documentos que potencialmente o condenariam.

Ele devia estar importando os folhetos de algum lugar. Talvez houvesse um recibo ou uma nota de quitação naquela mala.

Mas... seria uma tremenda invasão de privacidade.

E, mesmo se descobrisse algo, o que Minnie faria? A palavra do duque acabaria com a reputação dela. Ela argumentou consigo mesma, até que a passagem do tempo tomou a decisão por ela.

A porta do compartimento se abriu. Era o duque. Ele olhou para a mala na prateleira e depois balançou a cabeça.

– Sério? A senhorita não olhou?

– Não. – Minnie rangeu os dentes. – Eu não olhei.

– Não sou seu inimigo? Não estamos em guerra?

– Não sei o que o senhor é. Certamente não sei o que estamos fazendo.

– Ela torceu o nariz. – Mas seria quase impossível comprovar a procedência de uma evidência obtida dessa forma. Mesmo que eu achasse uma pilha de folhetos radicais na sua mala, o que eu poderia fazer? Mostrá-los ao magistrado? Eu não teria prova nenhuma de que pertenciam ao senhor.

Ele pegou a mala e olhou para Minnie.

– A senhorita continua a me surpreender. Tenho que ficar me lembrando de que, o que quer que esteja planejando, vai ser bem mais complexo e minucioso do que qualquer coisa que eu tenha imaginado. – Ele abriu a cinta de couro e enfiou a mão dentro da mala, retirando alguns papéis. – Aqui está – falou. – Se tivesse olhado na minha mala, teria achado isso. Escrevi para a senhorita mesmo.

O duque lhe estendeu uma folha de papel.

Minnie não o pegou.

– Da última vez que nos falamos, a senhorita disse que estava aterrorizada quanto ao futuro. Quero uma trégua. Essa é minha melhor oferta.

Ele sorriu, e, Deus, Minnie *sentiu* aquele sorriso, sentiu a força dele até as pontas dos dedos dos pés.

Ela esticou a mão e, com cautela, pegou o papel da mão dele. Ele tinha dito a verdade. O nome dela estava escrito com uma caligrafia rabiscada na frente da carta.

– Trégua durante a viagem? – indagou ele.

– Eu... eu não sei.

– Só algumas horas, Srta. Pursling. É só isso que peço. – O sorriso dele

aumentou. – E acontece que os outros dois passageiros...

A porta se abriu, e o duque fez uma careta, cruzando os braços sobre o peito. Os outros dois voltaram a entrar no compartimento.

Os olhos da mulher pousaram na Srta. Pursling... e estreitaram-se por tempo suficiente para Minnie perceber que aquela moça calma e impressionante provavelmente tinha ouvido o duque falar dela. E tinha ouvido o bastante para inclinar a cabeça depois de observar o vestido simples e a cicatriz na bochecha de Minnie. Atrás dela estava o cavaleiro que tinha dado uma piscadela para Minnie, com os cabelos escuros e a gravata branca.

O duque de Clermont abriu um sorriso com um pesar bem-humorado.

– Bem, falando neles... – Ele mordeu o lábio. – Violet, Sebastian, permitam-me apresentar a Srta. Pursling. Srta. Pursling, esta é Violet Waterfield, a condessa de Cambury.

– Encantada, é claro – disse a condessa, com uma voz que sugeria que sentia o oposto.

– E atrás dela está o Sr. Sebastian Malheur.

Minnie se esqueceu de manter o silêncio. Sua boca se abriu.

– O Sebastian Malheur? – Ouviu-se exclamar. – O que escreveu aquela defesa fervorosa do Sr. Darwin?

Meu Deus. Se as histórias sobre ele eram remotamente verdadeiras, tratava-se de um completo patife. Os boatos diziam que ele não era apenas um dissidente religioso, mas um ateu. Um sedutor. Um libertino. Mas o Sr. Malheur só deu de ombros e pousou dois dedos nos lábios, em um gesto exagerado.

– Sim – confirmou o duque depois de uma pausa levemente carregada. – É o cavalheiro inculto em pessoa. Todos os boatos que a senhorita ouviu são verdadeiros. Além disso, ele é meu primo. – Clermont suspirou. – Bem, acho que vocês podem entrar e se sentar – falou por fim. – Não me parece que possam piorar as coisas.

Minnie não fazia ideia do que ele quisera dizer, se estava falando com eles ou com ela. Mas aqueles dois invadiram o compartimento. Sem dizer uma palavra, ou sequer olhar para Minnie, tomaram seus assentos.

Capítulo nove

Lá fora, um apito soou.

O trem sacudiu quando todas as portas se fecharam. E, infeliz, Robert esperou o que sabia que estava por vir.

Por um momento, pareceu que tudo ia acabar bem. Violet remexeu na bolsa e pegou um novelo de tricô e agulhas. Sebastian estava sentado, com os olhos fixos à frente, contemplando absolutamente nada.

A Srta. Pursling ficou observando as ripas de madeira que revestiam o chão. Tinha colocado a carta de Robert no bolso sem ler o conteúdo. O trem começou a andar, balançando de um lado para o outro, e ainda assim a moça permaneceu em silêncio.

Não que Robert devesse ter se surpreendido— era assim que a Srta. Pursling agia toda vez que se encontravam —, mas Violet ergueu os olhos para ele e depois observou a outra mulher. As sobrancelhas da condessa se franziram em uma expressão preocupada. Ela trocou um olhar com Sebastian.

— Então — disse Robert —, Srta. Pursling, está voltando de Londres?

Minnie olhou para ele, depois desviou o olhar.

— Sim, Vossa Graça — falou, com a voz suave.

— O que a trouxe à cidade?

Ela inclinou a cabeça para a frente, de modo que não tivesse como olhá-lo nos olhos.

— Eu tinha que resolver algumas coisas, Vossa Graça. Coisas pessoais.

Se isso era uma trégua... Robert suspirou.

Ele não podia falar sobre os folhetos. Nem Sebastian nem Violet sabiam que existiam, já que não tinham a mesma proteção que Robert, e ele preferia que continuasse assim. O silêncio se estendeu pelo compartimento, e ocorreu a Robert que proibir Violet e Sebastian de falar não tinha sido a melhor ideia. O que costumava ser um silêncio camarada entre amigos virava algo desconfortável quando quatro pessoas se encaravam, todas de boca fechada. Aquela prometia ser a viagem de trem mais penosa de todos os tempos.

– Então... – Robert tentou de novo. – A Comissão de Higiene dos Trabalhadores. O que fez a senhorita se interessar por ela?

Inclinando a cabeça, a Srta. Pursling o fitou. Os lábios eram uma linha fina, como se ela estivesse tentando esconder um sorriso.

– Porque a higiene é importante. Não concorda, Vossa Graça?

– É claro, mas muitas coisas são importantes. Todos aqui escolhemos formas diferentes de passar o tempo. Violet é voluntária no Jardim Botânico de Cambridge, provavelmente porque ela gosta de plantas. Já Sebastian...

Com uma expressão de interesse, Sebastian ergueu a cabeça.

– Sim – disse a Srta. Pursling. – Eu gostaria muito de saber o que o Sr. Malheur faz para passar o tempo.

– Ah...

Até uma descrição cínica do trabalho de Sebastian soava suspeita na presença de mulheres.

– Porque, pelo que *eu* ouvi falar – continuou a Srta. Pursling –, ele ameaçou criar um programa de reprodução humana envolvendo o corpo docente de Cambridge para provar suas teorias sobre a transmissão de características físicas ligada ao sexo.

Sim. Era por isso que era difícil falar sobre o que Sebastian fazia. Porque, para falar sobre o assunto, era preciso usar expressões como “transmissão ligada ao sexo” sem corar – algo que a Srta. Pursling, surpreendentemente, conseguiu fazer muito bem.

Sebastian fixou os olhos nela da forma mais sincera que conseguia, e Robert lembrou, um pouco tarde demais, que o primo tinha certo talento para encantar mulheres. O que ele estivera pensando ao trazer aquele homem para perto da Srta. Pursling? Até o fim da viagem, ela estaria apaixonada.

Na verdade, era provável que já estivesse.

Mas Sebastian só deu de ombros mais uma vez, colocou a mão sobre a boca em um gesto exagerado e em seguida fez uma reverência, apontando para Robert. O duque traduziu o gesto como *Sinto muitíssimo, mas prometi ao meu primo que não ia dizer uma única palavra, e agora preciso envergonhá-lo o máximo que conseguir com mímica.*

– Ah, pelo amor de Deus – murmurou Robert, pressionando a testa com os dedos.

O trem rangiu ao fazer uma curva.

Sebastian balançou o dedo para o primo, indicando que ele deveria se envergonhar, e depois fez um movimento gentil para um lado e para o outro com a mão, o que não dizia absolutamente nada para ninguém.

– O senhor está... machucado? Doente? – tentou adivinhar a Srta. Pursling. – Incapaz de falar por algum motivo?

O rosto de Sebastian se iluminou, e ele apontou um dedo para ela.

– Já tentou tomar chá? – sugeriu a moça. – Com mel. É bom para a garganta.

Outro gesto sem sentido – dessa vez, Sebastian ergueu os braços para o teto e depois rapidamente os abaixou.

– Pelo menos *tente* não me atingir no rosto, Sebastian – disse Violet. – E, pelo amor de Deus, nós dois sabemos que ele não falou literalmente. Robert só queria que não o fizessemos passar vergonha, e você está conseguindo fazer isso muito bem, sem nem precisar de palavras.

A Srta. Pursling olhava de um para o outro. Se havia uma única mulher capaz de entender o que não estava sendo dito, era ela. Robert conseguia imaginá-la reconstruindo o que ele teria dito para os amigos.

Ele sentiu as bochechas arderem.

– Você pode falar – murmurou grosseiramente.

– Eu entendi muito bem o que você quis dizer – argumentou Sebastian. – Mas, na minha experiência, a melhor forma de fazer alguém desistir de uma ordem ridícula é seguir cada comando de forma literal, executando-o com obediência.

– Não é tarde demais para jogar você para fora deste vagão – disse Robert.

Correndo pelos trilhos, o trem balançava de um lado para outro. Ainda não atingira a velocidade máxima – afinal, mal tinham saído de Londres.

– Veja – disse Sebastian para a Srta. Pursling –, a verdadeira natureza do meu primo enfim revelada: impiedoso, cruel e violento.

Robert se esforçou para não soltar um lamento e teve quase certeza de que conseguira.

– E acontece que eu *não* ameacei criar um programa de reprodução humana em Cambridge para provar minha teoria – continuou Sebastian. – Para começo de conversa, não é possível *provar* uma teoria, nesse sentido da palavra. O que nós fazemos é testá-la ao considerar a explicação mais lógica. E essa história foi bastante exagerada ao ser reproduzida. O que fiz foi apenas sugerir que podíamos usar princípios básicos para determinar, depois do fato, a probabilidade de a esposa de certo fidalgo ter...

– *Rá*. Sim. – Robert o interrompeu antes que as coisas ficassem piores. – Então talvez fosse melhor para todos se não conversássemos sobre certos assuntos.

– Perdoe meu primo – disse Sebastian, dando de ombros devagar. – Ele é um tanto puritano. Mas peço desculpas por me intrometer na bela conversa de vocês. Podem continuar com o que quer que não estivessem dizendo um ao outro.

Ele se recostou no assento.

– De fato – concordou Violet. – Não ligue para nós. Mal estamos aqui. E fique tranquila se decidirem trocar segredos, prometo jamais repetir nenhum deles. Sou conhecida pela minha lealdade.

– É verdade – disse Sebastian. – A condessa de Cambury é como um buraco bem fundo e escuro. Os segredos entram, mas nenhum deles jamais sai.

– Sebastian – retrucou Violet, calmamente enrolando a linha de tricô em uma das agulhas –, não é adequado nem respeitoso dizer a uma mulher que você só pensa nela como um buraco.

A Srta. Pursling se engasgou, depois tossiu. Robert afundou mais um pouco no assento, desejando não ter colocado o chapéu na prateleira acima. Precisava de algo para cobrir o rubor violento que se espalhava por suas bochechas. Nunca devia ter permitido que qualquer um daqueles dois chegasse perto da Srta. Pursling, e, se continuassem daquele jeito, ele nunca iria perdoá-los.

O rosto de Violet estava sereno. Ela continuou a tricotar.

Sebastian acenou com uma das mãos.

– Perdão. A condessa, é claro, é uma doce flor de feminilidade.

Cale a boca. Cale a boca.

Por sorte, Sebastian não se prolongou no pedido de desculpas.

Violet pareceu aceitá-lo sem mais comentários.

– Não ligue para mim – disse ela. – Na verdade, não ligue para nenhum de nós.

Ela piscou devagar e levantou as agulhas à sua frente, como se estivesse construindo uma barreira.

– Acho que começamos essa conversa com o pé esquerdo – disse Robert por fim.

Na verdade, se aquela conversa tivesse vida, a ação mais misericordiosa seria levá-la para os fundos do celeiro e atirar nela.

– É mesmo?

A Srta. Pursling olhou pela janela.

– Só pensei que, se passássemos uma tarde de igual para igual, talvez pudéssemos...

– Ah, nunca acredite no Robert quando ele fala assim! – interrompeu Violet, ainda fingindo estar concentrada no tricô. – Ele pode ficar tagarelando quanto quiser sobre igualdade e justiça, mas quem se recusava a brincar de princesa era ele.

O sorriso de Robert enfraqueceu. Era exatamente isso que ele temia. *Atirar* na conversa? Não. Agora ele queria bater na cabeça dela e jogá-la em uma vala qualquer.

A Srta. Pursling olhou para a outra mulher com as sobrancelhas franzidas, confusa.

– Brincar de princesa?

– Isso – respondeu Violet. – Nós três brincávamos quando éramos crianças. Nos verões, o pai de Robert saía por aí e o deixava com a irmã dele, a mãe de Sebastian. Robert, Sebastian e eu costumávamos brincar de algo que eles chamavam “Cavaleiros e Dragões” e eu chamava de “Que Chatice”. Eles corriam por toda a parte como cavaleiros, mas *eu* tinha que ficar sentada e esperar que eles viessem me resgatar, porque era a princesa.

– Entendo.

– Então um dia – continuou a condessa serenamente –, enquanto eles

estavam pulando e fingindo que lutavam contra um dragão, escrevi um recado avisando que tinha fugido para ser atriz.

Sebastian bufou.

– Acho que você acrescentou que antes ia entregar sua virtude para um grupo inteiro de bandidos.

A condessa não pareceu ficar nem um pouco ofendida com o lembrete.

– Na época eu não tinha ideia do que isso significava, mas minha governanta vivia me dizendo para proteger minha virtude com a minha vida. Então me pareceu a pior ameaça que eu poderia fazer.

A Srta. Pursling se inclinou para a frente com um leve sorriso. Ela focou os olhos nos de Violet.

– O que seus valentes cavaleiros fizeram quando descobriram sua deserção?

– Decidiram que era dever deles me perseguir e me dar de comer para o dragão como punição. – Violet franziu o cenho para a bagunça que tinha feito no tricô e começou calmamente a desfazer os pontos da última fileira.

– Mas não deu certo. De qualquer jeito, a brincadeira ficou muito mais divertida.

– Envolveu lama – informou Sebastian.

– Depois disso – continuou Violet no mesmo tom de voz –, todos concordamos que era muito injusto que eu fosse a princesa da brincadeira o tempo todo. Então jogávamos uma moeda. Mas Robert nunca quis assumir o papel, nem mesmo quando era a vez dele.

A condessa fez uma careta para Robert, e ele desviou o olhar.

– Uma moeda só tem dois lados – disse ele. – Não tinha como um dos lados ser meu.

– A não ser que...

Robert levantou a mão.

– E agora não é hora de discutir métodos de jogar moedas para incluir três pessoas. Basta dizer que eu seria uma péssima princesa.

– Entendo – disse a Srta. Pursling lentamente.

– Não entende – retrucou Sebastian. – Deve estar pensando que Violet era uma princesa decente. Mas ela era exatamente assim quando era criança, toda pomposa e comportada do lado de fora, mas uma diabinha quando os adultos não estavam olhando. Ela só *parece* respeitável. Não sei

como ela fazia isso, mas Robert e eu voltávamos cobertos de lama da cabeça aos pés depois das brincadeiras, e Violet sempre estava limpinha.

– Existe uma coisa muito maravilhosa chamada água – disse Violet. – Garotos parecem não saber isso. – Ela olhou para a outra mulher por cima do tricô. – A higiene é importante.

A Srta. Pursling sorriu e olhou para baixo.

– Por sinal – acrescentou Sebastian –, para o bem da minha dignidade, Srta. Pursling, preciso lhe informar que, quando o papel era meu, eu era um “príncipe”. Não uma princesa.

– Só você se chamava de príncipe – explicou Robert. – Nós chamávamos você de “princesa”. Não faria sentido se não fosse assim. Os dragões querem devorar princesas. Não ligam para príncipes.

– Você ainda tem muito a aprender sobre dragões. Pense: comemos mais carne de boi do que de vaca. Todos sabem que o macho da espécie produz uma carne mais fina.

– Sempre achei que não comemos carne de vaca porque preferimos usá-las para produzir leite – disse a Srta. Pursling.

Essa discussão não. No final da estrada só havia desgraça. Robert se encolheu no assento e esperou o momento inevitável em que Sebastian faria a Srta. Pursling sair correndo aos gritos.

Sebastian deu uma piscadela para a moça.

– Dragões gostam de queijo.

– Mas dragões não conseguem ordenhar princesas – respondeu a Srta. Pursling. – Eles não têm polegares.

Sebastian olhou para o teto.

– Muito inteligente, e a senhorita está quase certa. Mas dragões têm *lacaio*s. De qualquer jeito, é claro que a fêmea da espécie humana tem carne inferior. Tem aqueles infelizes depósitos de gordura na frente. E os flancos da carne do homem são magros, macios e suculentos.

Ele enfatizou isso ao se levantar e levar uma das mãos ao fundilho das calças.

A condessa revirou os olhos.

– Todos ficaremos mais felizes se você parar de falar sobre os flancos da carne do homem. Além disso, pensei que você gostasse bastante desses infelizes depósitos de gordura na frente. Passa bastante tempo...

Robert tossiu alto.

– Minhas preferências não são relevantes – respondeu Sebastian, com uma grandiosidade arrogante. – *Eu* não sou um dragão.

– Verdade – disse Robert. – Você é um pavão. Fica exibindo as penas na frente das fêmeas da sua espécie.

– Se funciona... – Sebastian sorriu. Em seguida virou a cabeça, olhando para as penas do rabo imaginárias às suas costas. – E, sim, é uma das minhas melhores características, obrigado.

A condessa soltou um suspiro bem alto e derrotado.

– Estamos falando sobre as nádegas de Sebastian de novo? Ele não tem outras partes no corpo?

Foi então que Robert percebeu que a Srta. Pursling não estava olhando para o chão, tampouco tinha abaixado o olhar, fazia algum tempo. A boca estava curvada em um sorrisinho, e ela olhava de Sebastian para Violet com os olhos bem redondos, fascinados, e as bochechas coradas.

Robert apontou o dedo para Sebastian.

– Viu só? – acusou. – Eu sabia que você ia fazer isso. Você me enganou, me enganou, sim. Nunca mais vou acreditar numa palavra sua.

– De nada. – Sebastian fez uma reverência profunda e depois tomou seu assento de novo. – Todo aquele desconforto não correspondido... – Ele fingiu um calafrio. – Vou aceitar meu agradecimento depois.

– Credo. Odeio vocês.

Normalmente Robert teria adorado passar o tempo assim – ouvindo os amigos jogarem a bola da conversa de um para o outro como dois gatos enlouquecidos. Mas a Srta. Pursling ia pensar que ele era louco por conviver com aqueles dois. Diabos, Sebastian era seu parente. Primo de primeiro grau. Seria a mesma coisa se Robert tivesse anunciado que uma parte de sua família estava em um manicômio.

– Ah, não – disse Sebastian. – Não era para nós termos dito tudo aquilo?

– É claro que era – falou Violet. – Especificamente mencionamos que Robert nunca brincou de princesa. Isso mostra que ele é másculo. Ainda acha que ele é másculo, não é, Srta. Pursling?

– Acho melhor não fazer comentários.

A Srta. Pursling abaixou o olhar, mas ele brilhava.

– Sabe – disse Sebastian –, preciso me opor a essa linha de raciocínio. Só um homem com absoluta confiança na própria masculinidade para brincar de princesa. Talvez tenhamos levado Robert a parecer inseguro.

– Talvez – disse Violet bem alto –, se não mencionarmos isso, a Srta. Pursling não perceba.

A moça sorriu.

– Não se preocupe – falou, tornando a abaixar o olhar. – Eu nunca percebo nada.

– Bem, então... – Violet estava usando seu tom de voz que dizia “Tudo vai bem quando acaba bem”. – Não vejo motivo para se aborrecer, Robert, deixe de ficar emburrado.

Robert fechou os olhos, derrotado.

Quando o trem parou, ele esperou até que Sebastian tivesse pegado seus pertences e saído, e que Violet o seguisse para ver como estava sua coruja. E então, só então, ele se virou para a Srta. Pursling.

Ela estava na porta do compartimento, enrolando um cachecol ao redor do pescoço.

Robert virou o chapéu nas mãos.

– Olhe – falou. – Sobre a conversa...

Mas que desculpa ele poderia dar?

Eles não são sempre assim.

Isso era mentira.

Precisa entender. As piadas de Sebastian me ajudaram a superar muitos tempos difíceis. Amo o homem mais do que quero matá-lo.

E isso era bem verdade. Ele estava com dificuldade em achar um jeito para pedir desculpas – e não tinha certeza se devia de fato fazê-lo. Mas a Srta. Pursling só arrumou as luvas, com o olhar baixo, e então voltou a encará-lo.

– Vossa Graça.

– Srta. Pursling.

Os olhos dela eram cinza, claros e límpidos, e pareciam enxergar além do aperto de mão não tão pesaroso de Robert.

– Sempre achei que podemos julgar o caráter de um homem pelas suas companhias.

– Ah. – Ele fez uma careta. – Sebastian sempre foi exagerado. Pode parecer excessivo à primeira vista. Mas é um bom homem.

Ele era. Mais ou menos.

A Srta. Pursling franziu o cenho.

– Do que está falando? Eu gosto dos seus amigos.

– Eu... mas... – Ele inspirou fundo. – Isso quase parece dizer que a senhorita gosta de *mim*.

Ela assentiu.

– Lógica é uma ciência maravilhosa, Vossa Graça. Foi exatamente isso que eu disse. Só queria que não fosse verdade.

Ela girou a maçaneta e saiu.

– Espere – pediu Robert, esticando a mão para ela.

Mas a porta já tinha se fechado. Robert ainda estava olhando o espaço onde a Srta. Pursling estivera quando o condutor apitou. Então pegou a mala e correu.

Ela gostava dos amigos dele. Ela *gostava* dos amigos dele? Era estranho que todo aquele constrangimento terminasse bem. Robert se pegou sorrindo como um louco, radiante, ao encontrar Violet, Sebastian e o resto da comitiva. Os dois estavam olhando para o caderno de Violet, observando as páginas.

– Por que essas risadinhas? – perguntou Robert, desconfiado.

Violet fechou o caderno com força.

– Eu estava contando os pontos – disse ela. – Sinto informar que a sua Srta. Pursling ganhou a conversa.

Aquele enorme sorriso estúpido ainda dominava o rosto de Robert, e não ia desaparecer.

– Sim – concordou ele. – Não é maravilhoso?

Capítulo dez

O veículo deixou Minnie a cerca de oitocentos metros da fazenda de suas tias-avós. Com a bolsa debaixo do braço, ela começou a percorrer o resto do caminho.

Quando já havia deixado os poucos conjuntos de casas para trás, tirou a carta do bolso da saia e, sem muito jeito – afinal, só tinha uma mão livre –, rompeu o selo de cera.

A data na carta era de dois dias antes.

Minha querida Srta. Pursling, escrevera o duque. Quero explicar o que quis dizer no outro dia, quando nos encontramos na residência dos Finneys. Escrever os folhetos não é um capricho meu.

A senhorita me disse que já olhou para cima, e que a derrubaram. A senhorita não é a única. Isso faz parte da natureza da sociedade inglesa: deixar as classes baixas por baixo e erguer as classes altas ainda mais alto. É sorte minha ter a capacidade de olhar para onde eu quiser.

O que mais desejo é que a senhorita – assim como todos na mesma posição – possa olhar para cima. Que possa fazer isso e não ser derrubada. Escrevo os folhetos porque posso escrever tais palavras sem medo de represália – porque, se eu for descoberto, a Câmara dos Lordes nunca irá me condenar. Escrevo porque essas palavras precisam ser escritas. Escrevo porque se não escrevesse, se ficasse em silêncio, estaria desperdiçando o privilégio que me foi dado. Só guardo segredo porque, caso contrário, qualquer pessoa associada a mim seria alvo de investigação.

A senhorita, sem dúvida alguma, é uma estrategista melhor do que eu. Como prova, aqui está uma carta, escrita de próprio punho, admitindo o que fiz. Use-a para me expor, se achar que é assim que vai conseguir um casamento com um homem comum que só deseja uma esposa calada. Use-a se for necessário, ou fique com ela e não diga nada. A senhorita confessou que o futuro a amedronta. Não posso mudá-lo por completo, mas posso mudar isso.

Ou a senhorita pode olhar para cima. Pode colocar essa sua mente superior para funcionar de verdade e encontrar outra solução completamente diferente. A senhorita pode ser mais. Pode ser muito, muito mais.

Qualquer coisa diferente seria um desperdício de seus talentos.

Seu servo,

Robert Alan Graydon Blaisdell

Sem título de nobreza. O único título que escolhera para si mesmo no folheto que escrevia era *De minimis* – algo pequeno. Porém não era algo tão pequeno assim. Minnie conseguia sentir a corrente da esperança do duque erguendo-a a cada passo.

A senhorita pode ser mais.

Ela já tinha sentido o gosto de *mais* antes – só um pouquinho, mas o bastante para fazer a vida atual parecer bem deprimente. Era como comer apenas mingau sem gosto em todas as refeições, mas sentir o cheiro de salsicha e doces o dia todo. Depois de todo aquele tempo se forçando a engolir uma gosma sem gosto, alguém estava lhe oferecendo carne.

Minnie não conseguia raciocinar. Não conseguia analisar. A única coisa em que conseguia pensar era na própria fome.

Eu posso ser mais.

Não fazia ideia do que o futuro lhe reservava, mas aquele breve alívio que sentira ao ler a confissão dele – uma coisa a menos a temer, uma preocupação a menos depois dos últimos dias de apreensão – parecia ter lhe tirado um peso das costas.

Aquela falsa sensação de conforto acompanhou Minnie por todo o caminho até a casa. Impulsionou cada passo, engrandeceu cada inspiração. Vibrou por seu corpo enquanto ela cumprimentava as tias-avós, enquanto se lavava e se preparava para a refeição da noite. E não mudou nada. Só fez o

peso da realidade parecer ainda mais carregado quando voltou com toda a força aos seus ombros.

Na hora do jantar, Minnie não conseguiu sentir o gosto da sopa.

As tias-avós estavam sentadas à frente dela, comendo sem preocupação, conversando como era de se esperar de duas boas amigas que tinham passado décadas na companhia uma da outra. A conversa foi da produção de nabos ao uso do campo mais afastado quando a primavera chegasse.

Tagarelavam como se nada tivesse mudado, e Minnie as odiou naquele momento, porque de fato tudo continuava *igual*. Porque, no fatídico dia em que a vida dela tinha virado de ponta-cabeça, foram aquelas duas que a resgataram em Londres. Foram elas que a colocaram nesse caminho.

Se vier conosco, dissera tia Carol, *Minerva Lane vai morrer para sempre. Você não deve jamais dizer esse nome. A pessoa que você é hoje vai desaparecer.*

Mingau. Nada além de mingau e o medo de que, um dia, nem isso existisse mais.

– Sabia que Billy está cortejando uma jovem? – contou tia Carol.

– Não me diga! Não acredito que ele já tem idade para isso.

– Já fez dezoito anos – disse Carol. – E Deus me acuda, nem sei quando isso aconteceu. Ora, parece que não se passou nem um mês desde o dia em que ele nasceu...

Minnie não conseguia prestar atenção na conversa. Ao ser resgatada, ela não tinha somente trocado de nome; tinha trocado até de personalidade. A princípio, nem soubera como *andar* como uma garota, e naquele primeiro ano as tias-avós tiveram que corrigir seu comportamento o tempo todo. *Não responda. Não fale alto. Fique nos fundos.* Qualquer coisa que chamasse a atenção era proibida. Minnie se pegou ficando cada vez menor, até que toda a sua personalidade coubesse dentro de uma noz – e ainda sobrava espaço.

Tornara-se pequena e calada. A vida já fora muito mais, e sua ambição, frustrada e reprimida, tinha se corroído. Minnie se agarrara ao pouco trabalho de caridade que era permitido às mulheres, mas não era suficiente. E estava diante de uma vida feita dessa aflição – de ser forçada a tornar a própria alma tão pequena e desinteressante quanto conseguisse, na esperança de haver espaço para esse espírito abatido nos confins de sua vida.

A senhorita é determinada e tem o raro talento de ver o que está

claramente na sua frente. Posso fazer todos enxergarem isso.

Malditos fossem os olhos dele, a carta dele, o sorriso dele, aquele sorriso que a fazia querer beijá-lo, só para saber que havia colocado aquela luz dentro dele.

Qualquer coisa diferente seria um desperdício de seus talentos.

Maldito fosse o duque, porque, mesmo se aquelas palavras não fossem sinceras – mesmo se fosse tudo uma tentativa de confundir Minnie e fazê-la mudar de rumo –, ele a fizera acreditar que podia mudar as coisas. E que desta vez, quando tentasse...

Aquele desejo a atingiu em cheio, como um soco afiado no estômago – doloroso e paralisante. Minnie não só desejava. Ela ansiava. Precisava. Sonhava que desta vez, quando revelasse para a multidão quem realmente era, as pessoas não iriam cercá-la e atirar pedras. Desta vez, não a chamariam de monstro ou de cria do diabo. Desta vez, em vez de lhe arrancarem tudo, alguém a amaria justamente do jeitinho que ela era.

Um desejo como aquele era grande demais para a pessoa que Minnie precisava ser.

Maldito fosse o duque de Clermont por lhe dar esperança. Maldito fosse por lhe dizer para olhar para cima. Maldito fosse por fazê-la acreditar.

Os olhos dela ardiam. Com o garfo, ela espetou o prato às cegas.

– Minnie – disse Eliza, com as sobrancelhas franzidas em preocupação –, você está bem?

– Estou...

Perfeitamente bem.

Ela deveria dizer aquelas palavras. Sem pedir nada, sem admitir desconforto. Era assim que uma dama deveria agir.

Mas a mentira se recusava a passar por seus lábios. As emoções de Minnie transbordavam. E, de algum jeito, em vez de pedir desculpas em um murmúrio e se ausentar do cômodo, como era esperado que fizesse, ela sentiu o garfo voar de sua mão – passando por toda a mesa de jantar e indo bater na parede do fundo com um tinido metálico.

– Não – disse ela. – Não, eu não estou bem.

– Minnie!

– Eu não estou bem – repetiu ela. – Eu não estou bem. Como puderam fazer isso comigo?

Eliza se pôs de pé e deu um passo até a sobrinha.

– Minnie, qual é o problema?

– As senhoras fizeram isso comigo. – A voz de Minnie tremia sob o peso de todos aqueles anos de lágrimas contidas. – As duas fizeram isso comigo, me transformaram nesse... nesse... – Ela achou a colher ao lado do prato e também a jogou do outro lado da sala. – ... nesse nada! – completou. – E agora estou presa nisso e não consigo achar uma saída.

Eliza e Carol trocaram um olhar magoado.

– Tenho tudo isso dentro de mim... todos esses pensamentos, esses desejos, essas ambições.

Carol fez uma careta ao ouvir a última palavra.

– E não valem nada – concluiu Minnie. – Nada, nada, absolutamente nada! Assim como eu.

– Ah, Minnie – disse Eliza, tão gentil como se acalmasse um cavalo agressivo. – Sinto muito. Prometi à sua mãe que ia cuidar de você depois que ela morresse. Se eu tivesse cumprido a promessa, você não estaria se sentindo assim agora. Você nunca teria sabido...

Não foram as palavras que ajudaram, mas o tom de voz – sereno e calmo. Minnie conseguia sentir a própria raiva se esvanecer. Em poucos minutos, voltaria a ser aquela pessoa plácida, sem nenhuma evidência do que tinha acontecido naquela noite, fora alguns risquinhos no papel de parede onde os dentes do garfo bateram.

Mas Minnie ainda ouvia a voz do duque. Ainda via os olhos dele, de um azul tão brilhante, e a intensidade da expressão. Aquela carta poderia não ter significado nada para um homem que podia se dar ao luxo de saciar tais vontades. Mas havia verdade suficiente no que ele tinha dito para que Minnie conseguisse ignorar as palavras.

Você poderia ter isso, provocou a memória, se ao menos fosse outra pessoa.

Você poderia ter o duque se fosse você mesma. Mas não é. Você não é.

Eliza foi até Minnie e colocou a mão no ombro dela.

– Você nunca deveria ter sabido como é.

E aquela memória de si mesma – daquela confiança ousada, daquele entusiasmo juvenil – parecia tão distante que Minnie se sentiu concordar com a cabeça.

Você é nada. E o nada não sente.

Eliza fez pressão no ombro de Minnie, e ela se recostou na cadeira.

– Isso, isso – sussurrou Eliza. – Não é nada. Não é nada.

– É claro que não é nada – murmurou Minnie. – Eu sempre fui nada.

Depois disso, não havia como segurar as lágrimas. Minnie chorou até que tivesse expurgado todo o desejo do coração – a saudade melancólica do passado que havia perdido, atrelada ao futuro que ela não podia contemplar.

– Talvez... – disse Eliza, quando as lágrimas diminuíram. – Talvez seja bom você tirar uma folga de toda essa coisa de... casamento. Fique aqui na fazenda. Só por algumas semanas. O que você acha?

Minnie não tinha algumas semanas. Mas tinha a carta do duque – a prova da qual precisava. Poderia acabar com a suspeita de Stevens no dia seguinte.

Então por que não fazer isso?

Ela balançou a cabeça.

– Não vai ajudar – falou. – Nunca ajuda. Nada mais ajuda.



A mesa no hotel acomodaria oito pessoas, se necessário. Mas, naquela noite, estavam sentados Robert, em uma ponta, e, na outra, a quase dois metros de mogno polido de distância, a mãe dele. Era como se todos os garfos de prata pertencentes ao hotel tivessem sido dispostos para os dois, além de a maior parte das colheres. Robert poderia ter construído uma torre de relógio inteira com os talheres disponíveis.

Do outro lado da longa mesa, a mãe pousou o garfo no prato.

Era assim que ela dava sinais. Tinha mudado a data. Tinha aceitado o encontro, sabendo que tanto Sebastian quanto Oliver estavam na cidade. Isso significava que aquilo não era apenas uma refeição, mas um conclave – duas identidades independentes e levemente hostis se encontrando para chegar a um acordo em relação aos impostos entre as duas nações.

Como sempre, nem um fio de cabelo da mãe de Robert estava fora do lugar. Ela vestia o que ele imaginava ser a última moda, que o filho não tinha interesse em acompanhar. O vestido era de um tom de azul-escuro, com cinco centímetros dos punhos das mangas bordados em um padrão branco e dourado. A cintura era fina, mas não estava amarrada com muita força. Um xale de renda preto cobria os ombros.

Ela sempre fora imponente como a torre distante de um castelo pairando no horizonte. Mantivera distância mesmo nas visitas que fazia a Robert quando ele era criança.

Naquele momento, os quase dois metros entre eles poderiam ser duzentos. Nos anos que se passaram depois que Robert atingira a maioridade, os dois tinham chegado a um acordo confortável. Quando estavam na mesma cidade, encontravam-se para jantar – apenas uma vez – e não falavam sobre nada importante. O trabalho voluntário dela, o trabalho no Parlamento dele. Tudo que era dito nessas refeições também estava nas páginas sociais dos folhetins. Robert não esperava nada da mãe, e ela não o decepcionava mais.

Mas ela vir até ele... isso era novo.

– Então, Clermont. – Ela abaixou a colher quando um criado retirou o prato de sopa. Seu olhar estava fixo em Robert, simpático, educado e irrepreensível. – Você deve saber por que estou aqui.

– Não – negou Robert. – Não sei.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Não se lembra? Na última vez que nos falamos, você mencionou que estava planejando se casar.

Fazia dois meses desde a última vez que se falaram. Era verdade que Robert tinha concordado quando a mãe comentou que, sendo um homem que estava se aproximando dos 30 anos, ele deveria considerar se casar. Parecera uma declaração inofensiva na época.

– Você concordou em cumprir seu dever – lembrou a mãe com a voz calma.

– Eu disse que ia me casar – corrigiu Robert com cuidado. – Não me lembro de ter falado qualquer coisa sobre dever.

A duquesa torceu o nariz e apertou os lábios, como se a ideia de o casamento poder ser qualquer coisa além de um dever lhe desse vontade de espirrar. Ainda assim, não disse nada até o próximo prato ser servido. Depois, esperou que Robert estivesse com a boca cheia – e, assim, não pudesse protestar – antes de falar.

– Se formos lidar com esse assunto do modo certo, isso pode levar anos. Não é algo que possa ser precipitado. Antecedentes precisam ser investigados, informações devem ser obtidas. – Ela pegou o garfo. – Nós precisamos fazer listas. Já comecei três.

Mesmo com a garganta seca, Robert engoliu a garfada de comida. Ainda que a mulher sentada diante dele fosse sua mãe, ela era uma estranha. Robert mal a vira quando criança. Houve uma época em que ele desejou estar sob os cuidados dela. O desejo chegara a ser desesperador. Ele criara desculpas e mais desculpas para o comportamento da mãe. Mas ela deixara perfeitamente claro que as desculpas eram apenas isso – desculpas –, e que não queria saber dele.

– Perdão – disse Robert, percebendo que a sala estivera tomada pelo silêncio desde a fala da duquesa. – Como assim, *nós* precisamos fazer listas? A quem se refere ao dizer *nós*?

– Você não precisa se preocupar. – Ela acenou com elegância. – Posso lhe mostrar o que já fiz. Organizei os nomes que coletei em três categorias: filhas de nobres, herdeiras e outras. – Ela fungou. – Acredito que com pouco esforço da minha parte não será necessário considerarmos qualquer mulher na categoria *outras*.

E agora *isso*, depois de vinte e oito anos de quase absoluta indiferença daquela mulher?

– Então, quando a senhora disse *nós* – falou Robert, devagar –, estava se referindo a si mesma?

– Bem... – Ela pareceu surpresa com a pergunta. – Não precisa falar assim, Clermont. É claro que seus desejos serão considerados.

– Meus desejos serão considerados – repetiu ele. – Quanta generosidade. E que jeito curioso de falar, sem nenhum sujeito envolvido. Posso perguntar o nome da pessoa que tão gentilmente se propõe a considerar meus desejos? Afinal, trata-se do *meu* casamento.

A mãe umedeceu os lábios e ficou em silêncio. Os olhos recaíram para o prato, mas os dedos se fecharam ao redor do garfo.

– Obrigado, duquesa – disse Robert. – Mas sua assistência nesse assunto não é necessária.

– Clermont. – A voz dela foi tomada por um tom de exasperação. – Pode ser o seu casamento, mas essa escolha vai me afetar. – Ela ergueu a cabeça, com os olhos arregalados. – Se seu casamento for motivo para fofoca, qualquer pessoa ligada a você vai sofrer. Tenho décadas de experiência com a alta sociedade. Seria tolo da sua parte desconsiderar isso.

Ela estava sentada ereta, rígida. Pequenas manchas rosadas coloriam suas bochechas. Sem dúvida, tinha percebido que, uma vez que Robert se

casasse, ela se tornaria a duquesa *viúva* de Clermont, e odiaria abrir mão de sua posição na sociedade para uma garotinha que não a respeitasse como ela gostaria.

– Sem ofensa, mãe – disse Robert com a voz arrastada –, mas não a considero uma especialista em casamentos. A experiência, creio eu, exigiria que a senhora de fato *tivesse* ficado casada.

Os lábios dela se apertaram.

– Insultos. – Ela fungou. – Você está cada vez mais parecido com o seu pai. Mas pense sobre minha oferta, Clermont, e venha falar comigo quando estiver menos emotivo. Não pode simplesmente ficar perambulando por Londres até encontrar uma candidata que o interesse. Essa é uma das decisões mais importantes da sua vida. Sua esposa vai dividir a vida com você pelo resto dos seus dias.

– Não necessariamente – contradisse Robert. – Ela pode ir embora a qualquer momento. – Ele olhou para a mãe do outro lado da mesa. – Caso isso aconteça, pedirei que consulte a senhora. Acredito que tenha qualificações nesse quesito.

As narinas dela se dilataram. Ele achou que ela ia bater o pé e raspá-lo no chão, como um touro bravo. Mas a duquesa apenas virou a cabeça para o lado e se serviu de mais uma garfada.

Havia um motivo para os dois terem mantido uma conversa trivial até aquele momento. Não havia como falar sobre qualquer outra coisa sem amargura. Não compartilhavam nenhum passado, quase não tinham conhecidos em comum. A mãe de Robert passara mais tempo visitando a mãe de Sebastian – irmã de seu marido – do que na casa em que o filho morava quando era criança.

E tinha sido escolha dela. Talvez Robert a tivesse perdoado no passado. No passado, ele teria perdoado qualquer coisa que ela fizesse. Sabendo o que sabia sobre o pai, parecia injusto culpar a mãe por deixá-lo. Mas, depois de deixar o marido, ela nunca voltou para o filho. Por mais que ele tenha pedido, ela nunca voltou.

– Pelo menos – disse ela afinal, um pouco rígida –, você poderia usar as minhas listas.

– Não, Vossa Graça. – Robert se sentia tão frio quanto o gelo. – Não creio que nós precisaremos das suas listas.

Ela pestanejou e olhou para a comida, contemplativa.

– *Nós* – disse por fim. – Quem está incluído nesse *nós*?

– Não mencionei? Sebastian Malheur. – Robert abriu um sorriso para ela. – Por que acha que pedi que ele viesse até aqui?

Os olhos dela se arregalaram.

– Aquele homem! – sibilou. – Ele já apareceu no hotel, e... – Ela emitiu um som de irritação. – Aquele homem não saberia o que é decência nem se ela fosse até ele e lhe desse a mão. Tudo bem você se associar a ele por causa do senso de lealdade familiar, mas tratá-lo de fato como um amigo...

– Não se preocupe, Vossa Graça – interrompeu Robert. – Oliver Marshall também está aqui e vai ajudar...

– São *essas* as suas companhias? Um patife e um bastardo?

Robert quase pulou, perdendo a paciência. Mas gritar nunca o havia levado a lugar algum. Lentamente, ele expirou, deixando que a raiva o abandonasse e a serenidade do gelo o tomasse mais uma vez.

– Ah – disse afinal. – Insultos.

A mãe bufou.

– Pelo jeito, eu herdei algumas coisas da senhora, apesar de tudo. Espero que essa descoberta não a deixe muito horrorizada.

Mas ela não parecia chateada. Na verdade, um sorrisinho surgira em seus lábios – o primeiro que Robert via desde que a mãe chegara.

– Mas eu já sabia disso – disse ela. – Que outro motivo eu teria para estar aqui?

Capítulo Onze

– Onde você esteve nos últimos dias? – perguntou Lydia. – Mandeí uma mensagem dois dias atrás, mas suas tias-avós disseram que você estava doente.

Minnie olhou para a amiga. Lydia estava sorrindo e não parecia preocupada. Na verdade, havia entrelaçado o braço no de Minnie e a guiava por um corredor até os fundos da casa dos Charingfords.

– Eu não estava doente.

– Disso eu sei, boba. – Lydia deu tapinhas na mão de Minnie. – Se tivesse sido algo sério, você teria insistido que me avisassem. E se não fosse sério, você mesma teria me escrito. Então o que aconteceu?

Minnie olhou ao redor. Não havia nenhum criado por perto, ninguém para ouvi-las. Só a parede revestida com painéis de madeira do corredor.

– Realmente não posso contar tudo a você. Mas estou envolvida em outra estratégia.

O rosto de Lydia ficou completamente sem expressão.

– Não daquele jeito – Minnie se apressou a acrescentar. – Nunca daquele jeito.

– Meu Deus. Você me assustou. Olhe as minhas mãos.

Lydia as mostrou. Estavam tremendo.

– Se a envolvesse – prosseguiu Minnie –, você seria a primeira a saber. Desta vez – ela fez uma careta – ... envolve o segredo de outra pessoa.

Lydia aceitou a justificativa dando de ombros suavemente e abriu a

porta da sala de estar dos fundos. Para a surpresa de Minnie, havia pessoas lá. Pessoas e uma lareira que deixava o ambiente bem, bem aquecido.

Três criadas estavam sentadas ao redor do fogo, que brilhava com chamas laranja, altas o bastante para roçar na chaminé. As moças estavam amassando pedaços de papel e os jogando na lareira um a um, de modo a manter as chamas sob controle. O ar estava pesado com o odor de celulose queimando.

– O que é isso? – perguntou Minnie.

– Ah, você não soube? – disse Lydia. – Um grupo de radicais anda espalhando folhetos por toda a cidade. Deixaram uma pilha enorme nas portas da malharia do papai. Ele mesmo teve que arrancar os panfletos das mãos dos trabalhadores. Passou a manhã toda tentando apanhar todos eles.

Minnie olhou para a amiga.

– São tão ruins assim?

Lydia abriu um sorriso divertido e entrou na sala, resgatando um pedaço amassado de papel das mãos de uma criada antes que fosse jogado no fogo.

– Veja você mesma.

Minnie olhou para o folheto na mão da amiga. Ela o pegou, correu os olhos por ele...

E chegou a um parágrafo que a fez cobrir a boca com a mão.

“Parar de trabalhar é como um ataque descoberto. Primeiro, vocês devem dar voz a suas preocupações, uma voz intensificada pelo grito de mil gargantas. Depois, vocês devem esvaziar as fábricas onde trabalham, deixando, como veemente contrapartida, os bolsos de seus patrões cada vez mais rasos. Saibam onde estão e o espaço que deixam para trás.”

– Está falando de uma greve, não é? – perguntou Lydia.

“Parar de trabalhar é como um ataque descoberto.”

Minnie sentiu todo o sangue em seu corpo gelar.

– Talvez. – Ela até se sentia um pouco tonta. – Entre falar e se organizar há um longo caminho, e outro entre se organizar e realmente parar de trabalhar.

Ela se apoiou na parede com uma das mãos.

“Saibam onde estão e o espaço que deixam para trás.”

Aquelas palavras soavam familiares – familiares demais. A última frase era praticamente uma citação direta do livro *Sobre o xadrez*, de Tappitt, uma obra pouco conhecida. Minnie a tinha citado para o duque de Clermont sem

pensar muito sobre as palavras. Afinal, ele tinha confessado que não entendia muito do jogo.

E Minnie também já tinha usado as mesmas palavras. Dissera algo quase idêntico para Stevens alguns meses antes, quando estavam falando sobre a bomba d'água de Harley. Não era nenhuma surpresa. Palavras relacionadas a estratégias de xadrez faziam parte do vocabulário de Minnie desde que ela se entendia por gente. A primeira coisa que se lembrava era de estar sentada à frente de um tabuleiro de xadrez, com o pai do outro lado da mesa.

“Isso”, dissera ele, “é um ataque descoberto. Viu? Um movimento, duas ameaças. Sabe me dizer quais são essas ameaças?”

– Se isso não fosse verdade – disse Lydia –, papai não estaria tão furioso. Mas ele não pode permitir que a malharia fique parada.

– Entendo – falou Minnie.

Lydia acenou com a mão para as criadas.

– Nós terminamos por aqui – disse. – Podem sair.

As moças se levantaram e deixaram a sala. Lydia se sentou diante do fogo e começou a alimentá-lo com os panfletos a intervalos regulares.

Ótimo. Que queimassem todos. Talvez ninguém os tivesse visto. Ele tinha usado as palavras *dela*.

– Lydia, por acaso você viu Stevens?

– Ainda hoje. Depois que essas coisas foram distribuídas, ele e meu pai ficaram trancados no escritório por horas. Afinal, caso haja mesmo uma greve, será Stevens quem terá que pôr fim nela. Os dois estavam discutindo sobre alguma coisa. E depois Stevens foi embora. Papai me disse que ele ia a Manchester para investigar alguma coisa. Mas não me pergunte o que ele espera descobrir em Manchester sobre os nossos operários. Talvez trabalhadores de cidades diferentes estejam se comunicando...

Não. Stevens lera o folheto. Lembrara que Minnie já havia mencionado um ataque descoberto. E – cumprindo a promessa que lhe havia feito – foi a Manchester para investigar o passado dela, porque acreditava que ela estava envolvida. Ela estava tonta.

– Você acha que o papai paga bem os trabalhadores? Stevens diz que se ele aceitar as exigências deles, vão pedir coisas ainda mais insensatas. Mas aposto com você que deve haver algum jeito de impedir que a situação chegue a esse ponto. Assim como você fez com a Comissão.

Não havia nada que Minnie pudesse fazer sobre Stevens naquele momento. Ela balançou a cabeça, afastando os temores.

– Não sei – disse ela. – Mas Stevens e seu pai...

Lydia revirou os olhos.

– Não quero falar sobre Stevens. – Ela abaixou a voz. Em seguida, contradizendo diretamente o que acabara de dizer, olhou para Minnie. – Acha que ele descobriu o que aconteceu naquela vez? Que esses boatos sobre a sua legitimidade surgiram porque alguém está falando sobre *mim*? Nós duas fomos para a Cornualha. Talvez... talvez Stevens tenha descoberto alguma coisa por lá.

– Ele não descobriu – afirmou Minnie.

– Mas como...

– Sei disso porque ele me confrontou com a prova dele – acrescentou Minnie. – Não tem nada a ver com você. É tudo baboseira. Algo sobre minha mãe não ser casada, um boato que ele ouviu de uma velhota tola, no fim da vida, que está perdendo a memória.

Lydia suspirou.

Mas aquilo não dava conforto algum a Minnie. Stevens tinha ido em busca de informações sobre ela. A sala ao seu redor parecia estar revestida de algodão, como se faixas e mais faixas a circundassem. Gritos vinham de longe, gritos abafados. O som de uma grande multidão, um olho piscando, enquanto o sol brilhante lhe tomava a visão...

– Minnie, está tudo bem?

A voz preocupada de Lydia a trouxe de volta ao presente. Nada de gritos. Nada de tumultos. Nada de multidões.

Pelo menos ainda não. E talvez...

– Estou bem – respondeu Minnie, falando devagar. – Só estou... pensando.

Stevens levaria pelo menos uma semana para descobrir a verdade – e isso apenas se reconhecesse o que estava procurando quando encontrasse. E Minnie tinha a carta do duque. Isso, somado a tudo que ela mesma tinha descoberto, seria prova suficiente de que ela não estava envolvida.

Lydia a observava com cuidado.

– Sobre o que você queria falar comigo?

Minnie suspirou e olhou para a amiga.

– Naquele dia na Comissão, o Dr. Grantham pediu para ver você.

Lydia arrebitou um pouquinho o nariz.

– E...?

– E... ele queria ver você. – Embora possivelmente ele só tivesse dito isso para irritar Stevens. – Ele é bonito e jovem. Eu gosto dele.

– Eu não – retrucou Lydia com a voz seca. – Ele estava trabalhando com o Dr. Parwine quando aquela *coisa* aconteceu. E desde então fica me olhando como se *soubesse*.

– Ele olha para todo mundo assim – disse Minnie. – Acho que é o jeito dele.

– E ele é tão sarcástico.

– Ele é sarcástico com todo mundo.

Lydia desviou o olhar.

– Não gosto de lembrar o que aconteceu, e ele me faz lembrar. Toda vez que solto uma risada, ele me olha como se estivesse me julgando por ser fútil. Não suporto ficar perto dele.

– Eu não sabia disso – disse Minnie, aproximando-se da amiga para se sentar ao lado dela.

– Trabalho tanto para ter essa futilidade. – As mãos de Lydia estavam tremendo. – Como ele se atreve a me julgar por isso?

Só Minnie sabia a verdade por trás daquela declaração.

– Sei que às vezes você pensa que não levo as coisas a sério como deveria. Que fico sonhando alto. Que eu deveria ser mais racional.

Lydia fungou.

– Eu não penso nada disso.

– Só as tragédias são dignas – disse Lydia. – Melancolia é sabedoria. Sofrimento é força.

– Lydia...

– Algumas pessoas achariam que sou fraca, porque fui seduzida por um homem mais velho.

Minnie olhou ao redor – mas o cômodo estava vazio, e a amiga estava falando em voz baixa.

– Porque eu não sabia que ele era casado. Porque eu não entendia de verdade o que estava acontecendo. Algumas pessoas achariam que fui fraca porque pedi ajuda a você.

– Eu não acho.

Lydia tinha procurado Minnie, e Minnie tinha bolado uma solução para

tudo – como esconder Lydia dos olhos do público durante a gravidez, como fazer a viagem parecer respeitável, de modo que ninguém ficasse fofocando. Foi necessário usar apenas um pouquinho de estratégia – e, naquela época, Minnie ficara feliz por ter algo para fazer.

Lydia jogou um punhado de folhetos na lareira e esperou até que pegassem fogo.

– Algumas pessoas achariam que fui fraca porque chorei quando sofri o aborto. E achariam que você é tola por ter me abraçado e dito que tudo ficaria bem. Mas, acima de tudo, elas achariam que sou tola porque aprendi a sorrir de novo. Achar que você não serve para nada porque não usa seda nem laços, porque temos que prestar atenção para ouvir o que você está dizendo. E essas pessoas não sabem *nada*.

Alguém a vê, Srta. Pursling? As palavras do duque de Clermont voltaram a Minnie.

Sim, ela queria responder. *Sim. Uma pessoa me vê.*

– Só uma vez – continuou Lydia – eu queria que todos vissem você como eu a vejo.

Minnie balançou a cabeça, abraçando a amiga.

– Não. Não. Não quero que me vejam. Não conseguiria suportar se me vissem.

– Bom, talvez não todos. – Lydia lhe lançou um sorriso malicioso. – Mas que tal...

Minnie suspirou.

– Não diga o nome dele.

– ... o duque de Clermont? – completou Lydia. – E esse é o *título de nobreza* dele, não o nome, então pare de me olhar assim. Ele está envolvido nessa sua estratégia nova, não está?

– Mas é claro que não – retrucou Minnie, mas a amiga só abriu um sorriso torto.

– Quero que você tenha uma chance – disse Lydia. – Quero que todos aqui saibam como a julgaram mal, imaginando que é calada e obediente. Quero que vejam o que eu vejo tão bem. Que você tem um coração bom e uma mente afiada.

Minnie fungou, desviando o olhar.

– Isso só acontece em contos de fadas. Garotas de verdade se saem melhor se tiverem um dote grande e cabelos loiros.

– E o que mais me incomoda é que nunca poderemos contar a ninguém a evidência que tenho de como você é maravilhosa. Mas ainda acredito que um dia vão descobrir quem você é de verdade. Que um dia todos a verão como eu a vejo.

– E você acha que eles iriam gostar?

Lydia confirmou com a cabeça, com convicção.

– Sei que sim.

O otimismo de Lydia não tinha nada de ingênuo. Ela o conquistara justamente, e nem Minnie podia roubá-lo da amiga. Era estranho que Lydia tivesse tanta certeza da própria visão do futuro, enquanto Minnie não conseguia ver nada.

Ela virou a cabeça.

– Tenho que lhe contar mais uma coisa em relação a isso. O Dr. Grantham me pediu para convidar você para vir junto e espalhar os folhetos comigo e com Marybeth Peters.

Os olhos de Lydia correram para o papel amassado que ela acabara de jogar no fogo.

– Não esse tipo de folhetos – disse Minnie com um sorriso que não lhe pareceu muito verdadeiro. – Uns bem sem graça, sobre varíola e desinfetante.

– E o Dr. Grantham vai junto?

– Não. – Minnie abriu outro sorriso pouco sincero. – Essa é a parte que você vai achar bem interessante. Outra pessoa se ofereceu para ir no lugar dele, e você nunca vai acreditar quem foi.

– Tola. – Lydia apertou a mão dela. – Eu já sei. Foi como num conto de fadas? Minnie, perdida e angustiada... Não, espere, você nunca ia agir assim. Minnie, apertando a ponte do nariz enquanto homens idiotas discutiam, imaginando como ela convenceria todos eles a fazer o que ela queria. – Lydia sorriu. – E então, bem naquele momento, chegou o príncipe de Gales!

Minnie caiu na gargalhada.

– Ah, está bem – disse Lydia. – Imagino que isso não seria muito provável. Além disso, ele é casado, e não quero nem imaginar que ele trairia a princesa Alexandra. Então vou chutar que foi o duque de Clermont. Ele chegou, olhou uma única vez para o seu decote, e declarou que você era dele.

– Bem...

Lydia apontou para ela.

– Eu sabia. Precisa *ver* como ele olha para você.

Minnie tentou ignorar a amiga, mas conseguia relembrar o olhar sem precisar de nenhum esforço. Ela sentiu as bochechas queimarem.

– Não vá ter ideias – avisou Minnie.

Então o duque olhava para ela. Isso não significava nada. Ele falava sem pensar, não considerava as consequências do que fazia. Provavelmente também olhava sem segundas intenções.

– Ele só estava sendo...

Minnie deixou a voz morrer, sem saber como terminar. Um cavalheiro? Irritante?

Ela achava a segunda opção mais provável, considerando que ele tinha usado as palavras dela diretamente no folheto. Mas conseguia se lembrar de como ele a olhara depois que o encontro da Comissão de Higiene de Trabalhadores terminara, daqueles olhos tão intensos. E daquele sorriso surpreso quando ela dissera que gostava dos amigos dele. O sorriso fora tão bem-vindo quanto o nascer do sol.

– Ele mandou uma mensagem – disse Minnie por fim. – Sugeriu que nos encontremos amanhã à tarde. Seremos eu, Marybeth Peters...

– E o duque de Clermont. – Lydia sorriu. – Isso me faz sentir tantas coisas, Minnie.

Olhe para cima.

Minnie abraçou o próprio corpo.

– Não. Não sinta. *Eu* não posso sentir.

Lydia apenas balançou a cabeça.

– É claro que você não pode sentir. É por isso que eu sinto por você.

Capítulo doze

No dia seguinte, sem muito esforço, Minnie conseguiu encurralar o duque de Clermont para que conversassem quase em particular. Afinal, a melhor forma de colar os folhetos era em duplas – e, uma vez que isso foi determinado, Lydia se agarrou a Marybeth Peters e cruzou a rua a passos largos, com cola e papel em mãos, deixando Minnie a sós com o duque.

Bem, não completamente a sós. Estavam em uma rua pública, para começo de conversa, e Lydia e Marybeth estavam perto o bastante, no outro lado da Haymarket, para ouvi-los caso gritassem. Pessoas passavam pela rua. Um homem estava vendendo castanhas na esquina, e alguns meninos tinham acendido uma fogueira na calçada e a alimentavam com cuidado com pedaços de lixo.

Minnie não sabia o que dizer ao duque. Quais eram as intenções dele? Ele entregara aquela carta a ela. Tinha dito que a queria, e Minnie ainda sentia calafrios na espinha quando lembrava a expressão nos olhos dele enquanto falava. Mas ele também usara as palavras de Minnie em um panfleto, escurecendo a nuvem de suspeita que a seguia. Em vez de tentar encontrar um sentido em tudo aquilo, ela deu a ele uma lata de cola.

– O que o senhor sabe sobre trabalho manual?

– Hum... – Os olhos dele cintilavam. – Li sobre o assunto. Visitei as fábricas que herdei do meu avô. Faço questão de conversar com os trabalhadores quando tenho a chance.

– Mas nunca *fez* trabalho manual.

– Não... exatamente.

Minnie entregou um pincel de madeira ao duque.

– Parabéns – disse ela. – Está prestes a se rebaixar um pouco mais.

– Mal posso esperar.

Ele pegou a lata de cola, confuso, e seguiu Minnie pela calçada. Ela parou na primeira esquina e ergueu um folheto.

– O que eu faço? – perguntou o duque.

– Pegue a cola e passe no papel. Depois eu vou colar o papel na parede.

– Só isso?

Ele abriu a tampa da lata, mergulhou o pincel e, meio sem jeito, passou aquela gosma branca no papel que Minnie estava segurando.

– O senhor não leva muito jeito para isso.

Ela se virou, pressionou o papel contra o tijolo e seguiu em frente. Minnie não achava que o duque tivera a intenção de lhe causar problemas. Ele a olhava como se nada tivesse acontecido. E, para ele, de fato, nada tinha mudado. Os dois haviam trocado sorrisos no trem, e Minnie dissera que gostava dele.

Quando ela se virou, viu que o duque sorria. Os sorrisos dele eram como clarões de raios à noite, rápidos e passageiros, iluminando toda a paisagem por um momento antes de desaparecer. Sorrisos assim, Minnie lembrou a si mesma, podiam ser bonitos, mas ainda deixavam estragos por onde passavam.

– Bom – disse ele, bem atrás dela, com a voz baixa e divertida. – Sabe o que dizem. Quem não cola não mama.

Minnie pestanejou.

– Trocadilhos – falou, sem se virar – são a forma mais fajuta de humor.

– Não quando são ditos por um duque.

Ela levantou um folheto para que ele passasse cola e o grudou na parede, segurando o papel no lugar por um momento para garantir que ia aderir bem.

– O senhor é um duque? – perguntou ela. – Achei que fosse um defunto.

Sua Graça, o duque de Clermont, não deu sinal de ter ouvido Minnie. Em vez disso, ficou segurando a lata de cola e sorriu.

– Vamos para a próxima esquina? A Srta. Peters e a Srta. Charingford já estão nos ultrapassando. – O olhar dele alcançou o dela. – Temos que ficar na cola delas.

Minnie se recusava – absolutamente se *recusava* – a ser seduzida a rir com ele e fazer piadas inadequadas sobre cola. Ela pressionou os lábios e seguiu pela rua a passos largos.

Ele a seguiu.

– Tem alguma coisa... errada? A senhorita leu a minha carta?

– Sim, li – respondeu Minnie. – Li *tudo* que o senhor escreveu. E estou furiosa.

– Ora, vamos – repreendeu ele. – Isso não vai colar.

Ele soltou uma risada baixa – que sumiu quando Minnie se virou e ele viu a expressão no rosto dela. O sorriso dele desapareceu.

– Ah. A senhorita está brava mesmo. Fiz algo errado?

Se ele tinha feito algo errado? Ela queria dar um soco nele.

– A sua última obra-prima. Não acredito no que o senhor escreveu.

Ele franziu o nariz.

– Por quê? Porque uma greve atrapalharia seus amigos? Porque a senhorita não se importa com as condições de trabalho dos operários? Ou acha que eu não deveria ter escrito nada? Que deveria ter ficado calado, esquentando a cabeça sozinho...

– Ah, pelo amor de Deus – disse Minnie, exasperada. – Se eu achasse que o senhor não deveria estar escrevendo aqueles malditos folhetos, já teria mostrado sua carta ao magistrado da cidade. Às vezes, eu também quero gritar, gritar o mais alto que puder, independentemente de quem vai ouvir. Estou brava porque o senhor usou as *minhas palavras* no último folheto. *Minhas palavras*.

O duque piscou.

– Ah. – Ele mordeu o lábio. – Isso. Bem, de certa forma, creio que usei mesmo. Por que não usaria? Eram boas palavras.

– Não se finja de bobo. Não ouviu o que Stevens falou? Ele já me acusou de ter sentimentos radicais. Por que o senhor usaria uma frase que ouviu de *mim*? Não entende como minha vida vai ficar impossível se suspeitarem de mim?

Com os trabalhadores nas fábricas até o apito do fim do dia, as ruas estavam calmas. Algumas poucas mulheres passeavam, dirigindo-se ao verdureiro, e uma lavadeira apressada andava a passos largos com um saco nos ombros. De certa forma, o barulho rítmico das máquinas a algumas

esquinas dali fazia com que as ruas parecessem silenciosas, encobrindo todos os outros ruídos.

– Estou morrendo de medo – disse Minnie –, e o senhor não tem nada a temer. Não é justo.

Do outro lado da rua, uns nove metros a frente, Lydia e Marybeth estavam espalhando os folhetos de forma metódica.

– Então? – exigiu Minnie, balançando um papel para o duque. – Não fique perdendo tempo. Preciso de cola.

– Srta. Pursling – disse ele, bastante formal. – Sinto muitíssimo.

Ele vestira roupas mais escuras e resistentes para a ocasião – calças de lã cinza e um casaco combinando, de um tecido grosso, mas com o corte perfeito. Ao redor do pescoço, usava um cachecol marrom macio. A roupa fazia com que não parecesse um duque, mas um patife loiro – maroto e talvez um pouco malandro. O tipo de homem que instigaria uma garota a sair com ele à noite, e que às escondidas lhe daria goles da bebida inebriante que levava em um cantil. Seria fácil demais ficar embriagada perto dele.

Ele soara sincero, e Minnie queria acreditar nele.

– Sente muito por ter me colocado em perigo?

Aquele sorriso um tanto envergonhado também parecia sincero. Mas então o duque olhou para ela. Remexeu o pincel na lata, depois o ergueu. Havia uma grande bola de cola na ponta.

– Não. – As palavras dele soavam pesarosas, mas os olhos brilhavam. – Não por aquilo. Por *isto*.

Ao falar, ele sacudiu o pincel na direção da barriga dela. Minnie mal teve tempo de abaixar o folheto para se defender. A ponta do papel pegou a bola de cola voadora, partindo-a no ar, fazendo com que se espalhasse por toda parte.

Minnie o encarou, incrédula.

– Eu não tinha percebido que permitiam que garotos de doze anos tomassem assentos na Câmara dos Lordes – falou friamente.

O duque deu uma piscadela para ela, então se virou para as mulheres do outro lado da rua e acenou.

– Estaremos na bomba d’água do outro lado daquele beco! – avisou. – Tivemos uma emergência com a cola por aqui.

– Uma emergência com a cola! – bufou Minnie. – Uma agressão com a

cola, isso sim.

Mas o duque já tinha segurado o braço dela e a guiava por um trecho estreito entre duas construções até um pátio sujo onde havia uma bomba d'água. Ele tirou o casaco antes de começar a pressionar a alça da bomba. Minnie conseguia ver o contorno dos músculos dele através das mangas da camisa. Ela estava aterrorizada, e enquanto isso o duque se exibia.

– Para a sua informação – disse ele enquanto acionava a bomba –, eu tenho vinte e oito anos, não doze.

– Meus parabéns.

– Merecidos. Consegui ficar a sós com a senhorita.

Ele tornou a sorrir, e foi como se um relâmpago tivesse atingido Minnie. Ela desviou os olhos. A bomba soltou um chiado oco, indicando que a água estava quase chegando.

– Flertar com a senhorita não é fácil.

Enquanto ele falava, a água começou a jorrar da bomba, sendo contida por um balde colocado abaixo do fluxo.

– Então? – Ele ergueu uma sobrancelha. – Queria gritar comigo? Achei que seria justo lhe dar uma chance de fazer isso sem criar tumulto. Vá em frente.

– Por que usou as minhas palavras? Estava tentando colocar minha reputação em risco de propósito? Achou que, se eu levasse a culpa, o senhor conseguiria escapar de qualquer censura?

O duque apenas balançou a cabeça.

– Eu devia saber que a senhorita não ia gritar. – Ele deu de ombros e desenrolou o cachecol do pescoço, mergulhando a ponta no balde. – Para responder à sua pergunta, não, não tinha intenção nenhuma de fazer isso. Posso ter agido um pouco sem pensar, mas não tive más intenções.

Para a surpresa de Minnie, ele se ajoelhou à frente dela e usou o cachecol para limpar uma mancha de cola na saia dela.

– O que aconteceu foi que a senhorita causou uma impressão em mim – prosseguiu ele, atento ao que fazia. – Se reconheceu suas palavras no que eu escrevi, foi porque meus pensamentos estavam focados na senhorita. – Ele ergueu os olhos para ela. – Isso acontece com frequência.

Não era justo que só com aquilo ele conseguisse extrair a raiva do coração de Minnie e o ar dos pulmões dela. Eles ficaram se encarando por bastante tempo.

Não era justo. Não era certo. Ali estava ele, de joelhos na frente dela, e ainda assim era Minnie quem sucumbia aos encantos dele.

Ela desviou os olhos.

– Isso não muda nada. De qualquer jeito, estou numa posição precária. Não sei o que fazer. O senhor não pode simplesmente pedir desculpas e esperar que eu sorria.

Ele afastou os olhos dela – não se rendendo, mas com um ar despreocupado, como se não se importasse – e limpou outra mancha de cola.

Minnie não conseguia sentir as mãos dele através da saia. Porém, ainda assim, conseguia imaginá-las, conseguia imaginar que a leve pressão que ele estava fazendo no tecido passava para as anáguas, e dali para as ceroulas, as meias, as pernas. Ela fechou os olhos enquanto ele continuava o trabalho, subindo cada vez mais.

Quanto mais o duque subia, mais ela sentia. Quando chegou à última mancha de cola, não havia nada além da verdade. Ele estava tocando a barriga de Minnie. Através das camadas de tecido e espartilho, claro, mas não deixava de ser a mão do duque, apoiada na barriga dela. Minnie inspirou fundo.

– Não acredito que o senhor jogou cola em mim – murmurou ela. – Deve ser a coisa mais estúpida...

– É claro que foi estúpido. – Ele olhou para a ponta úmida do cachecol, em seguida deu de ombros e o jogou por cima do ombro. – É assim que essas coisas funcionam.

Levantou-se ao falar, deixando Minnie olhando para baixo – diretamente para os botões do colete dele.

– É assim que essas coisas funcionam? – repetiu ela, duvidando. – Está dizendo que o senhor é um tolo, Vossa Graça?

– Em certas circunstâncias. – A voz dele se tornou um murmúrio baixo, e o duque se inclinou tanto que estava quase sussurrando no ouvido de Minnie. – Veja bem, há uma mulher.

Ela não ia olhar para ele. Não ia.

– Normalmente, se diria que é uma bela mulher, mas eu não acho que ela se qualifique como uma beldade clássica. Mas, ainda assim, acontece que, quando ela está por perto, eu prefiro olhar para ela a olhar para qualquer outra.

Ele colocou dois dedos na bochecha de Minnie, e ela inspirou fundo. Não *ia* olhá-lo. Ele veria o desejo nos olhos dela, e então...

– Tem algo nela que me deixa vidrado. Algo que não consigo descrever em palavras. Talvez sejam os cabelos, mas tentei lhe dizer isso e ela me falou que eu estava sendo ridículo. Acho que eu estava sendo mesmo. Talvez sejam os lábios. Talvez sejam os olhos, apesar de serem tão raras as vezes que ela olha para mim.

Aqueles dedos na bochecha de Minnie desceram para a mandíbula. Ela sentia que estava congelada naquela posição.

– Ela é inteligente – prosseguiu ele. – Toda vez que a vejo, descubro que subestimei suas capacidades. Ela me deixa totalmente desconcertado.

Eram só palavras – palavras que qualquer homem diria se quisesse conquistar uma moça. Só palavras. Não significavam nada, não de verdade.

Mas *não* eram só palavras. Ninguém nunca havia dito algo assim para Minnie. Ela nem sabia que quisera ouvi-las até o duque dizê-las. E era como se tivessem se alojado como uma faca entre as costelas dela. Minnie ansiava que fossem verdade – desejava tanto que cada respiração doía.

– O que está tentando dizer? – perguntou ela aos botões do colete.

A voz não tremeu. Não falhou.

– Que está em desvantagem? Já estabelecemos isso.

– É claro que estou em desvantagem. – O duque estava acariciando a bochecha dela, suave. – O macho da espécie humana tem uma falha fundamental. No momento em que queremos dizer algo inteligente e impressionante, todo o sangue some do nosso cérebro.

– Some?

– É um fato fisiológico – disse Sua Graça. – O desejo nos torna estúpidos. Nos faz soltar coisas idiotas como “Gosto dos seus seios” e “Socorro, tivemos uma emergência com a cola aqui”. Me faz querer ficar por perto mesmo que eu saiba que estou em desvantagem, mesmo que eu tenha certeza que a senhorita vai vencer. – O tom de voz dele ficou mais baixo. – Veja bem, eu quero assisti-la vencer.

Minnie engoliu em seco. E, naquele momento, acreditou nele. Acreditou que *ia* ganhar, de algum jeito, ganhar e conquistar um futuro tão impossivelmente brilhante que a cegava só de imaginar.

– Mesmo que eu saiba que vou dizer coisas tolas – continuou ele. – E,

pelo jeito, atacá-la com cola. – Uma pausa. – Desculpe por isso. Meu Deus, foi bem estúpido.

– Eu achei que houvesse... coisas... que o macho da espécie humana pudesse fazer a respeito dessa deficiência fisiológica.

Ele ainda a tocava, aqueles dois dedos pressionando levemente a mandíbula dela. Minnie não conseguia olhá-lo enquanto falava. Seu rosto inteiro queimava só de pensar no que aquelas coisas envolviam.

– Não aqui – disse o duque, parecendo achar graça. – Não agora.

Seu polegar roçou contra o lábio dela, evocando um beijo de leve.

– Não – disse ele, com a voz bem baixa – com você. Lamentavelmente.

Ah, como Minnie queimou com aquilo. Parecia que sua pele ia incendiar. Ela se sentiu ficar molhada por baixo da saia. Mas aquela onda de desejo líquido só a entristeceu.

Ambos tinham lido corretamente o momento. A posição de Minnie era distinta demais para que ela dormisse com ele de forma tão casual, e ainda assim não era distinta o bastante para que se casassem. Isso fazia com que ela não fosse nada para ele, uma insignificante criatura de saia. O que quer que fosse aquilo que existia entre eles, era ao mesmo tempo dolorosamente real e impossivelmente inexistente.

A voz do duque soava rouca.

– Então acabe comigo – disse ele. – Ganhe, me supere, Minnie. E quando estivermos sozinhos...

Seus dedos tocaram de leve o queixo dela.

– Quando estivermos sozinhos – sussurrou –, olhe para cima.

O duque poderia ter erguido o queixo dela, tê-la forçado. Mas o indicador ficou quente e firme no rosto. Ele esperou e, no fim, Minnie não conseguiu resistir. Ela olhou para cima.

Os olhos dele acolheram os dela, cumprimentando-os.

– Olá, Minnie.

Ele não sorriu. Não se curvou para ela. Mas sua voz soava quase como uma carícia quando sussurrou:

– Gostaria que me chamasse de Robert.

– Robert.

– Agora – sussurrou ele, com um tom de voz solene –, eu diria algo bem inteligente, se meu cérebro não tivesse virado cola.

– Como espera seduzir alguém se não consegue nem falar? – perguntou

Minnie.

– Eu...

Ele parou, balançou a cabeça e jogou as mãos para cima, frustrado.

Tradição da família Lane. Quando você tiver encurralado o adversário, lhe dê um beijo para mostrar que não há ressentimentos.

– Entendo como funciona – disse Minnie com a voz suave.

– Entende?

Ela não entendia. Não conseguia entender nada. Não sabia o que fazer a respeito de Stevens, o que fazer com o futuro que parecia estar desabando à sua frente. Isso era o oposto do momento em que ela teria beijado a peça de xadrez. Mas, olhando-o nos olhos, ela não viu desfechos, não viu a finalidade de um casamento com um homem que não a conhecia, não viu no futuro a certeza cinza de um abrigo financiado pelo governo.

Ela viu começos.

A atração entre eles era completamente impossível.

– Entendo, sim – disse Minnie. – Você não seduz as mulheres.

Ele abriu um meio sorriso.

– Hã. Bem. Quanto a isso...

– *Elas é que seduzem você.*

E então, antes que pudesse pensar – antes que pudesse fazer uma lista de *não deve* e *nunca* –, Minnie ficou na ponta dos pés. Só havia poucos centímetros entre os dois, e ela acabou com a distância sem pensar.

Robert deixou escapar um som suave de surpresa. Os lábios eram quentes nos dela, e, depois daquele momento inicial de choque, ele a segurou.

– Desse jeito – murmurou ele, e então seus lábios não estavam apenas pressionando os de Minnie, mas se movendo contra a boca dela, persuadindo-a a beijá-lo.

Aquele beijo também não era um desfecho, mas algo novo e vibrante que reluzia com possibilidade. Os lábios dele encontraram os dela, os capturaram, de novo e de novo. Quando as línguas se tocaram, as mãos de Robert seguraram os dois lados do rosto de Minnie, mantendo-a perto, puxando-a até ele com tanta força que ela temia rachar.

Robert a beijou e ela se agarrou a ele, pousando as mãos no peito dele, com os botões do colete pressionando suas palmas. Os dedos dela deslizaram por baixo do cachecol, puxando o duque para mais perto.

E então ele deu um passo para trás. Minnie abriu os olhos e viu o pátio, a bomba d'água.

Ele sorriu.

– Acredito que essa foi a primeira vez que conquistei toda a sua atenção.

– Robert.

Ela engoliu em seco, sem jeito.

– Para responder ao que me disse... Tem razão. Não lhe devo apenas um pedido de desculpas. Só posso reiterar o que falei antes. Não vou deixá-la pior do que estava quando a conheci. Sei que está preocupada. Sei que às vezes ajo sem pensar. Mas não *paro* de pensar totalmente, Srta. Pursling. Muitas coisas estão ao meu alcance, e não vou deixar que ninguém a machuque. Prometo.

Minnie não deveria acreditar nele. Aquela promessa era impossível. Ele já havia arruinado a moça por dentro, já a havia feito questionar o cenário desolador da própria vida. Ele a fizera ter esperança. Naquele momento, Minnie se sentia nas nuvens. E isso significava que o chão estava bem, bem abaixo.

– Eu não devia acreditar em você. – Ela passou as mãos no rosto. – Devia entregar sua carta ao Sr. Charingford.

– Devia ter feito isso há dois dias.

Ela sentiu um sorriso tímido tomando seu rosto.

– Eu sei.

Minnie entregou a lata de cola ao duque. Os dedos dos dois roçaram, e todo o corpo dela cantou em resposta. E, pela primeira vez, Minnie percebeu que Robert era esperto demais. Ela não o tinha superado. Ele lhe entregara a chave de sua própria ruína... e fizera com que fosse quase impossível que Minnie a usasse.

Capítulo treze

Quando Minnie apagou a vela naquela noite e se enfiou embaixo das cobertas, toda a emoção do dia já havia passado. Sentia-se como se estivesse no meio de um terreno destruído por um incêndio, com todas as coisas que conseguia ver ao redor carbonizadas e secas. Ela quase conseguia sentir o cheiro da fumaça, sentir a brasa escondida dentro do próprio corpo, aquela que ainda não tinha virado cinzas frias.

– Não se apaixone por ele, Minnie – advertiu a si mesma.

Mas o quarto estava escuro, e o calor do corpo dela ainda não aquecera os lençóis.

Se ao menos Robert fosse menos bonito, menos rico... e não fosse um duque. Se ao menos fosse um ferreiro. Um vendedor de livros. Outro homem com aquela mesma mente afiada, aqueles olhos penetrantes, aquele sorriso brilhante que parecia ter sido feito sob medida para Minnie.

Mas, em vez disso, ele era um dos nobres mais importantes do reino. Poderia escolher qualquer mulher que quisesse. Na verdade, era provável que estivesse escolhendo uma naquele instante – não era isso que os duques faziam? Eles podiam escolher a mulher que quisessem como amante, com cabelos loiros ou castanhos ou pretos, dependendo do que desejavam naquela noite, e tomavam o que queriam e deixavam como lembrança um punhado de moedas. Ser um duque significava ter um harém perpétuo ao alcance dos dedos. Bastava pedir.

Só de pensar nisso, Minnie deveria ficar enojada, mas por algum motivo

ela imaginou Robert – não, ela precisava pensar nele como o *duque*, não pelo nome, não como uma pessoa – olhando para uma fila de garotas que eram oferecidas por uma cafetina de rosto fino. Imaginou o olhar dele pousando em uma mulher com cabelos castanhos cor de mel e seios maiores do que o padrão.

– Ela – diria ele. – É ela quem quero esta noite.

Eu a quero.

Estúpida, estúpida, estúpida por imaginar que o desejo dele – o pouco que existisse – duraria o bastante para que ele fosse atrás de uma substituta. Minnie se remexeu na cama. Mas não conseguia tirar essa ideia da cabeça.

Talvez ele estivesse na cama com aquela garota naquele exato momento. As mãos tocando os seios dela, daquele jeitinho. Os lábios não na palma da mão da moça, mas no pescoço, nos lábios dela. Sem nenhuma hesitação, sem vacilar. Nada além do desejo rijo dele.

O corpo dele cobriria o dela, e ela se renderia. Abriria as pernas, as fecharia ao redor dele...

Aqueles pensamentos foram o bastante para aquecer a cama de Minnie, e, uma vez que ela começou a imaginar, não conseguiu parar. Eram seus próprios dedos que a tocavam entre as pernas, a própria mão no mamilo. Mas Minnie conseguia imaginá-lo querendo-a tanto quanto ela o queria, tomando sua imaginação de um jeito que ela nunca permitiria na vida real. Ele entrava nela, duro e forte, e ela tremia à medida que era levada ao clímax. E quando o atingiu, mordendo o lábio para segurar os gritos, foi o rosto do duque que viu.

Depois disso, a cama ficou quente demais, tão quente que Minnie jogou as cobertas para longe e deixou que o ar gelado a refrescasse, o que fez com que seus mamilos se enrijecessem de novo. Mas o frio não trouxe a claridade de que ela tanto precisava.

Ela se levantou, foi até o lavatório do outro lado do quarto e pegou água da jarra. Estava fria como gelo e a toalha era áspera contra a pele.

Talvez naquela noite ele tivesse escolhido uma mulher que se parecesse com Minnie. Talvez não tivesse escolhido mulher alguma, mas se acomodado nos próprios aposentos e feito consigo mesmo o que Minnie acabara de fazer. Essa ideia a mergulhou em uma melancolia profunda.

Se ao menos...

– Não há *se* nenhum – ela repreendeu a si mesma com rispidez. – Só a

verdade.

Esta era a realidade que ela precisava aceitar: o que acabara de acontecer era o mais próximo que ela chegaria de fazer amor com o duque de Clermont. Numa noite, ela podia pensar nele, e, se tivesse muita sorte, ele também se lembraria dela, nem que fosse por um instante. O anseio apertava a garganta de Minnie.

Não importava.

Aprendera anos antes que as próprias emoções nunca importavam. As coisas não iriam mudar, independentemente do que ela pensava. E essa emoção em particular... já havia tirado Minnie do eixo por tempo suficiente.

Ainda assim, ela abriu, sem jeito, as cortinas. Em outra noite, teria olhado para baixo – para os campos de repolho, para o semicírculo de cascalho esmagado na frente da casa de campo das tias-avós.

Mas naquela noite, durante o tempo que levou para seus batimentos cardíacos voltarem ao ritmo normal, Minnie olhou para cima. Para a lua crescente, reluzindo através da borda das nuvens, para as estrelas que brilhavam tanto para a realeza quanto para os camponeses. Ela olhou para cima até que as nuvens cobrissem a lua e extinguissem toda a luz.



Muito mais tarde naquela noite, Robert estava de volta às ruas de Leicester – agora, acompanhado por Oliver. O nevoeiro descera, misturando-se à fumaça de carvão e formando uma umidade densa e amarelada que grudava no casaco de Robert. Em algum lugar à direita, um sino de igreja começou a tocar, anunciando as nove horas, e logo os vizinhos à esquerda se uniram, e depois os que tinham ficado para trás – um coro de sinos que parecia ainda mais misterioso de dentro do aperto silencioso da névoa.

– O que foi? – perguntou Oliver.

Os dois estavam caminhando em silêncio desde que os sinos das igrejas anunciaram.

Robert fechou a mão em punho dentro do bolso.

– Estou tentando fazer a coisa certa – respondeu por fim.

A cidade estava silenciosa. Era estranho como o apito da fábrica dividia

os dias naquela região. Em um momento, não havia como escapar do ruído das máquinas. No próximo, tudo estava imóvel e silencioso, como se o gigante barulhento tivesse simplesmente desabado. O silêncio que vinha depois era curioso, maior do que o de uma cidade do interior. Robert quase sentia os dentes rangerem com a ausência do som das máquinas.

– Algum problema? – Oliver o olhava.

– Essa mulher...

Robert disse as palavras expirando com força, e o irmão caiu na gargalhada.

– Meu Deus, eu estava esperando que você me contasse. Sebastian a mencionou e ficou chocado quando descobriu que eu não fazia ideia do que ele estava falando. Quem é?

Robert contou. Não tudo – o irmão não podia saber sobre os folhetos, já que esse era um risco que Robert fazia questão de correr sozinho. Mas sobre Minnie – sobre como ela parecia ser tão calada até falar com ele. Sobre como ela o tinha virado do avesso.

– Eu a beijei. Não consigo esquecer – admitiu. – E não posso beijá-la de novo. Sei como essas coisas funcionam, e isso não está certo.

– Será que não? – perguntou Oliver com a voz branda.

O silêncio parecia afiado naquele momento. Era raro conversarem sobre o que os tornava irmãos, mas a verdade estava sempre ali, entre eles. A mãe de Oliver trabalhava como governanta quando o duque de Clermont fez uma visita à casa. Que chances uma governanta tinha quando era alvo de um duque? Se ela dissesse sim, ele a teria. Se dissesse não, ele a teria.

– Não sei mais o que é certo – confessou Robert. – Eu sou um duque. Ela é a sobrinha-neta de uma mulher que só tem uma mísera relação com a nobreza. Se eu fizer qualquer coisa errada, você é o único em quem confio para me dar um soco no estômago.

Oliver balançou a cabeça.

– Não vai chegar a esse ponto.

As últimas badaladas dos sinos desvaneceram ao longe. Robert ainda conseguia sentir aquele beijo, conseguia sentir o desejo aquecendo seu sangue.

– Pode ser que chegue. Você sabe quem era meu pai. O tipo de homem que ele era. – Ele abaixou a voz. – E eu a quero.

Pronto, ali estava, com todas as palavras. Robert a queria. E não queria

apenas o corpo dela. Eram tão poucas as pessoas que sabiam quem ele era, o que desejava. E ainda assim Minnie o aceitara. Não tinha feito reverências ou tentado satisfazer as vontades dele. Na verdade, tinha lhe dito que era melhor do que ele.

Ia além disso. Robert passara tanto tempo escondendo o que sentia, o que queria. Tinha que se esforçar no Parlamento para que qualquer lei remotamente relacionada a seus objetivos fosse aprovada, mesmo que protestasse diante da lentidão do progresso. A Câmara dos Lordes ficava discutindo por votos o limiar adequado para o direito à propriedade privada, enquanto Robert se irritava até com a ideia de um limiar ser necessário para isso. Resmungavam sobre os privilégios da nobreza enquanto Robert queria que todos fossem renegados. Mas dizer algo tão radical teria alienado todos os lordes. Então ele mordida a língua. Discutia sobre minúcias. Votava a favor de leis que deixavam a vida dele um pouco mais tolerável enquanto o que mais queria era gritar com todos.

Já Minnie... Minnie era uma mulher que sabia como era esconder o que sentia. E ele a queria tanto, tanto, que doía.

– Não consigo confiar em mim mesmo – disse Robert por fim.

Oliver deu de ombros.

– Por que confia em mim, então? Sou tão Clermont quanto você.

– Você... – Robert se interrompeu, virando-se para o irmão. – É diferente.

– Tenho o mesmo sangue. – Oliver tirou os óculos. – Os mesmos olhos. O mesmo nariz.

– Mas você... seu... – Robert lutou para encontrar uma explicação. – Às vezes, sou um completo canalha. Você, de todas as pessoas, sabe disso. E por que me deu uma chance, nunca vou entender.

– Essa é fácil. – Oliver deu de ombros e olhou para a calçada. – Se você não fosse igual ao duque, eu também não seria.

Robert parou de andar.

– Eu não sou flor que se cheire – continuou Oliver. – Também ajo como um completo canalha às vezes. Sou mais genioso que qualquer um na minha família. Às vezes, na infância, até eu me assustava com o meu comportamento. Sei que assustava a minha mãe. – Oliver balançou a cabeça. – Não sou sua consciência, Robert. Não sou o homem que vai lhe

mostrar o que é certo. O sofrimento da minha mãe não me livrou do sangue dos Clermont.

– Não é isso que estou pedindo. – A névoa parecia engolir as palavras. – Estou pedindo a você porque...

Quando os dois frequentavam Eton juntos, Oliver passava horas transformando pedaços de papel em caixas ou talhando um pequeno rebanho de ovelhas, com direito até a uma pastora, para as irmãs. A mãe recebia desenhos dos prédios da escola, todos feitos com muito zelo. E o pai... nada nunca era bom o bastante para o pai de Oliver. Em certo ano, ele decidira presentear-lo com abotoaduras. Assim, por vários meses antes de novembro – o mês de aniversário do Sr. Marshall –, Oliver se dedicara, talhando coisas para os outros garotos por alguns centavos, tudo para que conseguisse comprar o presente.

Robert ficava observando tudo, confuso.

– Está me pedindo porque... – incentivou o irmão.

– Porque não tenho ninguém mais a quem recorrer – terminou Robert.

Ele sempre quisera a própria família. Primeiro imaginara um pai mais amoroso do que o dele, depois esperara que a mãe o amasse. Quando percebeu que esses sonhos eram em vão, os desejos mudaram. Isso começara de forma tão sutil que Robert nem sabia identificar o exato momento.

Sonhava acordado, imaginando que ia com Oliver até a casa dele nas férias de verão. Imaginava que passavam os dias juntos, conversando, brincando, brigando, pescando e fazendo o que quer que irmãos faziam.

Mas, apesar de isso nunca ter acontecido – o pai, e também o tutor, nunca teriam permitido que Robert passasse as férias com meros comerciantes –, ele jamais desejara ainda mais. Não queria apenas um irmão, queria uma família inteira.

E, no fim das contas, Oliver já tinha uma.

Nos devaneios de Robert, os pais de Oliver aprendiam a gostar dele. O Sr. Marshall dava a Robert conselhos sábios e, às vezes, um aperto amistoso no ombro, enquanto a Sra. Marshall lhe servia fatias de pão de mel ou o que quer que mães deveriam fazer. Esses detalhes sempre eram frustrantemente vagos, mas isso não importava. Nas fantasias mais rebeldes de Robert, ele se imaginava virando algo como o amigo preferido, quase um filho para aquelas pessoas que amavam Oliver.

Aos dezesseis anos, Robert já inventara um mundo de sonhos elaborado – um mundo em que se apaixonava pela irmã mais velha de Oliver (não havia nenhum parentesco entre eles; ele fizera questão de reforçar essa parte para si mesmo), e no qual, independentemente de serem de classes sociais diferentes, ele se casaria com ela, custasse o que custasse.

É claro, até então ele nunca tinha conhecido a irmã mais velha de Oliver, nem o Sr. e a Sra. Marshall. Mas a realidade tinha pouca importância para seus sonhos. Cada vez que Oliver recebia uma carta de casa – ou mandava mais uma escultura entalhada para a irmã mais nova –, Robert sentia que estava um pouco mais apaixonado por eles. Não importava quem eram, como eram. Se ao menos também o amassem, ele enfim pertenceria a algum lugar.

– Hum – resmungou Oliver.

Em seguida, deu um soco no ombro do irmão. Um gesto quase carinhoso, na verdade.

– Bem, *eu* acredito que você não puxou a seu pai em nada.

Robert deu de ombros.

– Se é o que você diz...

Mas ele tinha provas do contrário – e as provas vinham de ninguém menos do que a própria família de Oliver.

Aconteceu assim: no dia em que os pais de Oliver finalmente visitaram a escola, Robert tinha se vestido com cuidado meticuloso. Tinha escovado e reescovado os cabelos e os dentes e amarrara a gravata três vezes, tentando parecer o mais sincero e respeitável possível. Ficou dando voltas no cômodo com uma ansiedade e desespero enquanto Oliver o observava com curiosidade.

Robert sabia que seus devaneios eram apenas isso, devaneios. Eram tão idiotas que ele nunca os tinha mencionado para o irmão. Mas, mesmo se tudo fosse apenas bobeira, mesmo se eles nunca viessem a amá-lo... pelo menos podiam gostar um pouquinho dele. Não é?

A porta se abriu. Robert se virou.

O Sr. e a Sra. Marshall eram a coisa mais linda que ele já vira. Tão completamente normais. Tinham entrado apressados, de braços abertos, envolvendo Oliver neles. O menino, por sua vez, tinha feito uma careta e soltado uns resmungos, o miserável ingrato – resmungos como “Pare, mãe, no cabelo não” e “Não me beije na frente dos outros!”. Todo aquele alarde

só porque não o tinham visto por alguns meses. Robert assistira a tudo do outro lado do cômodo, com um nó na garganta.

E então o momento chegou. Depois das saudações afetuosas, Oliver tinha se virado.

— Mãe — dissera. — Pai, este é...

Mas a Sra. Marshall tinha acompanhado o olhar do filho. Os olhos dela pousaram em Robert. E, naquele momento, ela ficou imóvel — tão imóvel que era como se toda a vida tivesse parado ao mesmo tempo. Os olhos se arregalaram e toda a cor sumiu do seu rosto. Ela fitou Robert.

E então, sem dizer uma palavra, sem ao menos levantar a mão fingindo um cumprimento, ela endireitou a postura, se virou e foi embora.

Os pulmões de Robert pareciam estar cheios de estilhaços de vidro. Cada respiração doía. Ele deu um passo hesitante atrás dela — e o Sr. Marshall interveio.

— O senhor deve ser o duque de Clermont — disse ele, bloqueando o caminho de Robert.

Ele tivera a intenção de dizer *Podem me chamar de Robert* depois das apresentações. Mas aquelas palavras — aquele pedido de intimidade — só fariam com que ele parecesse mais desesperado. Ele conseguiu assentir, firme.

A voz do Sr. Marshall estava baixa, mas isso não foi suficiente para suavizar a força do golpe.

— O senhor se parece com seu pai. Bastante. — Ele fez uma pausa. — Tanto, eu acho, que quando minha esposa o viu, há pouco, ela viu seu pai.

Tomado por uma névoa de dor, Robert tornara a assentir.

— Talvez — disse o Sr. Marshall com gentileza —, talvez este não seja o melhor momento para nos apresentarmos.

— Sim — concordara Robert. — Senhor.

E ele entendera que o melhor momento para se apresentarem nunca chegaria. Nunca haveria verões morosos em família, nada de conversas de homem para homem, nada de pratos de pão de mel.

Qualquer coisa que Robert fizesse seria insignificante. Ele tinha a cara do pai, e o pai tinha violentado a Sra. Marshall.

De certa forma, tudo que Robert virara era consequência daquele momento — daquele desespero em provar que era mais do que sua aparência.

Era estúpido dizer que tivera o coração partido por duas pessoas que nunca tinha visto antes. Era ainda mais estúpido por ser verdade. Por meses, toda vez que Robert pensava naquele momento, tinha uma sensação ríspida de perda. Como se os Marshalls *realmente* fossem sua família, e ele tivesse perdido todos de uma vez só em uma circunstância trágica.

Ele lamentara a morte daqueles sonhos mais do que lamentara a morte da ama que cuidara dele quando era criança.

– Não preciso ser sua consciência – disse Oliver, tirando Robert das memórias.

O irmão se inclinou para perto dele só um pouquinho enquanto andavam, mas o bastante para transmitir uma onda de afeição.

– Você tem sua própria consciência. E confio em você, mesmo que você não consiga confiar em si mesmo.

Aquilo não era muito, mas Robert ia se apegar ao que tinha. E nunca ia largar.

Ele empurrou o irmão de brincadeira, mas sentia um nó na garganta.

– Sempre soube que era fácil enganar você – falou. – Sorte a minha.

Capítulo catōrze

Minnie não viu o duque nos dias que se seguiram. Mas era impossível não pensar nele. Ela examinou o papel que ele utilizava sob uma lupa de joalheiro emprestada, investigou a tinta usada nos folhetos, catalogou as discrepâncias da fonte usada no texto. Havia um *e* minúsculo com um risquinho, não maior do que um fio de cabelo, na parte inferior, e ela identificou esse *e* em quatro folhetos diferentes. Havia também um *b* um pouco disforme.

Todas as provas que tinha encontrado se relacionavam.

Mas todas eram detalhes. E, como Minnie tinha a carta, tudo se tornara supérfluo.

E pior, quando ela se imaginava caminhando pelas ruas de Leicester, não se via mais coletando amostras de papéis diligentemente, mas andando de braço dado com o duque de Clermont.

Estúpida. Ela era tão estúpida.

Minnie chamava a si mesma de estúpida com bastante frequência, porém ainda assim não conseguia deixar de pensar nele. Lembrava o toque dos lábios dele, o brilho nos olhos azuis. Lembrava as mãos dele, quentes ao tocar seu corpo. Lembrava tudo que ele havia lhe dito, e não se sentia estúpida.

Uma tarde, ela fitou o próprio reflexo no espelho.

– Você é uma tola.

Os olhos cinza retribuíram o olhar com solenidade.

Robert tinha mandado um recado. O primo faria uma palestra naquela noite para a Sociedade Mecânica de Leicester, e o duque convidou Minnie para assistir.

Minnie suspeitava que a melhor opção era não ir. A estupidez do que ela queria estava evidente na imagem no espelho. Trajava um vestido simples azul, um vestido que o duque já tinha visto duas vezes. Era austero e de gola alta, com mangas longas e sem adornos. Havia apenas uma sugestão de azáfama, e a saia não tinha nenhum babado, nenhum laço interessante. Tecidos custavam caro, e fitas, mais ainda. Vestir-se assim quando havia tão pouco dinheiro sobrando era apenas lógico. Com aquelas roupas, ninguém olharia para Minnie. Ela não *queria* que as pessoas a olhassem.

Mas queria fazer o duque sorrir.

– Ah, Minnie – disse ela, em desespero. – Sério mesmo? Ele? Não podia escolher alguém menos impossível?

Ele era um duque. Ela era...

– Só olhe para você, maldição – falou para si mesma.

E se forçou a se olhar no espelho. Não para reparar nas partes agradáveis – a curva do decote, ou da cintura –, mas para realmente ver quem era. Para ver a cicatriz na bochecha. Não era apenas uma marca na pele. Era algo que estava impregnado na alma dela. Wilhelmina Pursling era seca, rigorosa, calada, uma *rata*.

– A Srta. Pursling – disse, pronunciando as sílabas bem devagar – é uma ninguém. Ela foi criada para ser uma ninguém.

Mas ainda eram os olhos de Minnie que a observavam. E, independentemente do que ela dissesse a si mesma, independentemente de quantas vezes chamasse a si mesma de tola, aquele desejo selvagem e indomável brotava dentro dela.

– Você – repetiu ela, batendo com o dedo no espelho – é uma idiota.

Mas, se ia ser uma idiota, era melhor fazer isso com estilo. Então ela desceu a escada e foi até os campos de pousio. Cruzou um morro e depois outro, procurando nos lados protegidos ao sul aquilo que queria – um pedaço de terra com tardios amores-perfeitos amarelos, escondidos entre a plantação de milho.

E colheu todas as flores.



Se havia alguma estrela brilhando por trás da cortina densa de névoa e fumaça, Robert não conseguia vê-la. Ele desceu da carruagem e depois se virou para ajudar Violet. A luz das lâmpadas da rua estava opaca e pesada, apenas o suficiente para iluminar a multidão que esperava na entrada do New Hall. À noite, todas as roupas pareciam pretas, o que fazia com que a ocasião quase parecesse um funeral. Se não fosse pelos gritos, seria facilmente confundida com um.

– Ah, que bom – disse Sebastian ao lado. – Veio bastante gente.

– Uma multidão enfurecida – disse Robert.

Sebastian esfregou as mãos, alegre.

– Quando eu me apresento, normalmente é assim. Aquilo ali são *cabras*?

Eram. Na praça do mercado na frente do saguão, alguém tinha montado dois cercados. Havia placas amarradas nas cercas, mas Robert não conseguia lê-las no escuro. Ainda assim, um dos cercados estava cheio de cabras – quase uma dúzia, dando voltas e balindo.

O outro cercado, de modo muito curioso, estava cheio de crianças. Eram pequenas, e havia mais crianças do que cabras. Robert franziu a testa ao se aproximar. A mais alta nem chegava à cintura dele, e a mais nova mal conseguia andar, tropeçando atrás das outras com bastante determinação. Não eram as crianças que estavam berrando. Aquela gritaria tumultuosa vinha dos adultos ao redor.

Quando Robert e os outros se aproximaram dos cercados, ele enfim conseguiu ler as placas.

“ESTES SÃO ANIMAIS”, proclamava a placa sombria na frente do cercado das cabras. A outra, no cercado das crianças, dizia: “ESTES NÃO SÃO”.

Robert olhou para Sebastian. O primo ainda estava sorrindo – causar confusão sempre o divertia –, mas havia um toque afiado naquele sorriso. Sebastian deu mais alguns passos até estar diante das crianças.

Elas estavam bem mais confusas do que as cabras. Um dos menininhos enfiara as mãos no meio da cerca. Vestia apenas um casaco leve e luvas finas. Se estivera usando um chapéu, o tinha perdido. Seus olhos pareciam brilhar no frio da noite, e a respiração condensava no ar gelado.

Sebastian se abaixou, e os gritos ganharam força.

– Não somos animais – dizia uma mulher. – Não somos animais!

Não estavam berrando para Sebastian. Nenhum dos agitadores o tinha reconhecido ainda. Aos olhos deles, era apenas mais um cavaleiro observando o espetáculo. Mais um motivo para elevar a voz. Lentamente, Sebastian desamarrou o próprio cachecol do pescoço e, sem dizer uma palavra, o colocou ao redor do pescoço do menininho. Aquele cachecol grande demais fez a criança parecer ainda menor. Sebastian assentiu, sem falar nada, e se virou para continuar o caminho.

– O que acha que está fazendo? – berrou uma mulher por perto. – Este é o meu filho. Não precisamos de caridade.

Sebastian não parou de andar.

– Se ouvir o que aquele louco vai falar esta noite – gritou a mulher enquanto ele se afastava –, corre o risco de perder sua alma imortal. Não queremos os ensinamentos daquele diabo por aqui.

Sebastian não a olhou, e, de mãos apoiadas nos quadris, a mulher o observou ir embora. Os lábios dela se apertaram, e os dedos tamborilavam, impacientes. Por fim, ela se virou para o filho.

– O que você está fazendo, parado aí como uma porta, hein? – Ela pegou uma ponta do cachecol e puxou. – Eu mandei você gritar. Quero ouvir você gritar. Vamos lá: eu não sou...

Ela parou no meio da frase, prestes a arrancar o cachecol do menino, quando Robert se pôs ao lado dela. A mulher olhou as botas dele, subiu os olhos para as calças, o colete, até ver o rosto.

– Senhora – disse Robert –, por acaso sabe quantos graus está fazendo hoje à noite?

Ela pareceu um pouco assustada.

– Ora, não. Acho que vi um termômetro ali na...

– Dois graus. Quase congelando, e provavelmente vai esfriar ainda mais.

Ela o olhou com mau humor.

– Se o senhor já sabia, por que perguntou?

Robert olhou mais uma vez para o menino ao lado. O nariz da criança estava vermelho e escorrendo por causa do frio.

– A senhora não tem nenhum direito de ensinar ninguém a cuidar de animais – disse Robert, áspero. – Muito menos o meu primo.

Ela franziu o cenho, confusa, e Robert foi embora, com as mãos

fechadas em punho. Às suas costas, os gritos continuaram. *Não somos animais. Não somos animais.*

Sebastian adorava provocar. Ele sabia como atizar os outros ao ponto da irritação e além. Mas nunca tratara ninguém com uma crueldade tão imprudente e insensível como aquela mulher estava tratando o próprio filho. Incomodava Robert que acusassem o primo de correr o risco de perder a alma imortal quando não fora *ele* quem colocara crianças em um cercado, tratando-as como gado, para provar algo.

Robert ficou grato por deixar a multidão para trás. Lá dentro, o ambiente estava mais aquecido e seco. Quando as portas se fecharam às suas costas, quase todo o barulho do exterior sumiu. Ele encontrou a Srta. Pursling com a amiga em uma das últimas fileiras, sentada perto do corredor. As mãos da moça seguravam as bordas do assento. Ele parou ao lado dela.

– Srta. Pursling – cumprimentou. – Temos assentos lá na frente, se a senhorita e a Srta. Charingford quiserem se unir a nós.

– Não, muito obrigada. – A voz dela estava fria. – Não... não gosto de multidões. Se soubesse que seria tão ruim assim, não teria vindo. Se tivesse alguma forma de ir embora...

Ela comprimiu os lábios. Era difícil analisar a pele dela sob a luz fraca do fundo do ambiente, mas Robert a achou um pouco pálida.

– Está tudo bem?

– Não é nada. – Ela engoliu em seco. – Não é nada. Não é nada. Não é nada.

– O quê?

Ela ergueu o olhar, depois o desviou rapidamente.

– Não é nada – repetiu. – Por favor, pare de olhar para mim.

Ele se sentou na fileira atrás dela.

– Pronto. Não estou olhando. Seu vestido tem flores.

Tinha mesmo. E eram flores de verdade. Pequenas e amarelas, decorando a barra e as mangas.

– Me pareceu adequado, considerando o trabalho do Sr. Malheur. Ele pesquisa plantas, não é?

– Sim, entre outras coisas. Porém, se bem me lembro, ele começou pesquisando bocas-de-leão, não... o que são essas? Amores-perfeitos.

Perdeu a oportunidade. – Robert a olhou de soslaio e viu um sorrisinho tímido no rosto dela. – São lindas.

– Ah.

Minnie ficou olhando para a frente.

– Pronto – disse ele, satisfeito. – Agora está respirando sem problemas.

Só precisava se distrair um pouquinho.

Robert começou a se levantar.

– Vossa Graça.

– Sim?

– Obrigada.

Ela ainda estava olhando para a frente. Mas não estava mais segurando o assento como se fosse a única coisa que a mantivesse ereta.

– Não foi bem para o Sr. Malheur que usei as flores, Vossa Graça.

Robert sorriu.

– Eu sei. Sei exatamente para quem as usou.

– Sabe...?

– As usou porque sabia que essa cor ia suavizar o corte do vestido. Que algumas no decote fariam seus olhos parecerem nuvens de tempestade. É um efeito lindo, Minnie. Sei exatamente para quem você as usou.

Ela estava imóvel.

– Você as usou por *você* – complementou ele. – Muito bem.

Minnie soltou a respiração.

– Você é um homem muito perigoso.

Robert se levantou.

– O saguão está quase cheio. É uma pena que prefira ficar aqui. Tenho que ir para a frente para ver meu primo. Podemos nos falar depois?

– Eu... a multidão... – Ela olhou ao redor. – Pode ser que eu vá embora mais cedo, Vossa Graça, para escapar da aglomeração.

Minnie encarava o próprio colo enquanto falava, mas o rosto tinha começado a empalidecer de novo.

– Você realmente não está bem.

– Não é nada.

A voz dela soou mais afiada dessa vez, e o cavalheiro à frente do saguão tinha se levantado e parecia prestes a apresentar Sebastian. Robert não teve escolha a não ser deixá-la. Quando chegou ao próprio assento, o homem estava contando a história de Sebastian.

– ... depois de um começo distinto em Cambridge o Sr. Sebastian Malheur se consagrou como...

Um começo distinto? *Rá*. Ele mal tinha conseguido completar a primeira parte da graduação. Sempre estivera no limite, prestes a ser expulso, por causa das inúmeras pegadinhas universitárias que pregava. Ninguém ficou mais chocado com o sucesso repentino de Sebastian do que os velhos examinadores que o tinham avaliado.

De certa forma, o sucesso subsequente de Sebastian – o fato de ele ter alcançado o sucesso – era a pegadinha mais impressionante dele. E Sebastian sabia disso. Quando se dirigiu ao palanque na frente do palco, seus passos eram arrogantes e ele tinha um sorriso torto no rosto.

– Obrigado, obrigado a todos pelas boas-vindas tão acolhedoras – começou. A curva nos lábios era a única coisa que denunciava o fato de metade da plateia ter comparecido para xingá-lo. – Estou aqui para lhes contar sobre a ciência de características herdadas, algo que estudo há muitos anos. Cheguei a várias conclusões. A primeira delas é que tais características, como a cor dos olhos, a altura, a quantidade de pétalas em uma flor, ou o formato de um rabanete, são herdadas dos progenitores de acordo com regras rigorosas e invioláveis. A segunda conclusão a que cheguei é que as regras de heranças parecem ser constantes em todos os seres vivos, quer sejam animais ou plantas, verduras ou árvores, gatos, ovelhas ou cabras, ou, é claro, o animal humano.

Como ele estava se divertindo. Havia um brilho em seus olhos enquanto falava, e o sorrisinho aumentou quando várias pessoas espalhadas pelo saguão arfaram.

– Explicarei como as regras de herança caminham lado a lado com as descobertas do Sr. Darwin em relação à origem das espécies. Sei que muitos dos senhores estão esperando ansiosos essa parte, então explicarei a conexão que me levou às minhas conclusões usando...

– Usando ferramentas do diabo! – gritou alguém no fundo.

Sebastian fez uma pausa.

– Usando fatos, lógica e experimentos reproduzíveis – continuou ele com gentileza. – Tudo isso pode parecer meio maçante para muitos dos senhores. Mas meus colegas normalmente fazem objeções a evidências obtidas por influência diabólica.

Outro sorrisinho lampejou por seu rosto. Ele abriu bem os braços e foi

até um cavalete que estava montado na frente.

– Vou começar com a boca-de-leão.

Ele colocou a mão no tecido que cobria o cavalete. No entanto, naquele momento, as portas do fundo do saguão se abriram com um estrondo. Cabeças se viraram. Por um instante, havia apenas escuridão.

Então:

– Vamos! – gritou alguém.

As cabras que antes estavam na praça trotaram para dentro do saguão e ficaram olhando ao redor, um pouco confusas.

– Como acha que não tem distinção nenhuma entre animais e seres humanos – exclamou alguém –, aqui estão mais alguns participantes para o seu público!

Risadinhas se espalharam pelo saguão.

Ovelhas, pensou Robert, *teriam sido uma escolha melhor*. Ovelhas eram coisinhas medrosas que saíam correndo só de ver um casaco esvoaçando. Teriam entrado em pânico em um instante. Já cabras... Cabras viam como oportunidade uma aglomeração como aquela. Elas desceram o corredor balançando a cabeça.

– Todas as criaturas inteligentes o bastante para entender são bem-vindas – disse Sebastian solenemente. – Não tenha medo, meu caro. Tenho certeza de que, depois de eu terminar, seus animais serão capazes de lhe explicar os princípios usando palavras bem curtas, de modo que até alguém com as suas limitações entenderá.

Mais risadas ecoaram.

A cabra que liderava a fileira deu mais um passo para a frente. Então parou. Virou a cabeça, contemplando... e esticou o pescoço para morder as flores na barra do vestido de Minnie.

Robert se levantou, tentando alcançá-la, mesmo que a moça estivesse a metros dele. Ela empurrou a cabeça da cabra. Robert viu os lábios dela se moverem, a viu empurrar o ombro do animal, mas não conseguiu ouvir o que ela disse.

– Ei, cuidado – gritou o pastor às costas dela. – Não toque nessa cabra! Ouviu o que o homem disse, ela é uma de nós. Vou mandar prendê-la por agressão se tocar nela de novo.

Ele soltou uma gargalhada.

Outra cabra se aproximou da Srta. Pursling, esticando o pescoço

furtivamente. A moça pegou a sombrinha de uma mulher ao lado e bateu no animal.

– Agressão! Agressão física!

As risadas aumentaram. Ela golpeou outro animal, e mais outro que se aproximara. Esse se esticou e mordeu a bainha do vestido. O tecido azul rasgou, de modo que um pedacinho de uma anágua da cor de creme ficou à vista.

E foi então que Robert percebeu qual era o problema. Ninguém tinha se mexido para ajudar a Srta. Pursling. Todos estavam ao redor dela, assistindo, *rindo*. Ele se levantou e se apressou pelo corredor até ela.

– Animal ou humano? – gritou o dono das cabras. – Ora, veja bem. Nós *sabemos* qual é a diferença, no fim das contas!

As pessoas ao redor da Srta. Pursling estavam rindo daquele idiota – contendo-se enquanto ela tentava se livrar do ataque das cabras por conta própria. Robert abriu caminho entre a multidão e alcançou o homem.

– Acha que isso é agressão? – rosnou.

O homem não se virou para ver quem tinha falado.

– Como é?

Robert pegou o sujeito pelo ombro e o forçou a se virar.

– Isso – falou –, isso, sim, é agressão.

Ao dizer isso, deu um soco na mandíbula do homem. Os olhos do outro se arregalaram, surpresos, e ele pareceu cambalear sem sair do lugar por um momento. Então revirou os olhos e caiu no chão.

Robert se virou.

– Que vergonha – vociferou para a multidão. – Uma vergonha, todos vocês. Tirem essas cabras de perto daquela mulher. *Agora*.

Ao ouvi-lo, Minnie ergueu o olhar. Estivera tão preocupada tentando se livrar das cabras que nem tinha percebido a multidão fechando-se ao seu redor. Mas, em vez de parecer aliviada ao ver os homens que se adiantaram na direção dos animais, a cabeça dela virou de um lado para outro. Seu rosto empalideceu por completo. Robert viu os olhos dela revirarem.

Se antes daquela noite qualquer pessoa tivesse lhe perguntado, ele teria apostado um bom dinheiro em que Minnie tinha nervos de aço. Começou a avançar pela multidão, mas chegou tarde demais.

Ela desmaiou antes que Robert pudesse alcançá-la.

Capítulo quihze

O mundo era feito de vinagre, e as narinas de Minnie queimavam. Ela tossiu e percebeu que estava deitada em uma superfície desconfortável – dura, saliente e quente, tudo ao mesmo tempo.

Ela abriu os olhos.

Lydia a encarava, passando um frasco de sais de cheiro debaixo de seu nariz. Minnie tossiu com força e empurrou os sais para longe.

– Pronto – disse a melhor amiga, satisfeita. – Resolvido. Sua cabeça está doendo muito?

Tudo voltou para Minnie. As flores. As cabras. A *multidão*.

– Meu Deus – gemeu ela. – Lydia, por favor, diga que eu não desmaiei na frente de todo mundo.

– Desmaiou.

Ela queria fechar os olhos de novo. Robert estivera lá. O que pensaria dela?

– As cabras comeram *todo* o meu vestido?

– Não as partes interessantes – disse outra voz, esta diretamente acima de Minnie.

E foi então que ela percebeu que sua cabeça não estava apoiada em um travesseiro. Aquela superfície saliente eram coxas. Aquele era o colo do duque de Clermont. Minnie se sentou rapidamente, ignorando o martelar por trás das pálpebras, e se afastou dele. Estivera deitada em um banco de madeira duro. Havia uma mesa na frente e algumas cadeiras ao lado.

Imaginou que estava em uma das salas de reunião dos comerciantes no segundo andar do New Hall.

Junto com o duque de Clermont.

— Lydia — gemeu —, como deixou isso acontecer?

Mas Lydia não respondeu imediatamente. Olhou para o duque, corou e desviou os olhos.

— Alguém tinha que carregá-la — disse ele por fim —, e acontece que fui o primeiro voluntário.

Minnie se sentia enjoada só de imaginar a cena. Certamente o desmaio atraiu a atenção das pessoas. Porém, quando o duque de Clermont apareceu... isso teria feito todos prestarem atenção. Sem dúvida a fofoca já estaria se espalhando.

— Bem — disse Lydia, falando com muito cuidado —, eu vou pegar um copo d'água...

— Não se atreva a me deixar sozinha com...

Mas Lydia já estava saindo.

— Lydia!

A porta se fechou atrás dela.

Minnie se pôs de pé, pensando apenas em colocar algum espaço entre ela e o homem. Se o duque não a tocasse...

Ele também se levantou. Quando ela cambaleou, ele a segurou pelo braço.

— Sente-se, Minnie.

— As pessoas precisam saber que estamos aqui, juntos — disse ela freneticamente. — Vão ver Lydia. E vão pensar que estamos sozinhos. Todos vão pensar...

— Todos — interrompeu ele, falando com bastante clareza — já estão pensando. Sua amiga me deixou sozinho com você porque sabe o que vou dizer. Por favor, sente-se e me escute.

Minnie o olhou nos olhos. Ele parecia bem determinado, e a cabeça dela ainda estava rodando. Ela tornou a se sentar.

— Quando aquelas cabras atacaram você — disse o duque —, dei um soco no pastor delas. Na frente de todo mundo. E depois, quando você desmaiou, eu a ergui em meus braços e a carreguei para fora do saguão. Qualquer coisa que você ache que vai conseguir impedir ao sair daqui agora... acredite em mim, alguém já está fofocando sobre isso.

Meu Deus. Tinha acontecido. Realmente tinha acontecido. Minnie sentia a cabeça leve. Era a ruína dela. Stevens voltaria com as evidências, e não importaria. Ela inspirou fundo.

– Sinto muito – disse Robert. – Eu não estava pensando. Eu lhe disse que às vezes ajo como um idiota. Quando a vi ali, *pensar* era a última coisa que eu faria. Eu só queria estar perto de você.

Minnie balançou a cabeça, o que a deixou ainda mais tonta.

– A culpa também foi minha.

Se as coisas estavam pegando fogo naquele momento, ela era culpada por brincar com fogo. Ela sabia que havia uma atração entre os dois. Robert praticamente tinha lhe dito que isso não ia dar em nada. Ainda assim, ela o tinha beijado – o tinha beijado e queria que ele a olhasse. Era o que ganhava por se expor.

– Vou dar um jeito.

Ela teria que encontrar alguma explicação, alguma forma de melhorar as circunstâncias. E se outra mulher desmaiasse, e Robert também a ajudasse? Assim, pareceria o mais puro cavalheirismo da parte dele.

Mas não seria certo. Era forçado demais. Artificial. Ela esfregou a testa, aflita.

Robert se sentou ao seu lado, pegando a mão dela.

– Minnie – falou suavemente. – Lembra o que eu lhe disse quando você apareceu na minha casa e me ameaçou?

– Como eu poderia esquecer? – Ela franziu o cenho. – Talvez eu possa usar isso. Posso desmascará-lo e explicar que você só estava tentando fazer com que eu ficasse quieta. Mas não me parece certo. Não acho que vá funcionar.

– Naquele dia, falei que se alguma coisa acontecesse, eu ia garantir que você recebesse um pedido de casamento. Acredito que minhas palavras exatas foram: se for preciso, eu mesmo farei o pedido.

De repente, Minnie abandonou todos os planos. Os olhos dela encontraram os do duque. Seria uma brincadeira perversa, e Robert nunca tinha sido cruel antes. Ainda assim, era mais fácil imaginar aquilo como insensibilidade da parte dele do que como gentileza do universo.

– Você não falou sério – disse Minnie. – Estava brincando.

Ele deu de ombros.

– Falei sem pensar, não brincando. Digo muitas coisas sem pensar

quando você está por perto. – O duque passou a mão pelos cabelos, depois suspirou. – Mas, por mais impensado que tenha sido, também era verdade. Eu falei sério, sim, Minnie. Gostaria que você se casasse comigo. – Ele a encarou. – Mesmo sem tudo isso, eu teria pedido. Faz dias que não penso em outra coisa. Case comigo.

Ela não conseguia entender. Levantou-se e foi até a janela estreita. Dali, conseguia ver a praça na frente do prédio. As últimas pessoas da multidão já tinham partido, levando as cabras. Não, o que Robert estava dizendo não parecia possível.

– Isso não faz sentido nenhum, Vossa Graça – disse Minnie. – Isso é loucura. Não pode se casar com alguém como eu.

Ele não fingiu estar confuso.

– É o que todo mundo diz. – Ele a contemplou. – E admito que, até conhecer você, não tinha considerado essa possibilidade. Mas, quando comecei a pensar a respeito, você começou a fazer muito sentido. Sabe por que ainda não me casei?

– Você não tem nem trinta anos. Ainda tem bastante tempo...

Ela deixou a voz morrer, sentindo-se apreensiva de repente. O olhar de Robert estava fixado nela de um jeito que fez o coração da moça começar a bater de uma forma que não tinha relação alguma com a idade dele. As mãos dela estavam suando.

– Minnie – disse Robert. – Tem ideia do que eu quero fazer? Deve ter entendido que meu pai assumiu uma fábrica aqui e acabou com ela. Que eu quero me redimir por isso. Tenho um meio-irmão com quem me importo mais do que qualquer outra pessoa no mundo, e que é julgado por ser bastardo. Não abuso dos meus privilégios.

Minnie mal conseguia respirar.

– Mas isso é só uma parte do que espero fazer durante a minha vida. O que eu mais gostaria de fazer é acabar de uma vez por todas com a nobreza hereditária.

Ela arfou.

– Quero acabar com tudo – continuou ele, falando com firmeza. – Os lordes deveriam ser indiciados como acontece com todos os outros cargos e julgados por júris. Não deveríamos ter o direito de rejeitar as leis da Câmara dos Comuns. Na verdade, acho que a Câmara dos Lordes não devia sequer

existir. Eu queria ser apenas o Sr. Blaisdell. Meu pai... você não faz ideia de como ele era horrível.

Ele fechou as mãos em punho. Os olhos brilhavam com uma luz que Minnie não via desde aquele dia na casa dos Finneys.

— Eu poderia pedir desculpas pelos privilégios que herdei dele — prosseguiu Robert. — Mas aprendi há bastante tempo que um pedido de desculpas não muda nada. Então meu plano é usar esses privilégios, usá-los para garantir que nenhum outro lorde tenha a chance de fazer o que meu pai fez.

Aquilo não podia estar acontecendo. Ele não podia estar dizendo aquelas coisas.

Mas dizer isso para si não adiantava. Minnie tinha certeza de que estava vendo o coração de Robert.

— De todos os privilégios dos quais planejo abrir mão, o primeiro é a chance de me casar com a filha de um nobre. Pense no que aconteceria se eu pedisse a mão de uma jovem dama. O que ela pensaria quando descobrisse que a meta da minha vida é despojar o pai e o irmão dela de seus privilégios? Meus pais brigavam a cada segundo que passavam juntos. Meu casamento não vai ser assim. Não vai.

Minnie não tinha nada a dizer sobre aquilo.

— Além disso — acrescentou ele —, eu nunca esperei amor de um casamento. No máximo, esperava encontrar uma aliada. Alguém que me apoiasse no que vou fazer. — Ele olhou para ela. — Você é melhor do que eu em estratégia. Seria uma péssima esposa para um duque, mas para um homem que não quer mais ser um duque? Não consigo pensar em ninguém melhor.

Minnie não conseguia pensar em ninguém *pior*. Ele não sabia a verdade sobre ela. Não *sabia*.

— Por último — disse ele —, eu a quero. Eu a quero muito. Eu a quero tanto que, quando você desmaiou do outro lado do saguão, eu estava do seu lado antes que qualquer outra pessoa pudesse se mexer. Eu a quero tanto que há noites em que só consigo pensar em tê-la.

Ela sentiu aquelas palavras, as sentiu em seu íntimo, em um lampejo de calor e desejo que abrangia cada noite solitária que passara. Naquele sentido, os dois combinavam bem. Mas...

— E quanto à fidelidade? — perguntou ela. — Eu gostaria de saber o que

esperar. Você vai ter amantes? Eu poderei ter algum?

Ele a olhou de cima a baixo.

– A última coisa que estou pensando agora é em outras mulheres – murmurou.

– Responda à pergunta, por favor. – A voz dela tremeu.

– É isso que você quer? Que nós dois tenhamos amantes sempre que quisermos? – indagou ele.

– Você disse que não me ama. – Surpreendentemente, a voz dela soou firme. – Se eu pudesse escolher, gostaria que meus votos significassem alguma coisa. Estava pensando mais nas suas necessidades. Não quero estar despreparada.

O duque soltou o ar e abriu um sorrisinho ligeiro.

– Ah.

Minnie se aproximou dele.

– Você disse que seríamos aliados, que pensaríamos um no outro. Posso imaginar como é ser um duque. Até agora, pôde escolher mulheres à vontade. – E Minnie não tinha dúvida de que tinham sido muitas. – Não faça uma promessa que só vai incomodá-lo depois. A esta altura, prefiro sinceridade a fidelidade e bajulação.

– Sinceridade?

Ela assentiu.

– Então, minha querida, aqui está. Não estou tão desesperado por relações sexuais quanto você pensa. Não preciso forçar mulheres na minha cama para ter um alívio habitual. Deus me deu uma mão esquerda forte, e foram muitas as noites em que a preferi a uma mulher.

Robert não estava olhando para Minnie. Não podia estar envergonhado por causa daquela revelação, não é?

Mas a confissão fez com que outro lampejo de calor passasse por Minnie – a ideia dele, nu e duro, com a mão ao redor do próprio membro. Como seria quando ele se acariciava? Gostava de um toque prolongado e firme ou suave e gentil?

– Não há como eu arruinar a reputação da minha mão, ou ferir os sentimentos dela, ou engravidá-la – continuou ele. – Esta se apresentou como a opção mais segura à minha disposição. Então me diga, Minnie. Você acha que vai precisar de amantes?

– Nunca sequer pensei nisso.

Era verdade. Minnie nunca tinha considerado ser infiel ao marido. Nem mesmo se ele tivesse amantes.

— Porque acredito muito em deixar as coisas bem claras — disse Robert —, não quero nenhum mal-entendido entre nós. E prometo que se você tiver aversão a mim, se chegar a esse ponto, vou embora. Nada de artimanhas para reconquistá-la. Nada de chantageá-la com dinheiro. Nada disso. — Ele engoliu em seco. — Eu sei que as coisas mudam. Não há nada pior num casamento do que um marido que usa a própria força para obrigar a esposa a satisfazer os desejos dele. Não farei isso.

— Robert. — Minnie se virou para ele. — Não há perigo algum de eu criar aversão a você.

Ela não sabia quem se mexeu primeiro. Talvez ela tenha dado um passo até ele. Talvez Robert tenha se inclinado para ela. Talvez tenha sido uma ação mútua, uma mudança no ar que enfim os uniu. As mãos dela seguraram os ombros dele; os braços dele a apertaram com força.

Estavam totalmente vestidos, e ainda assim o beijo de Robert parecia carnal de um jeito que o último não tinha sido. Era um prelúdio do que estava por vir se Minnie dissesse sim. As mãos dele exploraram o corpo dela, descendo, segurando os seios, apertando os quadris. Era um prelúdio ao ato de fazer amor.

Ele terminou o beijo com um meio sorriso.

— Preciso dizer uma coisa. — Soava quase sem ar. — Quando meus pais se casaram, meu pai jurou que amava minha mãe. Era mentira, e foi pior do que se ele tivesse contado a verdade. Não vou me casar sob falsas expectativas. — Ele dobrou os dedos, e Minnie ergueu a cabeça para encontrar os olhos dele. — Entendo perfeitamente o que nós significamos um para o outro. Não espero que você se apaixone por mim.

— E o que nós significamos um para o outro? — perguntou ela.

— Eu quero filhos. O maior número que pudermos ter mantendo você saudável.

— Vossa Graça — disse ela, enfatizando o título de propósito —, isso não é resposta.

Ele deu de ombros e desviou o olhar.

— Não sei como explicar. Você olhou para mim e, em vez de ver um duque, viu um homem capaz de escrever folhetos radicais. Você sabe quem eu sou.

Isso fez com que a realidade caísse de uma vez sobre a cabeça de Minnie. Robert tinha pintado uma bela imagem. Se a única coisa que tivesse que fazer fosse sentar atrás dele no Parlamento e lhe sussurrar conselhos no ouvido, figurativamente falando, ela teria aceitado.

Mas aquilo...

Duquesas iam a festas – grandes celebrações com centenas de pessoas presentes. Quando passeavam em parques, as pessoas apontavam para elas e observavam cada movimento. E Minnie... Minnie entrava em pânico se mais do que meia dúzia de pessoas a olhasse. Tinha desmaiado quando vinte pessoas se fecharam ao redor dela.

– Meu Deus – disse ela, afastando-se de Robert e abraçando o próprio corpo. – Isso realmente não vai dar certo.

– Minnie?

Ela voltou a olhá-lo.

– O que você acha que aconteceu lá fora?

Robert pestanejou, confuso.

– Lá fora? Como assim?

– Por que você acha que eu desmaiei?

– Hum. – Ele passou as mãos nos cabelos. – Por causa das cabras?

– Eu moro numa fazenda, Robert. Estou acostumada com cabras.

Ele franziu o cenho.

– Tem razão. Foi depois que espantaram as cabras. Todo mundo estava aglomerado em volta de você.

Minnie normalmente tentava *não* recordar momentos que a tinham deixado em completo terror. Buscava esquecê-los assim que acordava. Mas naquele instante conseguiu ver tudo com clareza: aquela muralha de rostos e tecidos, todas aquelas pessoas a encarando com escárnio. O estômago dela começou a doer. O coração se acelerou com uma intensidade fria.

– Tenho medo de multidões. – As palavras mal saíram, mas Minnie conseguiu dizê-las. – Não, não é medo... É puro terror.

Robert pegou a mão dela.

– Especialmente quando sou o centro das atenções. Quando eu tinha doze anos, fiquei presa no meio de uma multidão enfurecida. – Ela tocou a bochecha. – Foi assim que ganhei esta cicatriz. Estavam jogando pedras.

Robert ergueu a mão enluvada para o rosto de Minnie. A proximidade era tanta que ela conseguiu sentir o cheiro do couro preto. O duque tocou a

cicatriz, percorrendo-a com a ponta dos dedos, primeiro de leve, depois com um pouco mais de força.

Minnie tinha deixado duas palavras de fora da fala. As pessoas naquela multidão não estavam simplesmente jogando pedras. Estavam jogando pedras *nela*.

– Foi uma pedrada feia – disse ele.

Ela assentiu.

Robert passou os dedos pela cicatriz de novo, dessa vez fazendo pressão.

– Dá até para sentir a marca na ossatura. Tão perto do olho...

– Logo depois, quando eu ainda estava toda machucada, não tinham certeza se eu ia conseguir enxergar com esse olho depois que sarasse.

A mão dele continuava na bochecha dela.

– E agora não aguento ficar em grandes aglomerações. Se as pessoas estiverem me olhando, é impossível. Não consigo pensar. Não consigo respirar. Só tenho vontade de fugir.

– Então você fica quieta. Esconde tudo de bom que tem e espera que ninguém olhe para você.

Minnie olhou para a saia.

– Sim.

A palavra soou angustiada. Ela se encolheu.

Por um longo tempo, Robert não disse nada. Então, bem devagar, a fez erguer a cabeça.

– Que pena – murmurou. – Eu já a vi.

Os lábios dele roçaram nos dela. Não era um beijo. Não de verdade. Beijos deveriam ser mais do que um simples toque, uma troca de aromas. Se fosse um beijo, Robert não teria se afastado com tanta rapidez.

Minnie se pegou erguendo a cabeça para ele. A mão dele estava pousada em sua bochecha.

– O que foi isso? – perguntou ela.

– Se você não sabe, devo ter feito errado.

E então, ainda mais devagar, com mais deliberação ainda, ele se inclinou.

Dessa vez, os lábios dele não apenas roçaram nos dela, eles se encontraram. A boca dele estava quente e seca. Em vez de uma pressão

leve, ele lhe mordiscou o lábio. A mão tocava a bochecha dela, puxando-a para mais perto, e aquele beijo...

Minnie virou a cabeça, mas isso só fez com que sua testa encostasse no ombro de Robert. Ela se apoiou nele, reaprendendo a respirar.

– Não posso me casar com você – falou. – Como eu poderia ser uma duquesa?

– É bem fácil – respondeu Robert. – Você diz sim. Peço aos meus advogados que preparem o contrato. Isso deve levar três ou quatro dias, e nesse meio-tempo a licença especial deve chegar.

Meu Deus. A versão dele de casamento começava com advogados. Se Minnie precisava de mais evidências da distância entre eles, de como os mundos em que viviam eram diferentes...

A mão dele pousou na dela, e todos os músculos do corpo de Minnie se petrificaram – os pulmões pararam de inspirar, a boca congelou meio aberta. E os dedos – bem, ela não se atrevia a mexê-los, nem um centímetro. Só o coração continuou a martelar no peito, um batimento curto após outro.

– Depois disso – continuou Robert –, vou poder levá-la para a cama.

Pelo menos aquilo continuava igual. Mesmo sem querer, Minnie abriu um sorriso.

Ele acariciou o polegar dela.

– O que vou fazer com você, Minnie? – perguntou distraidamente.

Ela puxou a mão de volta. O coração ardia com uma emoção que ela não conseguia identificar.

– Pare. Pare com isso.

Robert inclinou a cabeça para ela. O perfil dele era nítido e perfeito. A luz da lâmpada lhe beijava a ponta do nariz, e Minnie sentiu uma onda irracional de ciúme – ciúme daquela luz, que podia tocá-lo de maneira tão indiferente, enquanto ela mesma mal aguentava a pressão dos dedos dele.

– Vossa Graça – disse ela. – Preciso ser mais clara. Eu lhe disse que havia algo no meu passado. Algo que eu não queria que fosse descoberto.

Ele não parou de brincar com a mão dela.

– Consigo imaginar o que você vai dizer – falou, com a voz leve. – E realmente não ligo a mínima para isso.

As palmas de Minnie começaram a suar. Ela estava sentindo os

primeiros indícios de náusea. Fazia tanto tempo desde a última vez que contara a história a alguém, desde que dissera as palavras em voz alta...

– Até os meus doze anos...

Ela começou a tremer, e Robert endireitou a postura e a olhou com preocupação. A única coisa que ela podia fazer era falar tudo de uma vez.

– Até os meus doze anos – repetiu, atropelando as palavras –, meu pai me vestiu com calças e me apresentou a todo mundo como um garoto.

Robert piscou, arregalando os olhos.

– Eu... definitivamente não ia adivinhar isso.

– Descobriram a verdade, é claro – continuou Minnie. – De um jeito bem ruim. – Ela esfregou as mãos, tentando impedi-las de tremer. – Todos em Londres sabiam. Saiu no jornal. Aquela multidão enfurecida que mencionei antes... Estava atrás de mim. Queriam me punir por ousar fingir por tanto tempo. Por ser tão anormal.

– Hum.

O cenho de Robert estava levemente franzido enquanto ele a contemplava. Os olhos dele a percorreram como se ele a visse pela primeira vez, agora como uma coisa que tinha dado errado. Talvez ele tivesse lido sobre o escândalo na época. Talvez estivesse tentando lembrar os detalhes. Talvez tenha estado no meio daquela multidão, como parte do grupo que jogara as pedras.

Não. Isso não. Ele não tinha soltado a mão dela, e Minnie não conseguia imaginá-lo jogando pedras em ninguém, muito menos em uma criança.

– Foi tão ruim que tive que abandonar toda a minha vida. Mudei de nome. Meu nome de batismo é Minerva Lane. Quando eu... quando eu estava fingindo, meu pai me chamava de Maximilian.

– Hum – repetiu Robert.

O maxilar dele se mexeu, mas ele ficou em silêncio.

– Diga alguma coisa – implorou Minnie. – Qualquer coisa. Você não sabia disso quando me pediu em casamento. Não vou culpá-lo se mudar de ideia. – Ela encontrou os olhos dele. – *Só diga alguma coisa.*

Robert contemplou o rosto dela por um momento, procurando algo. Em seguida, deu de ombros.

– Você gostava de ser um garoto?

– Eu... bem...

Nunca lhe haviam feito aquela pergunta, e Minnie se assustou tanto que

o medo paralisante cessou.

– Era só o que eu sabia ser, no começo. O fingimento começou quando eu era muito pequena. Nunca pensei muito sobre isso na época. – Ela suspirou. – Mas eu odiava mentir. Todas as desculpas para evitar ter que tirar a roupa na presença de outras pessoas. Eu odiava muito isso. E, quando eu tinha doze anos, comecei a gostar de um dos meus amigos. Isso foi... bem inconveniente.

– Consigo imaginar. – Ele piscou. – Isso explica muita coisa sobre você.

– Tive que reaprender a ser uma garota, depois de tudo. Como andar. Como falar. Havia tantas coisinhas que eu fazia errado. Foi simplesmente... mais fácil me tornar pequena e ficar calada. Assim, eu não errava.

– Isso me faz pensar que devemos conversar com bastante calma sobre os temas apropriados para a educação feminina – disse Robert com um sorriso repentino. – Depois que nos casarmos.

– Não pode estar falando sério. Vossa Graça, eu sou um escândalo prestes a explodir.

– Minnie, eu quero acabar com a nobreza. Escrevo panfletos radicais em segredo. Não vou berrar “Ah, não! Um escândalo!”, e sair correndo. Não ligo para escândalos.

Minnie o encarou.

– Mas eu me importo, Vossa Graça. Eu me importo.

A porta tremeu uma vez, depois outra. Alguns segundos depois, após fazer bastante barulho ao mexer na maçaneta, Lydia a abriu. Entrou com uma jarra de água.

– Essa água – disse Minnie – deve ter vindo lá de Bath. Você foi andando ou pegou o trem?

Lydia respondeu com um sorriso descarado.

– Então? Tudo resolvido?

– É o que eu gostaria de saber – disse Robert, erguendo uma sobrancelha.

E Minnie percebeu que não sabia como responder. Ela queria Robert. Ela *gostava* dele. Se fosse qualquer outro homem, teria aceitado. Porém, ao se casar com ele, não ficaria exposta apenas a algumas pessoas, mas ao país todo. E, com ele ao seu lado, todos a observariam. Ela sentia-se mal só de pensar.

Desviou o olhar.

– Preciso de mais tempo.

– Tempo? Tempo para quê? – indagou Lydia.

Mas Robert ergueu a mão.

– Pode pensar – falou. – Considere todos os ângulos. Pense nas suas estratégias, se precisar, e convoque as linhas de abastecimento. Faça o que for preciso para se sentir segura.

Ele abriu um sorriso confiante. Um sorriso que dizia que ele sabia que Minnie não iria dizer não.

– Leve o tempo que quiser – disse ele, aproximando-se dela e se inclinando. – E no final, Minnie, me queira.

Capítulo dezesseis

Robert devia ter imaginado qual seria o resultado das fofocas, mas ainda assim a visitante da manhã seguinte o pegou de surpresa. Ele estava prestes a sair – na verdade, havia acabado de cruzar a porta da frente – quando uma carruagem parou diante da casa. Um criado pulou da traseira do veículo e colocou um banquinho na calçada.

A porta se abriu, e a mãe de Robert desceu. Os olhos dela pousaram nele. Ela não franziu a testa. Não apertou os olhos. Na verdade, a duquesa não demonstrou emoção alguma. Em vez disso, apenas pisou na calçada e subiu os degraus.

– Clermont – cumprimentou ela.

Robert inclinou a cabeça levemente.

– Duquesa.

A duquesa entrou pela porta aberta como se ele a estivesse segurando para ela. Sem pedir permissão, parou uma criada que estava passando e pediu chá. Robert a seguiu, confuso. Dois minutos depois, ela estava acomodada na sala de estar. Dispensou a própria dama de companhia com um aceno de mão e se virou para encará-lo.

– Espero que você não tenha o hábito de corromper jovens damas distintas da classe média.

Ela disse as palavras *classe média* como se tivessem cheiro de ovo podre.

– Está se referindo aos eventos de ontem à noite? – perguntou Robert no

mesmo tom de voz. – Costumo arruinar umas duas antes do chá. A antecipação faz com que as horas da manhã passem com uma vivacidade maravilhosa.

A duquesa fungou.

– Esse é o tipo de piada que seu pai teria feito.

Robert fechou a mão enluvada em punho.

– Não – retrucou. – Esse é o tipo de coisa que meu pai teria *feito*. Ele nunca teria feito piada sobre isso, não na frente de mulheres.

A duquesa aceitou a correção com um aceno de mão.

– Essa não foi a primeira vez que ouvi seu nome junto ao da Srta. Pursling. Me diga que não está considerando nada inadequado.

– Não entendo por que a senhora se importa. Nunca se importou antes.

A duquesa de Clermont apenas deu de ombros.

– Suas ações, tais como são, refletem em mim.

É claro. Ela não estava interessada no filho; nunca estivera. Estava apenas cuidando da própria reputação, preocupada com as dificuldades que Robert pudesse criar para ela.

Ele esperara a vida toda que ela o notasse. Havia estudado com afinco nos primeiros anos de escola, ganhara elogios de todos os professores. Animado e esperando ter feito algo bom o bastante para deixá-la orgulhosa, escrevera para a mãe.

Mas a primeira carta nunca foi respondida. Então Robert se esforçou ainda mais. Se não fosse apenas bom, mas *ótimo*... com certeza teria o orgulho dela. Então estudou mais, se esforçou mais, conquistou ainda mais. Escreveu de novo para a mãe depois de quatro meses, timidamente apresentando seus triunfos.

O correio nunca trouxe nenhuma resposta.

Sem se dar por vencido, ele se esforçou ainda mais. Enviou a terceira carta no final do ano, informando a mãe de que era o melhor da classe. Por uma semana naquele verão, todos os dias prendia a respiração quando o carteiro aparecia. Por uma semana, foi decepcionado.

Até que, um dia, recebeu resposta: uma única linha.

Diga ao seu pai que essa estratégia também não vai funcionar.

Fora uma questão de princípio continuar como antes – para provar que todo aquele esforço não tinha sido por *ela*. Mesmo assim, demorara anos até que Robert conseguisse se convencer a não ter esperança.

– Então? – disse a duquesa, estudando o semblante do filho. – Quais são as suas intenções com a garota?

Robert olhou para o outro lado da sala.

– Acredito – falou bem devagar – que um filho deva obedecer à mãe. Responder às perguntas dela, porque lhe deve respeito por todos os anos que ela se dedicou a cuidar dele.

Todo o corpo da duquesa ficou tenso.

– Estou me sentindo generoso. Vou responder a uma pergunta por cada mês que a senhora passou ao meu lado quando eu era criança.

Robert olhou para a mãe. Os lábios dela estavam apertados. Em um ritmo raivoso, os dedos tamborilavam no pires.

Robert se levantou.

– Como a senhora deve saber – disse ele –, isso a deixa com direito a nenhuma pergunta. Esta conversa acabou.

E assim dizendo, saiu da sala.



Um pedido de casamento, Minnie percebeu, não deveria fazer com que ela se sentisse doente. Especialmente quando ela gostava mesmo do homem. Mas não conseguia negar a verdade que seu corpo lhe apresentava. Sentia um nó no estômago só de pensar em como seria estar casada com Robert. Não estava mentindo quando disse às tias-avós na manhã seguinte que precisava se deitar.

Ela prometera considerar as vantagens do pedido dele, mas qualquer tentativa era frustrada pela visão de rostos enfurecidos ao seu redor.

– Fraude! – gritavam. – Cria do diabo!

Duquesas atraíam multidões. Duquesas frequentavam festas. Duquesas não desmaiavam quando muitas pessoas as olhavam. Se desmaiassem toda vez que isso acontecesse, nunca parariam de pé.

Minnie podia imaginar muito bem as partes íntimas do relacionamento. Sentia a pele queimar na ânsia por esse momento. Já haviam trocado muitos beijos para que fingisse não desejar Robert. Mas, por mais que pudesse se dar bem como amante dele, o pensamento de ser a esposa de um duque a

deixava doente. No final, qualquer entendimento íntimo que os dois tivessem seria ofuscado pelo desastre público inevitável.

As reflexões de Minnie foram interrompidas no meio da tarde pelo som de rodas na estrada. Ela se apoiou em um cotovelo para poder olhar pela janela e observou, confusa, uma carruagem puxada por quatro cavalos pretos parar na frente da casa de campos das tias-avós. Um criado pulou da traseira, abriu a porta da carruagem e colocou um banquinho revestido com cores brilhantes no chão. A duquesa de Clermont desceu. Olhou para todos os lados, com o nariz empinado. Sem dúvida, estava analisando os campos de repolho atrás da casa, a tinta do celeiro descascando à esquerda, a ferrugem nas dobradiças... todos os indícios de pobreza esperando no canto da visão.

A mulher trajava um vestido rosa-claro, adornado com renda nos punhos das mangas e na barra da saia como se fosse um bolo chique na janela de uma padaria. Balançou a cabeça, como se quisesse se livrar da visão banal da casa diante de si, e foi até a porta. Um dos criados se adiantou e bateu a aldrava.

Já estava começando. As multidões. Os olhares duvidosos. A recriminação.

Minnie não se surpreendeu quando sua tia-avó Carol apareceu na porta alguns minutos depois.

— Minnie — disse ela em um tom reverente —, sei que você não está se sentindo muito bem, mas a duquesa de Clermont gostaria de vê-la. Devo pedir que ela vá embora?

Obviamente, a duquesa fora informada pelo filho a respeito do que tinha acontecido.

— Não — disse Minnie. — É melhor eu ver o que ela quer.

Carol ajudou a neta-sobrinha a arrumar o vestido e prendeu os cabelos dela em um coque. Não disse nada enquanto trabalhava. Não perguntou por que a duquesa de Clermont faria uma visita, nem questionou o mal-estar de Minnie. A moça podia culpar as tias-avós por muitas coisas, mas pelo menos elas a deixavam viver e confiavam nela para tomar as próprias decisões.

— Minnie — falou por fim, quando tinha soltado a escova de cabelo e anunciado que o vestido estava apresentável. — Se você precisasse de alguma coisa, qualquer coisa mesmo, você me contaria, não é?

O vestido que a tia-avó trajava já tinha sido virado do avesso cinco vezes. Metade das rugas no rosto dela provavelmente era por causa de Minnie. Se algo acontecesse a Carol, Eliza não teria para onde ir. E, ainda assim, ela confiava em Minnie.

Não importava o que aconteceria se Minnie virasse duquesa. Não importava que fosse uma péssima opção para o papel. Ela fora privada de todas as escolhas, uma a uma, e havia coisas piores do que se sentir obrigada a casar com um homem de quem gostava.

– Não – respondeu Minnie. – Eu não lhe contaria. Já passou da hora de eu parar de depender da senhora. *A senhora* é quem deveria confiar em mim.

Uma sombra desceu sobre os olhos da tia-avó.

– Ah, Minnie – disse ela com a voz embargada.

Minnie apertou a mão dela.

– Não se preocupe comigo.

Respirando fundo, a moça foi em direção à batalha.

De perto, o vestido da duquesa era ainda mais magnífico. Quatro camadas da renda mais distinta lhe circundavam as mãos. O tecido tinha uma estampa de flores delicadas, bordadas e sobrepostas uma sobre a outra com uma costura trabalhosa que ia muito além das habilidades de Minnie. Ela não conseguia ver sinal algum de Robert no rosto da mulher. O nariz era pequeno e arrebitado, e a boca parecia ter uma expressão eterna de desgosto.

Minnie abaixou a cabeça e fez uma reverência profunda na entrada, bastante consciente do próprio vestido gasto, de um tom de cinza comum e prático com os punhos pretos das mangas dobrados, para esconder o desgaste. A duquesa a observou em silêncio, sem dúvida catalogando cada deficiência de Minnie. Não precisava dizer nada. Aquela sobancelha arqueada, aqueles olhos um tanto arregalados em surpresa – tudo a acusava: *Como se atreve a pensar que pode se casar com o meu filho?*

Independentemente de qual fosse sua decisão, Minnie não ia se acovardar diante daquela mulher. O olhar dela encontrou o da duquesa, e ali manteve-se firme.

– Bem – disse a outra mulher por fim. – Entendo o que ele vê em você.

As palavras surpreenderam Minnie de tal modo que ela se esqueceu do que havia decidido.

– A senhora entende?

A duquesa se levantou e foi até a moça.

– Pobre – disse ela, batendo o dedo no punho gasto das mangas de Minnie. – Marcada. – Ela indicou a cicatriz na bochecha. – Sem influência, sem comportamento digno, sem noção de boas maneiras. Você é o projeto de caridade dele.

Depois do caos dos últimos dias, foi um alívio sentir uma raiva fria e direta. Minnie empinou o queixo.

– E ainda assim, ele não me ofereceu nem um centavo.

– Um casamento valeria mais do que alguns guinéus.

Minnie apoiou a mão no quadril.

– Se a senhora acha que o interesse do seu filho em mim é apenas por caridade, não o conhece muito bem. Com certeza há outras pessoas que merecem ajuda mais do que eu.

A duquesa balançou a cabeça.

– Eu conheço o meu filho – retrucou em voz baixa e raivosa. – Ele se parece tanto com o pai que levei anos para perceber a verdade. Ele puxou a mim.

– Puxou a *senhora*?

Minnie olhou de volta para a mulher. Além da cor clara do cabelo, não havia nada dela no filho. Ela não podia ter mais do que cinquenta anos, mas ainda assim havia linhas duras esculpidas na testa, de tanto franzir o cenho. A boca passava uma expressão permanente de desgosto.

– Ele não tem nada a ver com a senhora.

Pérolas deslizaram no pulso da duquesa quando ela acenou com a mão, indiferente.

– Como eu costumava ser – corrigiu-se. – Mole. Do tipo que cede facilmente. – Os lábios dela se apertaram ainda mais. – Que *confia* facilmente. Ele é um completo romântico, não negue. Tem que ser, para pedir uma mulher como você em casamento.

– Uma mulher como eu. – Minnie sentiu a própria boca se curvar em repugnância. – O que quer dizer com isso?

– Para o resto da vida dele, todos vão olhá-lo sem entender por que ele casou com *você*, murmurando entre si sobre como isso manchou o nome da família Blaisdell de uma forma medonha.

– Eu esperaria que isso fosse problema dele, não seu.

Raiva lampejou nos olhos da duquesa.

– Sabe tudo de que eu abri mão para que meu filho nascesse com todas as vantagens que pudesse ter? Por anos sofri, casada com aquele idiota cretino e adúltero que era pai dele. Esfregaram na minha cara aquele bastardo. Eu tive que... – Ela se interrompeu e balançou a cabeça. – Não importa. Abri mão de tudo para que meu filho tivesse essa vida. *Tudo*. Você não tem ideia das coisas que tive que aguentar. Não sacrifiquei toda a minha vida para que ele pudesse desperdiçar tudo isso casando com uma *ninguém*.

Com isso, Minnie deduziu que a mãe de Robert não sabia sobre os desejos do filho de abolir a nobreza.

Mas o discurso da duquesa continuou.

– Você não acrescenta nada à união. Nem família, nem dinheiro, nem terras, nem poder.

– Estou bem ciente dos meus atributos, Vossa Graça.

– E ainda assim vai se casar com ele – disse a duquesa, desdenhosa. – Conheço meu filho. Provavelmente está preocupado com o que é *certo* e *errado*, querendo desesperadamente pertencer a algo. Vai se jogar às cegas em qualquer causa que escolher, indiferente a como isso pode prejudicá-lo.

Talvez a duquesa conhecesse Robert melhor do que Minnie tinha imaginado.

A mulher fungou.

– Ele provavelmente pensa que vai salvá-la de uma vida de trabalho enfadonho.

As bochechas de Minnie coraram quando a duquesa contemplou mais uma vez o vestido comum demais. O olhar dela deslizou até as mangas da moça e subiu para o coque simples em que Carol tinha prendido os cabelos dela. Minnie endireitou as costas, devolvendo o olhar duro.

– Ele *vai* salvá-la de uma vida de trabalho enfadonho – concluiu a duquesa. – Não a culpo por deixar que ele faça isso.

– Quem disse que vou deixar? – vociferou Minnie. – Eu não gostaria de estar no seu lugar. Nem por qualquer um desses vestidos ridículos e exagerados.

Surpreendentemente, isso fez a outra mulher sorrir – de forma que o rosto dela ficou mais acolhedor, dando-lhe uma aparência décadas mais jovem.

– É mesmo? Então talvez você tenha um pouco de bom senso. – A

duquesa colocou uma bolsinha decorada com pedrinhas sobre a mesa. – Sei que pareço dura, mas ele é meu único filho. Independentemente de tudo. – Ela soltou um suspiro. – Não sou desprovida de sentimentos. Certa vez também estive na sua posição. – Os lábios dela se curvaram, mas não havia sorriso nenhum na expressão, só uma carranca. – Mexe com a nossa cabeça quando um duque se interessa por nós. Um duque jovem e bonito. Eu sabia que o pai de Robert era dono de uma reputação sombria, mas tinha certeza de que seria capaz de curá-lo de tudo que o afligia. Ele ia parar com as apostas e deixaria de beber demais, e se me tivesse... ora, ele nunca mais ia olhar para outra mulher.

A duquesa retirou uma única luva e a dobrou antes de encontrar os olhos de Minnie.

– Todas as minhas ideias românticas foram arrancadas de mim aos socos antes dos vinte anos. Mas o duque não foi o único responsável. Foi todo mundo que conheci. Todos da alta sociedade me viam como nada além de uma carteira para o duque de Clermont. Todo dia, ano após ano, em sussurros que não eram bem às minhas costas, me diziam que eu não estava no mesmo nível que meu marido. Não importava que ele não tivesse bom senso nenhum nem dinheiro. Eu estava abaixo dele, e quando ousei enfrentá-lo... Nada que meu marido fazia era questionado, mas quando exigi que me tratassem com respeito? *Isso*, sim, foi um escândalo. Quando ele ia atrás de prostitutas, ninguém se importava. Ele me bateu porque exigi que fosse fiel, mas a alta sociedade só se incomodou com o fato de eu ter me atrevido a questioná-lo. – A voz da duquesa tremeu. – Pelo menos eu tinha dinheiro. Como acha que vai ser para você?

Minnie engoliu em seco.

– Robert não é assim.

As mãos da duquesa apertaram a luva solitária.

– Já li *Orgulho e preconceito*. Sei precisamente quem você acha que sou, aquela enxerida da lady Catherine, que se mete onde não deve e acredita que Darcy deve se casar com a filha miserável dela. – Os lábios da mulher se contraíram. – Talvez seja o papel certo para mim. Eu devia sentar aqui e gritar para você: “As sombras da Casa Clermont serão assim maculadas?”

Minnie pestanejou, surpresa, e a duquesa sorriu.

– Eu disse que já fui romântica – lembrou ela. – Então talvez eu seja a

lady Catherine. Mas vejo muito do meu eu tolo e mais jovem em Robert. A valentia, a certeza do amor, a esperança no futuro. E não desejo minha vida a ninguém.

A conversa não tinha seguido o rumo que Minnie esperara. Em vez de enfurecê-la, as palavras da duquesa pintaram a situação com certa clareza fria.

– A senhora deve amar muito o seu filho – disse ela.

– Não – respondeu a outra com a voz suave. – Acho que devo ter amado, um dia. Mas um garoto só pode ser usado como uma faca no coração de alguém até certo ponto. Depois disso, essa pessoa para de sentir qualquer coisa. Eu não tive nenhuma escolha, e... – Ela deu de ombros. – Não tenho a emoção necessária para intimidar você mais do que isso, ou para implorar. Só vou pedir, da forma mais gentil que consigo. – Ela olhou Minnie nos olhos. – Por favor, não faça isso com o meu filho.

A duquesa era uma mulher estranha, concluiu Minnie. Bem estranha. Sentiu uma pontada de compaixão por ela.

– Ele é mais gentil do que o pai era. – Os lábios da outra se contraíram. – Quando vir como as pessoas a tratarão, vai ficar desolado. Ele nunca foi de ficar quieto diante da crueldade.

– Pois bem. Se eu fosse uma pessoa melhor, suponho que acataria o que a senhora quer e recusaria o pedido para o bem dele. Mas a senhora mesma já disse que eu não tenho fortuna, nem família, nem futuro. – Minnie abriu um sorriso desajeitado. – Já ouviu os boatos que me conectam ao seu filho. Como acha que minha reputação vai ficar depois que ele for embora?

A duquesa estreitou os olhos.

– Ele...

– Continuo inteira – acrescentou Minnie. – E as fofocas até agora são bem exageradas. Mas mesmo uma pitada de algo obscuro seria suficiente para acabar comigo. Sutileza de princípios é um luxo dos ricos. Não estou em condições de arcar com isso. – Ela balançou a cabeça. – Sei que seria completamente desastroso se eu me casasse com ele. Sei mais do que a senhora pode imaginar.

A ideia de ser uma duquesa – de lidar com aqueles sussurros, de sentir o peso do olhar de todos aonde quer que fosse – fazia Minnie se sentir tonta. Mas era a oportunidade de dar condições de vida dignas a si mesma e às tias-avós, para sempre. Ela tornou a balançar cabeça.

– Sei que seria um desastre. Mas não tenho escolha. Preciso aceitar.

Minnie ergueu o olhar e viu que a duquesa estava sorrindo.

– Que revigorante – disse a outra. – E eu achando que você ia chorar e bater no peito enquanto proclamava que o ama. Mas você não tem um pingão de romance nas veias, não é?

Minnie balançou a cabeça com força, negando.

– Consigo sonhar com castelos e duques tanto quanto qualquer outra mulher.

Mas nunca teria sonhado com Robert. Ele era melhor do que qualquer príncipe. Minnie conseguia ver o brilho nos olhos do homem enquanto ele lhe dizia que queria acabar com a nobreza. Se fossem só os dois, poderia ter se apaixonado por ele. Era um milagre, considerando o passado, que tivesse conhecido alguém que um dia poderia amar – e alguém que, de certa forma, parecia retribuir os sentimentos dela. Rejeitar aquilo parecia perigoso. Alguns presentes podiam não cair do céu duas vezes.

E ainda assim, aceitar ser a esposa de um duque? Esse era o tipo de orgulho que aparecia não antes de uma mera queda, mas de um tombo de um precipício.

Ela conseguia ver cada pedra afiada esperando lá embaixo.

Estava verdadeiramente dividida entre a esperança e a arrogância.

– Eu posso ser romântica – disse Minnie com a voz suave. – Mas romance é um luxo para mim, e não tenho condições de arcar com isso.

– Que irônico. – A duquesa a encarava. – De verdade, acho que você seria um bom par para ele, só precisava ser outra pessoa.

Minnie soltou uma risada e fechou os olhos.

A duquesa se inclinou para a frente.

– Então vamos ver o que os seus princípios decidem quando você tem uma escolha. Vou lhe dar cinco mil libras.

Os olhos de Minnie se abriram com força. Tinha certeza de que era uma piada. Mas a duquesa a observava com o semblante sério.

– Vai mesmo? – murmurou Minnie, atordoada.

Cinco mil libras – parecia uma quantia impossível. O bastante para se viver. O bastante para garantir o futuro das tias-avós. O bastante para ter um dote razoável, se assim desejasse, ou para se mudar para outro país na Europa. Era muito dinheiro.

Mas então pensou sobre o vestido da duquesa – todo aquele tecido,

metros e metros de renda, o bordado cuidadoso. Só aquele vestido provavelmente custava mais do que cem libras.

– Imagino que para ganhar o dinheiro terei que recusar o pedido.

A duquesa deu de ombros.

– Não vou fingir que consigo lhe oferecer dinheiro o bastante para compensá-la por recusar o casamento com Robert. Ele provavelmente lhe daria mais do que cinco mil libras só no acordo nupcial. Mas... já falei, eu conheço o meu filho. Ele é persistente demais, não vai aceitar um simples não.

Ela olhou para longe, como se estivesse se lembrando de algo. Os lábios estavam apertados em desgosto.

– Ele tenta, e tenta, e tenta de novo. Robert não vai desistir até que você lhe dê um tapa no rosto com toda a força que conseguir. Traia-o uma vez, e ele nunca vai voltar a olhar para você.

A duquesa tinha dito que não amava o filho. Mas era uma mulher estranha – fria e rígida em um momento, frágil no seguinte. Era afiada como um vitral, colorindo o cômodo em todos os tons, e ao mesmo tempo capaz de cortar tudo em que tocava. Em um momento, parecia se importar com o filho. No seguinte...

– Não pode mesmo querer que eu faça Robert sofrer – protestou Minnie.

– Não acredito que está me pedindo isso.

A duquesa deu de ombros.

– Acho que seria bom para ele. É romântico demais para o meu gosto. Confia demais nas pessoas.

Ela ergueu os olhos para a moça e tornou a dar de ombros, sem uma pitada de arrependimento.

Uma mulher estranha e difícil. Talvez Robert pudesse se tornar uma criatura como a mãe...

– Não sei se posso fazer isso – disse Minnie com a voz rouca. – Fazer com que ele sofra tanto que...

Mas já estava imaginando como faria isso.

– Você parece ser uma mulher competente – disse a duquesa, franzindo o cenho.

Os segredos de Minnie tinham sido expostos para o mundo uma vez. Como ela poderia fazer isso com outra pessoa? Como poderia fazer isso com *ele*?

Mas como poderia se casar com um duque?

Minnie encontrou o olhar da outra mulher.

– Não sei se posso fazer isso – repetiu.

Depois que a duquesa partiu, e depois de se esquivar das perguntas bem-intencionadas de Carol e Eliza, Minnie subiu para o quarto. A casa na fazenda não era grande, e Minnie tinha apenas um cômodo na frente, bem acima da sala de estar no andar térreo. Do quarto, ela conseguia ver acres de campos de repolho, prontos para serem arados, sem verduras, que já haviam sido colhidas com a proximidade do inverno. Mas a maior parte da vista era tomada pelo celeiro. Nos dias frios, o calor do gado fazia com que vapor saísse quando as portas eram abertas. Naquele dia, pouca fumaça esbranquiçada escapava de lá, quase invisível debaixo da chuva que começara a cair.

A propriedade já tinha sido uma cabana de caça com uma área anexa. Carol e Elizabeth a transformaram em uma fazenda. Haviam juntado o pouco dinheiro que tinham, contrataram pessoas para preparar o terreno e arar a terra, ano após ano. Porém, mesmo com todo aquele trabalho, a área não lhes pertencia de verdade. A cabana de caça havia sido dada para Carol enquanto ela vivesse. Depois do falecimento dela, a propriedade seria repassada para um primo distante.

Com cinco mil libras, Minnie poderia comprar a fazenda das tias-avós quando chegasse a hora.

Com cinco mil libras, poderia fazer isso e ir para bem longe. Wilhelmina Pursling poderia desaparecer. Poderia ir aonde ninguém nunca tivesse ouvido falar dela. Um lugar onde não teria que se rebaixar para tentar agradar um homem. Tudo que teria que fazer para ter aquela segurança era cumprir a promessa que havia feito a Robert no começo. Teria que ser inimiga dele.

Mas a alternativa...

Poderia simplesmente dizer não à duquesa. Por mais que ela afirmasse conhecer o filho, Minnie não acreditava que a mulher tivesse noção de quem ele era. Robert não seria feliz com a filha de um nobre digno. Minnie vira a luz que surgira nos olhos dele ao falar sobre os planos para o futuro. Se ela fizesse isso, não poderia fingir que era para o benefício dele.

Era para seu próprio benefício. Porque Minnie preferia trair um homem que poderia um dia amar a enfrentar uma multidão outra vez.

Ela conseguia ver o próprio reflexo no vidro da janela, sobreposto à fazenda. Minnie se encarou – aquelas bochechas pálidas demais, a cicatriz no rosto. Olhos inquietos, incapazes de se fixar em um único ponto. Ela ergueu a mão e viu que tremia.

– Você só está considerando fazer isso porque está com medo – falou para si mesma.

Mas não era bem verdade. O que ela sentia era puro terror.

Capítulo dezessete

Osol se pôs, e Minnie ainda não tomara uma decisão. Ela estava dando voltas no quarto quando ouviu alguém bater com força na porta da frente, que ficava logo abaixo do quarto. Ouviu o som de alguém se debatendo e, em seguida, um grito.

– Minnie! Minnie!

Era a voz de Lydia.

Minnie correu para a porta. Uma tempestade havia começado desde a visita da duquesa e pingos de chuva martelavam as janelas.

Minnie nem se preocupou em calçar as pantufas. Apenas escancarou a porta do quarto e desceu a escada correndo. A amiga estava na entrada, e uma poça d'água se formava aos pés dela. O penteado com cachos havia se soltado e os cabelos pingavam nos ombros. A saia e as anáguas estavam sujas de lama.

– Minnie – chamou ela de novo, antes mesmo que a outra terminasse de descer a escada. – Stevens voltou, e você não vai acreditar no que ele está dizendo ao papai. Está dizendo...

Minnie levou um dedo aos lábios.

– Shhh.

Ela inclinou a cabeça na direção da criada, que assistia a tudo, confusa. *Não diga nada. Pode ser que elas fofoquem.*

– Ele está dizendo – continuou Lydia a sussurrar enquanto subiam a escada – que *você* escreveu aqueles folhetos.

O coração de Minnie batia com força no peito.

– Está, é? E ele tem alguma prova?

– Está dizendo que você é uma mentirosa e uma trapaceira, que tem provas de que sua mãe nunca se casou, nunquinha mesmo, e que você é filha do pecado. Está dizendo que seu nome verdadeiro é Minerva Lane...

Minnie tapou a boca de Lydia com a mão.

– Shhh – repetiu suavemente. – Eu sei o que ele está dizendo. Não precisa repetir. O que ele sabe sobre Minerva Lane?

Lydia franziu o cenho.

– Só... só que é uma mulher. Stevens pensou que era o nome que lhe deram para esconder o fato de você ser uma filha ilegítima.

Então Stevens tinha descoberto o nome verdadeiro dela. Minnie *tinha* vivido em Manchester quando era criança, e alguém devia ter feito a ligação. Mas ele não tinha traçado a história da família dela, nem descobrira o motivo da troca de nome. Talvez por só ter procurado em Manchester. Afinal, o escândalo aconteceu em Londres.

– Você precisa resolver isso. Stevens está falando sobre um mandato de prisão contra você.

– Ele quer me prender? – ofegou Minnie.

– Por crime de insurreição. O papai a conhece há tantos anos. Não sei como isso pode ter acontecido, como ele pode ter acreditado em algo tão absurdo. Ouvi tudo pela porta. Minnie, venha comigo. Talvez, se você chamar o duque...

Um trovão fez as janelas tremerem, ressoando tão alto que Minnie se encolheu.

– Não – disse ela rapidamente. – Ele não! Ele não pode me salvar.

Stevens podia não saber por que Minerva Lane tinha mudado de nome, mas logo descobriria a verdade. Uma vez que aquele nome caísse na boca do povo, não haveria chance de Minnie esconder seu passado. E se ela se casasse com Robert, ser exposta não seria apenas uma possibilidade. Seria uma certeza. Ela nunca conseguiria escapar daquela corda ao redor de seu pescoço. Naquele momento, sentia o laço ficando mais apertado.

Outro estrondo de trovão ressoou, longo e baixo, vibrando pelo ar. As mãos de Minnie tremeram junto e, por fim, o medo tomou a decisão por ela. Minnie teve o tempo de uma batida do coração para decidir entre a ruína e a

traição, entre a possibilidade de amor e a certeza da derrota. O amor não a levava a lugar algum antes.

– Temos que ir agora – insistiu Lydia. – Sei que você vai conseguir dar um jeito nas coisas. Você sempre consegue.

Minnie sabia o que tinha que fazer. Já conseguia ver cada passo, um pesadelo sem cor.

– Mande selar um cavalo – ordenou Minnie à criada, que ainda estava esperando no saguão de entrada abaixo.

Havia apenas um caminho para fora daquela confusão, e era o caminho que partiria o coração de Minnie.

– Venha, venha – insistiu Lydia, puxando-a pela manga do vestido.

– Se seque um pouco. – Não que fosse adiantar muito, já que as duas iam sair de novo. – Preciso de... cinco minutos. Cinco minutos para organizar alguns papéis.

Cinco minutos para matar dois coelhos com uma única cajadada de traição.

Em transe, ela entrou no quarto. Aos poucos, reuniu todos os papéis que havia organizado. Evidências coletadas com muita meticulosidade. Inclusive a carta que o duque tinha escrito.

Minnie olhou para a frente. O coração batia com força, mas ela reuniu todas as provas sem tremer.



Por causa da tempestade, Minnie levou quase quarenta e cinco minutos para percorrer o trajeto até a casa dos Charingfords. Quando por fim chegou, a saia pingava e o cabelo se transformara em uma zona emaranhada e encharcada. Mas não havia tempo a perder com uma coisa tão frívola como se secar. Assim que Lydia a levou para dentro da casa, Minnie abriu as portas da sala de estar e entrou.

– Srta. Pursling! – exclamou o Sr. Charingford, colocando-se de pé.

Stevens também se levantou, se movendo devagar, com os braços cruzados e uma expressão descontente. Seu olhar pousou em Minnie, depois em Lydia, que estava às costas dela, e em seguida se desviou.

– Srta. Charingford – cumprimentou ele com a voz fria, tornando a

olhar para Minnie.

– Conte a eles – pediu Lydia atrás dela. – Conte a verdade.

Stevens estava com os olhos fixos em Minnie

– Presumo que a senhorita seja Minerva Lane.

Ela sabia que isso ia acontecer. Ainda assim, seu estômago se revirou ao ouvir seu antigo nome dito em voz alta, ao ver a expressão nos olhos de Stevens. Luzes piscaram na visão de Minnie.

Não é nada. Você não é nada. Nada pode ferir você aqui.

– Correto – disse Minnie.

Atrás dela, Lydia arfou. Mas Minnie não podia se virar. Não ia suportar ver o rosto da amiga naquele momento.

– Então é uma bastarda. O que mais está escondendo?

Minnie ergueu a mão.

– Posso ser muitas coisas – falou em voz baixa. – Mas tem uma acusação que não é justa. Não sou, nem nunca fui, responsável por folhetos que incentivam insurreição.

– Mentira – rosnou Stevens.

Minnie encontrou os olhos do Sr. Charingford.

– Nunca me envolvi, e todas as evidências indicam que outra pessoa é responsável.

Stevens apontou o dedo para ela.

– Mais mentiras.

Mas o Sr. Charingford deu um passo à frente.

– Tem certeza? – perguntou. – Porque, Minnie, por mais que eu não queira pensar que alguém que conheço tão bem teria feito algo assim, sei do que você é capaz.

Ele não olhou para a filha enquanto falava, mas Minnie sabia que ele estava pensando sobre aquela tarde, tanto tempo antes, quando ela tinha explicado o que precisava ser feito para proteger a reputação de Lydia.

Minnie o ignorou.

– Tenho como provar.

Todas as emoções dela pareciam estar muito distantes, como uma luz escondida dentro de uma caixa de metal, brilhando onde ninguém podia vê-la. Minnie estava sombria e calma. Por dentro, ela não era nada.

– Quem você acha que é o responsável? – perguntou Charingford. – Grantham? Peters?

Minnie abriu a bolsa de tecido que levara. Havia enrolado o conteúdo primeiro em papel encerado, depois em tecido impermeável. As folhas de papel só estavam um pouco úmidas quando ela as desembulhou.

– Estes – disse ela, separando o primeiro maço de páginas – são os papéis produzidos até agora pelo nosso querido amigo *De minimis*. O que vou listar a seguir pode ser observado com uma lupa de joalheiro. Primeiro, a fonte usada para redigi-los tem um *e* com um defeito. Tem um risquinho, bem aqui.

Fatos. Era só isto que tinha: uma coleção de fatos, e nada mais.

Ela indicou a letra no papel, depois virou uma página.

– E aqui também. E neste aqui. É inconfundível.

Ela espalhou outro maço de papéis.

– Estes são os tipos de papel que podem ser comprados em grande quantidade aqui em Leicester.

Stevens deu um passo à frente.

Minnie ergueu a mão.

– São todos produzidos por aqui. Observem que eu anotei a origem de cada um deles na margem. Mesmo que não acreditem em mim, podem verificar a veracidade do que estou dizendo no decorrer de uma manhã. É só usar a lupa de joalheiro neste papel e descobrirão algo que não será surpresa para ninguém. Todos os papéis que são produzidos em Leicester se aproveitam de materiais da região. Os três moinhos daqui incorporam restos da indústria têxtil nos produtos: trapos, pedacinhos de algodão, lã. Avaliando os papéis produzidos em Leicester com atenção, é possível perceber fios de fibra característicos em todo papel, não importa se é de primeira ou segunda linha. Já este papel – ela bateu com o dedo nos folhetos de Robert – não tem nada disso.

– O que está tentando dizer?

Ela ignorou Stevens. Era agora uma enciclopédia, um dicionário, contando verdades e nada mais.

– Estes aqui são amostras de impressões de gráficas da cidade. Eu mesma cataloguei os defeitos comuns nas fontes e reforço que levaria pouco tempo para confirmarem essa afirmação. Vão notar que não há risquinho em nenhum *e* que tenha o mesmo tamanho do que aparece no folheto.

– Vá direto ao ponto, Srta. *Lane*. – Stevens fez um som de deboche. – Já

sabíamos que quem estava produzindo os folhetos não agia sozinho. Isso só indica que a senhorita teve ajuda de alguém de fora. Uma organização nacional, talvez?

Minnie não permitiria que ele a deixasse nervosa. O Sr. Charingford a observava com mais atenção. Deliberadamente, ela pegou mais algumas folhas de papel.

– Já este papel aqui foi comprado em Londres. Devem perceber que nesta pilha há vários tipos diferentes de papel. Este aqui – ela pegou o último papel da pilha –, vão ver que ele é feito precisamente dos mesmos materiais que o papel em que os folhetos são escritos. Mas não se esqueçam das outras características do papel. Quem imaginam ser o fabricante?

– Não estou interessado em ficar brincando de adivinha. A senhorita já disse que o papel é de Londres.

– É da Graydon Mills. O senhor sabe alguma coisa sobre a Graydon Mills?

– Estou lhe avisando, Srta. *Lane*, que se não concluir isso logo...

– Deixe que ela termine – rosnou Charingford.

Minnie assentiu.

– A Graydon Mills foi fundada há sessenta e sete anos pelo Sr. Hansworth Graydon, um fazendeiro que primeiro enriqueceu com ovelhas e depois continuou a enriquecer, e *muito*, com fábricas. Ele criou um belo de um império. A fortuna dele era tão grande que garantiu um ótimo partido para a filha. Quando o Sr. Hansworth Graydon morreu, ele deixou a maioria das propriedades para o neto. Nós o conhecemos como Robert Alan Graydon Blaisdell, o nono duque de Clermont.

Primeiro veio o silêncio. Depois, uma bufada de escárnio.

– Está louca – zombou Stevens. – Seu plano para escapar da punição que merece é se aproveitar de uma coincidência tão absurda?

O Sr. Charingford não disse nada, só fez um sinal para que Minnie continuasse.

– Sua Graça usa os papéis da Graydon Mills para todas as correspondências particulares também – disse ela. – De alta qualidade, para ser exata.

– Não me importo se ele usa! – O rosto de Stevens estava ficando vermelho. – Já ouvi bobagens demais. Charingford, se puder...

Lentamente, Minnie pegou a carta que o duque havia lhe dado no trem.

– Esta – disse ela – é uma correspondência particular de Sua Graça.

A voz dela começara a tremer. As mãos também. Minnie alisou o papel e se segurou na borda da mesa.

– Acho importante destacar que ele usa o papel de mais alta qualidade que a Graydon Mills produz. Ali está a marca d’água. A assinatura dele também pode ser autenticada. – Ela apontou. – Mas suponho que o senhor vai achar o conteúdo da carta mais interessante do que a origem do papel.

Stevens arrancou o papel da mão dela.

– Não sei por que estou perdendo tempo... – murmurou enquanto lia.

Então parou e ergueu os olhos para Minnie.

– “Escrevo os folhetos” – leu bem devagar.

Depois leu de novo, e mais uma vez, e a cada leitura os olhos corriam cada vez mais devagar pelo papel. Por cima do ombro do capitão, Charingford examinou as palavras com a testa franzida, a expressão intrigada. Ele se afastou, balançando a cabeça.

– Não acredito nisso – declarou Stevens.

Mas as palavras não eram as de um homem que duvidava da carta. Eram uma tentativa de negar a realidade.

– Minnie – disse Charingford. – Esta carta... o tom dela é íntimo. A saudação. As palavras que ele usa. Até a forma como foi assinada. Como ela chegou às suas mãos?

Robert possivelmente teria perdoado Minnie por ter revelado a verdade sob tais circunstâncias. A duquesa tinha dito que Minnie precisava traí-lo, precisava fazer com que ele a desprezasse.

Se estivesse jogando uma partida, seria aquele o momento de beijar a peça de xadrez. Uma vez que fizesse esse movimento, não haveria como voltar atrás.

Minnie arqueou a sobrancelha.

– A duquesa de Clermont veio até mim – falou, com bastante clareza. – Ela quer que o filho desista dessas ideias. Me ofereceu cinco mil libras se eu conseguisse impedi-lo.

A verdade. Não toda a verdade, e, dita daquele jeito, passava a ideia de que era completamente falsa. As mãos dela tremiam.

– Conte a ele que eu disse isso – pediu Minnie, com a voz surpreendentemente firme. – Mostre tudo isso a ele, e garanto que ele não vai negar que está envolvido.

Não havia mais volta. Se Minnie tinha interpretado o relacionamento do duque e da mãe de maneira correta, contar que as duas estavam trabalhando juntas acabaria com qualquer estima que ele tivesse por ela.

De qualquer forma, no momento em que Stevens a ligara ao nome Minerva Lane, qualquer chance de um casamento feliz com o duque tinha ido por água abaixo.

– Ele é um duque – disse Stevens, com pesar. – Como um *duque* pode fazer isso?

– Pergunte a ele. – Minnie deixou a cabeça pender. – Eu não sei o que um duque faz nem por quê.

– E como vou levá-lo à justiça, mesmo que tenha sido ele? – Stevens ainda estava olhando para o papel. – Ele agitou a cidade toda com os folhetos e as declarações. Quando nos dermos conta, os trabalhadores vão estar fazendo passeatas, vão se recusar a trabalhar. Como devo manter a paz se os cidadãos da cidade pensam que a lei pode ser quebrada sem punição?

Minnie tentou pegar a carta, mas Stevens a afastou. Ele folheou os papéis, observando-os.

– Alguém – disse ele –, alguém precisa pagar.

Minnie já tinha pagado, e pagaria de novo. Mas por enquanto... Por enquanto, ela tinha o dinheiro. Tinha o suficiente para ir embora, o suficiente para fugir de Minerva Lane para sempre. Então por que sentia vontade de chorar?

– Saia daqui – ordenou Stevens. – Só... saia daqui. Eu cuido da senhorita depois.

Lentamente, Minnie saiu do cômodo.

Lydia estivera esperando, apoiada na parede o tempo todo. Mas, quando Minnie passou, ela a seguiu até a sala de visitas.

– Lydia. – A voz de Minnie tremia.

– O que foi aquilo? – perguntou Lydia. – Não pode ser verdade. A duquesa de Clermont vai pagar você? Minnie, ela chegou à cidade há alguns dias, e essa coisa com o duque está acontecendo há muito mais tempo do que isso. Dizer a eles que o seu nome é Minerva Lane? Se realmente fosse Minerva Lane, você teria me contado. Sei que teria me contado.

Minnie se encolheu.

– Lydia.

– Você *teria* me contado – repetiu Lydia. – Você é como uma irmã para mim. Não pode ser outra pessoa.

– Meu nome realmente é Minerva Lane.

Minnie baixou o olhar. De certa forma, a segunda vez que contava a história deveria ser mais fácil, mas era ainda pior sob o peso do olhar da amiga.

– Não. – Lydia balançou a cabeça com mais vigor. – Não pode ser. Você teria me contado.

– De certa forma, Minerva Lane nunca existiu. Quando eu era bem pequena, meu pai me vestiu como um menino, me levou para a Europa e me exibiu para todo mundo. Ele me chamava de Maximilian. Até descobrirem a verdade. – Minnie engoliu em seco. – Foi o meu fim. Você pode imaginar como fiquei arruinada. Mudei de nome para escapar do legado dele.

– Mas... – Lydia ainda balançava a cabeça. – Mas como pode ser verdade? Se fosse verdade, *você teria me contado*.

Cada repetição da frase era dita com mais intensidade.

– Não. Eu não teria contado.

Lydia ergueu o queixo.

– Você sabia tudo, absolutamente *tudo* sobre mim. Como pôde não me contar?

A respiração entrecortada de Lydia e os punhos fechados eram ainda pior do que aquele momento quando a multidão cercara Minnie, quando todos a tinham cercado...

– Lydia... Eu não podia contar. Se tivesse contado...

– Eu jamais teria dito alguma coisa. Jamais.

A cicatriz de Minnie estava ardendo. Toda a cabeça dela queimava. O estômago estava embrulhado.

– Eu mal consigo falar sobre o que aconteceu. Quando falo, todo o meu corpo começa a tremer. Não consigo respirar direito. Eu não aguentaria que você me olhasse enquanto eu falava. Não ia.

– Deus nos livre que você tivesse me mostrado alguma fraqueza – disse Lydia. – Ora, pode ser que eu tivesse pensado que você é um ser humano afinal!

Minnie fechou os olhos.

– Mas eu ainda te amo... Lydia?

– Como você pode me amar? – perguntou Lydia, com o tom de voz frio.
– A pessoa que era minha amiga nem existe de verdade. Era algo inventado.
– Não. Era... era real.

Mas a voz de Minnie era baixa, impossível de comandar, e Lydia não a olhava.

– Vá embora – disse Lydia. – Nem consigo olhar para você agora. Vá embora.

Minnie cambaleou até a porta. Ainda chovia forte, e o estrondo do trovão parecia alguém batendo os pés com força, uma multidão rugindo. Um relâmpago lampejou, cortando o céu.

– Aqui – disse Lydia, enfiando um guarda-chuva na mão dela. – Pegue. Não, sua boba, eu não me importo com o que vai acontecer com você. Só quero que saia da minha frente. Vá!

Minnie não tinha certeza de como conseguiu descer a escada da entrada até a calçada. Mal conseguia enxergar por causa das lágrimas. Quando abriu os olhos, viu três homens do outro lado da rua. Eles a observavam com curiosidade. Talvez não fosse todo dia que viam uma mulher sair aos tropeços de uma casa. Eram só três, mas eram o suficiente.

Não é nada. Não é nada. Você não é nada.

Mas ela era algo, e não podia fingir que os eventos daquele dia tinham acontecido a qualquer outra pessoa. Curvando-se, Minnie vomitou na calçada de forma ruidosa e violenta.

Quando o estômago se acalmou, ela se endireitou. Ainda tremia, mas sentia que aquela onda de náusea tinha levado tudo embora. Não apenas os tremores físicos, mas o medo, a timidez, os doze anos de mentiras. Tudo que havia feito dela Wilhelmina Pursling, a moça tímida e reservada que ficava à margem das multidões, havia sido expurgado.

Minnie olhou para a casa dos Charingfords por cima dos ombros. Wilhelmina Pursling se fora, e com ela partira uma década de amizade.

Parabéns, Minnie. Parabéns.

Suspirando, ela abriu o guarda-chuva e foi em direção à estrebaria onde deixara o cavalo.

Capítulo dezoito

Era estranho, Robert pensou, como as perspectivas podiam mudar tão completamente em um período de vinte e quatro horas. Dois dias antes, ele tinha feito um pedido de casamento. Estivera cheio de esperança, desejo e anseio. Mas então...

– Pois bem, Vossa Graça, como pode perceber, estamos num impasse.

Robert estava sentado na sala de estar de casa. O capitão Stevens estava de pé diante dele, com um maço de papéis espalhados na mesinha de centro.

– Não posso anunciar que foi o *senhor* quem escreveu os folhetos – disse Stevens. – Dar o selo de aprovação de um duque para tais sentimentos deixaria a gentilha sem motivo algum para se conter.

Robert mal conseguia ouvir. Sua mente ainda estava fixada naquela carta. Pelo menos estivera sentado quando Stevens a exibira e dissera que a própria mãe de Robert havia pagado Minnie para obtê-la, senão havia uma verdadeira possibilidade de ele perder o equilíbrio.

Ela podia só ter dito não.

– O senhor provavelmente não vai arcar com nenhuma consequência. – Stevens franziu o cenho. – Mas se entendi sua *sinceridade* corretamente... Para cada folheto que o senhor espalhar por aí, irei deter e prender um suspeito.

– Sem nenhuma prova? Sabendo que a pessoa não está envolvida?

A voz de Robert era baixa.

– Dá tudo no mesmo – disse Stevens. – Alguém precisa pagar. Senão,

quem vai pagar seremos todos nós. Não é aceitável que eu... que a *lei* seja ridicularizada dessa forma.

Mesmo com o rugido em seus ouvidos, Robert entendeu o que Stevens estava fazendo – ameaçando o duque ao ameaçar os outros. E ele sabia que alguém estava por trás das condenações por crime de insurreição – condenações que nunca deviam ter acontecido. Ele quisera que fosse revelado quem estava desvirtuando a lei.

Pelo menos isso ele conseguira. Fez um lembrete mental de solicitar que Stevens fosse removido do cargo. Assim que conseguisse recompor o próprio espírito.

– Entendo – disse Robert. – Bem, agradeço pelo seu tempo.

– Mas...

Robert já estava de pé e saiu da sala sem sequer olhar para trás.

Ficou dando voltas na biblioteca, esperando que as emoções o alcançassem.

Mas, por fim, o que triunfou foi uma sensação surpreendente de calma – como se tivesse passado por uma tempestade de areia, e ela tivesse levado embora a essência excessiva e pouco confiável dos sentimentos dele, deixando apenas os ossos. Ossos não queriam nada. Ossos não desejavam. Graças a Deus.

Ele não sentiu uma pitada de raiva sequer ao pedir que os funcionários preparassem um cavalo. A estrada para a casa das tias-avós de Minnie era longa, mas ele não sentiu nem um pouquinho de irritação com o passar dos minutos. Não sentiu nada.

Nada quando jogou as rédeas em um poste para amarrar cavalos. Nem uma pontada no peito quando bateu na porta. Era como se estivesse embrulhado em algodão, como se todo o mundo à sua volta tivesse sido silenciado. A porta se abriu sem fazer barulho, e Robert mal ouviu a própria voz quando pediu para vê-la.

A sala de visitas à qual foi levado podia muito bem não ter nenhuma mobília, pois ele não notou nada. Não sentou. Não olhou. Só esperou, sabendo o que estava por vir.

Ela abriu a porta.

Talvez, lá no fundo, ele temesse que, quando visse Minnie de novo, seria dominado de tal forma pelos sentimentos que perdoaria o que ela tinha feito. Robert havia criado uma imagem da moça, amplificando coisas que

ela não tinha dito, palavras que nunca tinha falado, até que se imaginara cativado por uma mulher que não existia. Mas, quando ela entrou na sala, ele não sentiu nada.

Ela estava pequena, encolhida. Toda a magia havia desaparecido. Robert não sentia nada além de uma dor surda onde antes estivera Minnie.

Ele estava a salvo, graças a Deus. A salvo de si mesmo.

– Vossa Graça – foi só o que Minnie disse.

Robert inclinou a cabeça.

Era a primeira vez, desde o dia em que se conheceram, que ela o tratava como um duque. Era a primeira vez que ele queria ser tratado assim. Duques não tinham que se explicar. Não tinham que implorar. Só faziam o que queriam, e ninguém nunca questionava suas ações.

– Deve saber por que estou aqui.

Minnie abaixou a cabeça. De um lugar bem distante, ele notou que ela estava com uma aparência horrível. Havia olheiras escuras sob seus olhos. E aquela luz que Robert tinha visto neles – aquela luz magnífica que parecia preencher qualquer ambiente – estava totalmente apagada.

Ele não se importava. Ele não se importava com mais nada.

– Vossa Graça. Eu lhe devo uma explicação.

– Não quero uma explicação.

O gelo não ouvia.

– Mas...

– Não me importo com o motivo que a levou a fazer isso – disse ele.

As palavras pareciam ressoar com um som oco e repetitivo.

– Não me importo com quanto minha mãe lhe pagou. Não me importo nem um pouco com você.

Minnie se encolheu.

– Então permita-me garantir que...

– E me importo menos ainda com suas garantias.

Na verdade, ela nunca havia lhe garantido nada, percebeu Robert. Tinha sido apenas ele quem fizera promessas. Ele havia se enganado, acreditando que se ao menos ela o conhecesse, se ao menos ele conseguisse lhe explicar tudo, talvez ela pudesse... o quê?

Talvez ela pudesse se importar com ele também. Só um pouquinho. Ela soubera quem ele era, o que ele queria. Robert lhe contara seus sonhos, seus desejos secretos. Havia lhe oferecido tudo.

E não tinha sido o bastante.

A desilusão voltava a atacá-lo. Seus devaneios tolos, criados em torno de alguém que mal o notava.

A diferença era que, dessa vez, não seria ele quem ficaria assistindo enquanto alguém partia. Não seria ele quem ficaria esperando cartas que nunca seriam entregues.

Ele se forçou a respirar devagar, até que aquela sensação de calma entorpecente voltasse. Embrulhado em algodão? Não, algodão era leve demais para contê-lo. Robert estava enterrado em areia, cada grão era um peso em seu peito, tão intenso que todas as outras sensações estavam retidas. Ele não sentia nada, e gostava disso.

Minnie devia ter visto algo daquele vazio cruzar o rosto do homem, porque abaixou a cabeça mais uma vez.

– Eu sinto muito, Vossa Graça.

– Não quero um pedido de desculpas – vociferou ele.

– Então por que veio até aqui?

– Simples.

Robert queria estar sentado, só para que pudesse se levantar naquele exato momento.

– Vim me despedir.

Ele foi até a porta e se virou. Minnie o encarou, boquiaberta.

– E agora já fiz isso.

Com essas palavras, Robert partiu.

Ele pareceu levar anos para refazer o caminho pelo corredor até a entrada e mais alguns anos para pegar o chapéu e o casaco. Conseguia ouvir o coração batendo acelerado no peito.

Dessa vez, Minnie viria atrás dele correndo. Iria se jogar aos seus pés e implorar que a perdoasse. E Robert – ora, Robert teria a grande satisfação de nem sequer olhar para ela. Iria simplesmente tirá-la de seus sapatos como se fosse poeira.

Não iria perdoá-la. Para perdoá-la, precisava se importar, e, para se importar, precisava se permitir sentir algo.

Mas Minnie não foi atrás dele, então ele nunca teve que decidir o que fazer.



Tomar café da manhã com a mãe na manhã seguinte combinou com o péssimo humor de Robert. O barulho que a colher de chá fazia enquanto ela misturava o açúcar interrompia um silêncio que parecia carregar o fardo das centenas conversas que os dois nunca tiveram. E, naquele dia, Robert estava a fim de se irritar.

Por fim, a duquesa soltou a xícara como um pedreiro tapando tijolos com argamassa e olhou para o filho.

– Imagino – disse ela, erguendo o queixo no ar – que você concordou em me ver porque está zangado com o que fiz.

Robert apenas cruzou os braços e ficou olhando para ela.

– Saiba que eu não disse a ela o que fazer – acrescentou a duquesa. – Foi a sua Srta. Pursling que decidiu por conta própria. Mas, sim, admito sem medo. Paguei cinco mil libras para que ela recusasse o seu pedido da forma mais desagradável que conseguisse.

A mente de Robert ficou em branco. Foi necessária toda a sua vontade para ficar com os braços cruzados, para continuar olhando para a mãe. Mas dessa vez o silêncio não incentivou mais comentários. Ela somente tomou outro gole de chá, deixando que Robert conseguisse entender a confusão que sentia.

– A senhora a pagou para recusar o meu pedido – reforçou ele.

A duquesa assentiu.

Stevens tinha dito – e com bastante clareza – que a Srta. Pursling tinha sido paga para descobrir os segredos de Robert. Ele pensara que a intenção dela tinha sido enganá-lo. Pensara que a atração tinha vindo apenas dele. Lembrara, com desgosto, a forma como ela fingia ser submissa e tímida e perguntara a si mesmo por que nunca havia notado aquele elemento de inconfiabilidade.

– Ora, mãe – disse ele por fim, arrastando a voz. – Não sabia que a senhora se importava.

Havia bastante sinceridade nas palavras, apesar do tom sarcástico. A duquesa nunca tinha agido de forma que pudesse ser nem remotamente considerada maternal. Vindo dela, interferir nas perspectivas matrimoniais dele era tão bom quanto um beijo na bochecha. Era... comovente. Enervante também. Errado. Arrogante. Mas... comovente.

Ela fungou e desviou o olhar.

– Foi só dinheiro. Não pense que significa qualquer coisa.

– Pelo contrário. Sou muito grato. Se ela pode ser comprada por tão pouco, é melhor que eu descubra agora.

A duquesa o observou por alguns minutos, como se não acreditasse que o filho pudesse estar tão calmo, tão sereno.

– Eu disse a ela – contou a mãe – que se a traição fosse dolorosa o bastante, você nunca pensaria nela de novo. Pelo jeito eu estava certa.

Ela não parecia sentir nenhuma alegria pela vitória. Não sorriu. Não havia nem uma pitada de presunção na voz.

– Você perdoa fácil demais – continuou ela –, até que nunca mais perdoa. Então me diga. Quando você realmente desistiu de mim?

Robert inspirou fundo.

– Que suposição odiosa. Eu nunca tive esperanças na senhora.

Mas ele não conseguiu olhá-la enquanto falava. Havia mandado cartas demais para que a mãe acreditasse naquilo.

– Foi no funeral do seu pai, não foi?

Robert não se permitiu sequer piscar.

– Você me escreveu, antes, pedindo que eu fosse. Já que ele tinha morrido, você disse...

Robert bateu com o punho na mesa. O chá respingou por toda a superfície.

– *Pedindo* que a senhora fosse?

Naquele momento ele a encarou com fúria. Mas a duquesa não se encolheu, nem se afastou dele. Não devolveu o olhar furioso. Apenas o observou, calma e serena como sempre. Pela falta de resposta em seus olhos, seria o mesmo se fosse uma boneca de porcelana.

– Eu não pedi que a senhora fosse – disse Robert, baixinho. – Eu implorei. Sabia que eu acreditei mesmo que a senhora iria me buscar? Eu me convenci de que o único motivo pelo qual a senhora não tinha se importado em me conhecer melhor era por não aguentar a presença do meu pai. E, já que ele tinha morrido, talvez tivéssemos uma chance. Quando a senhora não apareceu no funeral, me convenci de que viria depois que acabasse. Quando não apareceu, me convenci de que a senhora ia esperar até que todos fossem embora. Então disse a mim mesmo que, quando ficasse escuro e não houvesse ninguém por perto para saber, a senhora viria me buscar. Até aquele dia, eu acreditei... não sei como, porque não tinha nenhuma prova disso... mas acreditei que era apenas meu pai que nos

mantinha afastados. Mas não era por causa dele. A senhora não se importava.

– Não – disse ela. – Eu não me importava.

– Já se importou algum dia? Ou sempre me detestou tanto quanto odiava meu pai?

– Tanto quanto? – A duquesa franziu o cenho. – Eu diria que eu detestava você de um jeito diferente.

Robert tentou encontrar aquela calma imperturbável que sentia poucos minutos antes. Mesmo sabendo que era verdade – mesmo suspeitando de que a mãe não gostava dele –, ouvi-la admitir isso tornava a verdade mais real. Mesmo depois de todos aqueles anos, mesmo depois de todo aquele tempo que ele dedicara a sentir indiferença por ela, a afirmação ainda o machucou.

– Nos primeiros meses – disse ela –, quando seu pai tirou você de mim... eu achei que jamais conseguiria respirar de novo. Mas eu não podia deixá-lo saber quanto você importava para mim. Se ele soubesse, só Deus sabe o que teria ameaçado fazer com você. Então toda manhã eu acordava, me vestia e saía. Ria quando as coisas eram engraçadas e expressava simpatia quando não eram, e o tempo todo era como se meu peito tivesse sido transformado numa caverna.

Do jeito que ela falava, não parecia que um dia houvera, de fato, algo dentro do peito dela.

– Quando você tinha três anos, era uma armadilha para o meu coração. Cada palavra sobre você que chegava a mim, cada visita curta que seu pai permitia a contragosto, era como se uma parede estivesse se fechando ao meu redor. Você ficava cada vez mais adorável, e seu pai tinha cada vez mais certeza de que eu ia voltar... e cada vez me ameaçava mais. Eu tinha que fingir não me importar. Depois de um tempo, fiquei tão boa em fingir que... que talvez tenha parado de me importar de verdade. E, sim, eu nutria mágoa cada vez que você me fazia sentir algo.

Ela deu de ombros, indiferente.

– Mas o que eu poderia ter feito? Ficar com o seu pai? Tentei. Mas àquela altura era impossível. Depois daquela vez, quando você tinha nove anos... passei uma noite trancada dentro do quarto, com ele berrando e batendo na porta, ameaçando... – Ela voltou a olhar de soslaio para Robert. – Acredito que se ele não estivesse tão bêbado, as coisas teriam sido bem

feias. Eu não podia ficar. E, legalmente, você pertencia a ele. A única coisa que eu podia fazer era parar de me importar.

Robert balançou a cabeça.

– Cada vez que a senhora ia embora, ele me dizia que era culpa minha. Que eu não tinha conseguido conquistar a senhora. Que eu deveria ter sido mais...

Mais amável, embora o pai nunca tivesse usado aquela palavra.

A duquesa olhou para ele.

– Quando seu pai morreu, imaginei que tinha criado você à imagem dele. Até eu descobrir que isso não era bem verdade... – Ela deu de ombros de novo. – Aí já era tarde demais para salvar qualquer parte de um relacionamento mãe e filho. Por sorte, àquela altura eu já não me importava. Eu não sentia nada. Então agora, sabendo que é tarde demais para fazer qualquer coisa, agora...

Ela continuava encarando Robert.

– Agora – prosseguiu – acontece que eu ainda não me importo.

Os olhos dela brilharam por um momento, e então ela virou a cabeça, com a mandíbula rígida enquanto pressionava os lábios com força.

– Entendo – disse Robert.

– Realmente não me importo. Não posso me importar. Não sei mais como.

Ao dizer isso, ela pegou um lenço rendado e secou os olhos.

– A senhora está...

– Não. Eu nunca choro.

Ela encontrou os olhos dele com ferocidade.

– Entendo – repetiu Robert.

E ele realmente achava que entendia. Aquela viagem... a visita àquela cidade, as declarações desajeitadas, a interferência tola... talvez ela não se importasse. Talvez, depois de todos aqueles anos, tivesse esquecido como era se importar com ele. Mas estava tentando. A situação fazia Robert pensar em um potro recém-nascido, se esforçando para se equilibrar nas pernas franzinas, tentando ficar de pé e caindo com a cara no chão.

A duquesa fungou de novo.

– Até eu conseguir descobrir como – disse ela –, você terá desistido de mim por completo. O que me parece ser uma punição adequada.

Ela soltou o lenço e encarou Robert, como se o desafiasse a contradizê-

la.

Certa vez, quando ele era bem pequeno, ela o visitara. Robert correra para encontrá-la na carruagem. Não sabia quantos anos tinha na época, mas lembrava-se de ter abraçado os joelhos dela, o máximo que conseguia alcançar.

Ela não tinha tocado nele, nem se curvado para lhe afagar a cabeça. Apenas o encarara, mandado que se portasse com dignidade, e continuara a andar.

Então Robert não foi até ela naquele momento. Não achava que seria bem recebido, e se sentia ferido demais para arriscar uma rejeição.

— Pois bem — disse ele com vigor. — Agradeço por ter parado com essa indiferença por um tempo para interferir nas minhas perspectivas maritais. Achei que ela era mais determinada. Pelo jeito, não é.

— Ah, não — disse a duquesa. — Gostei dela. Ache outra garota igualzinha, só que dessa vez que seja a filha de uma marquesa.

— Sabe, não tenho ideia de quais sejam as origens da família dela — comentou Robert. — Pursling nem é o nome verdadeiro dela.

— Não é?

— O nome de batismo dela é Minerva Lane.

Ao ouvir isso, a mãe ofegou bem alto.

— Minerva *Lane*?

— A senhora sabe quem é? — Robert a encarou, surpreso. — Ela me disse que seria um escândalo.

— Escândalo? Ela? Não. — A duquesa balançou a cabeça com vigor. — *Escândalo* é o que acontece quando uma moça se envolve com coisas que não deve. Algo fácil de superar, que pode ser encoberto, se não esquecido, com um bom casamento e bastante dinheiro. A Srta. Lane não foi arruinada, Robert. Ela foi destruída. Completamente destruída.

Capítulo dezoito

Minnie não se sentira apta a falar com as tias-avós na noite anterior.

Mas não havia como continuar a evitar a conversa depois que a duquesa de Clermont mandou uma letra de câmbio do banco. Minnie chamou as tias-avós à sala de visitas e pediu que elas se sentassem.

– Tem algo que as senhoras devem saber. Ontem, Lydia veio me buscar porque Stevens foi até Manchester. Ele sabe que não existe nenhuma Srta. Wilhelmina Pursling. Que sou uma impostora. Sabe que meu nome de batismo é Minerva Lane.

As duas mulheres ofegaram, em seguida se entreolhando.

– Ele também sabe que...

Minnie negou com a cabeça.

– Ele não sabe de tudo.

– Não me assuste assim – rogou Carol, colocando uma mão no coração.

– Mas o que podemos fazer? Sem Gardley...

Minnie desviou os olhos.

– Acontece que ganhei uma boa quantia de dinheiro. Cinco mil libras.

As tias-avós a encararam. As duas eram tão diferentes na aparência, e ainda assim a expressão de choque em seus rostos era idêntica.

– Querida – disse Eliza por fim. – Sabemos que você está passando por um período difícil. Mas cinco mil libras é muito dinheiro, e não gostaríamos que... hã... que...

As duas realmente supunham que Minnie tivesse conseguido o dinheiro

por meios indecentes. Se achavam isso, talvez pensassem que...

– Não – interrompeu Minnie com amargura. – Eu *ganhei* essa quantia, é dinheiro justo e honesto.

Bem, talvez não tivesse sido justo. Tampouco precisamente honesto. Ainda assim, Minnie o tinha ganhado de forma legítima. Era dinheiro legítimo e... aceitável. Mais ou menos.

– Como?

– Recebi um pedido de casamento. A mãe dele não queria que eu aceitasse. – Minnie desviou o olhar. – Não aceitei.

Duas palavras, e ainda assim eram o bastante para partir o coração dela.

Mas já fazia tempo que Minnie desistira de qualquer vontade de desejar que as coisas fossem diferentes. Desejos eram para pessoas estúpidas e tolas.

– Um pedido de casamento? – ecoou Carol. – Mas de quem? Não consigo imaginar...

Ela se interrompeu quando uma criada entrou na sala.

– Senhorita – disse a criada, cumprimentando Minnie com a cabeça. – Senhoras. Há alguém que quer falar com a Srta. Pursling.

– Quem é? – perguntou Eliza.

Lydia. Lydia voltou. Minnie teria a chance de explicar tudo, de resolver tudo...

Mas a criada abaixou a cabeça, tímida de repente, e, com um pressentimento repentino, Minnie sabia quem era.

– Sua Graça – disse a criada –, o duque de Clermont.

O estômago de Minnie se revirou, mas as mãos pareciam estar quentes demais. Ela não sabia se ria ou chorava, se corria para os braços dele ou se escalava a janela para escapar. Apenas ficou olhando para a frente enquanto a letra de câmbio de cinco mil libras dobrada no bolso da saia pesava em uma acusação silenciosa.

– Ah – fez Eliza.

– Ouvi boatos. – Carol coçou a cabeça. – Mas parecia tão improvável. Você teria nos contado se alguma coisa estivesse acontecendo. Não é?

Minnie não conseguia se forçar a encontrar os olhos delas.

– Eu... talvez seja melhor conversar sobre isso mais tarde.

Carol assentiu. Eliza se pôs de pé, se apoiando com força na bengala que usava dentro de casa.

— Minnie — disse ela com a voz suave. — Se não quer se casar com ele, não precisa aceitar. Nunca a forçaríamos a fazer isso. Não importa o que tenha acontecido, o que você tenha dito, o que tenha feito. Não importa o que você venha a escolher. Nós amamos você.

Quando o duque foi conduzido até a sala alguns minutos depois, Minnie estava tentando conter as lágrimas. Não conseguiu nem se virar para olhá-lo. Só conseguia ouvir o som das botas dele batendo no chão, se aproximando, parando um pouco atrás dela.

Ele ficou ali, talvez esperando que ela o olhasse. Mas Minnie não conseguiu. Caso se virasse naquele momento...

— Pensei em entrar pela sua janela — disse o duque, soando sério —, mas eu teria que tirar as botas para subir pelos tijolos, e, além disso, a janela que achei ser a sua me parecia estreita demais. Agora entendo por que Julieta tinha uma varanda. Então escolhi a rota menos romântica possível e bati na porta da frente.

Minnie soltou uma risadinha trêmula.

— Sem falar que Romeu tinha dezesseis anos. — Ela respirou fundo mais uma vez, forçou uma expressão calma no rosto, e só então se virou. — Achei que você já tivesse se despedido. O que está fazendo aqui?

Em resposta, ele pegou a mão de Minnie. Enquanto ela estivera de costas, Robert retirara as luvas e as colocara sobre a mesa. Minnie devia ter puxado o braço, mas ainda se sentia sensível demais e não resistiu. Os dedos de Robert entrelaçaram os dela. O toque dele era macio e forte.

— Certo — disse ele. — Só vou pôr para fora então. Eu estraguei tudo.

— Você estragou tudo — ecoou Minnie. — *Você estragou tudo?*

Ela o encarou, imaginando se por acaso ele tinha enlouquecido de uma noite para a outra. Porém Robert respondeu acenando a cabeça, e Minnie indicou com um gesto que ele se sentasse. A cabeça dela girava.

— Você me disse — começou Robert, se sentando — que não podia ser uma duquesa. Eu ignorei suas preocupações.

Minnie pestanejou, sentando-se na cadeira diante dele.

— As coisas só começaram a fazer sentido quando minha mãe me contou que tinha pagado para que você rejeitasse meu pedido, não para me expor. E isso também não fazia sentido, quando comecei a pensar direito. Meus ganhos são no mínimo dez mil libras por ano, algo que todo mundo sabe. Entre ganhar cinco mil libras e se casar comigo, qualquer mulher racional

me escolheria. Se você é tão fria e calculista quanto eu pensava, estaríamos casados, não nos encarando a meio metro de distância.

Minnie balançou a cabeça.

– Além disso, se minha mãe a tivesse pagado para me impedir, você teria usado minha carta no momento em que a dei para você. Não teria esperado. E como ela saberia o que eu estava fazendo? Ou que você seria a única pessoa a descobrir? A história realmente não faz sentido, Minnie. – Robert a olhou. – Nunca fiquei tão feliz ao perceber que mentiram para mim.

A garganta dela doía. Todo aquele esforço para afastá-lo, e ainda assim ele não ia embora.

– Não prestei atenção ao que você estava me dizendo. Não prestei atenção ao que você *não* estava me dizendo. Tudo que eu ouvi era sobre mim. Ouvi que você não me queria. Ouvi que você não se importava comigo. Ouvi que você se sentia ansiosa ao ser o centro das atenções, mas não prestei atenção. – Ele uniu as pontas dos dedos no formato de uma torre de igreja. – Vou lhe dizer em que eu deveria ter prestado atenção. Seu pai era um dos melhores jogadores de xadrez do mundo...

Minnie se colocou de pé em um pulo.

– Você *sabe*.

O coração dela martelava com batidas fortes e implacáveis. A respiração saía em arfadas cada vez mais curtas. O ar ao redor dela parecia tremular. Mas é claro que Robert sabia. Ela tinha contado a ele seu nome. Bastava pesquisar para descobrir outras coisas. Minnie deu um passo às cegas para trás e tropeçou na cadeira.

Antes que pudesse cair e se machucar ao bater na estante de livros, Robert se levantou e a segurou. Os braços dele eram sólidos e quentes ao redor dela.

– Shhh – fez ele. – Sou só eu. Não vou machucar você. Nunca vou machucar você, Minnie.

Ela o fitou. Seu coração estava acelerado, mas não havia nenhuma multidão ao redor deles, nenhuma gritaria.

Era só ele.

Dessa vez, quando Robert se sentou, puxou Minnie para seu colo. Os dois se encaixavam como dois pedaços de um quebra-cabeça, com a cabeça dela se apoiando no ombro dele e a mão de Robert tocando os cabelos dela.

Minnie não devia estar se encostando nele daquela forma. Aquilo não devia estar acontecendo. Afastá-lo uma vez já tinha partido o coração dela. Como poderia fazer isso de novo?

– Vamos tentar mais uma vez – disse Robert com um tom de voz suave, fechando os braços ao redor de Minnie. – Só descobri uma coisa ou outra. Seu pai era um dos melhores jogadores de xadrez do mundo. O que aconteceu depois disso?

O estômago de Minnie ainda se revirava. Mas os braços de Robert estavam ao redor dela – e ele sabia. Ele sabia e não estava jogando coisas nela. Apenas esperava pacientemente que ela estivesse pronta para falar.

Quando pensava naqueles tempos sombrios, ela se sentia qualquer coisa, menos *segura* – mas pelo menos naquele momento não sentia vontade de vomitar.

Ela inspirou fundo.

– Na verdade, meu pai era o quinto filho de um baronete. Uma posição social elevada, embora nada comparada à sua, mas ele não tinha um tostão. Viajava pelo mundo vendendo suas habilidades de jogar xadrez. Era amigável, acessível, e todos gostavam dele. Sua fortuna não valia quase nada, mas ele era tão simpático que isso jamais importou. Sempre tinha um convite para se hospedar em algum lugar.

Às vezes os convites vinham de lugares na Inglaterra, outras vezes, de diferentes países europeus, nos quais ele passava meses na companhia de homens que queriam aprender xadrez com um rapaz inteligente e destemido. Certa vez, em uma das viagens pelo mar que Minnie fizera com o pai, um marujo havia lhe dito para olhar para o horizonte quando se sentisse enjoada, assim o mal-estar passava. Sentada ali, ela ficou observando a estante e se surpreendeu ao perceber que o mundo parou de girar.

– Meus pais ficaram casados por poucos anos antes de minha mãe morrer no parto. Até os cinco anos, só me lembro das visitas do meu pai. Minhas primeiras memórias são de aprender a jogar xadrez com ele. Eu sabia como as peças se moviam antes de saber o alfabeto. As visitas dele eram o que mais me deixava ansiosa. E um dia, quando eu ainda era bem, bem pequena, ele me perguntou se eu queria acompanhá-lo na próxima vez que viajasse para o exterior.

Minnie estremeceu. Robert não disse nada. Só a puxou para mais perto.

– É claro que uma menina não podia viajar sozinha com o pai por toda a Europa, considerando as acomodações em que nos hospedavam. Eu precisaria de uma ama, de uma governanta, e àquela altura as finanças estavam apertadas demais para que isso fosse possível. Era algo bem simples, meu pai disse. Ele ia me apresentar como Maximilian Lane, seu filho. Ele perguntou se eu me importava. – Minnie fechou os olhos. – Eu tinha cinco anos. Não sabia o que pensar. Ele disse que íamos nos divertir bastante, e eu aceitei.

O aperto no estômago dela começou a se desfazer.

– Acho que não entendia, naqueles primeiros anos, como eu era peculiar. Lembro que as pessoas me apresentavam problemas de xadrez. Às vezes eu achava uma solução. Às vezes não. – Ela deu de ombros. – Conforme fui ficando mais velha, eu conseguia resolvê-los cada vez mais.

– O único relato que li sobre Maximilian Lane – interveio Robert – dizia que ele era calado, sério e muito, muito inteligente. Você jogava com adultos que tinham anos de experiência e os derrotava sem dificuldade. E depois, quando eles a elogiavam, você reorganizava o tabuleiro quinze movimentos antes e explicava, com a mesma sinceridade, o que eles deveriam ter feito para ganhar.

– Pois é – murmurou Minnie, fechando os olhos. – Me lembro disso. Ganhar o tempo todo... isso me afetou de um jeito extraordinário. Eu achava que sempre ia ganhar. Não entendia o conceito de risco.

Não entendia o conceito de perda também.

– O resto eu tive que adivinhar depois. Quando já tinha doze anos, meu pai estava completamente endividado. Fez promessas para pessoas, alegou ter feito investimentos fabulosos na indústria russa. Para fortalecer as alegações e atrair mais investidores, ele tirava dinheiro do próprio bolso, que já era bem limitado, para pagar. Então um dia ele pagou a leva de investidores com recursos que adquiriu com as últimas pessoas que tinha enganado. Mas não havia nenhum investimento e, a não ser que ele conseguisse algum dinheiro muito rápido, descobririam a verdade.

Minnie olhou para baixo. Na época, ela só soube que o pai tinha se tornado mais errático – freneticamente alegre em um momento, enfurecido no seguinte.

– Não foi a mim que convidaram para o primeiro torneio internacional de xadrez em Londres. Foi meu pai. Mas alguns dias antes, ele alegou ter

ficado doente de repente e propôs aos organizadores que eu tomasse o lugar dele. Ninguém se opôs.

Minnie não conseguiu evitar. Leves tremores estavam passando pelo corpo dela.

– Ele precisava de muito dinheiro, e as chances estavam a meu favor. Então ele fez um dos amigos apostar cada centavo que tinha contra mim. Depois me mandou entregar o jogo.

Não havia explicado o porquê. Os dois discutiram aos gritos naquele dia.

– Os Lanes podem fazer qualquer coisa – ela havia jogado na cara dele.

O pai a olhara de uma forma muito estranha quando ela disse aquilo. Foi só mais tarde que Minnie percebeu que ele nunca esperara que a filha usasse as palavras dele para desafiá-lo.

Os braços de Robert estavam quentes ao redor das costelas de Minnie, o peito dele se movia no ritmo da respiração dela. Estavam envoltos pelo silêncio da sala. Não havia mais nada ao redor, ninguém por perto. Só Minnie e as lembranças.

– Quando somos crianças, uma cegueira curiosa nos impede de ver as falhas dos nossos pais. Ele era meu melhor amigo. Sempre estávamos juntos. Ele me ensinou tudo que eu sabia. Nunca tinha erguido a voz para mim. Eu o *venerava*. Ele costumava dizer que se acreditássemos com bastante força, tudo daria certo. Que se apenas pensássemos e esperássemos, acharíamos uma saída. Quando me recusei a entregar o jogo, ele achou uma saída. – Ela inspirou fundo de novo. – Ele declarou aos folhetins de escândalos que eu era uma garota. No meio do torneio.

Minnie ainda conseguia ver o placar da última rodada. Havia acabado de dar um beijo na torre e a posicionara no tabuleiro. Estivera a quatro movimentos do xeque-mate.

– Os oficiais nos interromperam. Me desqualificaram. Me puseram na rua, e a história estava em todos os jornais de Londres nos dias que se seguiram. Tudo que eu tinha sido, *tudo*... as pessoas que eu julgava serem minhas amigas, as coisas que eu tinha conquistado... tudo desapareceu. Eu tinha fingido ser um garoto e escandalizei todo mundo.

– É incrível que tenha durado tanto tempo – comentou Robert.

– Eu tinha doze anos. Se tivesse durado mais um ano... então meus seios teriam crescido, e não haveria mais como esconder a verdade. – Ela

balançou a cabeça. – Não sei o que teria acontecido se tudo seguisse normalmente. Mas, como a verdade tinha sido descoberta, as pessoas começaram a questionar meu pai. Havia milhares de libras em jogo nos negócios dele, e as histórias que ele contava não se sustentaram quando foram investigadas. O julgamento dele foi um evento bem público. Eu fui... Com doze anos, vestindo saia pela primeira vez em anos, desengonçada e insegura. Foi lá que ouvi a defesa do meu pai pela primeira vez. Ele alegou que havia sido obrigado a fazer tudo aquilo. Que *eu* o tinha obrigado. Ele disse que *eu* tinha lhe dito para me vestir como um garoto e me levar junto em suas viagens. Que eu tinha inventado aquele esquema envolvendo indústrias russas falsas. Eu causei a ruína dele. Foi tudo culpa minha.

Robert passou o braço ao redor dela.

– Você tinha *cinco* anos quando tudo começou.

– Eu era uma criança anormal. Foi isso que ele disse, várias e várias vezes. Eu era uma criança anormal. E quem ia discordar? Tinham evidências claras de que eu era esquisita. Era capaz de derrotar jogadores adultos no xadrez, alguns dos melhores no mundo. Eu era tão calada, sempre só observando. Não ajudava o fato de todo mundo poder me ver lá no julgamento, ver como eu era estranha. Eu não fazia ideia de como me portar como uma garota. Meu cabelo era curto. Eu passara a infância na companhia de homens devassos. Não sabia como me comportar.

Ela respirou fundo e continuou:

– Meu pai sempre dizia que se você acreditasse em alguma coisa com bastante força, o universo não teria escolha e tornaria essa coisa realidade. Quando ele deu seu testemunho no julgamento, havia se convencido de que estava dizendo a verdade. Me chamou de cria do diabo na frente de toda a cidade de Londres.

Minnie pensara que as coisas não podiam ficar piores do que aquele horror no tribunal – do que ver o homem que ela amava, que nunca havia levantado a voz para ela, apontar-lhe o dedo e denunciá-la. Do que ver o brilho amedrontado naqueles olhos, a indicação de que ele acreditava em cada palavra que dizia. O pai era tudo o que ela tinha no mundo – e do nada, na frente de todos, ele a abandonara.

– Ele era um homem carismático e convincente. Foi preso, não por roubo, apenas por fraude. O bastante para pegar somente dois anos de trabalho forçado, nada além disso. Mas as pessoas que estavam presentes

ficaram convencidas de que ele foi injustiçado. Quando saí do tribunal, completamente só, uma multidão enfurecida me cercou. As pessoas gritaram. Cuspiram. Não sei quem jogou a primeira pedra. Não sei quantas pedras jogaram. – Ela olhou para Robert. – Eu já tinha desmaiado quando conseguiram tirar todo mundo de cima de mim, mas nunca esqueci. Desde aquele dia, não aguento ficar no meio de multidões. Só de pensar nisso, começo a tremer. Entro em pânico completamente.

– Nunca ninguém ficou ao seu lado? – perguntou Robert, com um tom de voz baixo e rouco.

– Minhas tias-avós. Lydia, até...

Ela quase se engasgou ao dizer as palavras. Mas, mesmo assim, nunca pudera confiar de verdade em nenhuma delas. As tias-avós iam morrer um dia. E Minnie sempre soubera que cedo ou tarde Lydia ia descobrir a verdade e passaria a odiá-la.

– Até o último instante, eu jamais teria esperado que meu pai fizesse aquilo. Prefiro acreditar que talvez ele estivesse doente. Que não sabia o que estava fazendo quando me traiu. – Os olhos dela cintilaram. – Ele morreu na prisão, então talvez seja verdade. Preciso acreditar nisso porque, não importa quanto eu tente, não consigo deixar de amá-lo. Ele me ensinou tudo o que sei. Era toda a minha vida. E não sei como odiá-lo o tanto que merece. Então, veja, Vossa Graça, não posso me casar com o senhor. Não consigo nem pensar nisso sem começar a tremer. A sociedade londrina acabaria comigo.

– Não – disse Robert, em voz baixa. – Não acabaria, não.

Minnie se virou para ele.

– Como pode saber isso?

– Porque não vou deixar que aconteça – prometeu ele.

Robert puxou o queixo de Minnie para que ela o olhasse nos olhos.

– Uma vez, você me disse que eu era sortudo porque posso olhar para onde eu quiser sem ter medo. Acho que só entendi realmente o que você quis dizer quando descobri... – Ele apertou o braço ao redor dela com mais força. – Eu sabia que você estava chateada. Você me disse que estava com medo. Sorte a minha que eu não tenha conseguido entender o que você quis dizer, o terror que você sentia.

Minnie estava tremendo.

– Eu lhe dou minha palavra que se você se casar comigo, vou protegê-

la. Vou ficar ao seu lado e nunca a farei sofrer. Já falei com Stevens e Charingford, e eles vão ficar de boca fechada. Prometo a você, em nome de tudo que considero sagrado, que vou dar o melhor de mim para que seu passado não seja descoberto, e, caso eu falhe, vou usar tudo ao meu alcance para manter você a salvo. Jamais vai precisar temer qualquer coisa se casar comigo.

— E o que eu vou lhe dar em retorno?

— Sua lealdade. — O duque a puxou para perto. — Enquanto nós dois tolerarmos a presença um do outro, seu corpo também não seria uma má ideia. Não espero amor. Não espero que você me queira para sempre. Mas acho que podemos nos entender por um bom tempo.

— Você não espera amor. — Minnie balançou a cabeça, confusa. — É a segunda vez que me diz isso. Vai ser como naqueles romances horríveis em que você me avisa para não me apaixonar e, se acontecer, você vira o Barba Azul e tenta cortar minha cabeça? Você é atraente. Você tem todos os dentes.

Ela olhou nos olhos de Robert e tocou de leve a bochecha dele. Ele ficou imóvel.

— Não vou prometer nada. Se você for bom de cama, talvez eu me apaixone. Se isso for inaceitável...

— Não — disse ele rapidamente.

Robert olhou para longe, e, quando falou de novo, havia certa rouquidão em sua voz.

— Não. Isso seria perfeitamente... aceitável.

Só por aquelas palavras, Minnie poderia ter pensado que Robert não se importava. Mas aquela falha na voz e a forma como a cabeça dele estava inclinada na direção dela desmentiam a indiferença. Ele a olhava como um homem sedento que tinha visto um oásis e tentava determinar se era uma ilusão causada pelo calor.

Com isso, tudo fez sentido, repentina e impossivelmente. *Ele não quer um casamento sem amor. Apenas se resignou a um.*

A mãe de Robert dissera que ele tinha o coração de um romântico. Na hora, Minnie estivera preocupada demais com outras coisas, mas talvez a duquesa não estivesse errada. Robert defendia aqueles que não podiam usar a própria voz. E, por algum motivo, fazia tempo que havia se convencido de que ninguém jamais o amaria.

Minnie estava tão perto de se apaixonar por ele que quase abriu a boca e lhe contou. Mas, pela luz nos olhos dele – o jeito como a tinha olhado quando falou que seria “aceitável” –, seria cruel dizer algo assim antes que fosse verdade.

Vai ser verdade logo, de qualquer jeito, pensou Minnie.

Desde a traição do pai, ela ficara se repreendendo, acreditando que fora culpada pelo que aconteceu, por querer demais. Por ousar pensar que aos doze anos – sendo uma garota – ela seria capaz de desafiar homens adultos e ir embora sem nenhum arranhão.

Mas talvez tivesse dado errado por ela não ter se esforçado o bastante.

– Há muitas coisas que uma duquesa pode fazer que uma moça jovem e solteira não pode – disse Robert. – Venha ter sorte comigo, Minnie.

O momento de abrir as asas era quando se estava em queda livre. Se não tentasse, não seria surpresa nenhuma quando caísse de cara no chão.

Por muito tempo ela dissera a si mesma que era estúpido ter esperança. Mas talvez não fosse. Ela não conseguia adivinhar como seria o futuro. Mas podia ter esperanças de que haveria amor e segurança, e talvez... *talvez* ela não levasse um tapa na mão quando a esticasse, trêmula, para pegá-lo.

– Meu Deus – disse ela, com a voz trêmula. – Realmente vou fazer isso.

Robert soltou o ar, aliviado.

– Ótimo. Ótimo.

O braço dele a apertou com mais força, pressionando-a contra si. Aproximando o rosto, ele sussurrou na orelha dela:

– Espero ser bom de cama.

Era o mais próximo que ele chegara de admitir que queria que ela o amasse. Minnie sorriu e o beijou. Os lábios dele tinham gosto de respingos salgados de água do mar. O coração dela vibrava no peito como as asas de um bando de pássaros.

– Também espero – disse ela, tímida.

Em seguida, o beijou de novo enquanto as mãos dos dois se entrelaçavam. Ela o beijou até a luz do sol vespertino tomar a sala, até ficar com a cabeça leve por causa de tudo que sentia. Ela o segurou e o beijou até tia Carol aparecer na porta e pigarrear.

Minnie corou e Robert se levantou.

– A senhora deve ser uma das tias-avós de Minnie – disse ele, tranquilo.

– Sou Robert Blaisdell, o duque de Clermont, e gostaria muito de me casar com a sua sobrinha.

Capítulo vinte

Robert voltou para casa e encontrou o irmão e o primo organizando pilhas de folhas de papel almaço cheias de rabiscos. As anotações faziam parte do próximo artigo de Sebastian.

Eles não viram Robert entrar.

– E tem mais uma coisa – dizia Sebastian. – Por que os gatos com pelo escama de tartaruga são quase sempre fêmeas? A não ser que eu organizasse um programa gigantesco de reprodução de gatos...

Ele ergueu o olhar quando Robert se aproximou.

– Vai virar um criador de gatos? – perguntou Robert com um sorriso.

Sebastian acenou, empolgado.

– Eu só estava contando a Oliver sobre a minha coleção de curiosidades. Sabe, coisas que observei e não sei explicar ainda. Conheço uma senhora de oitenta anos em Londres que todo dia de manhã alimenta os gatos de rua num beco. Pedi para ela fazer desenhos deles, incluindo descrições. Altura, sexo, cor dos olhos, número de dedos em cada pata. Qualquer informação que fosse interessante. Achei que pudesse descobrir alguma coisa. – Ele inclinou a cabeça para Robert. – Você está com uma cara diferente.

– Estou?

Ele se *sentia* diferente. Era uma sensação recém-descoberta de encanto, uma convicção satisfeita.

– Está, sim – concordou Oliver. – Para ser bem sincero, nos últimos dias você estava com cara de...

– Gato escaldado – sugeriu Sebastian. – Um gato com seis dedos. Sabiam que os gatos com seis dedos têm mais garras? Dezesete por cento a mais.

Oliver deu de ombros.

– Como todos os gatos escaldados de Sebastian. Sem falar naquele negócio de ficar olhando para o nada.

– E os suspiros desolados.

Sebastian fez uma demonstração, soltando o ar com força e depois encolhendo os ombros com tristeza e angústia.

– Suspiros desolados? – protestou Robert. – Não me rebaixei a isso em momento algum. Posso ter soltado uma bufada máscula de opressão.

Foi a vez dele de demonstrar, cruzando os braços com firmeza no peito e apertando os lábios com um grunhido a meia boca.

– É mesmo? Então como você chama isso?

Sebastian olhou para o nada com uma expressão de pura tristeza no rosto. Fungou levemente e depois soltou o ar em um suspiro prolongado.

– Chamo isso de exagero. De traição! Que qualquer homem que alegue tais coisas receba a pena de morte.

Oliver soltou uma risada.

– Dá para ver que você está mesmo se sentindo melhor. Então o que aconteceu? Ela aceitou se casar com você?

Robert pestanejou.

– Como...? Mas eu nem contei a vocês que fiz o pedido.

O sorriso de Oliver se alargou.

– Dez libras, Malheur.

Sebastian tornou a soltar o ar em um gesto que só podia ser considerado um *suspiro desolado*.

– Sim – confirmou Robert baixinho. – Ela aceitou se casar comigo. A cerimônia será em quatro dias. Só tenho que conseguir a licença e providenciar o contrato. Que bom que achei vocês dois juntos, porque queria que fossem os primeiros a saber. Não sei se vão entender, mas...

Ele deixou a voz morrer.

Nenhum dos dois disse nada, e aquele silêncio amigável explicou a situação com mais clareza do que qualquer palavra que Robert pudesse ter dito. Sebastian fazia piada de qualquer coisa. Oliver sempre estava disposto

a provocar Robert. Mas os dois sabiam o momento certo para brincadeira e quando a situação era séria.

– Se eu tenho uma família – disse Robert, com a voz um pouco rouca –, são vocês dois. E gostaria que estivessem ao meu lado no casamento. Para serem testemunhas, essas coisas.

– Mas é claro – concordou Oliver.

Sebastian deu de ombros.

– Sou exatamente a pessoa que eu escolheria para tal honra, se fosse você. Parabéns pelo bom senso.

Robert nem tentou entender o que Sebastian quis dizer. Por um momento – um momento bem curto –, sentiu que deveria ter abraçado os dois. Tinha certa vontade de fazer isso – de puxá-los para perto e apertá-los com força. Aqueles homens estiveram ao lado dele nos momentos mais difíceis da vida – o funeral do pai e os dias que vieram depois, nos quais Robert tinha organizado os pertences do homem e descoberto que ele era ainda pior do que tinha imaginado...

Em vez disso, ele apenas cruzou os braços.

– Seria muito importante para mim.

– É claro – disse Sebastian, se virando para o lado –, você sabe o que isso significa, Oliver. Precisamos organizar uma festa bem louca e depravada para Robert antes de ele se casar.

Ele esfregou uma mão na outra, empolgado.

Oliver encontrou o olhar dele, calmo.

– Louca – repetiu. – Depravada. Sim, concordo.

Robert sentiu uma pitada de apreensão.

– Sabe – falou –, é muita gentileza da sua parte, mas não é necessário.

Eles o ignoraram enquanto se fitavam.

– Bem, você sabe. Toda aquela coisa de escolher o castigo adequado para o criminoso. Estamos falando de *Robert*, afinal. – Sebastian passou uma mão no cabelo enquanto pensava. – O que podemos fazer em relação às mulheres?

– É sério – reiterou Robert com um pouco mais de veemência. – Sei que ainda não declarei meus votos de casamento, mas insisto que...

Os dois não estavam nem um pouco interessados nele.

– Sei exatamente o que podemos fazer – exclamou Oliver, se alegrando.

– Mary Wollstonecraft. Tenho um exemplar de *Reivindicação dos direitos da mulher* no meu quarto. Vou levar, com certeza.

– Ótimo – disse Sebastian, tornando a esfregar uma mão na outra. – Eu tenho uma carta que recebi de uma mulher bem curiosa dos Estados Unidos, uma tal de Antoinette Brown. Ela escreve várias coisas extraordinárias sobre evolução e os direitos das mulheres. Vou levar também.

– Tenho um panfleto escrito por Emily Davies.

Os lábios de Robert se curvaram mesmo contra a vontade dele.

– Eu estava pensando em levar um exemplar de Thomas Payne – comentou Oliver –, mas então não teremos números iguais.

– Vamos chamar Violet – sugeriu Sebastian, com um aceno de mão. – Ela até que é bem útil em discussões.

– Bem, assim de última hora, acho que ela vai servir. – Oliver se levantou e colocou a mão no ombro de Robert. – Que ninguém diga que os irmãos excêntricos não sabem como ser depravados.

– E teremos bebida! – Sebastian se levantou. – E até vamos beber de verdade, mesmo que Robert pare depois de dois copos, porque ele sempre faz isso.

– E teremos comida! – declarou Oliver, imitando a postura de Sebastian. – Que não vamos beber, porque senão iríamos nos engasgar.

Sebastian abriu um sorriso torto.

– Nas vésperas do seu casamento, Robert, vamos lhe oferecer todo tipo de prazer feminino que você sempre quis. Discussão filosófica após discussão filosófica, todas defendendo mudanças políticas que iriam virar a ordem social de hoje de ponta-cabeça. Vamos apresentar as propostas dessas mulheres e então... – Ele fez uma pausa, como se quisesse dar uma ênfase dramática. – E então, meus caros, vamos discutir sobre elas!

Robert sorriu e desviou o olhar.

– Vocês dois vão me matar. Não sei o que eu faria sem vocês. Não sou tão ruim assim.

– Falando nisso – disse Oliver. A expressão no rosto dele ficou séria por um instante. – Seu casamento. Seu pai não está mais conosco, e sua mãe... hã... nem sempre sabe os deveres dela. Achamos que talvez nós devêssemos lhe dar uma ajuda.

Sebastian assentiu.

E ali estava Robert, achando que tinha pensado em tudo. Já tinha

escolhido o presente de casamento. Tinha pedido que os advogados em Londres preparassem o contrato. Mas não ficaria surpreso se tivesse esquecido de algo. Havia tanta coisa em relação a questões de família que ele simplesmente não sabia.

– Ajudar com...

Oliver se inclinou para a frente.

– É sobre a noite de núpcias – disse ele com sinceridade. – Sobre o que acontece. Você precisa saber. – Ele deixou o tom de voz cair dramaticamente. – Quando um homem e uma mulher se amam muito, eles se unem de um jeito bem especial.

Robert deu uma cotovelada no irmão.

– Vocês são terríveis – falou.

Mas ele não conseguia parar de sorrir.



– Então?

Na manhã seguinte, Minnie ergueu os olhos do café da manhã bem na hora que a duquesa de Clermont apareceu na porta.

Carol se levantou com dificuldade, às pressas. Eliza já estava de pé. Uma criada vinha atrás da duquesa, apertando as mãos sem nenhuma eficácia enquanto tentava transmitir pedidos de desculpas silenciosos pela intrusão.

Mas a duquesa não estava olhando para as outras mulheres. Seus olhos estavam fixos em Minnie.

– Você vai se casar com o meu filho daqui a três dias. Sabe que vai ser um completo desastre.

Aquela mulher, Minnie lembrou a si mesma, ia ser sua sogra por décadas. Não seria adequado que fossem inimigas.

Mas também não seria adequado que a duquesa achasse que Minnie estava intimidada. Ela acenou com a cabeça de leve, como se estivesse de frente para um igual.

– Veio aqui para me dissuadir? Exigir um reembolso das cinco mil libras? – Ela ergueu o queixo e voltou a olhar para a torrada no prato. – Vou rasgar a letra de câmbio, não se preocupe.

A duquesa emitiu um som de deboche e entrou na sala com grandeza. Puxou uma cadeira para si mesma antes que a criada pudesse reagir e se sentou à mesa com uma expressão de expectativa.

– Então? Me sirva o chá – exigiu.

Minnie serviu e em seguida, sob a orientação da duquesa, acrescentou algumas colheres de açúcar.

Enquanto fazia isso, as tias-avós se entreolharam, como se estivessem discutindo entre si se deviam intervir ou não. Mas a duquesa não deu a mínima atenção a elas. Pegou uma torrada – levemente queimada – e a colocou no prato.

Minnie lhe entregou a xícara com o pires. A duquesa tomou um gole e depois pousou a xícara, como se ao fazer isso tivesse cumprido as exigências da boa educação.

– E eu achava que a senhorita tinha bom senso.

– Eu tenho. Veio aqui para me intimidar de novo?

A duquesa balançou a cabeça.

– Só uma mulher completamente desiludida e romântica iria achar que, se estivesse na minha posição, conseguiria qualquer coisa ao surtar na frente da noiva do filho. Você sabe os riscos. Meu filho sabe a verdade. Fiz minha melhor oferta e não foi o bastante. É raro que o mundo se importe com o que eu quero. Quando as coisas não saem do meu jeito, só me resta uma coisa a fazer.

Ao dizer isso, ela pegou a torrada e deu uma mordidinha delicada.

– E o que é? – perguntou Minnie.

A duquesa engoliu com a testa levemente franzida, soltou a torrada e mexeu o chá.

– Gosta de gatos, Srta. Pursling?

Minnie pestanejou com a repentina mudança de assunto.

– Gosto bastante deles, mas gostaria que Pouncer parasse de deixar fígados de rato na minha cama.

A duquesa desconsiderou o tema de entranhas de roedores com um aceno indiferente da mão enluvada.

– Já viu um gato pedir desculpas, ou admitir que errou?

– Gatos não falam – interveio Carol. Era a primeira vez que falava naquela manhã.

A duquesa lhe lançou um olhar rígido.

– Uma mulher capaz de esconder e proteger a sobrinha-neta infame por uma década com certeza é capaz de entender um discurso figurativo. – Ela se voltou para Minnie. – Já viu um gato tentar pular em uma presa e errar?

– É claro que sim.

– E o que o gato faz? – Ela não esperou a resposta. – Ele age como se tivesse errado de propósito. “Sim”, ele diz. “Deixei essa escapar como um aviso para as outras. Agora vou lambar minhas patas por cinco minutos, exatamente como planejei.”

– O gato *diz* isso? – perguntou Minnie com a voz inocente.

– Figura de linguagem. O que quero dizer é que você deve agir como o gato. Todo mundo respeita os gatos.

– Bem, na verdade – disse Eliza –, na época da Peste Negra...

A duquesa estendeu a mão.

– Parem de atrapalhar meu discurso figurativo, perfeitamente aceitável, com fatos irrelevantes! – exclamou. – Não é preciso nada disso. – Ela se voltou para Minnie de novo. – Pois bem. Decidi que você e meu filho devem passar a lua de mel em Paris.

A mudança abrupta de assunto fez Minnie balançar a cabeça.

– Isso parece... *romântico*. Tem certeza?

– Exato – disse a duquesa. – *Parece* romântico, e, por mais que eu não reconheça a existência de romance de verdade, tenho certeza de que vai ser muito necessário para vocês que as coisas *pareçam* românticas.

Depois de ter dito isso, ela franziu os lábios e olhou para a parede. Minnie quase achou que a duquesa parecia envergonhada. Mas isso era ridículo.

Após um tempo, ela falou de novo, pela primeira vez sem olhar diretamente para Minnie.

– Em segundo lugar – disse –, talvez seja melhor vocês adiarem a consumação do casamento.

– O quê? Por quê? Para que seja anulado?

A duquesa revirou os olhos.

– Isso é um mito ridículo. Não é possível anular um casamento apenas porque não foi consumado. Confie em mim. Consultei todos os advogados de Londres sobre como um casamento pode acabar. Sei todas as linhas e entrelinhas da lei. Só acho que é bom que seu primeiro filho nasça depois

de uns dez ou onze meses de casamento. Assim ninguém vai achar que você se casou porque estava grávida. Senão as pessoas *vão* falar. Por décadas.

– Essa é mais uma figura de linguagem? – perguntou Carol.

– Experiência – corrigiu a duquesa com sobriedade. – Robert nasceu depois de oito meses.

Minnie se engasgou e fechou os olhos, tentando apagar da mente as implicações daquela declaração.

– Ele nasceu prematuro – continuou a duquesa com calma. – É normal que isso aconteça com o primeiro filho. Venho dizendo isso todo santo dia há vinte e oito anos, então deve ser verdade. – Ela encarou Minnie com uma expressão rígida. – Por isso é melhor se abster de relações maritais por uns dois meses.

– Não vou fazer isso – afirmou Minnie. – Não tenho interesse nenhum em me abster de algo que quero fazer só porque pessoas que nunca conheci podem pensar mal de mim. Além disso, considerando o meu passado, é como um assassino se preocupar em ir para o inferno porque falou mal do cavalo do amigo.

– Humm. – A duquesa franziu o cenho, depois deu de ombros. – Ora. Eu só estava testando você. Queria garantir que, considerando seu passado, você se interessa por homens. Melhor descobrir esse tipo de coisa agora.

Ela parecia segura. Soava segura. E ainda assim Minnie tinha a impressão bem distinta de um gato lambendo as patas. *Eu não queria mesmo aquele rato.*

– Falando nisso, o principal motivo para vocês irem a Paris. – A duquesa apontou para Minnie. – Você precisa de um guarda-roupa novo. Não dá para usar algo apenas *aceitável*. Precisa ser brilhante. Então me diga, garota, você gosta de se vestir como uma camponesa sem sal ou só aceita essas roupas de embrulhar o estômago porque suas tias-avós pobres a obrigam?

Do outro lado da mesa, Carol e Eliza ofegaram ao mesmo tempo. Minnie tossiu.

– Mas é claro. Nada me agrada mais do que revirar um vestido do avesso pela quarta vez! Se as mangas não estão se despedaçando, não me sinto confortável. – Ela lançou um olhar severo para a outra. – Agradeço se não insultar as mulheres que me deram um lar quando não tinham dever

nenhum de me abrigar. Pode me insultar quanto quiser, mas não inclua Carol e Eliza.

A duquesa nem piscou.

– O que acha das minhas roupas?

– Têm excesso de renda e são muito tradicionais – respondeu Minnie sem piscar. – Suponho que caiam bem na senhora, mas para mim...

– Ótimo. O que você escolheria para si mesma? Que tipo de duquesa você vai ser?

Os anos que Minnie passara folheando revistas de moda com Lydia a atingiram com uma sensação aguda de perda que parecia um nocaute. Naquele momento, deveria estar escolhendo o enxoval de casamento com Lydia, que ficaria se gabando de que estivera *certa*...

– Bem – disse Minnie –, não vou fingir ser uma duquesa convencional. Não gosto de muitas camadas de renda, ainda que isso seja a última moda. Eu me sentiria completamente soterrada. Prefiro traços limpos, tecidos brilhantes. – Ela soltou a respiração, imaginando. – E muitas camadas de tecido. Chega de avareza.

– E vai precisar aprender a esconder a cicatriz. Minha criada pode...

Minnie se virou para a duquesa e a repreendeu com o olhar.

– Isto aqui? – falou, tocando a bochecha. – Ah, não. Eu a tenho de *propósito*. Considero parte da minha beleza.

A duquesa soltou uma gargalhada alta e se levantou abruptamente.

Minnie a encarou.

– Pois bem – disse a duquesa, aborrecida. – Não temos o dia todo. Tenho todas as revistas de moda no hotel. Se mandarmos as suas medidas para meus contatos na França, podem fazer a última prova quando você chegar. E, além disso, podemos comprar bastante coisa por aqui.

– A senhora... veio até aqui apenas para me levar para fazer *compras*? – perguntou Minnie.

– Quando você for a duquesa de Clermont – disse a mulher, ignorando a pergunta –, nunca deixe que achem que você poderia ser outra pessoa. Se não ouvir o que dizem sobre você, não pode ser verdade. E quando a sociedade descobrir que você existe, você já deverá ser uma duquesa.

Capítulo vinte e um

Os dias até o casamento passaram rápido demais. Robert não sabia se ficava animado ou apreensivo. Sentia-se das duas formas. Pelo menos a mãe dele resolvera ajudar Minnie e pediu que uma costureira de Londres providenciasse o que chamou de “essenciais”.

Quando Robert a questionou, ela respondeu de modo rude:

– Se você vai jogar a garota para os lobos, é justo que ela esteja vestindo uma capa vermelha.

Além disso, havia os momentos em que Robert e Minnie conseguiam ficar a sós. Trocaram alguns beijos que abriram o apetite de Robert – se a ocasião em que ele a havia prensado contra a parede e desabotoado o vestido pela metade podia ser chamada de apenas um *beijo*. Quando a manhã do casamento chegou, o apetite de Robert estava de fato bem aberto.

De certa forma, era bom que a cerimônia fosse bem cedo. Tinham escolhido um horário antecipado para que conseguissem chegar a Paris até o fim do dia. Se o trem do começo da manhã não atrasasse no trajeto até Londres, e se o navio a vapor cruzasse o canal sem delongas...

Mas Robert não conseguia pensar em nada disso enquanto olhava Minnie nos olhos e dizia os votos. Não era apenas o desejo físico que deixava suas emoções à flor da pele. Quando Minnie prometeu amá-lo e respeitá-lo, Robert sentiu um arrepio elétrico percorrer todo o seu corpo. E quando fez a mesma promessa, era como se ela os unisse, criando uma

ponte entre eles de um jeito mais intenso até do que o beijo que veio em seguida.

Robert sabia que muitos homens evitavam o casamento a qualquer custo. Viam o matrimônio como um aborrecimento e a esposa como outra pessoa que os importunaria. Mas quando Robert repetiu os votos, ouviu “até que a morte nos separe” e sentiu esperança.

Depois da cerimônia, os dois se separaram por um curto período. Minnie foi buscar algumas coisas com as tias-avós enquanto Robert ficou supervisionando o carregamento da bagagem. Meia hora já tinha se passado quando voltaram a se encontrar na estação de trem e não tiveram chance de conversar enquanto embarcavam. Robert apertou a mão do irmão e do primo. Violet o abraçou, e a mãe... inclinou a cabeça para ele. Minnie e ele acenaram da janela do compartimento até a estação desaparecer e restar apenas a paisagem do campo.

– De quem foi a ideia – sussurrou Robert no ouvido de Minnie – de colocar uma viagem de dezesseis horas entre a cerimônia e consumação do casamento?

– Acho que foi minha.

Ela se virou levemente para ele, e Robert viu de soslaio a expressão dela. Minnie não parecia muito ansiosa pelo que estava por vir. Na verdade, parecia infeliz. Estava olhando pela janela, para as silhuetas da cidade sumindo na distância, quase como se já sentisse saudade de algo. Eram só prédios que se confundiam em um borrão cinza e em uma floresta de chaminés de tijolo. Nada digno de saudades.

E então Robert lembrou que Minnie tinha duas tias-avós que a amavam, e que ele a estava levando para longe delas.

– Só me dê uns minutinhos – pediu ela. – Logo estarei ótima. Só pensei que... realmente pensei que Lydia viria ao meu casamento.

Robert precisou de um momento para lembrar quem era *Lydia* – a Srta. Charingford, a amiga que sempre estava ao lado de Minnie.

– Mande uma carta para ela contando tudo, absolutamente tudo sobre mim. Pedi que viesse. Achei que ela ao menos viria se despedir – disse Minnie. – Mas ela nem mandou uma mensagem.

Robert estivera prestes a sugerir que eles passassem a viagem dando início aos preparativos para a cama do hotel em Paris. Mas não havia

espaço para indecência jubilosa ali. Em vez disso, ele acariciou a mão de Minnie, temendo dizer algo que piorasse o humor dela.

Mas Minnie não mentira ao dizer que só precisava de um tempinho para se recuperar. Quando chegaram a Londres, ela estava sorrindo de novo.

– Sabe – falou –, na última vez que estive em Paris, eu tinha oito anos. Naquela época, levava dias para chegar ao continente. – Ela balançou a cabeça. – Levava dias para chegar a qualquer lugar, na verdade.

– Eu só fui para o continente depois de atingir a maioridade – comentou Robert. – Então só conheço as viagens de trem e de navio a vapor.

Chegaram a Londres às dez e meia da manhã, a Southampton logo após o almoço, e ao solo francês às três da tarde. Como Minnie havia prometido, toda sua tristeza já tinha desaparecido. Ela observava tudo com grande interesse, sorria como se nada estivesse errado... e, quando entraram no último vagão de trem do dia, apoiou a cabeça no ombro de Robert em uma demonstração de afeição descontraída que fez com que ele prendesse a respiração e imaginasse que havia cubos de gelo sendo pressionados diretamente em sua coxa.

Ainda bem que o duque não sugerira que tentassem mais. Só a sensação da mão dela entrelaçada na dele o fazia considerar a possibilidade de fazer amor com a esposa pela primeira vez enquanto o trem corria pelos trilhos.

Não. Ia fazer amor com ela em um quarto de hotel. Na cama. E ia ser incrível.

Ia ser incrível, repetiu para si mesmo quando chegaram a Paris.

Repetiu mais uma vez, rangendo os dentes, quando descobriu que a mãe havia organizado uma prova de roupas para Minnie assim que chegassem – um retardo de uma hora antes do jantar, programado para as nove horas da noite, na noite de núpcias dele.

Quando enfim se sentaram para jantar a sós – Minnie vestia um roupão de tecido brocado pesado que a cobria do pescoço aos pés –, já eram onze horas. Robert remexeu na comida de mau humor enquanto ela fazia o mesmo. Dispensaram os criados depois do segundo prato. Minnie alegou não estar com fome e largou os talheres de prata.

Ela se levantou.

Era quase meia-noite. Os dois tinham passado a maior parte do dia viajando, e o tempo todo Robert estivera ansioso para o que faria naquela noite. E a noite por fim chegara.

– Minnie – falou devagar. – Depois da viagem cansativa de hoje, eu estava pensando que...

Ela desfez o nó do roupão e deixou a peça de roupa cair no chão, e o resto da frase de Robert morreu.

– Você estava pensando que...? – perguntou ela com um sorriso.

Meu Deus, aquela voz. Aquele corpo. Ela estava usando uma camisola de tecido branco transparente, bordada com arabescos brancos que se entrelaçavam sugestivamente entre os quadris e os seios. Que estavam livres. Completamente visíveis através do tecido. Entre as pernas havia um pouco de renda e, quando ela deu um passo na direção dele, o tecido esvoaçou, mostrando a Robert vislumbres de pele nua e pernas compridas.

Ele estava mesmo prestes a sugerir que adiassem a noite de núpcias até que tivessem descansado um pouco?

– Eu estava pensando – disse ele, com todo o sangue indo para o sul – em passar o resto da noite devorando você.

Minnie sorriu.

– É justamente o que eu achei que você ia dizer.

– Olhe isso.

E ele tinha permissão para olhar agora. Levantou-se da mesa e deu uma volta ao redor de Minnie.

– Olha só que beleza.

O tecido a moldava até a ponta dos mamilos. Sonhos e devaneios fervorosos empalideceram diante da realidade. Um sonho invocava a meia-lua perfeita de um seio, mas ignorava as sardas leves que o marcavam. Robert imaginara uma pele pálida e lisa. Mas, tão perto assim, ele conseguia ver que a pele de Minnie estava arrepiada com o frio. E também estava cheia de cores – um leve rubor rosa a cobria, reflexo do sangue que corria em suas veias, e nuances douradas e brancas também a marcavam. Robert até conseguia ver uma linha pálida, talvez uma cicatriz, abaixo de uma costela.

Aquelas minúsculas imperfeições o fascinavam. O que via não era a imaginação de um pintor, uma fantasia irrealista na mente dele. Era Minnie, verdadeira e viva, à sua frente.

Laços de fitas vermelhas mantinham a camisola presa nos ombros. O do braço direito estava um pouco solto, e aquele nó malfeito, que não tinha

sido apertado corretamente, parecia provocá-lo, ameaçando se desfazer e deixar que o tecido transparente descesse, deslizando pelo corpo de Minnie.

– Lembra aquela falha fisiológica fundamental? – perguntou Robert em um murmúrio.

– Se eu lembro? Estava pensando em explorá-la.

– Ah. – Ele a puxou para perto. – Ótimo. Então imagine que eu disse algo genial.

Ele a segurou pelos ombros e a puxou para um beijo. Não apenas um toque de lábios em lábios. Não eram apenas os corpos dos dois, prensados um no outro. Robert conseguia sentir a respiração de Minnie se acelerar, sem o confinamento de um espartilho. Deslizou as mãos pelo corpo dela. Os seios eram bem redondos e firmes, e os mamilos endureceram quando os dedos dele os roçaram. Aquilo era o começo de *tudo*.

– Imagine que eu disse algo muito genial – murmurou ele.

Partindo do seio, o caminho até aquele nó solto era curtíssimo, e foi só puxar de leve para desfazê-lo e a seda deslizar. Robert encontrou o seio de Minnie de novo, dessa vez descoberto. A textura da pele feminina – tão quente e vibrante, macia ao toque, porém firme quando acariciada – o encantou.

Mas ela era menos tímida do que ele. Deslizou as mãos por baixo do casaco e o segurou pela cintura. O beijo que lhe deu foi longo e lento.

– Está com medo? – perguntou Robert, puxando-a em direção à cama.

– Sei que deveria estar... mas não. Não estou.

Ele sempre achara a voz de Minnie sensual, mas naquele momento ela soava puramente erótica.

Minnie se sentou na cama e o chamou com o dedo.

– Eu mesma não estou me sentindo muito genial neste momento. Eu quero você.

Qualquer esperança que Robert tivera de se conter evaporou. Ele tirou o casaco enquanto ela desabotoava o colete. Os dois tiraram a camiseta de Robert juntos, rindo quando a mão dele ficou presa na manga e Minnie teve que virar o tecido do avesso para soltar o punho dele. As mãos dela exploraram o peito, causando calafrios enquanto ele se livrava da calça.

Quando ele se despia, deixando a calça cair junto às roupas de baixo em uma grande pilha no chão, Minnie o puxou de volta para a cama e o beijou outra vez. Aquele beijo foi ainda melhor – pele contra pele, enquanto as

mãos dela roçavam as coxas dele, depois gentilmente exploravam seu membro. Um pouco atrapalhado, ele desfez o outro nó no ombro de Minnie enquanto suas línguas se encontravam. Seus torsos se tocaram. Depois, quando Robert conseguiu livrar Minnie da camisola meio sem jeito, as pernas nuas roçaram nas dela. Ele pegou as mãos dela e juntou os corpos dos dois, colados da cabeça aos pés.

A boca de Minnie era quente contra a de Robert, e o membro dele prensava, duro, o quadril dela. Beijaram-se enquanto ele pressionava a pélvis contra a dela, e todos os sonhos, todos os devaneios mais sórdidos perderam a graça diante da realidade. Robert ia fazer amor com ela. Finalmente, realmente, verdadeiramente ia fazer amor com Minnie. Ele abriu as pernas dela e se ajoelhou.

De frente para as belas dobras rosadas do sexo dela, foi impossível não tocá-la. Minnie arfou de modo suave quando sentiu o toque – não de choque, mas para encorajá-lo. Apertou-se contra os dedos dele, mas não era o bastante. Robert subiu em cima dela, tomando cuidado, muito cuidado com o próprio peso. Minnie gemeu quando a ponta da ereção dele roçou na entrada dela.

– Meu Deus – disse ela com aquela voz tão excitante. – Robert...

– Meu Deus. Eu a quero tanto.

Ele entrou bem de leve, apenas alguns centímetros.

Minnie inspirou fundo e colocou as mãos no peito de Robert – não como uma carícia, mas fazendo uma leve pressão, empurrando-o, e ele parou. Os bíceps ardiam de leve enquanto ele se segurava, paralisado, acima dela.

– Está doendo? – perguntou ele.

– Não... – Ela sorriu sem muita convicção; em seguida, se contradizendo, acrescentou: – Só um pouquinho.

Não era muito, mas foi o bastante para estourar a bolha de luxúria irracional que o havia tomado com tanta força. Robert estava estragando tudo. Estava se forçando sobre ela apenas com um beijo e algumas carícias para prepará-la.

– Não pare – pediu ela. Porém, quando ele arremeteu um pouco mais, todo o corpo de Minnie ficou tenso.

O prazer que Robert sentia só aumentava seu desconforto. Minnie se comprimiu ao redor dele – macia e quente, apertada, tão apertada. Era tão

gostoso. Mas ele conseguia sentir os músculos dela, tensos e inflexíveis. Ela agarrava os lençóis com os dedos cerrados. A boca estava fechada com força, como se ela só conseguisse ranger os dentes com muito esforço.

– Sinto muito. – Robert tentou beijá-la. – Sinto muito.

Minnie levantou a mão e tocou a bochecha dele.

– Pare de se *preocupar*, Robert. Eu aviso se ficar insuportável.

Suportável. Era *suportável* para ela, enquanto era bom para ele.

E só bom.

De alguma maneira, Robert sabia que o sexo com Minnie seria diferente. Que a complexidade do que ele sentia por ela, a afinidade dos dois... Ele imaginara que tudo aquilo faria com que o momento fosse, de certa forma, diferente. Que, de algum jeito, ele entraria nela e o mundo pegaria fogo.

Saber que Minnie estava apenas suportando acabou com tudo que não fosse o prazer físico do ato. Aquela era a noite de núpcias. Era para ser algo mágico, por mais estúpido e ingênuo que parecesse.

Quando Robert entrasse nela, era para ser diferente. Ele esperava que algo mágico saísse do corpo de Minnie – alguma coisa secreta que os levaria para outro mundo. Alguma coisa que tornaria o ato algo mais do que *bom* para ele, mais do que suportável para ela. Do jeito que as coisas estavam indo – ele tentou reprimir esse pensamento terrível com o corpo de Minnie tão cauteloso abaixo do dele, mas não conseguiu –, Robert preferia a própria mão esquerda.

Não importava como ele a possuísse – devagar ou rápido, colocando as mãos nos cabelos dela ou perto dos ombros –, não havia magia nenhuma naquilo. Quando um homem fazia amor com uma mulher de quem gostava, *supostamente* era diferente.

Se você for bom de cama, talvez eu me apaixone.

Minnie dissera aquilo com um sorriso, mas Robert não tinha percebido até então como ele queria que ela o amasse. Ansiava por isso, e sentia a possibilidade se afastar com cada arremetida que era apenas suportável.

Ele fechou os olhos e tentou suportar, concentrando-se nas partes mais singelas do ato – o murmúrio agradável de seu corpo enquanto a penetrava, o prazer que queimava devagar, acumulando-se na base de sua coluna.

– Meu Deus, Minnie – disse ele e afundou nela com mais força.

Era bom. Bom o bastante. Minnie era o bastante – seu corpo apertando-

se ao redor dele, os quadris, os seios roçando o peito de Robert a cada investida. E então foi muito bom, naqueles últimos momentos instáveis. Ele jorrou dentro dela, e o clímax o alcançou em um momento que era quase tão doce quanto ele esperara.

Quando terminou, Robert se soltou de Minnie e deitou, passando os dedos pelas costelas dela.

Mais um sonho romântico e idealizado que fora abatido pela realidade. Não havia por que chorar. E... e não seria sempre assim para Minnie, não é? Robert esperava que não. Quase desejou ter *mesmo* pedido conselhos a Oliver.

Ao lado, Minnie se virou para ele. Robert ainda não conseguia olhá-la nos olhos. Bem devagar, ela tocou o braço dele.

– Não quero assustar você.

A voz dela tinha um toque de frieza. Robert inclinou a cabeça para o lado e tentou observá-la, mesmo que fosse difícil sob a luz fraca.

– O que foi?

– Acho que estamos fazendo alguma coisa errada.

Robert ficou tenso. Se Minnie não tivesse dito aquilo, eles poderiam ter fingido que estava tudo bem. Ele se afastou sutilmente dela e murmurou:

– Já me falaram que a primeira vez é a pior. Digo, para as mulheres. Vai... melhorar.

Tinha que melhorar.

– Não – repetiu Minnie com mais seriedade. – Fizemos alguma coisa errada. Sei como deve ser no final. E aquilo que aconteceu para você... não aconteceu para mim.

– Eu sei – retrucou Robert, em um tom de voz frio. – Meu Deus. Não precisa me dizer isso. Você mal tolerou o ato. Não precisa esfregar na minha cara que não consigo fazer minha esposa ter um orgasmo. Estou bem ciente da verdade.

Esse acesso foi seguido por silêncio, e Robert soltou uma respiração trêmula.

– Não estou tentando criticar – disse Minnie por fim.

Ela soava muito racional, considerando as circunstâncias, o que deixou Robert ainda mais irritado.

– É que... do jeito que fizemos, nunca ia acontecer para mim. E... bem, eu meio que estava esperando que acontecesse.

– Como assim, não ia acontecer? Como você sabe?

Ela apenas o encarou, e Robert percebeu que estava brigando com a esposa porque não a tinha levado ao êxtase. Porque o ato tinha sido melhor para ele do que para ela.

Ótimo trabalho, Robert.

– Sinto muito. – Ele suspirou. – Não devia estar falando assim com você. A culpa não é sua.

Minnie segurou o braço dele.

– Somos inteligentes. Vamos dar um jeito. Temos dez dias em Paris para acertar.

Diabos. Dez noites como aquela? Robert realmente teria que inventar uma desculpa.

– Nove – corrigiu. – Um já foi.

– Este não acabou ainda. – Minnie mordeu o lábio. – Não tenho experiência nenhuma com homens, mas... Quer que eu mostre a você?

– Me mostrar o quê?

As bochechas dela ficaram levemente coradas.

– Você sabe. Mostrar o que eu faria se estivesse sozinha.

Depois de ter transformado a noite em um desastre, parecia impossível querê-la de novo. Porém, ainda assim, aquelas palavras fizeram com que uma pitada de interesse brotasse no fundo da mente dele. Robert pigarreou.

– Não tenho outros planos.

Minnie soltou uma risadinha.

– Pois é. Começa aqui.

A mão dela foi para o meio das pernas.

– Eu comecei aí.

– Um pouco mais para cima.

Ela fez algo com a mão – algo que Robert não conseguiu ver até se sentar e observar os dedos da esposa. Estavam deslizando não pela entrada, mas um pouco acima, concentrados no clitóris molhado entre as pernas dela. O toque era leve e rápido. A respiração de Minnie falhou uma vez, depois ficou uniforme.

A dele também.

– Em que você está pensando?

Ela encontrou os olhos dele.

– Em você. Lembra quando jogou cola em mim?

– Humm.

– Naquela noite, fui para casa e pensei em você tirando meu vestido.

Ele acabara de derramar sua semente dentro dela. Não deveria ser capaz de ter uma ereção por um bom tempo. Mas o sangue estava descendo para o membro.

– Que engraçado – falou com a voz rouca. – Eu pensei em algo similar naquela mesma noite.

– Foram várias as noites em que pensei em você – disse Minnie. – Era... vergonhoso.

– Eu até achei que minha mão esquerda estava marcada com o seu nome. Tudo que eu precisava fazer era me tocar e pensar em você...

O corpo dela estava disposto diante dele, com os cabelos espalhados no travesseiro.

Com gentileza, Robert abriu as pernas da esposa para que pudesse ver o que ela estava fazendo. Quando fez isso, sua garganta ficou seca. A pele de Minnie parecia ficar mais macia à medida que ela se tocava. Entre as pernas ela era de um tom de rosa profundo, e os lábios inferiores se abriam como uma flor sob a luz rosada da luminária. Aquela rosa escura o chamava, convidando-o a tocá-la.

Minnie tocava a própria carne com movimentos suaves e experientes, e Robert podia ver a entrada ficando mais úmida. Ele sentiu a diferença se tornando marcada no ar – o cheiro da excitação crescente dela.

– Eu só precisava – disse ele com ferocidade – pensar em você para ficar duro como uma pedra. Meu Deus, Minnie, continue assim.

Ele nunca pensara nela fazendo aquele tipo de coisa – acariciando a si mesma –, mas era muito mais excitante do que qualquer outro cenário que imaginara.

– Preciso de algo mais. – Os cílios dela tremeram. – Quer ajudar?

A garganta dele estava mais seca agora.

– Com certeza. Como?

– Me toque. – Ela fechou a mão ao redor do próprio seio. – Aqui.

Ele se inclinou e o segurou, percorrendo as curvas com o dedo.

– Mais. Com mais força – incentivou Minnie.

Então ele fechou os lábios no botão cor de coral que era o mamilo. Minnie soltou um gemido, e todo o corpo dela arqueou ao lado dele. Aquele

gemido fez com que a excitação de Robert voltasse à vida. O membro dele passou de levemente interessado a completamente envolvido.

– Isso – gemeu Minnie. – Por favor. Bem assim.

Ele a lambeu primeiro, depois a mordiscou de leve. Os gemidos ficaram cada vez mais altos.

Ele pousou a mão sobre a dela, sobre o sexo dela. Podia senti-la se tocando, podia sentir a cama balançando no ritmo dos dedos de Minnie. Quando a penetrara antes, ela estava levemente úmida, mas naquele momento estava completamente molhada. Molhada e gloriosa. Os dedos de Minnie faziam cada vez mais pressão, com mais força, e os de Robert a acompanhavam, saboreando aquela sedosidade escorregadia.

– Quer saber qual foi a primeira vez que pensei em você? – disse ele. – Foi na noite em que nos conhecemos. Meu Deus, aquele encontro foi tão diferente quando eu o imaginei de novo. Uma mulher com uma voz como a sua, com um corpo como o seu, me encontrando a sós atrás de um sofá? Pensei em você de joelhos, fechando esses lábios ao meu redor. E eu a queria tanto.

Minnie atingiu o êxtase com um grito fervoroso. O corpo dela tremeu com ondas de prazer. Por um momento, era como se aquelas ondas viajassem pelo corpo de Robert também. Quando ela terminou, ele mal conseguia pensar. O corpo dele gritava de desejo. Ele não pediu. Não falou. Apenas abriu mais as pernas de Minnie e entrou nela.

Dessa vez, penetrou nas profundezas dela com uma arremetida firme. Dessa vez, conseguiu sentir a diferença no corpo da esposa. Aquelas leves ondas trêmulas ainda viajavam pela entrada apertada ao redor do membro dele. Minnie estava completamente molhada de desejo.

Robert colocou a mão dela de volta onde estava.

– Não pare – pediu com a voz rouca. – Continue assim.

Os quadris dela se ergueram para encontrá-lo. A mão continuou com os movimentos, um estímulo a mais na base do membro de Robert. Ele conseguia sentir o prazer dela circundado-o por todo lado, primeiro enfraquecido, depois aumentando de novo enquanto ele a possuía. E, como se uma barragem tivesse se rompido com o primeiro orgasmo, dessa vez ela chegou ao clímax rápido – mal levou um minuto para o alívio dela vir em uma onda fervente de pura luxúria que a fez se fechar ao redor de Robert.

Ele a queria mais e mais. Afundou nela várias vezes, e cada investida

era melhor do que a anterior, cada uma ia crescendo, crescendo até um ritmo que o varreu com ondas ferozes. Foi quase doloroso aquele segundo orgasmo. Caótico e escorregadio e errado, e lhe pareceu tão, tão certo.

Robert não tivera nenhuma intenção de possuir a esposa virgem duas vezes àquela noite – especialmente não depois daquela primeira vez desastrosa. Mas perdera qualquer controle no momento em que a vira se tocar entre as pernas. Havia algo naquele ato, algo que despertou uma necessidade profunda e primitiva dentro dele. Perdera toda a capacidade de pensar.

A segunda vez foi tudo com que ele sonhara e além.

Depois, Robert tomou os lábios dela, e Minnie retribuiu o beijo. Estava toda mole abaixo dele, se desfazendo contra ele. Era tudo o que ele quisera – uma união assim.

– Robert – disse ela por fim. – Eu meio que tinha imaginado que... considerando quem você é, que você tinha bastante experiência. É verdade?

– Depende do que você chama de experiência – respondeu ele com cautela.

Minnie não falou nada.

– Quando cheguei à idade de ir atrás de experiência, já tinha uma ideia de como meu pai era. Eu não queria ser como ele. Então eu tinha que ter certeza absoluta de que não forçaria ninguém a fazer algo que não queria. – Robert sentiu o rosto queimar. – E depois, eu também tinha que ter certeza de que não estava agindo como o meu pai, que pensava apenas com a cabeça de baixo. O desejo sexual me faz agir como um idiota. Eu tinha que ter certeza de que não me faria agir com egoísmo, também.

Minnie continuou em silêncio.

– Em algumas festas as coisas... progrediram bastante, e teriam chegado a esse ponto se tivesse permitido que continuassem. Mas eu sempre inventava um motivo para parar. Ela só estava interessada no meu dinheiro, não em mim. Ela achava que ia conseguir um pedido de casamento depois. Nunca me pareceu certo possuir uma mulher que queria um duque quando eu era apenas *eu*.

Ele olhou para o teto, sentiu a mão de Minnie tocá-lo e deu de ombros.

– Eu diria que – continuou, cauteloso –, considerando o tanto que já usei a mão esquerda, eu não deveria me qualificar como virgem. Já tive diversas

experiências sexuais. Só... não com outra pessoa. Eu não estava esperando o casamento.

Só você.

Ele não disse isso. Não parecia certo compartilhar algo tão vulnerável tão perto do calor do sexo.

O ato com Minnie não fora como ele imaginara, em seus devaneios românticos, que o sexo seria. Ele sempre pensava em flores e na luz do luar, tudo frio e perfeito e puro.

Mas não fora assim. Fora quente e caótico, e Robert queria fazer aquilo de novo e de novo com uma ferocidade que não conseguia entender direito.

– Fizemos tudo certo dessa vez?

Minnie se aconchegou nele.

– Ah, com certeza – respondeu em um tom sonhador. – Tudo bem certinho.

Robert tomou nota: se Minnie bocejava em seus braços depois, isso significava que ele tinha feito um bom trabalho. Era uma boa meta deixar a esposa esgotada. As pálpebras dela se fecharam, e Robert sentiu um orgulho feroz viajar por seu corpo.

Dissera que não esperava que ela o amasse.

Não era porque não acreditasse no amor. Pensar no amor era como pensar em água no deserto. E esse, sim, era um clichê estúpido, que o fez pensar em um homem com roupas maltrapilhas se arrastando pelo Saara, em busca de um oásis em meio às dunas de areia.

Mas a Antártica também era um deserto – um deserto frio, que era seco porque lá a água virava gelo no instante em que entrava em contato com o ar.

Robert acreditava no amor. Sempre acreditara. Passara a vida toda rodeado por água, só que essa água havia congelado e se tornado sólida. Robert amara com tanta força quanto ousara e observara tudo congelar diante de seus olhos. Não foi surpresa alguma que naquele momento, ao refletir sobre seus sentimentos, ele percebesse que amava Minnie. A surpresa veio do fato de, dessa vez, quando ousou tomar um gole, ele encontrar água em vez de gelo.

Ele sentiu vontade de chorar.

– Isso – falou para Minnie – foi realmente... sinceramente... a coisa mais inspiradora que já fiz. E quero fazer de novo.

– Amanhã – murmurou ela. – Afinal, ainda temos nove dias.

Capítulo vinte e dois

Antes que o sol aparecesse no horizonte, Minnie acordou com o toque dos lábios do marido em seu pescoço e os braços dele ao seu redor. Ela dormira um sono de exaustão saciada e tinha a vaga noção de que ainda estava cansada. Mas não importava. Se estava cansada, era um cansaço bom, sentia prazer com a sensação do corpo de Robert roçando no dela, das mãos dele lhe tocando as costelas com um propósito possessivo. Era como se ainda estivesse sonhando. Sentia-se quente, e o toque dele era terno.

Se a noite anterior tinha sido sobre descobertas, a manhã fora sobre exploração – sobre tocar as curvas das costas de Robert com as mãos, sobre corrê-las pelo peito dele, para cima e para baixo, tomando nota de onde ele era mais sensível. A ânsia inebriante e aferrada da noite de núpcias havia sido substituída por uma calma sensação de fascínio.

Minnie estava pronta quando ele a penetrou dessa vez. Na manhã, os movimentos eram um balançar gentil, um beijo do corpo todo que a levou ao orgasmo aos poucos em vez de arrancá-lo dela à força.

Quando Robert terminou, encostou a testa na de Minnie.

– Bom dia.

O sol estava começando a ficar rosado. Ela não havia dormido o bastante, mas não queria voltar aos sonhos. Queria agarrar aquele momento e deixá-lo se estender para sempre.

– Bom dia.

Ele ainda não a havia soltado.

— Sabe — comentou —, estou morrendo de fome. Se me lembro bem da minha última viagem, descendo a rua tem uma padaria que já deve estar aberta.

Até terminarem de se vestir, a luz matinal já havia tomado as ruas abaixo. O hotel onde estavam — um lugar bem chique, mas na noite anterior o nome da hospedagem fora a última coisa que Minnie registrara — se abria para uma grande avenida. De um lado havia um parque, cercado por uma grade de metal. Do outro, prédios de pedra com fachadas engenhosas. Robert guiou Minnie por uma viela lateral após o parque. A padaria era, na verdade, um café em frente ao rio Sena. E não era em qualquer lugar do Sena. O hotel ficava no coração da cidade, somente a alguns passos da Île de la Cité.

Poucos meses antes, Minnie nunca teria imaginado visitar Paris com o marido. Nunca teria sonhado com um hotel que ficava a menos de quinhentos metros da catedral de Notre Dame. Isso era algo que superava até os sonhos mais loucos de Lydia... mas não. Pensar na amiga fazia com que Minnie sentisse uma dor bem lá no fundo.

Então, em vez disso, ela se concentrou em todas aquelas coisas antigas e belas, novas e brilhantes. Os toldos coloridos, os prédios elegantes, o pequeno bando de pombos que pousou bem perto deles enquanto comiam, inclinando a cabeça e olhando com interesse para os *croissants* que Robert comprara do padeiro.

A comida era tão gostosa, quente e amanteigada e folhada, que Minnie não queria dividi-la com os pássaros.

Mas, enquanto jogavam os restos do café da manhã para os pombos barulhentos — tentando garantir que os destemidos passarinhos marrons ao lado também ganhassem algumas migalhas —, um garotinho com uma muleta se aproximou. Usava um gorro de pele de castor que não era grande o bastante para cobrir as orelhas salientes.

Não parecia ter idade suficiente para ter aquele olhar calculista. Mas idade não tinha nada a ver com a necessidade de ser perspicaz. Ele mancou até o casal, se apoiando com força na muleta. A oscilação dos passos era exagerada demais para ser real. Algumas coisas não precisam de tradução.

Os dedos de Minnie se fecharam ao redor da pulseira que usava no pulso.

O brilho perspicaz voltou aos olhos do garoto. Se estivera planejando

roubar os bolsos dos dois enquanto eles alimentavam os pássaros, rapidamente mudou de estratégia.

– Uns cêntimos, *monsieur* – pediu o rapaz na língua deles, com um sotaque forte.

Ele tirou o chapéu e o mostrou para Robert.

– Só uns cêntimos para um aleijado.

Que ele estivesse falando a língua deles... Bem, Minnie imaginou que não era tão difícil assim adivinhá-la. Estiveram conversando entre si, afinal.

Minnie tinha esperanças de que Robert mandasse o pivete embora, mas o marido parou e tirou um porta-moedas do bolso. Sem falar nada, pegou uma delas. Minnie viu um brilho dourado quando Robert a jogou para o menino.

Os dedos do garoto voaram e ele pegou a moeda no ar. Mas escancarou a boca quando viu o que tinha em mãos. Solto a muleta, que caiu no chão, e, desatento, ficou ali, de pé, olhando o dinheiro.

Robert solto o braço de Minnie e deu dois passos para a frente. Agachou-se e pegou a muleta.

– Na próxima vez – falou em francês, com sotaque –, não solte a muleta. Outro homem poderia não ter entendido que era atuação e não ser tão compreensivo.

– *M'sieur*.

O garoto olhou mais uma vez para a moeda antes de pegar a muleta das mãos de Robert e correr para longe, sem qualquer sinal de deficiência.

– Você sabia que ele estava fingindo? – perguntou Minnie.

Robert deu de ombros.

– Me pareceu provável.

– E ainda assim deu a ele.... O que era aquela moeda?

– Vinte francos. Duvido que ele já tenha visto uma dessas antes.

Vinte francos. Valia quase uma libra. Para um mendigo, aquela recompensa era equivalente a meses e meses pedindo dinheiro na rua.

– Por que deu o dinheiro a ele, se sabia que ele estava fingindo?

Robert abriu um sorrisinho.

– Trapaceiros também precisam de ajuda. Sei bem como é isso. – Ele olhou para a rua por onde o menino tinha sumido. – *Especialmente* quando é feito assim.

– Sabe como é contar mentiras para conseguir dinheiro?

Minnie sentiu um sorriso tomar seu rosto. Ela se levantou, limpou os farelos que tinham caído no vestido e foi até Robert.

– Exatamente. Uma das minhas primeiras recordações é ter mentido para conseguir dinheiro.

Ele encaixou a mão dela em seu braço e começaram a andar. À esquerda, uma balaustrada de ferro fundido os separava do Sena. O rio seguia seu curso. Minnie se recusava a acreditar que suas águas podiam ser marrons e sujas.

– É sério? – Ela soltou um arquejo, sem acreditar. – Que bugiganga você queria comprar?

– Não era nenhuma bugiganga. – Sorrindo, ele deu tapinhas no braço de Minnie. – Até que é uma história engraçada. Veja bem, meus pais se casaram sob... circunstâncias estranhas. Meu pai convenceu minha mãe de que a amava. Ela acreditou, é claro. Meu pai sabia ser bem convincente quando queria. Mas o pai *dela* já tinha mais conhecimento do mundo e suspeitou de que duques não se apaixonavam perdidamente por filhas de comerciantes de lã que tinham grandes dotes. Pelo menos não depois de se conhecerem por apenas algumas semanas. Então, em vez de entregar todo aquele dinheiro para o meu pai de uma só vez, assim que os dois se casaram, ele colocou tudo em um fundo, que seria pago enquanto minha mãe fosse feliz.

Robert pegara um saco extra na padaria. Ele interrompeu a história para abri-lo e entregou um pãozinho para Minnie – crocante, dourado e quentinho – e pegou outro para si. Dividindo-o em pedacinhos, jogou-o para os patos do outro lado da balaustrada de ferro.

– Não parece o começo de uma história engraçada – comentou Minnie, cética.

– Bom, acho que essa parte não é muito engraçada mesmo. – Robert franziu o cenho e pegou um pedaço da casca do pãozinho. – Mas o resto é, prometo. De qualquer jeito, para resumir: meu pai não tinha dinheiro nenhum de verdade, e minha mãe controlava o resto. Então, quando ela vinha nos visitar...

– Sua *mãe* ia *visitar*? Ela não morava com vocês?

– Não, na maior parte do tempo, não. Acho que nem a vi até os quatro anos. – Ele coçou o queixo. – Se ela estivesse morando com o meu pai, ele receberia todo o dinheiro do fundo. Era esse o acordo. Minha mãe

controlava o dinheiro com a própria presença. E ela não queria que meu pai ficasse com nenhum centavo, então, quando ouviu que teria que morar com ele para me ver, ela mandou meu pai para o inferno.

Minnie lembrou as conversas que tivera com a duquesa. A mulher falara sobre todo tipo de assunto, mas não mencionara aquela situação. Aquilo explicava algumas coisas. Muitas coisas, na verdade. Não parecia ser uma história nem um pouco engraçada. Minnie piscou para o marido, mas ele ainda tinha um sorrisinho no rosto, como se tudo fosse parte de uma piada. Jogou o pão no ar sem preocupações e alargou o sorriso quando os patos começaram a brigar para pegar os farelos.

– Então, de qualquer jeito...

– Espere só um pouquinho. Seu pai não deixou que sua mãe o visse até você fazer quatro anos?

– Isso mesmo. – Robert franziu o cenho e partiu mais um pedaço de casca do pãozinho. – Ele não tinha como controlar o dinheiro que estava no fundo, mas legalmente tinha controle sobre mim. Então... – Ele deu de ombros de novo, como se aquilo fosse algo normal. – Não dá para culpar o homem por tentar.

Não dá? Minnie o culpava.

Mas Robert apenas jogou o pedacinho de pão na água e continuou a falar.

– Quando eu tinha quatro anos, meus pais chegaram a um acordo. O pai da minha mãe deu algumas fábricas para meu pai, para que ele pudesse acalmar as pessoas a quem mais devia. – Ele olhou para Minnie. – A Graydon Boots era uma dessas fábricas. Em troca, minha mãe teria permissão de me ver por alguns dias duas vezes ao ano. Eu ficava desesperado para andar na linha quando ela aparecia. Eu achava que se me comportasse bem, ela não iria embora. Naturalmente, meu pai me apoiava. Quando eu tinha seis anos, o plano brilhante dele foi que eu fingisse que não sabia ler, supostamente porque, por causa das condições financeiras precárias, ele não tinha dinheiro para contratar um professor para mim. Ele tinha certeza de que isso a convenceria.

Minnie pigarreou. A garganta dela parecia estranhamente apertada.

– E convenceu?

– Quase. Eu fiz o papel de coitadinho da melhor forma que pude. Fingi não saber o alfabeto. Ficava olhando as páginas com uma expressão vazia e

dava de ombros. Quando eu recitava as letras, pulava do L para o P. Contava até cem e trocava sessenta por setenta. Dizia que cinco mais seis eram treze. – Ele abriu um sorriso torto. – E meu pai tinha razão. Quase deu certo. Depois de alguns dias, ela escreveu uma carta urgente para o pai, pedindo que lhe mandasse outro baú com seus pertences. Encomendou um abecedário de uma livraria da cidade. E toda tarde me levava para a sala de estar, sentava comigo e estudávamos o alfabeto. Ela era bem severa, até meio militar. Tínhamos que seguir um cronograma bem rígido.

– Mas você...

Minnie não conseguia imaginar o filho de um duque chegando àquela idade sem saber ler, mas também não conseguia imaginar um duque crescendo sem nunca ver a mãe.

– Mas você já sabia as letras do alfabeto, não é?

Robert deu de ombros, despreocupado.

– É claro. Não tinha muita coisa para fazer naquela casa além de ler. Depois de três dias fingindo ser ignorante, eu já estava cansando e só queria voltar a ler Robinson Crusoé. Mas o plano estava dando certo. Ela ainda não tinha ido embora. Quando chegamos ao M de Mosquito, mudei para M de Mamãe. Ela me olhou de um jeito... com os lábios apertados e uma expressão rígida... e perguntou por que eu tinha dito aquilo. Respondi que era porque eu não queria que tivesse nenhum mosquito na casa, mas gostava da presença dela ali.

Minnie não sabia como ele podia sorrir enquanto o coração dela se partia.

Mas Robert só balançou a cabeça, aparentando estar se divertindo.

– Pelo jeito, aquele teatro do menino coitadinho foi exagerado, porque ela só balançou a cabeça e falou que naquele dia não íamos mais estudar o alfabeto. Disse que tinha que escrever algumas cartas muito importantes e particulares, e que eu devia brincar sozinho em silêncio. Ela me deu umas folhas de papel e um lápis e me mandou ficar desenhando.

– Não acredito que aquilo não fez o coração dela derreter.

– Ah, não. Àquela altura, minha mãe já tinha uma alma endurecida. E sabia muito bem como me ativar. “Cartas muito importantes e muito particulares.” Ela disse isso duas vezes. É claro que não resisti à vontade de dar uma olhadinha. Ela estava escrevendo bem ao meu lado, enquanto eu

fingia desenhar passarinhos. A carta muito importante e muito particular dela dizia, de novo e de novo, “Que Clermont se dane”.

Ele sorriu com a lembrança – da mãe escrevendo coisas profanas sobre o pai – enquanto Minnie apenas o encarava, horrorizada.

– É claro que perguntei “O que significa ‘se dane’?”. E lá se foi minha tentativa ingênua de fraude. Eu tinha provado que sabia ler. Minha mãe não disse nada. Só se levantou e saiu da sala. Ela e meu pai brigaram feio depois. Acho que ela até chegou a jogar algumas coisas nele. E eu não a vi de novo por dezoito meses.

Minnie não sabia o que dizer. Ali estava Robert, sorrindo como se tivesse acabado de contar uma lembrança engraçadinha – como a história que Minnie podia ter contado sobre a ocasião, quando tinha sete anos, em que se perdeu do pai e colocou a mão no bolso de outro homem, achando que era ele.

– Meu Deus – disse Robert. – Como eu era um capetinha desgraçado.

Como ele conseguia achar graça no fato de o pai o ter recrutado aos seis anos para usá-lo como arma contra a mãe? Como podia rir do abandono da mãe? Como podia fingir que havia qualquer coisa divertida no fato de o pai ter tirado um bebê recém-nascido da mãe para ganhar mais dinheiro dela?

– Sabe, Robert – disse Minnie, forçando as palavras para fora –, não tem nada engraçado nessa história. Nada.

Devagar, o sorriso no rosto dele sumiu.

– Você não achou graça? Mas... – Ele franziu a testa e coçou o queixo. – O começo não é engraçado, admito. E... e acho que não é bem o tipo de história que tem um final feliz. Nunca pensei nisso, mas estou tão acostumado com o jeito como termina que nem ligo. Mas as outras coisas... elas são engraçadas. Não são?

– Quando você trocou o abecedário para M de Mamãe, estava falando a verdade?

Por um segundo, não houve nenhum traço de diversão nos olhos dele. Pareceu envelhecido naquele momento, com linhas surgindo ao redor da boca quando os lábios se apertaram. E ainda assim parecia tão jovem – impossivelmente jovem, como se seu eu de seis anos ainda estivesse ali, atrás dos olhos dele, observando a mãe ir embora.

– Talvez.

Ele olhou para longe, depois virou o rosto para ela de novo. Aquele

divertimento voltara à expressão dele, mas não lhe caía bem – como se estivesse tentando vestir um chapéu que não cabia direito.

– É por isso que não é engraçado.

– Mas tem algumas coisas engraçadas – protestou Robert. – Dizer que cinco mais seis são treze?

A mão dele apertara o cotovelo de Minnie com mais força. Ao alimentar os patos de novo, ele não apenas jogou o pedacinho de pão, mas o arremessou com tanto vigor que um dos pássaros grasnou e se encolheu antes de perceber que era comida. E talvez tenha sido isso que indicou a Minnie como aquilo era importante para Robert. Tinha que ser uma história engraçada. Aquela historinha sobre contar mentiras a mando do pai e querer tão desesperadamente que a mãe ficasse com ele – era a história de como partiram o coração da criança que Robert tinha sido.

Aquele era um homem que achava que, ao se casar com a filha de um nobre, como era esperado dele, a união acabaria em arrependimento e recriminação se a verdade sobre suas intenções de abolir a nobreza viessem à tona. Ele sabia lá no fundo o que significava uma esposa abandonar o marido e rejeitava aquela possibilidade – mesmo que significasse fofocas e escândalos, mesmo que certamente isso significasse que os membros mais rigorosos da alta sociedade nunca aceitariam a família dele.

Robert manteve a cabeça erguida, sem olhar para Minnie.

– Nem mesmo aquela parte sobre pular as letras do alfabeto? Pelo menos essa parte foi um pouquinho engraçada, não acha?

Aquele era um homem que queria que a esposa o amasse, mas não permitia a si mesmo desejar algo assim. Foi quando Minnie percebeu que tinha algo que Robert nunca tivera. Minnie foi amada. O pai a adorara até o momento em que a convicção inevitável quebrou o espírito dele. Tinha lembranças felizes com ele, lembranças de anos e mais anos. E, depois que ele desapareceu, as tias-avós entraram em cena. Minnie podia não concordar com tudo que elas lhe disseram, mas as duas a amavam. Elas a trataram como se Minnie tivesse importância. Ela sempre teve o amor como certo.

Sorte a dela.

Robert tinha que rir do que lhe acontecera. Tinha que rir para não chorar. Minnie não conseguira entender isso até aquele exato momento –

porque naquele momento ela sabia que tinha que rir, senão cairia no choro por Robert. Ele a olhava com tanta urgência que ela não pôde mais insistir.

– Sim – respondeu em voz baixa, entrelaçando os dedos nos dele. – Agora eu entendo. Realmente é engraçado.



Aqueles primeiros dias em Paris foram preciosos para Robert. Como se tivesse passado a vida toda atrás das nuvens e o sol de repente surgisse com todo o seu brilho.

Eles acordavam. Caminhavam. Visitavam museus e pontos turísticos. Depois, refaziam o caminho até o quarto de hotel e faziam amor. Deixavam os camarotes de ópera vazios enquanto passavam mais tempo na cama.

– Você disse que pensou em mim de joelhos – disse Minnie certa tarde. – Como é que isso funciona?

Então Robert explicou. E Minnie insistiu em tentar – e, depois de algumas instruções, colocou o membro rijo dele na boca, com as mãos de Robert a segurando pelos ombros. Ele arfou enquanto ela tomava todo o comprimento dele, até que ele atingisse o clímax. Depois disso, apenas lhe parecera justo retribuir o favor. Robert levou um pouco mais de tempo para pegar a essência da coisa, mas valeu o esforço.

Se você for bom de cama, pode ser que eu me apaixone.

Ele estava determinado a ser bom e tinha anos de fantasias sexuais para explorar.

Às vezes, descobriam que as coisas que tinham imaginado eram anatomicamente impossíveis e acabavam em uma pilha no chão, gargalhando. Às vezes – como no dia em que ele a debruçou em cima da mesa – era muito, muito bom.

Na quarta noite em Paris, Robert colocou rubis ao redor do pescoço de Minnie – só rubis, depois de ter tirado todo o resto – e fez o que queria com ela.

Depois, Minnie passou os dedos nas pedras ao redor do pescoço.

– Você estava tentando me comprar com isso? – perguntou. – Já deve ter percebido que não precisa me dar nada para me levar para a cama.

– Eu *teria* percebido isso – respondeu Robert com bom humor –, mas,

para a sua sorte, a luxúria faz com que eu vire um idiota. Então você ganha rubis.

Minnie apenas sorriu.

Mas estava certa. Ele *estivera* tentando comprar algo com os rubis. Não a boa vontade de Minnie, é claro. Robert não gostava da ideia de pagar por sexo, como um homem casado, assim como não gostava quando era solteiro. Mas, àquela altura, ele queria que Minnie o amasse. Sentia esse desejo com tanta angústia que nem sequer sabia como explicar. Naquela noite, quase falou para Minnie que a amava. Mas ainda tinham pouco mais de uma semana de lua de mel. O amor viria depois. Não tinha por que acelerar as coisas.

Robert adormeceu com um braço ao redor de Minnie e, na manhã seguinte, acordou na mesma posição. Os rubis no pescoço dela piscaram para ele sob a luz matinal, um presságio vermelho-sangue do que estava por vir.

Ele olhou para as pedras, depois sacudiu a cabeça para se livrar daquele pensamento tão estranho e perturbador.

E foi então que alguém bateu na porta.



Minnie acordou com uma brisa fresca e a lembrança de algo tumultuoso. Abriu os olhos e viu que o quarto estava vazio. Pestanejando, olhou ao redor. Foi quando escutou vozes murmurando na sala de estar. Levantou-se, achou o roupão e foi até a porta que separava os cômodos.

Havia um camareiro ali. Ele entregou um envelope marrom e simples a Robert, que também estava vestindo um roupão. Robert lhe deu uma moeda.

– Espere aqui, caso eu precise mandar uma resposta imediata.

Ele fechou a porta.

– Um telegrama? – perguntou Minnie. – Espero que não tenha acontecido nada de ruim.

Os rubis que ele havia colocado nela na noite anterior pareciam pesados, descabidos, quando ela estava coberta apenas por um tecido bordado.

Robert passou o dedo indicador por baixo da aba do envelope para abrir o lacre.

– Acredito que seja de Carter, meu gerente de negócios. Pode esperar até que... – falou, despreocupado, enquanto abria o envelope e lia o conteúdo da carta.

Minnie viu toda a cor sumir do rosto do marido. Ele ficou encarando a mensagem, movendo os lábios suavemente. Por fim, ergueu o olhar.

– É de Sebastian.

– O Sr. Malheur? Seu primo, o cientista?

A respiração de Robert estava afiada, como uma cobra sibilando.

– O próprio.

– O que aconteceu, Robert?

Ele voltara a olhar o papel. Seu rosto parecia esculpido em mármore – duro e branco.

– Diga a Rogers para fazer minhas malas. – Ele falou em um tom frio e cortado. – Pode carregá-las no próximo trem.

Robert tirou o relógio do bolso, franziu o cenho ao ver a hora, depois abriu a porta para o camareiro, que estava esperando.

– Mande esta resposta: “Voltarei imediatamente.”

Ele jogou outra moeda para o homem, que desapareceu.

Robert ainda não tinha olhado Minnie nos olhos, mas se virou.

– Preciso pegar o expresso das nove e meia. Isso me dá cerca de uma hora. Não tenho tempo para...

– Qual é o problema?

Ela o seguiu quarto adentro, acelerando o passo para acompanhar as passadas longas dele.

A expressão irritada nos lábios dele suavizou-se por um momento quando ele a olhou.

– Você fica aqui – falou gentilmente. – Tem compras para fazer, e não tem nenhuma necessidade...

Minnie colocou a mão no peito do marido.

– Nenhuma necessidade além dos votos que lhe fiz poucos dias atrás. Na alegria e na tristeza, Robert. Acha que vai fugir de mim, me deixando aqui imaginando o que aconteceu? Se você está indo embora, eu vou junto.

Ela achou que talvez ele tentasse convencê-la a ficar, mas o marido apenas balançou a cabeça e chamou o valete.

– O que aconteceu? – perguntou Minnie de novo.

– Acusaram um suspeito de crime de insurreição por causa dos meus folhetos – disse Robert. – Acharam um culpado. Prenderam. Indiciaram.

– O quê? Você foi acusado mesmo estando ausente?

– Não. Não fui. – Ele curvou ainda mais os lábios. – O homem que prenderam é inocente, mas isso não vai impedi-los de seguir com a acusação. Talvez achem que vão me envergonhar, sem pensar que estão destruindo a vida de um homem que é, e sempre foi, superior a mim.

– Quem? Quem foi acusado?

O rosto de Robert se contorceu, e ele apertou as mãos de Minnie com força.

– Oliver Marshall – falou. – Meu irmão.

Capítulo vinte e três

No trem expresso de Paris para Boulougne, Robert reservou um compartimento inteiro da primeira classe. Mas não era por luxo. Àquela altura, ele mal teria prestado atenção a qualquer coisa do gênero. Era apenas para preservar a si mesmo. Se tivesse que jogar conversa fora durante a viagem, não iria sobreviver. Em vez disso, ficou olhando a paisagem do interior da França enquanto o sol subia no céu. As horas passaram.

Não sentou nos assentos confortáveis, não provou nenhum dos belos doces de frutas e creme que Minnie devia ter solicitado que trouxessem para ele. Tentou um biscoito a pedido dela, mas tinha gosto de cinzas, e ele o largou depois da primeira mordida. Ficou perto da entrada do compartimento com uma mão na parede enquanto a outra segurava uma cigarrilha para fora da janela.

Fazia tempo que percebera que usava as cigarrilhas como desculpa para evitar companhia. Naquele momento, a fumaça que entrava no compartimento criava outra barreira, uma muralha nebulosa entre ele e a esposa. Ainda assim, Robert deu um trago na cigarrilha, e a fumaça em seus pulmões era ácida e severa, um castigo mais adequado para o que ele tinha permitido que acontecesse do que a culpa que sentia.

Robert sabia que Stevens queria um culpado. *Sabia*. Porém, na correria – e na luxúria – do casamento, havia adiado o assunto até depois da lua de mel. Pensara que teria tempo para lidar com aquilo depois.

Quilômetros foram percorridos, marcados apenas pelo relógio de Robert

e o cenário, vila após vila. Longas horas se foram, pontuadas apenas pelo rangido dos freios e o apito do trem nas poucas paradas que o expresso fazia. Primeiro Beauvais ficou para trás, depois Amiens. Só quando o trem se aproximou das árvores com casca prateada da floresta de Crécy a esposa decidiu enfrentar os olhares repelentes de Robert e foi até ele.

– Sabe – disse ela, indo até ele na parede mais afastada –, ficar empurrando não vai fazer o trem ir mais rápido.

– Não? – Ele bateu com a cigarrilha na janela e observou as brasas voarem para longe, pulsando brevemente ao vento. – Não faz ir mais devagar também. Não que eu saiba.

Minnie desviou o olhar, com os dedos na janela e a mandíbula tensa.

Aquele leve afastamento era um terceiro castigo, que doía mais do que a fumaça que Robert tinha inspirado.

Mas, desse jeito, você também está punindo sua esposa. A mão dele se fechou em punho e ele balançou a cabeça.

Minnie não disse nada. O trem fez uma curva, e ela apoiou a mão na parede para se equilibrar. O protesto dos acoplamentos de metal ao se dobrarem os envolveu. O ruído do trem, aquele claque-claque que rodava a quase cinquenta quilômetros por hora, engoliu qualquer resposta que Minnie pudesse ter dado.

Não tinham nem uma semana de casados e Robert já estava arruinando tudo. Ele quisera... tantas coisas. Não apenas uma esposa no papel, mas uma família de verdade. Alguém que o *escolhesse*.

Que sonho maldito e mais estúpido. Naquele momento em especial, Robert também não teria escolhido a si mesmo. Ele bateu com a cigarrilha na janela mais uma vez e ficou olhando as faíscas alaranjadas voarem para longe.

E foi então que sentiu o braço de Minnie se fechar ao redor de seu corpo, por trás. Ela não disse uma palavra, apenas se encostou nele, segurando-o com força. Ela o apertou até que ficasse óbvio que não iria soltá-lo, independentemente do mau humor de Robert. A respiração dele arranhou os pulmões, e dessa vez não foi por causa da fumaça.

– Ah, Minnie – ouviu-se dizer. – O que eu vou fazer?

– Tudo que puder. Quando é o julgamento?

Ele balançou a cabeça.

– Não sei.

– Você é um duque. Tem que haver alguma coisa que você possa fazer.
– Ela fez uma pausa. – Não sei quase nada sobre questões legais. Mas julgamentos podem ser anulados, não é?

– Esse foi criado para me envergonhar – disse Robert. – Por retaliação, creio eu.

O rosto dele ficou sombrio.

– Tem alguma coisa estranha acontecendo em Leicester. Comecei a investigar porque descobri o que meu pai tinha feito a Graydon Boots. Essas acusações de crime de insurreição sempre surgem quando os problemas entre trabalhadores e patrões se complicam. É por rancor, não porque a lei esteja sendo usada adequadamente.

– Então será ainda mais fácil anular o julgamento – comentou Minnie.

– Não é tão simples assim. – Robert bateu com a cigarrilha na janela mais uma vez. – Sebastian disse que já chamaram alguns jornalistas de Londres para averiguar o que aconteceu. Estão dizendo que um homem que mora na minha casa cometeu um crime. Stevens, sem dúvida, acha que vai ser uma condenação fácil, já que, como estou no exterior, não poderei responder. Acha que o estrago já estará feito quando eu voltar. Eu serei envergonhado, e Oliver... alguém que se hospeda na minha casa e que as pessoas sabem que é um colega próximo... será tachado de criminoso.

– Mas isso não vai acontecer – disse Minnie.

Robert ficou em silêncio por algum tempo.

– Eu poderia pressionar o bastante para fazer com que desistissem do caso.

Os braços dela o apertaram com mais força.

– Mas, mesmo se eu anulasse o julgamento, não teria como impedir que as pessoas falassem o que quisessem. Meu irmão... ele sempre se esforçou muito, muito mesmo, para fazer com que as pessoas o respeitassem. Está começando a construir sua reputação como um homem inteligente e justo. E se eu anulasse o julgamento... até mesmo se nós ganhássemos, justificando que os panfletos não eram, de fato, sobre insurreição... a ideia de ele ter divulgado sentimentos tão radicais sob um nome falso acabaria com tudo o que construiu. Então, sim, eu poderia anular o julgamento. Mas meu irmão não precisa apenas de uma sentença favorável. Ele precisa ser publicamente exonerado da acusação.

– E você vai garantir que o exonerem.

Minnie falou com tanta confiança, tanta doçura, que por um momento Robert quase acreditou nela.

– Farei qualquer coisa. – A voz dele falhou. – Meu irmão uma vez me disse que família é uma questão de escolha. Se eu virar as costas para ele agora, que tipo de irmão serei?

Ele soltou a cigarrilha. Ela rodopiou nos redemoinhos de ar que acompanhavam o trem e desapareceu em uma curva antes que Robert pudesse ver onde caiu. A floresta ficou para trás, sumindo na distância. Depois havia apenas o pasto em colinas.

Ele contou três cercados antes de falar de novo.

– Meu pai violentou a mãe dele.

Minnie inspirou fundo.

– É isso que eu devo a Oliver. Uma mulher foi forçada a aceitar a vontade do meu pai. E a minha família era tão poderosa que a justiça não foi feita.

– Não foi você quem fez isso.

– Foi o duque de Clermont. Eu carrego o nome dele, o rosto dele. – Robert fechou as mãos em punho. – A responsabilidade dele. Creio que de certa forma foi o cúmulo do egoísmo reivindicar Oliver como irmão. Mas não consigo deixar isso para lá. Se família é uma questão de escolha, eu o escolho. E vou escolher, de novo e de novo, até que...

O pensamento era como um peso esmagando o peito dele. Robert quase cambaleou com a força do sentimento e cambaleou de verdade quando o trem mudou de direção mais uma vez. Mas Minnie se encostou no ombro dele, mantendo-o de pé, e então fez com que ele se sentasse em um dos bancos acolchoados.

– Você vai escolhê-lo até o quê? – incentivou ela.

– Até que as estrelas caiam do céu – disse Robert. – Até que ele me escolha primeiro.

Era comprometedor admitir algo tão vulnerável assim. Ele se sentia como uma tartaruga sem o casco, sendo preparada para uma sopa.

Mas Minnie nem sequer ergueu as sobrancelhas com o que ele tinha dito. Em vez disso, ficou de pé diante dele, com a saia cobrindo os joelhos de Robert. Ela passou os dedos nas sobrancelhas dele, fazendo pressão nas têmporas antes de voltar o toque para os sulcos na testa. A sensação era...

muito agradável. Como se ela pudesse convencer a tensão culposa a deixar o semblante de Robert.

– Minhas tias-avós costumavam fazer isso uma com a outra – comentou ela – quando as coisas não davam certo.

Ele empurrou as mãos dela para longe.

– Não preciso de consolação.

Não merecia.

Porém, antes que Robert pudesse se levantar e dar as costas a Minnie, ela segurou as mãos dele. O aperto não era firme, mas confiante.

– Se família é uma questão de escolha – disse, com suavidade –, eu escolhi você.

Robert soltou a respiração bem devagar.

– E vou fazer essa escolha de novo e de novo – acrescentou ela.

Ele ergueu a cabeça. Os olhos cinza de Minnie eram sinceros, e ela estava dizendo as palavras que Robert quisera ouvir por anos. No tempo de uma respiração, ele se levantou e estendeu as mãos para ela. Segurou-a pelos quadris e, poucos segundos depois, sua boca capturou a da esposa. Não havia pensamento nem cálculo naquele beijo. Minnie apenas estava ali, presente de um modo que chegava a doer.

– Minnie – murmurou Robert contra o calor dos lábios dela, e de novo: – Minnie.

Aquela noite seria a quinta do casamento deles. Ele a possuía enquanto Minnie ria. Enquanto ela implorava por ele com gemidos. Mas nunca a possuía se sentindo daquele jeito – sombrio e inseguro.

Dessa vez, ele não pediu permissão nem perguntou em um sussurro o que ela queria. Não a preparou com beijos. Apenas a empurrou contra a parede do vagão e, antes que Minnie tivesse a chance de lutar ou reclamar, ergueu a saia, as anáguas e a crinolina. Só tinha que abrir as calças. Uma arremetida – bastaria entrar nela e seria tão ruim quanto o pai, tomando uma mulher porque ela estava ali e ele queria senti-la. Uma arremetida e Robert se puniria ainda mais.

A cabeça dela estava abaixada, reverente diante dele, que se elevava acima dela. Não havia mais ninguém ali, nenhuma forma de ela pedir ajuda. Ele provavelmente a tinha matado de medo.

Robert a soltou e se afastou.

– Sinto muito – falou. – Estou com um humor do diabo. É melhor você

sair de perto de mim enquanto pode.

Minnie ergueu a cabeça. Os olhos tinham um tom pálido de cinza, e eram absolutamente maravilhosos. Mas ela não mexeu nem um músculo.

Sombras de uma árvore na estrada passaram sobre eles, pintando seus rostos em uma paleta inconstante de luz e escuridão. O corpo de Robert tremia de desejo.

– Estou falando sério, Minnie – reforçou em voz baixa. – Vá para longe de mim. Se pudesse ler meus pensamentos agora, morreria de medo. Sabe o que eu posso fazer com você?

– Não. – A voz dela soou quase tranquila. – Me diga.

– Eu a empurrei contra a parede. – Ele colocou as mãos uma de cada lado da cabeça dela. – Eu poderia ter feito o que quisesse com você.

– O que você quisesse – repetiu ela, balançando a cabeça. – E o que você quer mesmo?

Robert fechou os olhos.

– Você sabe muito bem do que estou falando.

– Não faço a mínima ideia.

Ele deu mais um passo para a frente, prensando-a contra a parede.

– Quer que eu solete para você?

– Por favor.

– Eu posso enfiar meu pênis dentro de você. – Os quadris dele encontraram os dela. – Sem rodeios. Sem nada.

Os olhos dela se arregalaram. O canto da boca estava inclinado.

– Ah, não – falou.

Uma covinha apareceu na bochecha dela.

– Não o seu pênis. Qualquer coisa, menos isso.

Robert se pegou sorrindo apesar de tudo.

– Diabos, Minnie. Você não consegue levar meu mau humor a sério?

Ela o ignorou.

– E aqui estava eu, me sentindo tão... tão vazia. Ora, se você entrasse em mim, talvez eu sentisse coisas bem curiosas.

Enquanto falava, ela abriu as calças de Robert. Os dedos dela percorreram todo o comprimento dele, acariciando a ereção.

– Mas não precisamos nos preocupar com isso – continuou ela. – Você é tão grande, acho que nem ia caber direito.

Ela apertou a cabeça do membro enquanto falava, e Robert soltou uma

risada ofegante.

– Meu Deus, Minnie. Não consigo nem enxergar direito.

– É bom que você controle seus desejos – acrescentou ela, em um tom de voz mais baixo –, porque estou tão molhada agora, e seria extremamente vergonhoso se você...

Ele a ergueu contra a parede, as pernas dela se fecharam ao redor dele e ele a penetrou. Estava molhada, tão molhada e quente. O prazer do corpo dela apertado ao redor dele era tão intenso que quase doía. O balanço rítmico leve do vagão fez com que ele entrasse ainda mais nela.

Robert a prensou contra a parede, com os músculos tensos.

– Bem assim, Robert. – Os braços dela se fecharam ao redor dele. – Bem assim. Desse jeito.

Ele se mexeu dentro dela, deslizando, tensionando, até que o suor surgisse em sua testa. Permitiu que a luxúria o dominasse, que o instinto tomasse conta dele até que só houvesse Minnie ao redor dele, os seios dela sob suas mãos, o coração dela batendo no ritmo das investidas dele.

Ela atingiu o clímax, apertando-se ao redor do membro dele em ondas de calor pulsante. E Robert arremeteu dentro dela, primeiro com força, depois com ainda mais vigor, até alcançar o próprio alívio. Quando chegou ao ápice, imaginou que os dois estavam conectados além de seus dentes que arranhavam a mandíbula de Minnie, das mãos entrelaçadas, das pernas dela que se mantinham em volta de sua cintura. Aquilo era mais do que simplesmente o ato físico de se enterrar no corpo dela.

Naquele momento, pela primeira vez na vida, Robert acreditou que era digno de alguém. Alguém que o apoiaria nos momentos mais difíceis. Mais do que uma amante, uma amiga, uma aliada. Uma esposa – na alegria e na tristeza. Na saúde e na doença. Na riqueza e na pobreza.

Ele ficou ali, com a respiração acelerada, honrado com o presente que havia recebido. A única coisa que conseguiu fazer foi tocar a bochecha de Minnie, maravilhado.

– Minha minerva – sussurrou.

Era como se a estivesse conhecendo de novo. Como se, no meio do tumulto do dia, enfim tivesse alcançado o desejo mais ardente de seu coração. E, agora que a tinha, não a deixaria ir embora.

Ela apoiou a cabeça no ombro dele.

– Agora, sim – falou.

Aquela coisa entre eles era tão nova. Nova e desconhecida, e tão bem-vinda que Robert quase tinha medo de reconhecê-la, medo de que desaparecesse. Mas se não dissesse nada...

– Em algum lugar – murmurou ele –, alguém está dizendo que cometi um erro terrível ao me casar com você.

Minnie ergueu a cabeça do ombro de Robert e o fitou com os olhos arregalados.

– Estão errados. – Ele fechou os braços ao redor dela. – Todos eles, sejam quem forem. Você é a melhor escolha que eu já fiz.

Havia uma luz nos olhos de Minnie quando ela o fitou que fez Robert sentir que tinha mil metros. Podia ter derrotado um exército inteiro com ela ao seu lado. Eles solucionariam o que quer que tivesse dado errado.

Era quase bom demais para ser verdade.

Então, em vez de duvidar, ele inclinou a cabeça e a beijou de novo.



Quando Robert finalmente chegou a Leicester, o dia já estava no fim. A noite de núpcias, a lembrança vagarosa e atemporal de acordar ao lado de Minnie na manhã seguinte, e os dias fazendo amor languidamente que se seguiram... tudo fora levado pelo claque duro e rítmico do trem expresso, pela vibração dos navios a vapor.

Ele não perdeu tempo comendo ou se refrescando quando o trem chegou à cidade, tarde da noite. Estava escuro, e a lua já ia bem alto no céu. Robert arranhou uma carruagem para Minnie, depois foi imediatamente a pé até o centro da cidade.

A noite era sombria e ventava muito, mas não estava tão frio assim. O telegrama de Sebastian informara onde Oliver estava – na prefeitura, logo abaixo da biblioteca onde Robert havia visto a esposa pela primeira vez, a poucos passos da sala de audiências na qual eles haviam sido apresentados.

De fato, quando ele avistou o prédio no meio da noite, sentiu como se voltasse à noite em que os dois haviam se conhecido. Algum tipo de evento estava acontecendo no saguão principal. Em vez de entrar por ali, Robert bateu na porta lateral, esperou, depois bateu com mais força, até que o homem que fazia o papel de carcereiro apareceu.

– Sem visitas. – Ele franziu o cenho para Robert. – Não a essa hora.

Robert pôs uma moeda pesada na mão do homem.

– Não sou uma visita.

O carcereiro nem pestanejou.

– Por aqui, senhor – falou.

Paris e *croissants* pareciam estar bem distantes. A memória pertencia a outro homem, alguém que estava muito bem casado, sentindo uma alegria tímida em relação ao futuro que aos poucos se revelava. Toda aquela alegria foi substituída por um sentimento oco em seu estômago à medida que Robert era guiado em direção à sala de detenção. O carcereiro ergueu um lampião que iluminou as paredes encardidas e as portas de madeira, destrancou as portas principais, depois foi até uma das celas. Madeira raspou em madeira.

Robert direcionou a luz para a frente. O homem não havia aberto a porta da cela. Em vez disso, movera uma placa que cobria uma abertura fixa na altura dos olhos, com poucos centímetros de largura e talvez uns quinze centímetros de comprimento.

O carcereiro deu alguns passos para trás e fez sinal para que Robert se adiantasse.

Ele se aproximou, levantando o lampião. A iluminação não alcançava o interior escuro como breu por trás daquela abertura.

– Oliver? – chamou baixinho.

– Robert? – Seguiu-se um barulho. – Meu Deus, que luz forte. Não consigo ver nada.

A luz do lampião era fraquíssima, incapaz até de mostrar as dimensões da cela onde tinham colocado Oliver. Para que ele achasse que era forte... devia estar sentado no escuro havia horas. Durante todo o tempo que Robert passara em um compartimento de primeira classe, o irmão estivera dentro daquela cela.

Robert estremeceu.

– Você tem coberta? – indagou. – Comida?

– O que está fazendo aqui? – retrucou Oliver com uma animação anormal na voz. – Está em lua de mel. Devia estar em Paris.

– Isso é tudo minha culpa. – Robert soltou o lampião e deu um passo à frente, abaixando a voz. – Fui eu que escrevi aqueles malditos folhetos. Nunca quis envolver você. É culpa minha que você esteja nesta cela fedida.

E não era só uma maneira de dizer. Robert se aproximara o bastante para sentir o cheio do ar que saía pela pequena abertura na porta. *Fedida* era quase um elogio.

– Bem, eu deduzi que foi você quem escreveu – disse Oliver depois de uma breve pausa. – Soava como você, se entende o que quero dizer. Foi uma leitura fascinante. Por que não me contou?

– Eu sabia que alguém estava envolvido com convicções falsas por crime de insurreição – disse Robert, bufando.

A respiração dele soltava uma fumaça branca no frio daquele ambiente.

– Eu queria descobrir quem era. Sou a única pessoa que não poderiam acusar. E se eu tivesse contado a você, poderia ser considerado cúmplice.

– Ah. Isso foi esperto.

– Mas obviamente não foi esperto o bastante. Mal acredito que cheguei à cidade a tempo. Imaginei que iam correr para condená-lo.

– Pelo jeito, não. – Oliver suspirou. – Estão esperando que chegue uma testemunha. Você se lembra de lorde Green, de quando estudávamos em Cambridge?

– Lorde Green? Sim, me lembro dele. Mas o que diabos querem que ele diga? Você o viu recentemente?

– Não. A última vez em que nos vimos foi quando fizemos aquela aposta por causa de um jogo de xadrez, há três anos. Mas o chamaram como testemunha. Não faço ideia do que diabos ele vai dizer.

Xadrez de novo. Não podia ser coincidência. Mas o que significava tudo aquilo... Robert balançou a cabeça.

– Bem, você também tem uma testemunha. Quero ver o júri condená-lo quando o duque de Clermont admitir que ele mesmo escreveu os folhetos e que você não sabia de nada.

Robert ergueu a mão até a abertura na porta. No entanto, não conseguiu segurar a mão do irmão nem tocar seu ombro. Em vez disso, seus dedos encontraram a grade de metal fria, com as barras tão próximas que só o mindinho passava. Robert só conseguiu roçar a ponta dos dedos de Oliver.

– Ei, nada disso – resmungou o carcereiro. – Nada de passar faca e coisas do tipo onde eu não consigo enxergar.

Robert abaixou a mão, frustrado.

– Vou voltar de manhã – prometeu. – Então daremos um jeito. Já vou comprar uma garrafa de champanhe para celebrar sua liberdade.

– Seria melhor um galão de óleo de carvão.

– Óleo de carvão?

– Para acabar com os piolhos na cela.

Robert fez uma careta. Um lugar sombrio, fedido e infestado de piolhos – era por culpa dele que o irmão estava naquela situação. A autorrecreinação fervia dentro dele. Mas se Oliver conseguia manter o bom humor...

– Que bom, então, que não consegui tocar no seu ombro – disse Robert.

– *Rá.*

Ele se preparou para ir embora.

– Eu lhe dou minha palavra. Não vou deixar que o condenem.

Mas, quando se virou, percebeu que outra figura havia se unido a eles no escuro – uma pessoa mais baixa que Robert, e mais larga. Na escuridão, ele só conseguiu enxergar vestígios de músculos duros e força imponente.

– Não – disse o homem, olhando para Robert. – Não vai deixar mesmo. Vou cobrar essa promessa, Vossa Graça.

O homem deu outro passo à frente, e a luz do lampião iluminou seu rosto.

– Tem a minha palavra, Sr. Marshall – repetiu Robert.

O pai de Oliver o olhou. Apenas olhou, mas conseguia projetar uma ameaça silenciosa sem dizer uma palavra sequer.

– Pai – disse Oliver atrás deles. – Pare com essa carranca. Está me envergonhando.

– Hum. – O Sr. Marshall deu outro passo à frente. – Nós viemos assim que soubemos. Sua mãe está procurando um lugar para ficarmos. Ela deve chegar aqui em alguns minutos, quando conseguir escapar da esposa do carcereiro.

Essa, decidiu Robert, era a deixa dele para sumir. Precisava ir embora antes que o resto de família de Oliver aparecesse.

– Amanhã nos vemos – prometeu, e foi embora antes que pudesse incomodar mais a Sra. Marshall.

Na praça ali perto havia um ponto para aluguel de carruagens. Robert estava indo até lá quando escutou passos leves atrás de si.

– Espere – chamou uma voz de mulher. – Vossa Graça.

Robert piscou, surpreso, e se virou. Uma figura vestindo capa correu até ele e tirou o capuz.

– Srta. Charingford – disse Robert, chocado.
– Escute – disse a mulher com urgência –, e escute bem. Stevens jogou o Sr. Marshall na cadeia para envergonhar o senhor.
– Foi bem-sucedido. Nisso e em outras coisas.
– Ele acha que o senhor estará em Paris durante o julgamento. Acha que vai conseguir pegar seu parceiro de negócios...
– Ele não é meu parceiro de negócios.
– Quem quer que seja. Stevens acha que vai conseguir provar que o homem está envolvido, que vai conseguir insinuar que ele estava trabalhando sob suas ordens.

Robert olhou para ela.

– Ele não tem como provar isso – disse por fim. – Não é verdade, e ele sabe bem disso. Ele não tem como provar a não ser que tenha subornado alguém para dar testemunho falso.

A Srta. Charingford balançou a cabeça.

– Ele tem como provar que o Sr. Marshall estava envolvido – insistiu ela. – Pelo menos vai tentar.

– Ele não tem como fazer nada disso – repetiu Robert.

A Srta. Charingford piscou.

– Eu sei – admitiu, em um tom de voz mais baixo. – Mas... mas o senhor precisa saber como ele está planejando provar isso. Tem uma frase em um dos panfletos, uma citação de um livro sobre estratégias de xadrez pouco conhecido. Todo mundo sabe que o senhor não se interessa pelo jogo. Mas chamaram uma testemunha que vai depor dizendo que discutiu estratégia com Marshall, que emprestou a ele o livro em questão.

– Ah. – Robert soltou a respiração devagar, lembrando a raiva de Minnie no dia seguinte à distribuição desse folheto. – Eu sei... Eu sei exatamente a que frase a senhorita está se referindo. Sei que eu a conhecia também.

O pavor começava a crescer dentro dele. Robert recordava muito bem como Minnie ficara enfurecida por ele ter usado as palavras dela, como ela tinha certeza de que as usariam para culpá-la. O estômago dele se revirava.

– Exatamente – disse a Srta. Charingford. – Minnie me mandou uma carta explicando tudo. Eu tinha que avisar o senhor. Stevens não sabe nada sobre o passado dela. Só o nome. – A moça balançou a cabeça. – Ele acha

que não tem nada errado com Minnie além do nome falso. Nunca lhe ocorreu perguntar o que ela fez para precisar de um.

– Como a senhorita descobriu o que eles estão planejando?

Ela ficou em silêncio por um momento, depois suspirou.

– Meu pai me contou. Ele foi o magistrado que assinou o mandato de prisão de Marshall. Veja bem, ele não tinha escolha.

– Será que não tinha? – perguntou Robert em um tom ameaçador.

– Não – repetiu ela. – Stevens é *bom* em acabar com greves. O melhor que temos por aqui. Mas ele ajuda aqueles que o ajudam, e, como me recusei a casar com ele, está pressionando meu pai a fazer mais coisas por ele.

– Entendo – disse Robert, baixinho.

E entendia. Independentemente do que acontecesse com Oliver, Stevens não podia continuar trabalhando como guarda civil.

– A senhorita acha que seu pai falaria comigo, se eu o visitasse?

Ela assentiu depressa e se virou para ir embora.

– Espere, Srta. Charingford. Mais uma coisinha.

Ela não comparecera ao casamento deles. Robert lembrava bem aquelas poucas horas no trem de Leicester até Londres, nas quais Minnie parecera quase estar de luto por causa daquela mulher.

Ele a olhou no fundo dos olhos.

– Minnie sente sua falta.

Como se a Srta. Charingford conseguisse escutar a acusação por trás das palavras, ela se encolheu.

– Também sinto saudades dela – murmurou. – Não. Não sinto. Não sei. Ainda estou brava. Isso não significa que quero que ela sofra. – Ela balançou a cabeça. – É melhor eu ir, antes que alguém perceba que saí. Eu só... Eu precisava contar a alguém, e ainda não consigo falar com ela. Por favor, não diga que fui eu que contei. Não até eu estar pronta.

Após dizer isso, ela se virou.

Iam apresentar provas de que Oliver estava envolvido. Robert recomeçou a andar, mas dessa vez passou pela praça onde um solitário motorista de cabriolé cochilava com as rédeas nas mãos.

Robert podia fazer tudo que fosse possível para acabar com a investigação – e deixar o irmão vivendo sob uma nuvem de suspeita. Ou podia dizer algo. Enquanto a parte de depor envolvia apenas assumir o

escândalo por conta própria, não tivera dúvida alguma. Mas agora precisava explicar como Sua Graça, o duque de Clermont, aprendera uma citação de um livro pouco conhecido sobre estratégia de xadrez.

Havia prometido a Minnie que protegeria os segredos dela. Havia prometido ao irmão que o libertaria e o livraria de qualquer suspeita. Não podia fazer as duas coisas.

Algem demônio dentro dele o fez imaginar como a esposa reagiria ao ouvi-lo admitir a verdade. De todo o mal que ele conseguia se imaginar fazendo a ela, essa era a pior das hipóteses – colocá-la em um tribunal, forçá-la a se ver abandonada por alguém com quem ela se importava tanto. Não podia fazer isso com Minnie. Não podia.

E Oliver... Oliver era seu irmão. O homem que o tinha aceitado sem questionar, apesar do fato de o pai de Robert só ter causado danos à família dele. Era seu irmão. Seu *irmão*, a única família que tivera por anos.

A imagem que Robert projetara do tribunal – de Minnie ficando branca com a traição – ficou se repetindo diante de seus olhos. Quanto pior fosse a reação dela, mais fácil seria para o público acreditar que Robert estava falando a verdade. Só de pensar nisso, ele se sentia doente. Isso destruiria completamente o casamento deles. Minnie iria *deixá-lo* – e Robert não seria capaz de questionar nada.

Porque Minnie teria razão. Era o que o duque merecia.

Ele caminhou pelas ruas por um longo tempo, até os pés doerem e as mãos congelarem, até mal conseguir pensar por causa da agitação em sua cabeça. Caminhou, caminhou, caminhou, e tomou uma decisão.

Capítulo vinte e quatro

Quando voltou para casa, Robert tinha certeza de que Minnie deduziria o que ele planejava fazer. A esposa sempre o lera com tanta facilidade. Mas ela o esperava com chá e uma ceia tardia, e o que quer que tivesse visto na expressão de Robert, deve ter atribuído à tristeza pela situação do irmão.

– Não acho que conseguirão condená-lo – comentou Robert enquanto tomava uma xícara quente de chá.

– Isso parece ser uma boa notícia.

Ele estendeu a mão e a virou de um lado para o outro.

– Podia ser pior. Eles não têm evidências suficientes para condená-lo, mas... também não tem evidências suficientes para limpar o nome dele. Não sem que eu explique meu envolvimento.

– E você vai contar tudo?

Ele fez uma pausa e a olhou nos olhos.

– Não envolve somente a mim.

Minnie retribuiu o olhar. Quando ela começara a confiar nele? Por que Robert tinha permitido que isso acontecesse?

– Quem mais está envolvido?

– Bem, minha mãe, é claro. – Ele fechou os olhos, incapaz de encará-la enquanto contava a primeira mentira. – Se eu explicar tudo, terei que admitir publicamente meu parentesco com Oliver. A verdade envergonharia minha mãe. Ele foi concebido poucos meses depois do casamento dela. E

também humilharia os pais dele. Já quanto ao próprio Oliver... bem, não seria ruim para ele ser reconhecido como o filho de um duque.

– Entendo – disse Minnie devagar.

– É pior do que você pensa. Veja bem, não é mais só sobre o julgamento, mas sobre a repercussão pública. Se eu apenas declarasse que ele é meu irmão, algumas pessoas poderiam pensar que é uma mentira para salvá-lo da condenação, em prol da amizade. Ele não seria exonerado. Mas... imagine que, por uma questão de verossimilhança, eu anunciasse a verdade sobre a filiação dele enquanto minha mãe estivesse no tribunal. Como você acha que ela reagiria?

– Eu... Bem. A duquesa... A duquesa viúva, digo... ela é forte como uma rocha. Mas também é frágil.

– Ela provavelmente iria empalidecer. Talvez se levantasse e saísse da sala. E essa reação, mais do que qualquer outra coisa, daria o selo da verdade para a declaração. Eu poderia forçá-la a reagir. – Robert olhou para a esposa. – Iria humilhá-la, mas talvez salvasse o meu irmão.

– Talvez, se ela souber o que vai acontecer...

– Se ela souber o que vai acontecer, pode se preparar para não reagir. Se souber, na verdade, é provável que nem comparecer ao tribunal. Tenho certeza de que posso apresentar um argumento convincente da inocência de Oliver. Mas, para fazer isso, talvez eu precise sacrificar para sempre qualquer chance de fazer as pazes com minha mãe. Me diga, Minnie. Vale a pena?

Ela ficou calada por um bom tempo, encarando-o com atenção. Robert enterrou a verdade o mais fundo que conseguiu, para que ela não ouvisse o que ele não tinha dito.

– E você faria isso? – perguntou ela por fim. – Perderia qualquer esperança de fazer as pazes com sua mãe pelo bem do seu irmão?

– Meu pai...

As palavras saíram roucas. Robert fechou os olhos. Era a única chance que tinha de explicar a situação a Minnie, ainda que ela não entendesse o que estava ouvindo.

– Não – disse ela. – Você não precisa responder. Considerando tudo, estamos equiparando a humilhação da sua mãe ao futuro do seu irmão. Seu irmão deve ter prioridade.

Ela o abraçou. O toque queimava. Robert não merecia aquele carinho.

Não merecia aquela *mulher*. Ele deu de ombros, afastando-a, se levantou e parou a alguns passos dela.

– É mais do que isso – falou suavemente. – Não é só o fato de meu pai ter violentado a mãe de Oliver. Não é só por ele ter tentado se livrar dela, se recusado a reconhecer o filho, nunca ter fornecido nada além do mínimo possível de apoio. Não é apenas o fato de minhas ações terem colocado Oliver numa cela fedida hoje à noite. – Ele fechou as mãos em punho. – Sempre tentei ser o homem que meu pai não foi. E por isso não posso abandonar meu irmão. Não posso deixá-lo lidar com isso sozinho. Não posso arriscar que ele seja condenado, e não vou ficar calado enquanto tiver condições de salvá-lo.

– É claro que não, Robert – disse Minnie. – É claro que não. – Ela acariciou o rosto dele. – Você tem muitas coisas para fazer e não pode desperdiçar energia com arrependimentos. Faça o que for preciso.

Olhando para Minnie naquele momento, não havia como Robert escapar do arrependimento. Ter a aprovação tática dela não tornava a escolha mais fácil. De certa forma, fazia com que o revirar no estômago dele ficasse ainda pior.

Ela sorriu.

– Então, o que eu posso fazer para ajudar?

O coração de Robert quase se partiu enquanto ele a olhava.

– Você pode garantir que minha mãe esteja no tribunal no dia do julgamento – falou lentamente. – Sente-se ao lado dela e garanta que ela esteja ouvindo quando for minha vez de falar.

Porque se Minnie levasse a duquesa... ela mesma estaria lá.

Não havia tempo para arrependimentos.

Ainda assim, ele o sentiu perfurando sua pele como farpas silenciosas quando Minnie deu um sorriso.

– Pode confiar em mim – prometeu ela.

Pronto. Robert tinha enganado a esposa.



Ele visitou a cela do irmão de novo às dez na manhã no dia seguinte. O dinheiro que havia dado ao carcereiro na noite anterior já havia feito

alguma diferença. A parte superior da porta da cela tinha sido aberta, mostrando pesadas barras de metal. A cela tinha sido lavada, e Oliver recebera água para se limpar.

Ainda havia um mau cheiro inconfundível na sala de detenção, mas pelo menos era apenas de torcer o nariz em vez de realmente fazer alguém ter vontade de vomitar.

– Tive uma boa conversa com os advogados hoje de manhã – disse Oliver, satisfeito. – Meus pais saíram para tomar café, mas devem voltar logo.

– Então não vou demorar – falou Robert.

Uma leve confusão passou pelo rosto do irmão, mas Robert seguiu contando o que descobrira na noite anterior – sobre o tema do depoimento de lorde Green, sobre a citação de um livro de estratégia de xadrez.

Oliver se encostou na parede da cela.

– Pensando bem – falou –, realmente é um bom argumento. Eu nem reconheci a frase. Onde você aprendeu o termo *ataque descoberto*? Você nunca jogou xadrez.

Robert inspirou fundo.

– Você já ouviu falar de Minerva Lane? Ou, melhor, Maximilian Lane.

Oliver soltou uma interjeição de surpresa e se inclinou para a frente.

– Maximilian Lane. É claro que sei quem ele... *ela* é. É famosa entre enxadristas. Ou infame, na verdade. Já estudei os jogos dela. Foram registrados durante... – Ele deixou a voz morrer e encontrou os olhos de Robert. – Você está de brincadeira – falou. – Não me diga que a sua Minnie é Minerva Lane.

– Hã. – Robert encolheu os ombros. – Pois é.

– Foi assim que você soube da citação.

Robert assentiu.

– Stevens sabe o nome verdadeiro dela, mas ainda não descobriu seu passado.

– Entendo. – Oliver andou até o fim da cela e voltou. – É claro que ela está escondendo quem é. Seria arruinada se todos soubessem.

Ele não disse mais nada. Não perguntou se Robert pretendia expor o passado da esposa. Não lhe pediu que fizesse isso. Oliver nunca faria algo assim. Mas segurou as barras da cela e as apertou até que os nós dos dedos ficassem brancos.

– Que confusão.

– Não é confusão nenhuma. – Robert se aproximou. – Entre nós dois, fui eu que fiquei com tudo. Com o título de nobreza, com a fortuna. Tentei compensá-lo por isso da melhor forma que pude. E o mínimo que posso fazer é garantir que você tenha liberdade.

Oliver inclinou a cabeça para o lado e o encarou. Torceu o nariz de novo, dessa vez em confusão.

– É isso mesmo que você pensa? Acha que, entre nós dois, você ficou com a melhor parte e eu fiquei sem nada?

Não era uma questão de opinião. Era um fato. Robert dera ao irmão tudo que o homem aceitaria, mas Oliver ainda estava brigando para conseguir consolidar seu lugar na sociedade.

– Deixe para lá – disse Robert.

– Não, não vou ignorar o que você disse com um “Deixe para lá”. Acha mesmo que nasceu com mais do que eu?

– Eu sei que nasci.

Oliver lhe deu as costas, com os ombros tensos.

– Pense de novo, Robert. Pense de novo. Eu não trocaria o que tenho, cela, piolhos e tudo, por toda a sua fortuna.

– E o que você tem de tão valioso?

– Eu tenho uma família que me ama.

As palavras atingiram Robert em cheio. Ele estava apenas começando a ter esperança de que a alegria fosse uma possibilidade, e ela fora arrancada dele. Não conseguia respirar. Sentia-se como se tivesse sido atingido no estômago com força suficiente para provocar espasmos nos pulmões.

Quando ergueu os olhos, o irmão estava diante dele, com o rosto meio inclinado. A pouca luz ali refletia nos óculos dele, iluminando os cabelos claros.

Não era apenas Oliver que Robert via atrás daquelas barras de ferro frio, mas todo mundo que se importava com o rapaz – o rude e ameaçador Sr. Marshall, a imponente Sra. Marshall, três irmãs, uma tia, dois sobrinhos... e, refletido na luz da lente dos óculos, um irmão.

Um irmão que Robert tinha descoberto aos doze anos, que o tinha adotado com uma alegria eufórica a ponto de chocá-lo. Oliver ensinara tudo o que ele sabia sobre fazer parte de uma família.

– Sim – disse Robert, com a voz um pouco embargada. – Bem. Ao que

parece, eu também tenho uma família que me ama. E não tenho interesse em abandonar você.

Ele colocou a mão nas barras de ferro.

– Eu tenho piolhos – lembrou Oliver.

– Cale a boca e pegue minha mão.

Foi um aperto de mãos bem desengonçado, com uma barra de ferro entre as palmas, mas Robert não o teria trocado por nada no mundo.

– Me deixe fazer isso por você – pediu. – Porque quando nos conhecemos em Eton, você podia ter me jogado no chão e chutado minhas costelas, mas em vez disso escolheu ser meu irmão.

– E sua nova fonte de contágio – complementou Oliver alegremente.

Robert soltou uma risada.

– Já comprei dois galões de óleo de carbono para você. Posso roubar um pouquinho para desinfetar os dedos, se precisar.

Alguém pigarreou atrás deles, e Robert se virou. O pouco humor que ele tinha encontrado virou cinzas.

Não sabia por quanto tempo a mulher estivera ali. Ele só a tinha visto uma vez, mais de uma década antes, mas aquela única vez fora o bastante. Ela estava gravada na memória dele.

A Sra. Marshall era bem mais baixa que o filho. Os cabelos castanhos tinham mais fios grisalhos do que da última vez que Robert a vira, mas isso só fazia com que a aparência dela fosse ainda mais majestosa. Os dois se olharam através da sala como duas gazelas que sentiam o cheiro uma da outra em uma campina – observando, observando, observando, esperando que ninguém tentasse um ataque.

– Perdão – disse Robert. – Estou indo embora.

Ele passou por ela, deixando entre eles o máximo de espaço que conseguiu sem realmente se grudar à parede. Saiu pela porta até o pátio. Gesso e madeira se erguiam por dois pisos acima dele, protegendo o ambiente do sol tardio de outono. Estava frio. Ele colocou as luvas e puxou o chapéu mais para baixo, para cobrir as orelhas.

E, justamente quando estava se preparando para ir embora, ouviu passos às suas costas de novo, e a Sra. Marshall saiu da sala de detenção. Os olhos deles se reencontraram através do pátio. Robert abaixou a cabeça.

Muito devagar, ela caminhou pelo calçamento até ele.

– Sra. Marshall. – Robert mal conseguia respirar. – Eu sinto muito.

– Vossa Graça.

Ela olhou para ele, depois imediatamente virou a cabeça.

– Nada disso – disse Robert.

Ele se sentou em um banco no canto do pátio. Estava úmido por causa da chuva da noite anterior. Robert sentiu a umidade passando pelas calças. Mas não queria ficar olhando para ela de cima. Já era ruim o bastante tê-la encontrado naquele momento e tê-la feito lembrar de todas aquelas memórias.

– A senhora, de todas as pessoas, não deveria me chamar de Vossa Graça.

Ela se virou para ele. Robert ficou observando as pedras do calçamento abaixo de seus pés.

– Depois de tudo que os duques de Clermont fizeram com a senhora e com sua família – continuou ele em voz baixa –, não merecemos seu respeito. A única coisa que posso fazer é pedir desculpas. Sinto muito, muito mesmo, que Oliver...

– Não é culpa sua.

– A culpa é toda minha. Meu irmão vai ser julgado por algo que fiz, apenas porque eles não podem *me* prender. Se isso não é minha culpa, não sei o que é. – Ele contemplou as paredes. – Mas prometo à senhora: não vou deixar nada acontecer com ele. Não vou.

Ela ficou diante dele por mais um momento. Robert manteve a cabeça abaixada, ciente de cada respiração da mulher.

Então, com muita hesitação, ela empurrou a saia para o lado e se sentou cautelosamente no banco de pedra ao lado dele. A uns quinze centímetros, mas, ainda assim, ao lado dele.

– Você sempre foi um bom amigo para o meu filho.

– Eu fui o *irmão* dele.

Ainda assim, Robert não olhou para ela.

– Ele falava de você o tempo todo quando estava em casa. De você e de Sebastian Malheur, mas especialmente de você. Não preciso lhe dizer que o Sr. Marshall e eu ficamos preocupados. Mas o menino de quem Oliver falava não parecia uma versão mais jovem do pai. Você parecia ser atencioso e quieto, duas coisas que o duque de Clermont nunca foi. Eu sempre desejei ter me preparado melhor naquela vez, há tanto tempo. Quando Oliver falava de você, você parecia ser tão gentil que eu tinha

imaginado um garoto completamente diferente. Quando entrei naquele quarto e o vi me encarando, com os olhos dele, o nariz dele, a boca dele... não sei o que me possuiu. Nem percebi o que tinha feito até já estar a meio quilômetro dali.

– Não precisa se explicar. Sei o que meu pai fez. Se eu fosse a senhora, não ia querer olhar para mim também.

– Depois Oliver falou que achava que você tinha ficado magoado.

Robert balançou a cabeça.

– Meus sentimentos não têm importância. A senhora sofreu uma injustiça. Não é sua responsabilidade acenar uma bandeira branca. É minha responsabilidade ficar fora do seu caminho. Fazer o que eu puder para que a senhora esteja confortável.

– Talvez – disse ela lentamente. – Mas não consigo parar de pensar nisso.

O céu estava bem azul acima deles, sem uma única nuvem. Parecia algo impossível naquela época do ano, mas ali estava. Robert inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

– Contamos a verdade sobre o nascimento de Oliver quando ele era bem novo. Ou, melhor dizendo, Hugo contou. Não tudo, é claro, mas uma versão adequada para uma criança. Havia um homem mal. Ele me machucou. Algumas pessoas poderiam dizer que esse outro homem era o pai de Oliver, mas não era verdade e nós o amávamos. Eu não queria dizer nada, mas Hugo me convenceu.

Ela suspirou.

Robert tentou imaginar como seria ter pais que realmente pensavam no que contar para os filhos, que se importavam com detalhes como aqueles. Que davam provas de amor.

Esse é o pai que quero ser. Ele fechou as mãos em punho.

– Hugo foi bem direto, então Oliver nem se importou muito. Até descobrir que você existia. Depois disso, ele começou a ter pesadelos.

– Comigo? – confirmou Robert.

– Sim. Ele acordou chorando uma noite e não conseguia parar. Quando perguntei qual era o problema, ele disse que um homem mau estava com o irmão dele, e tínhamos que ir buscá-lo.

Robert sentiu um nó se formar em sua garganta.

– Ah – foi o que conseguiu falar, em um tom de voz cauteloso.

– Eu achava isso fofo, na verdade, e essa fase passou. Mas... – Ela se virou para olhá-lo diretamente. – Mas agora já faz quase trinta anos desde a última vez que vi seu pai. O que ele fez comigo durou no máximo dez minutos, e ainda lembro de tudo.

Ela fez uma pausa, em seguida esticou a mão e deu tapinhas no joelho de Robert.

Ele a olhou nos olhos. Dessa vez, ela não desviou a cabeça, nem reagiu.

– Você – disse ela baixinho –, você cresceu ao lado dele. Deve ter sido horrível.

Por um segundo, Robert viu o pai se assomando à sua frente, tão mais alto naquela época, tão maior.

Que tipo de filho é você? Ele jogara as mãos para o alto, exasperado. *Se você fosse qualquer outro garoto, as coisas seriam bem melhores. Nem sua mãe o quis o bastante para ficar.*

– Ah – fez Robert em voz baixa. – Não era tão ruim. Na maior parte do tempo, meu pai nem lembrava que eu existia.

Talvez a Sra. Marshall tenha escutado aquela leve falha na voz dele, porque, com muita lentidão, ela apertou os braços ao redor de Robert.

– Pobrezinho – disse ela. – Pobrezinho.



O que Robert tinha que fazer naquela tarde não prometia ser tão esclarecedor quanto o que acontecera de manhã.

– Não sei o que pensar do senhor, Vossa Graça.

Robert estava no saguão de entrada da casa dos Charingfords. Era bem aconchegante, com papel de parede creme e azul, bem iluminado e alegre. Mas o Sr. Charingford, que estava diante dele, não parecia iluminado nem alegre. Tinha cabelos grisalhos e finos, e seus braços estavam cruzados sobre o peito.

– Concordei com esse encontro – disse ele – porque o senhor mostrou ter bom senso numa única ocasião.

– Uma única ocasião? – Robert arqueou uma sobrancelha. – Quando foi isso?

– Quando se casou com a Srta. Pur... Bom, acho que não posso mais

chamá-la por esse nome, não é? – Charingford inclinou a cabeça e quase sorriu. – Quando o senhor se casou com sua esposa. Tentei convencer meu filho a considerá-la, mas ele nunca conseguiu tolerar aquela cicatriz. A amizade dela com a minha filha... Nós três passamos quatro meses juntos na Cornualha numa viagem, e acho que a conheço melhor do que qualquer pessoa na cidade, além das tias-avós. Ela foi uma boa escolha.

Foi mesmo. Doía pensar no que ia acontecer no dia seguinte.

– Só desejo que ela tenha emprestado um pouco do bom senso que tem à sua consciência. Não consigo nem imaginar o que o senhor estava pensando quando escreveu aqueles folhetos. Ou quando veio aqui para tentar convencer pessoas como eu a apoiar a reforma eleitoral.

Charingford o olhou com intensidade por baixo das sobrancelhas franzidas.

– Se o senhor sabe que fui eu que escrevi os folhetos, por que acusou o Sr. Marshall? – perguntou Robert.

Charingford abaixou os olhos.

– Havia evidências suficientes para sustentar o envolvimento dele. E...

– E Stevens pediu – completou Robert.

O outro homem mordeu o lábio.

– O senhor sabe disso?

– Não me dê sermões sobre bom senso – disse Robert. – Pedi para ver sua fábrica, e o senhor concordou em mostrá-la para mim. Vamos em frente.

Charingford fez um gesto, e um criado abriu a porta da frente. A vibração abafada que vinha da fábrica do outro lado da rua começou a rugir.

– Após o senhor – disse Charingford sombriamente –, Vossa Graça.

O clangor da maquinaria era quase avassalador quando eles cruzaram a rua de paralelepípedos. As portas da fábrica haviam sido pintadas recentemente de verde brilhante, se destacando no meio das paredes de tijolos manchados de carvão. O barulho cercou os dois homens, uma cacofonia de guinchos e estremecimentos. O Sr. Charingford indicou com vários gestos agitados que Robert entrasse. Em seguida, após terem subido uma pequena escadaria e terem chegado a uma plataforma de metal de onde se supervisionava a operação, se virou para encará-lo.

– Este é o saguão principal – gritou, se esforçando para ser ouvido acima do barulho das máquinas no primeiro andar. – É aqui que os fios são costurados e formam as meias.

Ele indicou a fábrica abaixo. Uma mulher, com os cabelos grisalhos presos em um coque desleixado, estava operando uma máquina que enrolava o fio em bobinas de metal em um canto do saguão. Meia dúzia de homens ficava andando de uma estação circular para outra, ajustando peças quando necessário, substituindo bobinas, entregando o produto final a garotos que corriam com ele para outro cômodo ao lado. Todos se mexiam com movimentos econômicos, que pareciam resultar mais de cansaço do que de competência.

– Cada máquina consegue produzir dois pares de meia em nove minutos – informou Charingford aos gritos. – E só precisamos dos homens para tirar o produto dos ganchos de costura no final e para reiniciar o cilindro que regula o formato das meias. Veja, Vossa Graça. Os operários nem precisam tomar decisões no trabalho do dia a dia. Como podemos confiar neles para decidir o futuro do nosso país? Para entender como a indústria funciona?

Robert apenas inclinou a cabeça, escutando algo além do ruído das máquinas.

– Eles estão cantando – falou. – Por que estão cantando?

O Sr. Charingford parou e colocou a mão no ouvido para escutar.

– Estão felizes por estarem trabalhando, Vossa Graça. Estão cantando um louvor, honrando a Deus.

Robert era um homem que olhava a fábrica lá de cima. Tudo que tinha que fazer era *olhar* enquanto os trabalhadores andavam, enrolavam e cortavam.

Sorte a sua, conseguiu ouvir Minnie dizer, *poder pensar no futuro sem sentir terror*. Robert não achava que conseguia sequer entender como era estar lá embaixo, como era trabalhar naquele barulho incessante dia após dia. Tudo que sabia era que aquilo não se resumia a gratidão e cânticos.

Durante o pouco tempo que tinham passado casados, Robert nunca estivera tão longe de Minnie quanto naquela ocasião. Tinha mentido para ela e no dia seguinte quebraria a promessa que havia lhe feito e a faria sofrer. Ainda assim, conseguia ouvi-la até naquele momento, acima do barulho ensurdecedor das máquinas.

– Não vou fingir saber como é ser um operário, Sr. Charingford, mas sou dono de fábrica também. Herdei algumas plantas industriais do meu avô. E, quando vejo o chão da sua fábrica, não vejo pessoas felizes por estarem trabalhando.

Uma mulher sentada no térreo olhou para cima enquanto Robert falava. Não havia ódio nenhum nos olhos dela, nem desprezo. Apenas uma suavidade ao redor deles, um anseio silencioso.

Talvez um dia ela tivesse sido uma moça refinada que não conseguiu se casar. Talvez não tivesse tido nenhuma escolha além de aceitar trabalhar até que seus cabelos embranquecessem antes do tempo e sua pele endurecesse. Ainda assim, ela olhou para cima. Como todos os outros, seus lábios se moviam enquanto ela cantava.

– E então? – incentivou o Sr. Charingford. – O que o senhor vê?

– Eu vejo Minnie. – A voz dele falhou. – Eu vejo quem ela poderia vir a ser daqui a dez anos, quando a saúde das tias-avós dela se for.

O Sr. Charingford inspirou com bastante força.

– Vejo sua filha se a demanda por malharia sumisse.

– Lydia não – rejeitou Charingford em um tom de voz chocado. – É claro que não...

Ele deixou a voz morrer com tristeza.

– Vejo quem meu irmão poderia ter sido se outro homem não tivesse aceitado criá-lo. Vejo a cozinheira que trabalhava em minha casa quando eu era criança se eu não pagasse a pensão dela. A única pessoa que não vejo sou eu mesmo. – Robert passou as mãos pelo corrimão. – Eu nunca estive num lugar como este, nem nunca estarei. A única coisa que sei agora é que nunca vou entender como é estar num chão de fábrica e olhar para cima e cantar.

O Sr. Charingford inclinou a cabeça e olhou para Robert, ouvindo de verdade.

– Tenho vários defeitos. Me apresso quando deveria ter mais cuidado. Falo quando deveria ouvir. Mas quando eu os escuto cantar, não ouço apenas um cântico de louvor. Estão cantando para Deus porque ainda não encontraram ninguém que os ouça.

– Stevens diz que se dermos ouvido ao que os operários querem, nem que seja uma única vez, só vamos fazê-los querer coisas ainda mais absurdas – comentou Charingford com cautela.

– Por acaso notou que Stevens fica mais razoável quando o senhor faz as coisas que ele quer?

Charingford olhou para longe.

– O que ele tem exigido? O senhor é um magistrado. Por acaso ele disse

que não vai ajudá-lo se o senhor não fizer o que ele quer? Ele pediu dinheiro? Ou apenas exigiu que ganhasse a mão da sua bela filha em casamento em troca dos esforços dele?

As mãos de Charingford se fecharam no corrimão de metal. Ele fechou os olhos.

– Isso – falou. – Ele pediu... tudo isso.

– Na minha experiência – complementou Robert –, percebi que, a longo prazo, pagar meus funcionários o bastante para que não fiquem aterrorizados ao pensar no futuro custa bem menos do que contratar homens para aterrorizá-los.

– Parece Minnie falando – murmurou Charingford, em um tom acusatório.

Robert apenas abriu um sorriso e balançou a cabeça. Talvez fosse o elogio mais agradável que já recebera.

Um garotinho passou correndo pelo chão, levando uma bobina cheia para um homem que tinha se virado para uma das máquinas.

– Se não prestarmos atenção – disse Robert –, os homens e as mulheres no chão de fábrica viram borrões marrons e cinza indistinguíveis. Assim, não passam de braços que operam as máquinas, só que de carne e osso em vez de aço e ferro. Que ganham salário em vez de serem comprados de uma vez. Mas máquinas não cantam. Máquinas não têm esperanças. E, Charingford, eu não acho que podemos impedi-los nem com mil cópias do capitão Stevens. Eu não tenho nenhuma intenção de impedi-los.

– O senhor é um radical.

Não havia força na acusação. Charingford correu os olhos pela fábrica. Mas dessa vez parou de vez em quando, observando – as mulheres que enrolavam as meias com papel, os homens que operavam as máquinas.

– Eu sei disso – concordou Robert.

– Se tivesse vindo falar comigo quando chegou em vez de escrever os folhetos...

– Estou amadurecendo. E, pelo jeito, minha esposa está me afetando um pouco. – Robert deu de ombros. – Quem sabe. Talvez, ao chegar aos trinta anos, eu realmente comece a fazer diferença.

Capítulo vinte e cinco

Já era tarde quando o marido de Minnie chegou em casa – tão tarde que, com a exceção de um lacaio solitário, todos os criados já tinham se retirado. Minnie ouviu a porta da frente se abrir e fechar depois que Robert entrou. Ela conseguia imaginá-lo tirando as peças de roupa, – o sobretudo, a casaca – e as entregando ao lacaio. Esperou ouvir os passos dele subindo a escada, mas os minutos se passaram e ninguém pisou nos degraus.

Minnie se levantou e saiu do quarto na ponta dos pés. A casa abaixo estava mergulhada na escuridão. A única coisa que lhe permitia saber onde pisar na grande escadaria que levava à entrada era uma luz fraca que vinha de algum cômodo nos fundos da casa. Minnie seguiu o trajeto indicado pela luz dourada corredor abaixo.

No final, ela encontrou a porta entreaberta. Robert estava sentado à mesa, com os restos frios do jantar em um prato à sua frente. Mas não estava comendo. Apenas segurava o garfo enquanto olhava o nada. A cabeça estava levemente inclinada, como se suplicasse ao bife à sua frente que lhe concedesse algo grandioso. Enquanto Minnie observava, a mão de Robert subiu lentamente até o canto do olho e o esfregou – quase como se ele estivesse secando uma lágrima.

Ele não estava chorando. Não pegou o lenço no bolso. Mas a mão ficou ali, ao lado do olho, como se fosse uma proteção contra outras emoções.

A respiração de Minnie falhou.

Ela refez o caminho corredor acima, amaldiçoando as próprias pantufas

de seda leves. Robert não a tinha ouvido se aproximar. Fazendo bastante barulho, ela abriu a porta da sala de estar e pegou o embrulho que tinha comprado mais cedo naquele dia. Ao sair do cômodo, bateu a porta com força, sendo ainda mais barulhenta.

Era impossível arrastar pantufas no carpete, mas ela tentou. Quando chegou à porta da sala onde Robert estava, ele já tinha abaixado a mão. Aquela expressão de desolação intensa havia desvanecido, e ele até conseguiu abrir um sorriso.

– Minnie – falou. – Não achei que você estivesse acordada.

Como se fosse possível ela cair no sono enquanto pensava no marido e se preocupava com o irmão dele. O julgamento seria no dia seguinte. Minnie podia ver como isso estava afetando Robert. Havia olheiras escuras abaixo dos olhos dele, e linhas de preocupação marcavam a testa.

– Não consegui dormir sem você.

Ela colocou o embrulho na mesa perto dele.

Ele pegou um pedaço de bife com o garfo.

– Não tive tempo de jantar – falou, quase como se estivesse se desculpando, antes de levá-lo à boca. – E estou morrendo de fome.

Ela se sentou ao lado dele.

– Estou com um pouquinho de fome também.

Os dois provavelmente estavam mentindo. Os dois provavelmente sabiam disso.

Ainda assim, Minnie se serviu de um pedaço de enroladinho para fazer companhia ao marido e, enquanto ele comia, revirou a comida no prato. Pelo menos sua presença pareceu incentivar Robert a se esforçar para dar fim à refeição. Ele comeu mecanicamente – ervilhas, nabos e cenouras, assim como o bife em um molho que havia cristalizado. Aquilo embrulhou o estômago de Minnie, mas Robert não parecia sentir o gosto do que colocava na boca. Pareceu até surpreso quando o garfo não encontrou nada no prato.

– Foi um dia longo – falou. – Acho... acho que vou direto para a cama.

Mas ele não se levantou.

Minnie tomou isso como um convite para ir até o aparador e servir um copo de xerez. Seus dedos se tocaram quando ela lhe entregou o copo.

– Vai dar tudo certo? – perguntou ela.

Em resposta, ele afundou a cabeça nas mãos. Minnie colocou os dedos

sobre os dele. A pele de Robert estava quente, e ela quase conseguia sentir as têmporas dele latejando. Lentamente, ela esfregou a testa do marido. Ele arfou, depois encostou sua mão na dela.

– Não sei – disse ele baixinho. – Não tenho... – Robert inclinou a cabeça para encontrar os olhos dela, em seguida desviou o olhar. – Não tenho certeza. – Ele tamborilou os dedos na mesa. – Mas vou fazer tudo que puder para que dê certo. Meu irmão... – Ele inspirou fundo mais uma vez. – Meu pai não se importava. Nunca ajudou em nada. Oliver cresceu sem nenhuma das vantagens que tive, e vê-lo ser publicamente acusado por algo que eu fiz... Minnie, não posso aceitar. Sinto que estou prestes a enlouquecer só de pensar nisso. Você deve saber disso.

– Eu sei. – Ela esfregou a testa dele. – Mas você está fazendo tudo que pode.

– Sim, estou. – A voz dele soava tão, tão desolada. – Mas, ainda assim, não estou vendo jeito de isso terminar bem.

– Talvez não termine. Mas, aconteça o que acontecer, vamos enfrentar juntos.

Ele voltou a inspirar fundo, bem devagar.

– Minnie... Amanhã vai haver uma multidão no tribunal. Alguém avisou os jornais de Londres que vou prestar testemunho, e agora não vão ser apenas dois jornalistas, vão ser vinte.

– Está perguntando se consigo tolerar multidões? Eu consigo tolerá-las. Fico desconfortável, mas, desde que não estejam me olhando, eu dou conta.

Isso apenas fez com que Robert parecesse ainda mais desolado. Era como se ele tivesse desinflado ali mesmo na mesa.

– Eu... Minnie. Não sei o que dizer.

Ela balançou a cabeça.

– Preciso estar lá – disse ela. – Não há opção. Então estarei.

Ela se preocuparia com os detalhes depois.

Robert também balançou a cabeça.

– Pelo menos haverá uma coisa boa nisso tudo. Vim para Leicester para acabar com o abuso do crime de insurreição como uma ferramenta para dar fim a greves. Agora sei quem está por trás de tudo. – Ele abriu um sorriso afiado. – Tive uma conversa muito interessante com... com um magistrado sobre o que Stevens pediu em troca de ajudá-lo a manter a ordem. A justiça *será* feita.

– Que bom – disse Minnie. – Que ótimo! Tenho algo para lhe dar, e espero que também seja bom. Comprei uma coisinha para você.

Ela indicou o objeto que trouxera consigo, embrulhado em papel marrom.

Robert olhou para o embrulho retangular com cautela, depois o puxou para perto por uma das pontas.

– O que é isso?

– Um presente.

– Não é meu aniversário. – Ele ergueu o olhar para ela. – E ainda falta um mês para o Natal.

– Não é um presente por causa de nenhuma ocasião especial. – Minnie sentia o coração martelando no peito. – É só uma coisinha do tipo “vi uma coisa e queria que você a tivesse”.

Como aqueles rubis que ele havia dado a ela, que foram guardados para uma ocasião mais alegre.

– É pesado – disse Robert, passando os dedos pelos cantos do pacote. – Um livro? Um atlas?

– Não vou contar – disse Minnie. – Você vai ter que abrir para descobrir.

Ele puxou o barbante e, quando o laço se desfez, largou o fio no chão. O papel fez barulho quando Robert abriu o embrulho.

Uma capa de couro cor de creme decorada com desenhos sutis protegia o livro. Não havia nenhum título na frente, nem na lombada, como Robert viu ao virá-lo. Minnie prendeu a respiração quando ele abriu a capa e folheou as primeiras páginas amareladas.

Aquele livro não havia sido impresso em nenhuma gráfica. Em vez disso, tinha sido cuidadosa e perfeitamente ilustrado à mão. Para Minnie as imagens pareciam ser aquarelas, e, se fossem, eram surpreendentemente vibrantes – com camadas e mais camadas de tinta se sobrepondo até que os vermelhos fossem tão profundos quanto folhas mortas de outono, e os azuis tão verdadeiros quanto um céu de verão. A primeira ilustração – uma letra A gigante – ficava na crista de um morro. A própria letra era formada por uma mistura de imagens menores. Uma amoreira, dobrada pelo vento, formava um lado da letra. No topo dos galhos estava um albatroz, que esticava as asas para o céu. Uma alpaca se esticava para comer as amoras, e seu pescoço formava o outro lado da letra. Uma anaconda jazia enrolada aos pés da alpaca, porém, em vez de estar ameaçando as outras criaturas,

passava a impressão de estar ocupada comendo uma avelã. A ilustração toda era feita de coisas que começavam com A.

Robert apreciou o desenho antes de virar a página para a letra B – bananeiras, borboletas e biscoitos.

– Você comprou um abecedário?

Ele parecia confuso.

– Eu só pensei... – Minnie engoliu em seco. – Você disse que quer ter vários filhos. Pensei em lhe dar um abecedário que não tivesse nenhuma palavra impressa. Assim, você pode inventar o que quiser para cada letra. E nunca estaria errado.

Robert olhou as páginas. Tocou a borda de uma e Minnie perguntou a si mesma se ele estava pensando na letra M – que, de fato, tinha tanto mosquitos como a imagem de uma mãe segurando a mão do filho em frente a um mar noturno, com mariposas e melros voando ao redor de uma árvore cheia de mangas à luz da meia-noite. Mas Robert não folheou as páginas até chegar a essa letra. Apenas se virou para olhar para Minnie.

– Você comprou isso para mim – afirmou ele.

Ela assentiu.

– Porque...

– Porque eu estava pensando em você.

Robert se levantou. Minnie não conseguia entender o que significava a expressão dele naquele momento.

Mas em seguida ele colocou as mãos nos ombros dela e, quando Minnie ergueu a cabeça para olhá-lo, a beijou. Ele a beijou sem requinte, sem gentileza. Ele a beijou com todas as emoções que não tinha demonstrado desde que entrara pela porta naquela noite – com força, com brutalidade, como se tivesse acabado de retornar após passar dez anos fora e precisasse lembrar a esposa de tudo o que tinha acontecido. Os braços dele se fecharam ao redor de Minnie, apertando-a contra ele com a força de correntes de aço. Era um calor escaldante. Robert a beijou e a beijou e a beijou, mal deixando que Minnie respirasse antes de puxá-la para outro beijo. O marido a apertou com tanta força que Minnie mal percebeu quando ele a ergueu e a colocou sentada na mesa. Depois disso, abandonou a boca dela para beijar seu queixo, pescoço... Pequenos pontos de prazer surgiram no caminho dos beijos dele, e ainda assim ele continuou a descer – até

desabotoar a gola da camisola de Minnie e puxá-la para baixo dos seios dela.

Robert pegou um mamilo entre os lábios e Minnie se rendeu. Ali só havia o calor da língua dele na pele nela, a ferocidade com que as mãos dele apertavam seu quadril. As costas dela encontraram a madeira dura da mesa.

– Meu Deus, Minnie – arfou ele. – O que vou fazer sem você?

– Por que você ficaria sem mim? Eu não vou a lugar algum.

Ele não pareceu ouvi-la. Apenas a soltou pelo tempo necessário para abrir as calças, em seguida pegou os punhos dela e os segurou junto ao corpo. Porém, não a olhou nos olhos.

– Eu estou aqui – disse ela. – Não precisa me segurar. Não vou a lugar algum.

Robert não a soltou. Em vez disso, soltou um rosnado e entrou nela. O corpo de Minnie já estava pronto para recebê-lo. Robert nem perdeu tempo tirando as calças por completo, e, quando afundou dentro de Minnie, ela sentiu o tecido roçar suas coxas. De certa forma, esse fato – de ele estar tão desesperado para possuí-la que nem se despira direito – apenas lhe deu ainda mais prazer. As estocadas gloriosas dele pareciam ainda mais deliciosas, ainda mais proibidas.

Naquele momento, o ato de fazer amor não tinha nada de imaculado e adequado. Era algo muito mais feroz, uma força elementar que Minnie nunca tinha experimentado. As arremetidas de Robert eram duras e firmes. Os cabelos dele, encaracolados na testa, pingavam suor.

– Meu Deus – grunhiu ele.

Minnie o segurou com mais força, e ele soltou outro grunhido.

– Eu te quero – disse ele fervorosamente. – Meu Deus, como eu te quero. Por que não posso ficar com você?

– Você pode. Eu sou sua.

Mas ele não respondeu. Apenas se afundou nela com mais força. Quase parecia estar delirando. Grunhiu uma última vez, então derramou sua semente dentro dela. Nesse momento soltou os punhos de Minnie – mas apenas para segurar o rosto dela e beijá-la.

À medida que o clímax passava, o beijo dele deixou de ser tão brusco e ficou mais suave. Robert gentilmente saiu de dentro dela, inspirou, trêmulo, e olhou ao redor, como se quisesse conferir se havia mesmo feito amor com a esposa em cima da mesa.

Muito bem-feita, aquela mesa. Mal tinha se mexido, apesar da força com que Robert tinha penetrado Minnie.

Ele se soltou dela e deslizou para o chão. Ela se sentou com cuidado.

– Minnie – murmurou ele.

– Se você disser qualquer coisa além de “Meu Deus, isso foi magnífico”, eu vou morder você – ameaçou ela.

Robert riu.

– Meu Deus. – Ele acariciou o rosto dela. – Você é magnífica.

Mas ainda havia uma sombra no rosto dele, uma cortina que escondia sua expressão. Ele deu um passo para longe dela, e Minnie conseguia senti-lo se afastando.

E ela soube. Podia ver no modo como a cabeça dele estava inclinada, no jeito como o olhar se recusava a encontrar os dela. Havia alguma coisa que ele não havia lhe contado.

Ela sorriu fracamente e bateu um dedo no punho de Robert.

– Não quero que todos os nossos filhos sejam concebidos numa mesa de madeira, mas isso até que... não foi tão ruim.

– Eu só... eu só precisava saber que você ainda era minha. – A mão dele passou perto do ombro dela sem tocá-la, e então ele a deixou cair. – Não sei o que me deu.

Minnie esticou a mão, pegou a dele e entrelaçou os dedos.

– Sabe, fazer um homem conseguir pensar apenas em mim e nada mais sempre foi um dos meus desejos mais profundos. Foi glorioso. – Ela tocou os lábios dele com um dedo – Sei que hoje deve ter sido muito difícil para você... que todos esses dias foram muito difíceis. Quando nos casamos, você me disse que queria uma aliada, alguém que visse *você* e não um duque. – Ela o puxou para mais perto. – E aqui estou eu.

– E aqui está você – murmurou Robert.

A voz dele estava rouca. Ele fechou as mãos nos cabelos de Minnie.

– Aqui está você.



Às três da manhã, o inconsciente tomou conta de Robert. Em sonhos, ele se viu no tribunal enquanto Minnie – uma versão mais jovem e vulnerável dela

— estava na audiência.

— Ela é uma criança anormal — ouviu-se dizer. — A cria do diabo. Foi ela quem me levou a fazer isso.

Minnie o encarou com os olhos arregalados e magoados — e então se desfez em pedaços de vidro cinza. Robert tentou pegá-la, mas os cacos apenas cortaram suas mãos, transformando-as em fitas.

Ele acordou sem ar, estendendo a mão para a esposa, com a revelação fresca na mente. Meu Deus. Era *isso* que ele ia fazer — traí-la no tribunal na frente de todo mundo, assim como o pai dela tinha feito.

Ela estava encolhida de lado, junto a ele. Enquanto dormia, tinha a mão apoiada no quadril de Robert e a cabeça recostada no ombro dele. Mesmo adormecida, ela confiava nele.

Ele não podia fazer isso. Não podia fazer isso com ela.

Robert se arrastou para fora da cama. Com a luz fraca e oscilante de uma vela, escreveu uma carta contando tudo a Minnie — o que tinha planejado fazer, por que queria fazer aquilo.

“Tenho que contar a verdade sobre você”, escreveu por fim. “Não consigo pensar em outra alternativa. Mas não vá ao julgamento hoje. Sinto muito pelo que preciso dizer, só não vá ao julgamento.”

“Eu te amo.”

A mão dele pairou acima do papel, desesperadamente desejando escrever uma última frase.

Por favor, me perdoe.

Mas ele não sabia como ela poderia perdoá-lo. Não tinha certeza sequer de ser capaz de pedir perdão.

Antes de sair para se encontrar com os advogados de Oliver, ele acordou a dama de companhia de Minnie e colocou a carta nas mãos dela.

— Venha cá — falou, apontando para uma cadeira na porta do quarto dos dois. — Sente-se aqui. Faça o que for preciso para que ela leia essa carta assim que acordar e nem um segundo depois. É urgente.

O resto da manhã passou em um borrão. Robert teve a impressão de esperar uma eternidade até o julgamento começar, porém, quando começou, as evidências da promotoria se misturaram em uma corrente de testemunhos e análises. O desconforto de Robert aumentou.

Ao redor deles, jornalistas faziam anotações diligentes à mão. Os advogados de Oliver começaram a apresentar sua defesa. Era o momento

em que Minnie teria entrado no tribunal, acompanhada pela mãe de Robert. Mas ela não apareceu. Graças a Deus.

Robert finalmente foi chamado para depor, e foi como se todas as coisas ao seu redor tivessem desaparecido – o tribunal, os jurados, os jornalistas assistindo a tudo com interesse ávido. Não havia mais ninguém ali além de Robert e o advogado que conduzia o julgamento.

As primeiras perguntas foram simples. O nome completo de Robert, o título de nobreza, a idade, a última vez que estivera no Parlamento.

E então...

– Você sabe quem escreveu os folhetos que são o cerne da acusação da promotoria? – perguntou o advogado.

– Sei – respondeu Robert. – Eu escrevi.

Um murmúrio de surpresa surgiu na multidão.

– Alguém o ajudou com os folhetos?

– Pedi a um homem analfabeto para distribuí-los. Mande imprimir-los a mais de cento e cinquenta quilômetros daqui. Ninguém na casa que aluguei aqui em Leicester sequer sabia que existiam. Fiz questão de que não soubessem.

– Ninguém? Nem mesmo o Sr. Marshall?

– O Sr. Marshall em *especial* não sabia de nada – enfatizou Robert. – Eu os escrevi porque descobri que havia uma onda de condenações por crime de insurreição por aqui, e essas condenações não pareciam ter sido feitas dentro da lei. Eu queria atrair quem quer que estivesse envolvido no esquema. Escrevi os folhetos porque sabia que não seria julgado, e dessa forma não teria que envolver outra pessoa da jurisprudência de Leicester. Eu não queria colocar ninguém em risco.

– Por que se importa tanto com o Sr. Marshall? – perguntou o advogado.

– Ele é apenas um empregado, não é?

– Não – disse Robert com força. – Nunca lhe paguei um centavo. Eu separei fundos para ele. E, ainda que não me importasse com o bem-estar dos meus funcionários, ele é meu irmão.

Algumas pessoas ofegaram e começaram a murmurar. Robert estivera tão concentrado nas perguntas que nem tinha olhado para a audiência, então naquele momento correu os olhos ao redor. Por um momento, os jornalistas na primeira fileira o fitaram, chocados. Em seguida, abriram sorrisos prazerosos ao perceber que a história que estava sendo contada ali era ainda

mais interessante do que esperavam. Todos começaram a escrever furiosamente com os lápis ao mesmo tempo. Robert sorriu, olhando além deles – até avistar alguém no fundo do tribunal.

Ali, na última fileira, estava Minnie. Ela devia ter entrado enquanto o marido depunha. Ao lado dela estava a duquesa viúva.

Será que ela não tinha recebido a mensagem? *O que* estava fazendo ali?

– Vossa Graça.

A voz do advogado soava lenta, tão lenta, e ainda assim Robert não conseguia fugir dela. Nem conseguia sair do próprio assento.

– O senhor joga xadrez?

Os olhos de Minnie queimaram nos dele.

– Não.

Ele não conseguia tirar os olhos dela.

– Já jogou?

– Algumas vezes, quando era jovem. O bastante para saber as regras do jogo. Mas só conheço o básico.

– Pode explicar, então, como aprendeu a expressão “ataque descoberto”, que usou nos folhetos? Como empregou termos que são encontrados em um livro obscuro sobre estratégias de xadrez?

– Sim – disse Robert. – Eu posso explicar.

Todo o tribunal ficou em silêncio.

– Acontece que, quando escrevi essas palavras, eu tinha acabado de conversar com alguém que é especialista em xadrez. Uma pessoa que não é o Sr. Marshall.

– E quem era essa pessoa?

Nesse momento, Minnie já sabia o que estava acontecendo. Entenderia por que Robert tinha insistido que ela estivesse presente no tribunal. Saberia que ele a havia enganado, que a traía em público, que fizera tudo que tinha prometido não fazer. Antes de sair de casa, ele devia tê-la acordado para lhe contar a verdade.

Ela o observava com uma expressão de curiosidade. E então, estranhamente, levou dois dedos aos lábios e os ergueu para Robert.

Sinto muito, Minnie.

– Em 1851 – Robert ouviu a si mesmo dizer –, uma garota de doze anos chamada Minerva Lane quase ganhou o primeiro torneio internacional de xadrez.

Em 1851, Minerva Lane foi traída e destruída pelo pai. E naquele momento, Robert estava fazendo a mesma coisa.

– O senhor conhece Minerva Lane?

Robert se forçou a olhar Minnie nos olhos enquanto desferia o golpe fatal. O rosto dela estava cinza, e os olhos estavam arregalados. Devagar, muito devagar, ela abaixou os dedos que havia beijado.

As palavras pareciam cacos de vidro na boca de Robert, mas ele as falou mesmo assim.

– Sou casado com ela.

Capítulo vinte e seis

Saber o que ia acontecer não ajudou. Minnie nem sequer conseguia ouvir o próprio coração batendo, tão intensa era sua ansiedade. Enquanto Robert falava, todo o corpo dela virou gelo. E quando todos se viraram para ver para quem ele estava olhando – quando todos aqueles olhos a focaram, sombrios, com a acusação – um pânico selvagem e instável tomou conta dela. Os murmúrios cresceram até virarem uma avalanche.

– Ela está ali – disse alguém.

Minnie não lembrava como respirar. Os pulmões estavam em espasmos, sem ar. Ela se colocou de pé em um pulo, mas a multidão a rodeava. Gritando. Berrando. A visão de Minnie foi tomada por manchas pretas que ficavam cada vez maiores. A última coisa que ela viu foi Robert se levantando do banco de testemunha e pulando por cima da murada. E então tudo ficou escuro.

Ela não tinha certeza de quando recuperou a consciência. As coisas voltaram devagar, como parte de um sonho que gradualmente ganhava vida. Sentiu o balanço suave da carruagem, os braços do marido a segurando, a respiração dele em seu pescoço. As mãos dele. Robert estava sussurrando palavras encorajadoras, mas Minnie não conseguia abrir os olhos.

Ela percebeu coisas em lampejos. Alguém subindo a escada com ela no colo. O corpo dela mergulhando em algo macio. E a voz dele – a voz de Robert – estava lá, mesmo no meio de sonhos agitados. Murmurou no ouvido de Minnie até que a inquietação foi embora, e ela caiu no sono.

Quando acordou, já era tarde. Estava deitada. Mas aquela não era, Minnie percebeu, a cama que dividia com Robert. Era a cama *dela* – a cama que havia sido preparada nos aposentos da duquesa. Era a primeira vez que ela deitava naquele colchão e não gostou nem um pouco dele.

Alguém tinha tirado o vestido de seda azul que ela estivera usando, assim como o espartilho, as anáguas e as ceroulas, deixando-a apenas com a bata. Não havia nenhuma multidão ali – mas, sim, Minnie tinha desmaiado de novo. Em público. Outras memórias voltaram rapidamente depois dessa. O tribunal. Robert, sentado lá na frente. Robert, olhando diretamente para Minnie enquanto revelava todos os segredos dela para todo mundo.

Ela estava mais vazia do que brava. Suspirando, se sentou.

Lembrava-se de ter caído. Mas, muito curiosamente, não se lembrava de ter atingido o chão. Devagar, com cuidado, ela colocou um pé para fora da cama. Em seguida, apoiou os pés no chão e testou seu peso sobre eles. Eles não falharam.

E foi então que seus olhos avistaram a pessoa sentada na cadeira do outro lado do quarto – uma mulher.

– Lydia – arfou Minnie. – O que você está fazendo aqui?

Lydia se levantou.

– Seu marido me chamou. – O rosto dela parecia obscuro. – Eu soube o que aconteceu. Ele disse que você precisava de mim, então eu... eu vim.

– Mas...

– Eu sinto muito – disse Lydia com pressa, se aproximando de Minnie. – Por tanto tempo eu só conseguia pensar que você tinha mentido para mim, que eu não podia confiar em você. Que você não confiava em mim. – Lydia se sentou ao lado dela na cama. – Eu falei que você não me contou nada, mas eu sabia. Eu sabia que você passava mal às vezes, que você odiava multidões. Essa não foi a primeira vez que você desmaiou na frente de todos. Se eu tivesse pensado direito, teria entendido tudo. Fui tão rancorosa...

Minnie olhou para a amiga.

– Não diga isso.

– Por que não? Quando você descobriu que eu estava grávida e me disse que tudo daria certo, não era mentira. Quando perdi o bebê e você leu para mim por horas enquanto eu estava deitada na cama, com medo de morrer, também não era mentira. Eu queria que você tivesse me contado, mas... –

A voz dela sumiu. – Nada entre nós jamais foi mentira. E já faz bastante tempo que eu deveria estar do seu lado, assim como você ficou do meu.

Lydia a abraçou, apertando Minnie com tanta força que ela achava que a amiga nunca ia soltá-la. E Minnie não queria que soltasse.

– Também sinto muito – disse Lydia em um tom de voz mais casual – por nunca ter tido a chance de dizer “eu avisei”.

As duas se olharam e caíram na risada.

– Avisou mesmo. E estava certa. Foi... – Minnie franziu o cenho. – Que barulho é esse?

Lydia se virou.

– Isso? É só o seu marido falando com alguém nos aposentos dele.

Nos aposentos *dele*? Aqueles eram os aposentos *deles*. Até aquele momento, nunca tinham usado quartos separados. Até no período de mau humor de Robert, nos últimos dias, haviam dormido na mesma cama. O quarto em que Minnie e Lydia estavam naquele momento nunca tinha sido usado.

Ela conseguia ouvi-lo falando – não alto o bastante para que pudesse entender as palavras, mas em um volume que permitia que Minnie ouvisse o tom do discurso dele, de ordens bruscas sendo dadas.

– Lydia – perguntou –, onde está meu marido?

Ela teria jurado que ele a havia trazido para casa. Ele chamou Lydia. Na última vez que Minnie desmaiara, ele estivera ao lado dela quando ela acordou, mesmo sabendo que tal golpe na reputação de Minnie exigiria que ele a pedisse em casamento. Por que Robert não estava ali?

Lydia balançou a cabeça.

– No outro quarto.

– Ele deveria estar aqui. Ele *estava* aqui.

Ela pegou um vestido no guarda-roupa, depois cruzou a curta distância até a porta que os separava. A maçaneta virou sob o peso da mão dela, e a porta se abriu.

Havia três criados no quarto de Robert – o valete dele e dois lacaios – e várias malas. Robert estava sentado de costas para ela, observando o alvoroço. Um laçao havia acabado de sair do vestiário de Robert, com os braços carregados com uma pilha de coletes de seda coloridos. Ele os colocou em um baú, e o mundo de Minnie parou de girar.

– Robert, o que diabos você está fazendo?

Ele congelou, ainda sem olhá-la. Todos os criados olharam para longe e aceleraram o ritmo em que faziam as malas, se mexendo mais silenciosamente. Só os olhares de soslaio que lançavam mostravam o interesse deles.

– Você se recuperou bem rápido – disse Robert, ainda de costas. – Eu achei que já teria partido quando você estivesse bem o bastante para se levantar.

– Partido? Mas para onde você está indo?

Ele finalmente se levantou e se voltou para ela. Porém, ainda que o corpo dele estivesse virado na direção de Minnie, ele não a olhava.

– Embora.

Minnie tinha entrado em pânico quando ele falara na frente de todas aquelas pessoas no tribunal. Quando olharam para ela, aquele medo antigo havia ressurgido. Mas, apesar de ser horrível, era fácil desmaiar. Depois, não era preciso lidar com a situação. Mas não havia como escapar do que estava acontecendo agora. E aquilo... aquilo machucava.

– Embora? Embora para onde? E por quanto tempo?

– Eu lhe fiz uma promessa – disse Robert por fim. – E a quebrei de um jeito que ninguém imaginaria ser possível. Só posso imaginar como você está furiosa comigo. – Ele tensionou a mandíbula. – Eu não vou insistir. Não vou implorar. – Ele abriu um sorriso gélido. – Quero que as coisas sejam fáceis para você.

A cabeça de Minnie zumbia.

– Simples assim?

– Sem drama. Sem argumentos. Não precisa atirar nada na parede. – Ele enfim a olhou e abriu um sorriso cansado. – Você terá tudo o que quiser, é só pedir.

Os lacaios pareceram acelerar ainda mais, como se quisessem provar que seus ouvidos não conseguiam captar o que estava sendo dito.

Minnie entrou devagar no quarto e parou ao lado de Robert.

– Eu não estou entendendo. Você está dizendo...

– Eu sei o que aconteceu no tribunal. Você só se casou comigo porque eu prometi que podia protegê-la. E acabei de...

– Só um momento, Robert. – Minnie acenou com a mão para os criados.

– Acho melhor vocês saírem. Na verdade, seria melhor se ficassem longe desta ala pela próxima hora.

Uma pausa. Um dos lacaios olhou para as gravatas que estava carregando. Outro olhou para o duque, que apertou o maxilar e não disse nada.

Minnie bateu as mãos.

– Deixem tudo e saiam.

Eles sumiram.

Minnie se virou. Lydia estava no vão da porta que conectava os dois quartos, observando a cena com os olhos arregalados. Ela ergueu as mãos.

– Já nem estou mais aqui – falou. – Venha me ver depois, Minnie.

Ela lançou um olhar rígido para Robert e, em seguida, também desapareceu.

Eles esperaram até que os passos ecoando no corredor sumissem ao longe.

Foi então que Minnie colocou as duas mãos no peito de Robert e o empurrou com força.

– Robert, seu idiota, que raios está passando pela sua cabeça?

– Eu tive que fazer isso. – Ele a encarou. – Não tive escolha. Ele é meu irmão, e eu tinha que...

– Ah, seu idiota. – Ela o empurrou mais uma vez, e Robert tropeçou para trás, batendo com as pernas na cama. – Não é disso que estou falando.

– Eu deixei um recado. De manhã. Eu devia ter falado com você antes. Devia ter acordado você. Demorei todo esse tempo para recuperar a razão. Fico doente só de pensar que você foi exposta apenas porque...

– Eu recebi o recado – disse Minnie. – Eu li o recado. E decidi que você tinha razão.

– Você... Como é que é?

Ele piscou, confuso.

– Eu recebi o recado – repetiu Minnie. – Li. Decidi que a sua ideia inicial estava certa. Não tinha como esconder quem eu era. Em algum momento alguém ia descobrir, independentemente do que fizéssemos. Isso significava que a única coisa que eu teria que enfrentar era um pouco de humilhação. Em comparação com a vida do seu irmão, o que vale mais?

– Minnie! – Ele soava horrorizado. – Mas você...

Ela pousou a mão no ombro de Robert.

– Você tinha que contar a verdade sobre o meu passado para impedir que seu irmão virasse um pária. Achou que eu ia exigir que você ficasse

quieto, sabendo que era isso que estava em jogo? Sim, foi uma cena horrível. Não, nunca mais quero repeti-la. Não gosto quando as pessoas olham para mim. Isso faz com que eu não consiga respirar. Com que eu não consiga enxergar direito. – Ela o encarou. – Foi horrível, mas não foi o fim do mundo. E você acha que significa o fim do nosso casamento?

Robert pestanejou.

– Não... é?

Finalmente, ele a olhou nos olhos. Parecia surpreso, até um pouco atordado.

– Mas você está brava comigo. Dá para ver.

– É claro que estou brava.

Ele balançou a cabeça.

– Então... você não vai me deixar?

– É claro que estou brava – repetiu Minnie. – Porque achei que eu significava alguma coisa para você. E porque você está disposto a abandonar tudo apenas porque não está disposto a consertar as coisas.

– Não estou disposto... – repetiu ele, soando aturdido.

Robert a olhou. Depois se virou e observou os baús preenchidos até a metade, a pilha de gravatas que o lacaio havia largado em uma cômoda.

– Eu só... – A voz dele soava suave e cansada. – Eu não entendo. Eu fiz você sofrer. Sabia que isso ia acontecer, e ainda assim fui em frente. Como posso resolver isso? Não vou lhe dizer para não ficar brava. Você deveria estar brava. Você tem todo o direito de estar brava.

Aquele era o homem que fora abandonado pela mãe quando ainda era criança. Era o homem que sempre fora visto pelo pai apenas como um instrumento para extrair dinheiro do bolso dos outros. Robert havia perdoado Minnie quando ela o enganou. Mas tinha tão pouca esperança de ele mesmo ser perdoado que nem se atrevia a pedir perdão.

Minnie esticou o braço e pegou a mão dele.

– Sabe por que estou furiosa? Porque você prefere ir embora a se esforçar para que nosso casamento dê certo.

Ele procurou os olhos dela.

– Eu...

– Eu sei. Você não quer brigar. Mas brigas não acabam com um casamento. O que acaba com um casamento é não fazer as pazes.

Ele engoliu em seco.

– Você *quer* brigar?

– Sim. E quero que você diga que estava errado, terrivelmente, desesperadamente, sordidamente errado.

Ele se retraiu.

– Eu sei. Eu sei que estava errado.

– Eu quero acreditar em você quando você pedir desculpas. Quero saber de todo o coração que você nunca faria nada para me fazer sofrer. Quero que você me prometa que na próxima vez que algo assim acontecer, você vai falar comigo primeiro, e vamos decidir juntos o que fazer.

Ele estava olhando para ela, com a cabeça inclinada.

– E depois que você tiver feito tudo isso eu quero perdoá-lo.

Os olhos dela marejaram.

– Mas por que você quer fazer tudo isso? – perguntou Robert.

– Porque eu te amo – disse Minnie. – Eu te amo. Eu te amo.

Ele soltou uma respiração profunda.

– Tem certeza? – perguntou baixinho.

Ela assentiu.

– Entendo.

Em seguida, sem pronunciar outra palavra, Robert saiu do quarto.

Capítulo vinte e sete

Minnie ficou olhando a porta por onde Robert tinha saído, com a mente tomada por um turbilhão confuso. Por que ele tinha ido embora? Aonde estava indo? O que ela devia fazer?

Foi até a janela para conferir se ele ia sair da casa, deu uma olhada no lado de fora e se afastou do vidro, ofegante. Havia uma pequena multidão na frente da porta de entrada, uma turba de chapéus em tons de marrom e preto que formava um arco de quase um metro. Um dos homens olhou para cima, a viu, apontou...

Minnie pulou para trás, com o coração martelando.

Se Robert saísse da casa, ela não teria como ir atrás dele.

Ela se voltou para o quarto. Havia um jornal em cima da cômoda. Curiosa, Minnie o abriu e leu o que havia sido impresso naquela tarde. Não podia ter saído da gráfica havia mais de meia hora.

“Duque de Clermont escreve folhetos”, proclamava a manchete. Em fonte menor, abaixo, o subtítulo dizia: “Duquesa é antiga campeã de xadrez.”

Minnie leu de novo, balançando a cabeça com a insipidez daquilo.

– Bem – murmurou consigo mesma. – Acho que “Duquesa é antiga fraude que se vestiu de garoto e enganou centenas de pessoas” não ia caber. Ainda bem que o espaço nos jornais é restrito.

A reportagem era até bem imparcial. As piores acusações que Minnie já tinha enfrentado – monstro, trapaceira, cria anormal do diabo – estavam

ausentes. O passado dela havia sido resumido em um parágrafo curto e objetivo. Era chocante, com certeza, mas o tempo havia atenuado o poder e o carisma das palavras do pai dela.

“O Sr. Lane afirmou que todo o esquema fora ideia da filha, mas nenhuma evidência foi encontrada para sustentar a alegação de que uma criança de doze anos estava envolvida nas empreitadas fraudulentas.”

Minnie sentia-se como se tivesse aberto uma porta para o que imaginara ser um monstro gigantesco, mas apenas encontrara uma criatura de dez centímetros do outro lado. Havia coisas que as pessoas diziam sobre a filha de um criminoso, mas essas coisas não eram ditas sobre a esposa de um duque.

O relato do julgamento daquele dia também era estranho.

Ler sobre o próprio desmaio foi de fato uma experiência bem peculiar. Era como se estivesse observando as próprias emoções de longe. Consequia ouvir as pessoas ao seu redor no tribunal arfando, mas naquele momento entendia a reação delas como fruto da surpresa, não de uma condenação. Consequia ver a si mesma ficando pálida sem que, no presente, sua pele começasse a suar e sua respiração se acelerasse perigosamente.

Isso permitiu que ela visse também o que aconteceu depois. Havia caído no chão, desmaiada. Um homem ao lado tinha cuspidido nela – e, quando fez isso, a duquesa viúva batera na cabeça dele com um guarda-chuva. Depois disso, ficou encarando todos que ameaçavam se aproximar, mantendo-os longe.

Robert pulou três bancos – com certeza, aquilo era um exagero – para alcançá-la.

“Quando o duque tirou a esposa do tribunal, aceitou responder a algumas perguntas. Afirmou que sabia sobre a identidade dela quando se casaram – uma alegação que parece incontestável, considerando que a certidão de casamento a lista como Minerva Lane. Sua Graça explicou a escolha da esposa. ‘Por que eu escolheria uma esposa convencional, quando posso ter uma extraordinária?’, disse.”

Minnie soltou o jornal e fechou os olhos. Estavam queimando com as lágrimas. Ela conseguia ouvir o marido dizendo aquilo – conseguia imaginá-lo revirando os olhos, ver a expressão de irritação que ele lançara para os jornalistas. O corpo de Minnie tinha a memória de ser carregado nos braços dele, mesmo que a mente dela não se lembrasse de nada.

Ela não sabia ao certo o que tudo aquilo significava, mas tinha certeza de uma coisa.

Robert ia voltar.

Minnie continuou a ler o jornal. A reportagem só ocupava alguns parágrafos. Abaixo, uma nota mencionava que, depois do julgamento, o capitão George Stevens havia sido detido e acusado de aceitar propina em troca de cumprir deveres oficiais. Ela abriu um leve sorriso. Muito bom.

A porta se abriu. Robert estava de pé no corredor, segurando um livro de encontro ao peito. Ele fitou Minnie com uma expressão cautelosa.

– Me perdoe se eu fizer papel de idiota – falou baixinho. – Mas nunca fiz isso antes.

– O que você está fazendo?

Em resposta, ele entrou no quarto e colocou o livro de capa de couro na cômoda ao lado de Minnie.

Era o abecedário que ela tinha lhe dado na noite anterior.

– Eu... – Robert olhou para baixo, depois ergueu a cabeça para encará-la. – Decidi o que cada letra representa – falou. – Pensei em contar a você.

Minnie precisou de um momento para perceber que o marido estava nervoso. Ele olhou para ela de soslaio, depois abriu o livro na primeira página.

– A – disse ele – é para “As formas como eu amo você”.

Lágrimas intensas queimaram os olhos dela com força renovada. Minnie piscou, querendo impedi-las de cobrir sua visão. Ela queria *ver* Robert, queria focar os detalhes dos cabelos claros e bagunçados dele, o jeito como ele mordia o lábio.

Ele desviou o olhar.

– Isso é estúpido – murmurou, segurando a capa do livro pela ponta.

Quase o havia fechado antes que Minnie percebesse o que o marido estava fazendo. Ela rapidamente colocou a mão entre as páginas abertas, impedindo-o.

– Não é, não! – protestou.

A mão de Robert pairou acima da dela. Ele engoliu em seco.

– Você dizer que me ama não é nem um pouco estúpido. Nem um pouco.

– Ah – fez ele baixinho.

Pareceu refletir sobre aquilo por alguns minutos antes de reabrir o

abecedário.

– A é para “As formas como eu amo você”. São mais de vinte e seis, mas, como só temos esse alfabeto, vou ter que me conter. Pelo menos por enquanto.

Ele virou a página e um B vermelho escarlate brilhou ali, iluminado, como era comum em manuscritos da Idade Média. Um dos lados da letra era formado por bananeiras, e havia uma borboleta no topo da curva do B.

– B é para “Brigue comigo quando eu errar”. Como isso vai acontecer várias vezes, não deve ser surpresa para você. – Ele olhou para Minnie e virou a página. – C é para “Confissão”. Não sei fazer isso. Não sei como ser um marido. Não sei como ser um pai. Tudo que aprendi com meu pai foi o que *não* fazer, o que não é nenhum tipo de guia decente. Mas... – Outra página. – D é para “Determinação”. – Mais uma virada de página. – E é para “Eternidade”, porque vai levar todo esse tempo até eu desistir. F... Esse é para “Flexibilidade”, porque acho que vou precisar me adaptar bastante até conseguir fazer as coisas direito.

– Você está fazendo as coisas bem direitinho agora – disse Minnie com um sorriso. – Vá em frente.

Ele assentiu e virou a página.

– G é para... G é para... G é para “Gostaria de ter escrito o que queria falar”. Esqueci.

Os cantos da boca de Minnie tremeram.

Robert franziu o cenho, perplexo.

– É sério. Não faço ideia do que vem agora. Pensei em todas as frases antes, e era para ser completamente incrível, e quando eu terminasse você pularia nos meus braços e tudo ficaria bem.

Minnie se inclinou e virou algumas páginas até chegar ao M. Era nessa página que o abecedário estava aberto na livraria quando ela o comprou. O M era feito em tons de azul e preto com detalhes em dourado, as silhuetas das árvores carregadas de manga escurecendo o formato da letra na frente de um calmo mar noturno. Talvez aquele M invocasse a meia-noite.

– Essa é a mais importante de todas – disse ela. – M é para “Mim”. Eu sou sua, mesmo quando você errar.

Ele avançou, e devagar, bem devagar, pegou-a nos braços.

– Minnie – falou. – Minha Minerva. O que eu faria sem você?

– Precisamos voltar a uma letra. – Ela virou as páginas. – A é para

“Amor”. Porque eu te amo, Robert. Eu te amo pela gentileza do seu coração. Eu te amo pela sua honestidade. Eu te amo porque você quer abolir a nobreza. Eu te amo, Robert. – Ela o puxou para perto. – Não vou descartar você depois de um erro.

– Mas eu...

Minnie balançou a cabeça.

– Depois vamos conversar sobre isso. Por enquanto, Robert... Tem outras coisas que precisam da nossa atenção.

– Pois é – concordou ele, devagar.

– Tem uma multidão de jornalistas na porta da frente – disse Minnie –, e acabamos de contar para todo mundo quem eu sou de verdade.

– Vou me livrar deles.

Ele se levantou.

Ela ergueu a mão.

– Não – falou lentamente. – Não acho que vai ser necessário.



– Quais são suas expectativas após introduzir a duquesa à sociedade?

– O que a duquesa viúva de Clermont pensa sobre tudo isso?

– Por que o senhor escreveu aqueles folhetos? É parte de algum esquema do parlamento?

Quando Robert desceu ao salão principal, algumas horas depois, as perguntas feitas aos gritos o sobrecarregaram, sobrepondo-se umas às outras, como uma cacofonia ininteligível. O sol já havia se posto. As luminárias a óleo queimavam com bastante brilho, e os corpos aglomerados no cômodo tinham feito com que a temperatura aumentasse demais para que ali estivesse confortável.

Os jornalistas haviam sido convidados a entrar quinze minutos antes, e aparentemente tinham ficado bem à vontade nesse meio-tempo, a ponto de não se importarem em gritar dentro da residência particular de Robert.

Ele esperou até que Oliver tivesse entrado na sala para erguer a mão. As perguntas continuaram a ser feitas aos gritos, mas, como Robert não falou nada – só ficou encarando os homens –, o rebuliço por fim cessou.

– Cavalheiros – falou quando todos fizeram silêncio. – Permitam-me

explicar o que vai acontecer. Eu os convidei a entrar em minha casa. Eu lhes ofereci chá e bolachas doces.

Mais de uma mão sorrateiramente limpou farelos de casacos após aquele comentário.

– Se os senhores seguirem as regras que eu impuser, vamos responder a todas as suas perguntas e até mais. Mas o homem que erguer a voz acima de um volume adequado para uma conversa vai ser jogado na rua. O homem que falar quando não for sua vez, vai ser escoltado até a porta. E se os senhores se portarem como uma multidão enlouquecida, serão tratados como tal. Porém, se agirem como pessoas civilizadas, vamos aceitar qualquer pergunta.

– Vossa Graça – berrou um homem no fundo do grupo –, por que tantas regras? O senhor está com medo de alguma coisa?

Robert balançou a cabeça, sério.

– Oliver. – Ele fez um gesto às costas. – Por gentileza, acompanhe o cavalheiro que berrou até a porta.

– Espere! Eu não...

Robert ignorou os protestos do jornalista e permitiu que os outros observassem enquanto ele era levado para fora da sala. Quando fecharam a porta na cara do homem, que ainda estava balbuciando explicações, Robert se voltou de novo para as pessoas na sala. Devia haver cerca de vinte jornalistas, e estavam todos sentados em cadeiras que foram arrastadas de outros cômodos. Cada um deles segurava um caderno. Quarenta olhos cautelosos fitavam Robert.

– Não daremos segundas chances, como podem ver – reforçou.

Atrás dele, a porta se abriu de novo.

– Oliver, por gentileza, pode demonstrar a forma adequada de se fazer uma pergunta?

O irmão foi para perto do jornalista que estava mais próximo dele, em seguida ergueu a mão, em silêncio.

Robert apontou para Oliver.

– O cavalheiro ao lado pode falar.

– Vossa Graça – perguntou ele em um tom de voz normal –, por que tantas regras? O senhor está com medo de alguma coisa?

– Ótima pergunta – disse Robert. – Criei essas regras porque, em um

instante, a duquesa irá se unir a nós, e não tenho nenhuma intenção de expô-la a uma multidão enfurecida.

Os homens se ajeitaram nos assentos ao ouvir aquilo, se inclinando para a frente.

– Vejam bem – continuou Robert –, só me importo com a *forma* como as perguntas serão feitas. Tudo o que quiserem saber será respondido, apesar de nós nos reservarmos o direito de não responder a perguntas que forem consideradas pessoais demais. Quem gostaria de começar?

Os homens trocaram olhares, como se temessem errar. Depois de um momento, um homem no fundo ergueu a mão, desconfiado. Robert assentiu para ele.

– Vossa Graça – perguntou o jornalista –, por que o senhor se casou com Minerva Lane?

– Eu queria uma duquesa que fosse bela, inteligente e corajosa mais do que uma que tivesse nascido em um bom berço. Não preciso de dinheiro. O fato de eu estar apaixonado por ela foi um bônus bem-vindo. – Ele apontou para outro homem. – Próximo.

– É ela quem veste as calças no casamento?

Essa era uma pergunta que Robert esperava ouvir de novo e de novo, repetidas vezes, até que ele enfim a tivesse respondido de maneira a agradar a todos.

– Quer saber a primeira coisa que ela fez com o meu dinheiro? – perguntou Robert. – Foi a uma modista em Paris.

Isso fez com que os jornalistas soltassem risadas.

– Confiem em mim – disse Robert. – Qualquer mulher que fique tão bela quanto a minha esposa vestindo saias e espartilhos não tem intenção alguma de pôr calças.

Cabeças se inclinaram enquanto os jornalistas escreviam aquelas palavras.

Minnie estivera certa. *Eles têm uma ideia na cabeça de como uma mulher deve ser*, dissera. *É claro que não passa de um monte de mentiras. Mas podemos usar essas mentiras contra eles. Mostre que me encaixo nessa ideia de mulher, e não irão questionar sobre os jeitos como não me encaixo.* Ela sorria. *É bem simples fazer isso comigo. Eu gosto de roupas bonitas. Se pudermos fazê-los ver isso, não irão questionar o resto.*

– Está tudo muito bem – disse outro homem após ter permissão de

Robert –, mas o senhor acredita que a jovem Minerva Lane levou o pai a enganar outras pessoas, que ela foi a causa da condenação e da morte prematura dele? E, em caso positivo, ela se arrepende?

Robert rangeu os dentes e sentiu a raiva subindo, mas forçou a si mesmo a ficar calmo.

– Não – falou. – Foi o pai dela quem abriu as contas falsas. Foi o pai dela que contou mentiras aos colegas quando ela não estava presente. O senso comum nos leva a crer que, quando ele foi pego e teve que arcar com as consequências, estava disposto a contar outra mentira para se salvar, independentemente de quem ele viesse a machucar.

Robert fez uma pausa e continuou:

– A duquesa de Clermont já sofreu o bastante pelas falsidades do pai. Nesse sentido, preciso reivindicar meus direitos como marido. – Ele abriu um sorriso amarelo. – Então vou dar uma surra em qualquer pessoa que sugira o contrário.

Essa fala foi respondida com o som de uma dúzia de canetas riscando papel.

Se você disser algo assim, comentara Minnie, sabe que vai ter que fazer isso. Pelo menos uma vez.

Robert mal podia esperar.

– Falando nela – falou –, creio que chegou a hora de eu ir buscar minha esposa.

Ele se virou, ciente dos murmúrios que soaram às suas costas. Robert abriu a porta lateral da sala e saiu.

Minnie estava no quarto ao lado, apertando as mãos enquanto dava voltas no cômodo.

Robert parou ao avistá-la. Ela estava usando um vestido que ele nunca tinha visto – um vestido que, sem dúvida, havia sido encomendado em Paris entre os períodos que passavam no quarto. Era de um carmesim brilhante, o tipo de vestido que fazia com que todos os olhos se voltassem para ela. O tecido havia sido costurado bem justo, acentuando as curvas de Minnie. E ela também estava usando os rubis que Robert lhe dera.

Um xale de renda preto cobria seus braços despidos, e flores decoravam o cabelo. Além de tudo isso, Minnie havia feito algo que Robert só vira em pinturas do século passado. Ela desenhara uma pinta preta no canto da boca. Chamava atenção para a cicatriz e fazia com que aquela teia de linhas

brancas cruzadas na bochecha dela parecessem mais um enfeite proposital do que um lembrete de um ato insensato de violência. A modernidade do vestido, junto àquele traço de moda antiga, fazia com que Minnie parecesse não pertencer a nenhum século.

Robert percebeu que estava congelado ali, encarando-a.

– Sabe, Minnie – falou, levemente rouco –, você está deslumbrante.

– Estou? Sua mãe odiou a pinta – comentou ela. – Veio muita gente?

Ele foi até ela.

– São quase vinte. Tentei amedrontá-los para fazer com que se comportem. Tem certeza de que quer fazer isso?

Ela inspirou fundo. O diamante tremeu no decote dela.

– Certeza absoluta.

Robert pegou a mão da esposa.

– Porque estou disposto a mandar todos eles para o inferno...

A palma dela estava fria, pegajosa, e a respiração, um pouco acelerada.

– ... e vou ficar do seu lado o tempo todo – complementou. – Ninguém vai chegar perto de você. Prometo.

– Eu sei.

Ela apertou a mão dele. Em seguida, juntos, eles foram até a sala de estar. Minnie parou na entrada. Robert não sabia dizer se era por estar nervosa ou apenas porque ela queria causar uma boa impressão.

Qualquer que fosse a intenção original, ficou claro que ela de fato havia impressionado todos. Os homens soltaram murmúrios incrédulos – como se tivessem esperado que, por algum motivo, Minnie fosse aparecer na porta vestindo calças e casaca. Depois desse momento inicial, todos se puseram de pé.

Minnie sorriu. Como Robert estava segurando a mão dela, ele sentiu o ritmo acelerado dos batimentos da esposa pelo pulso, sentiu quando ela enfiou as unhas em sua palma quando todos aqueles olhos recaíram sobre ela. Sabia quanto lhe custava aquele sorriso. Também sabia que se eles gritassem naquele momento, se fizessem qualquer barulho que lembrasse uma multidão enfurecida, Minnie desmaiaria imediatamente. Porém os homens ficaram silenciosos como a morte, não querendo ser jogados na rua.

Robert levou Minnie até o sofá na frente da sala, ajudou-a a se sentar e se acomodou ao lado dela.

O sofá ficava em cima de uma plataforma levemente erguida.

Minnie olhou ao redor, absorvendo tudo.

– Bem – falou –, acho que isto vai ser o mais perto que vou chegar de sentar num trono.

Isso fez com que os jornalistas soltassem uma risada, surpresos.

– Peço que me perdoem, cavalheiros. – A voz dela era bem baixinha, tão baixinha que todos tiveram que se esforçar, se inclinando para a frente, para ouvi-la. – Peço que façam silêncio. Minha voz não é alta, e estou nervosa.

Uma mão se ergueu após essa fala.

– A senhora tem medo das verdades que possamos descobrir?

Era uma pergunta ousada para ser feita na cara de Minnie. Mas ela não reagiu.

– Não – foi a resposta simples. – Meu medo tem origens mais primitivas. Quando eu tinha doze anos... – Ela fez uma pausa, inspirou fundo e continuou: – Bem, acho que os senhores sabem o que aconteceu quando eu tinha doze anos, sobre o que meu pai falou no tribunal e a multidão que me rodeou depois. Eles me deram essa cicatriz. – Ela tocou a bochecha. – Desde aquele dia, grandes aglomerações me deixam sem fôlego. Não consigo aguentar muitos olhos sobre mim sem lembrar o que aconteceu naquela vez. Na verdade, agradeço os senhores por escreverem o que estou falando. É bem melhor do que se todos estivessem me olhando.

Ela disse essa última parte com um sorriso depreciativo, mas seus dedos ainda estavam segurando os de Robert com força.

As canetas se agitaram com aquela declaração. Aqueles homens não conseguiam detectar o que Robert via tão claramente – a palidez nas bochechas de Minnie, os lábios em um tom de rosa claro em vez do tom mais rosado habitual.

– Mesmo agora – continuou Minnie –, tantos anos depois daquele dia, pensar no que aconteceu me deixa com as mãos trêmulas. – Ela soltou as mãos de Robert e as mostrou aos jornalistas, como prova. – Se houvesse mais uns dez homens aqui, não tenho certeza se eu teria condições de fazer isso. E se os senhores estivessem gritando, pode ser que eu desmaiasse. – Ela abriu outro sorriso para eles. – Foi o que aconteceu no tribunal hoje de manhã.

– Como a senhora planeja ir a bailes, festas e outros tipos de eventos que se espera que duquesas frequentem?

– Tenho certeza de que vou receber muitos convites gentis dos meus colegas para eventos desse tipo.

Os dois tinham conversado sobre aquela questão, refletindo diversas vezes, até encontrar as palavras perfeitas.

– Também tenho certeza – continuou Minnie – de que todos vão entender que, quando eu recusar tais convites, não estarei agindo com malícia. Porém, nos próximos anos, meu marido e eu vamos organizar uma série de eventos menores. Pretendo cuidar de vários dos projetos de caridade do meu marido, e me sinto confiante de que dessa forma vou conhecer muitos dos meus colegas.

– E a senhora não tem medo de ser rejeitada por causa do seu passado?

– Tenho certeza de que algumas pessoas não terão interesse em me conhecer. Mas, devido às minhas necessidades, é claro que meu círculo de amizades será obrigatoriamente seletivo. Qualquer mulher que não tenha interesse em fazer parte desse círculo tem a liberdade de não se candidatar.

Ela sorriu para os homens ali reunidos.

Enquanto falava, eles transcreviam tudo nos cadernos. Palavra por palavra apareceria em metade dos jornais do país. Mas, enquanto todos escreviam, alguns jornalistas ergueram a cabeça para olhar para Minnie.

Não havia dúvida em relação à feminilidade dela. Ela havia mostrado uma fraqueza a eles e os deixara à vontade. Mas o jornalista de cabelos grisalhos ao lado – Robert achava que o nome dele era Parret – estava olhando para Minnie com uma expressão interessada. O homem acompanhava as fofocas e as políticas de Londres desde antes de Robert e Minnie terem nascido, e talvez estivesse reconhecendo aquilo que Robert já sabia. A duquesa de Clermont havia feito um desafio às mulheres de Londres. Ela não ia implorar pela companhia delas ou se rebaixar para ser benquista. Ter a amizade de Minnie era uma honra única e ímpar, e ela concederia tal privilégio a poucas.

Parret ergueu a mão.

– Vossa Graça – chamou –, o seu talento para o xadrez foi uma... casualidade da infância? Uma fraude?

Um sorrisinho tomou o rosto de Minnie, genuíno dessa vez.

– Não – respondeu simplesmente. – Não foi.

Ele ergueu uma sobrancelha e a contemplou.

– A senhora disse que estava nervosa. Não parece nervosa.

– Quando eu me sentia ansiosa, eu dizia para mim mesma que eu não sentia nada. Isso ajudava um pouco até eu conseguir achar um cantinho para ficar a sós. – A mão dela se fechou ao redor da de Robert. – Mas agora sei que não estou sozinha. E isso ajuda ainda mais.

Ela não estava sozinha.

Não era apenas a mão dela segurando a dele, não eram apenas os dois sentados lado a lado no sofá. Estavam enfrentando não apenas aquele obstáculo juntos, mas, sim, uma vida. Não ia ser fácil. Nem sempre seria divertido. Mas até mesmo os piores momentos seriam mais fáceis com ela ao lado de Robert.

Não estou sozinha. Isso o encheu de certeza. Ao lado dele, Oliver tinha um sorrisinho leve no rosto. Minnie colocou a outra mão sobre a de Robert e, por um segundo, ele a fitou nos olhos. Quando tudo aquilo terminasse – quando dispensassem os homens, para que eles corressem para contar ao mundo que o duque e a duquesa de Clermont eram uma força da natureza –, Robert mostraria a Minnie quanto ela não estava sozinha.

Ele a deixaria ficar com o colar, decidiu. Já o resto...

– Vossa Graça – perguntou alguém, interrompendo o devaneio dele. – Podemos falar sobre os folhetos? Qual era a sua intenção ao escrevê-los?

– Ah, claro – disse Robert. – É bem simples, na verdade. Eu sou um duque. Como tal, me considero responsável não apenas pelo meu bem-estar, mas pelo bem-estar de todo o país. – Ele sorriu, encontrou os olhos do irmão e se inclinou para a frente. – Se silenciarmos aqueles que desejam falar, como posso fazer meu trabalho? A prisão do capitão Stevens foi apenas o começo.

As mãos de Minnie apertaram as dele.

– Não sei tudo que vou conseguir fazer durante a minha vida – falou Robert –, mas isto é apenas o começo.

Epílogo

Quatro anos depois

Para qualquer outra pessoa, aquele dia poderia parecer normal, mas Robert sabia que não era. Dava para sentir a tensão no ar. Um homem sentado ao lado dele estava com as mãos fechadas em punho e se inclinava para a frente. Do outro lado estavam Oliver e o pai, observando, atentos. Lydia e o marido ocupavam cadeiras do outro lado da sala. Ela não sabia quase nada sobre xadrez, mas ainda assim assistia a tudo com a mão sobre a boca. Havia mais três pessoas presentes, totalizando oito, sem contar os dois jogadores no meio da sala.

Mas oito pessoas já não eram o bastante para deixar Minnie nervosa. Na verdade, ela parecia ter se esquecido de todo o resto. Estava sentada na mesinha que fora montada no meio da sala e parecia ser a única pessoa no cômodo que não estava nem um pouco ansiosa.

Causara uma tempestade em Londres – o que significava que, como em qualquer tempestade, certas pessoas fechavam as portas quando ela se aproximava. Mas, em geral, aquelas que mais importavam não a tinham rejeitado. A curiosidade que sentiam em relação à duquesa de Clermont era maior do que os ressentimentos. Ela havia organizado encontros – encontros exclusivos, com um número limitado de convidados –, e algumas pessoas compareceram. Pessoas importantes.

Gradualmente, ela se acomodou no papel de duquesa. Ainda recusava

convites para grandes festas e ainda tentava evitar olhares quando andava na rua. Mas em eventos como aquele... Em eventos como aquele, todos podiam ver quem ela realmente era. Trajava um vestido de seda azul magnífico e não parecia nem um pouco incomodada, ainda que o homem sentado à sua frente tivesse começado a suar.

Por fim, o adversário pegou uma peça. Ele a segurou, em seguida a colocou no lugar. Gustav Hernst, que tinha sido o campeão do primeiro torneio internacional de xadrez de Londres uns quinze anos antes, havia movido sua peça.

Minnie estudou o tabuleiro casualmente. Depois de refletir por um momento, pegou uma peça e, sob os olhos de todos, a beijou.

Hernst balançou a cabeça e virou o rei no tabuleiro. Em seguida, afundou na cadeira.

– A senhora ainda é muito boa – falou. – Boa demais. Devia ter ganhado na última vez que jogamos. – Mal dava para detectar o sotaque alemão dele. – Mas eu não resisti.

Minnie se levantou e estendeu a mão.

– Um bom jogo – falou.

– Um jogo excelente. Fico feliz por seu marido ter me convidado. O que aconteceu anos atrás... não devia ter acontecido. Não deviam ter interrompido o jogo, principalmente quando a senhora estava quase ganhando. Isso sempre me irritou. Foi um prazer terminarmos desta vez.

Com isso, Minnie olhou para Robert. Depois de todos aqueles anos juntos, o calor que ele sentia quando a fitava nos olhos ainda estava lá. Tornara-se mais profundo, com a intimidade dando a ele meios de entender o que ela sentia. Minnie sorriu e estendeu a mão.

– Vamos lá – disse ela. – Preparamos um refresco no saguão principal.

Mas, quando todos saíram da sala, Minnie e Robert deixaram que Oliver fosse o guia. Os dois ficaram para trás e, depois que os convidados desapareceram corredor abaixo, abriram a porta do outro lado.

A duquesa viúva de Clermont tinha se recusado a assistir ao que ela tinha chamado de “escarcéu”, argumentando que era inadequado e bobo. Mas Robert suspeitava que havia um motivo maior para a recusa.

Dito e feito: o jovem Evan, que tinha acabado de completar 3 anos, estava sentado nos joelhos dela, olhando para o abecedário.

– Vaca! – declarou alegremente.

– O que mais começa com V?

– Vovó – disse Evan.

A mulher bufou.

– Que galanteador. Escolha outra palavra, por favor.

Evan franziu o cenho.

– Velho – falou por fim. – Vovó é velha. Sabia?

– Mas que calúnia mais absurda – disse a mãe de Robert com a voz calma.

Os braços dela se fecharam ao redor do neto, e ela se inclinou para a frente, inspirando fundo no cangote dele.

– Mãe – disse Robert –, preparamos um refresco no saguão principal. Já está sendo servido.

Ela ergueu os olhos.

– Ah – falou, franzindo a testa de leve. – Estou... ocupada. – Ela inclinou a cabeça de novo, e um sorrisinho curvou seus lábios. – Estou muito ocupada.

Nota da autora

Dou apelido a todos os meus livros e normalmente os revelo no meu site. Este aqui era chamado de “Campeã de Xadrez” e, como o nome era um *spoiler*, eu não quis mencioná-lo lá. Mas agora vocês já sabem.

Todo tipo de ficção que contém elementos históricos altera o passado de um jeito ou de outro, nem que seja só um pouquinho. Neste livro, tive que dar várias remexidas na história, e quero mencioná-las abertamente.

A primeira, e a mais óbvia, foi no primeiro torneio internacional de xadrez, que realmente aconteceu em Londres em 1851, mas o campeão foi Adolf Anderssen, não Gustav Hernst. Além disso, não houve nenhuma falcatura na organização, e o torneio tampouco contou com a presença de crianças de doze anos de qualquer gênero.

O que aconteceu com Minnie quando as pessoas descobriram que ela era uma garota – e quando o pai dela a traiu – foi baseado num recorte de jornal que li anos atrás. Descrevia uma situação em que descobriram que um homem era uma mulher. Uma multidão se formou e espancaram a pessoa. Os papéis de gênero eram policiados de maneira bem rígida naquela época.

A maior mudança que fiz – a qual teria mudado o mundo como o conhecemos – envolve as descobertas científicas citadas por Sebastian. Eu queria apresentá-lo como um cientista infame e seguidor de Darwin, mas também queria que ele mesmo fizesse as próprias descobertas e que elas fossem tão revolucionárias quanto as do pai da evolução. As pessoas que

acompanham a história da ciência sabem que, no nosso mundo, a genética foi descoberta por Gregor Mendel, num artigo que foi apresentado em 1866 e que não teve repercussão nenhuma na época. Ninguém fez a conexão entre a descoberta de Mendel e a teoria da evolução, mesmo que Mendel tivesse basicamente publicado uma teoria para a transferência de genes entre gerações. Foi só no começo do século XX que o trabalho dele foi redescoberto e recebeu o devido crédito.

No mundo que criei, emprestei o trabalho de Mendel a Sebastian. São descobertas que *poderiam* ter sido feitas na época. Mas se alguém que tinha contato direto com Charles Darwin tivesse descoberto a genética, o ritmo do avanço científico teria mudado radicalmente. Nesse sentido, o mundo que apresento precisaria divergir do mundo em que vivemos nos anos seguintes a este livro.

(Na verdade, o trabalho de Sebastian começou com a cor das bocas-de-leão, que, de modo diferente das ervilhas Mendel, não são incompletamente dominantes entre si.)

Numa terceira alteração, na cidade de Leicester de 1863 não era preciso que um duque escrevesse folhetos e radicalizasse a população. As pessoas já eram bem radicais por conta própria. Por exemplo, em 1863, operários em Leicester criaram uma cooperativa alimentícia. Hoje essa ideia parece bem comum, mas na época foi seguida por uma grande greve. Os trabalhadores eram pagos pelos donos das fábricas, que também eram donos da maioria das lojas da região.

As cooperativas alimentícias – em que trabalhadores juntavam o próprio dinheiro e o usavam para comprar frutas e verduras a preços razoáveis – de fato foram um grande avanço em cidades industriais. Com isso, os trabalhadores pagavam menos pelo que recebiam, e a cooperativa de Leicester foi uma das primeiras a ser criada – e uma das mais bem-sucedidas. Stevens se refere a ela como algo “radical”, e, na verdade, naquela época seria vista assim por muitos donos de fábrica. Qualquer coisa que apontasse quanto os trabalhadores dependiam dos patrões era considerada “radical”.

Outro motivo para a agitação das massas era a questão da vacina. Vacinas se tornaram obrigatórias na Inglaterra em 1853, e muitas pessoas odiaram isso. Foi tema de várias instâncias de desobediência civil. Os motivos dados na época eram *bem* diferentes dos que são usados por

aqueles que não gostam de vacina hoje. (Por exemplo, vacinar pessoas antes que a teoria microbiana das doenças fosse entendida levava a várias complicações que não enfrentamos hoje. Pense nas doenças que ainda são disseminadas por causa de agulhas reutilizadas.) E a inclusão dessa pequena parte do debate histórico só tem a intenção de representar a época em que o livro se passa, não de refletir sobre o problema atual.

Se um duque em 1863 teria realmente interesse em abolir a nobreza não é algo que eu saiba. De qualquer jeito, não sei se Robert ficaria feliz com o ritmo de melhora das condições de vida na Inglaterra. Hoje, os nobres britânicos não têm mais o poder de vetar leis aprovadas na Câmara dos Comuns. E, veja só, só levou alguns séculos para que isso acontecesse.

Oliver pede “óleo de carvão” quando é preso. Referir-me à substância que ele desejava como “óleo de carvão” foi um pouco de força de barra da minha parte. Hoje nós a chamamos de querosene ou parafina. Mas as primeiras pessoas que leram o livro acharam que “parafina” poderia confundir, pois associaram a palavra ao uso cosmético. No começo da década de 1860, parafina/querosene/óleo de carvão era algo tão novo que ainda não tinha um nome certo. E “óleo de carvão” era um termo usado para se referir à substância. Nesse caso, decidi tomar um pouco de liberdade e escolher um nome que seria usado na época e não confundiria ninguém.

Agradecimentos

Nunca sei por onde começar nos agradecimentos, porque há muitas pessoas que precisam ser mencionadas. O que faço é tentar me lembrar de todas por grupos grandes, torcendo para não me esquecer de ninguém. É claro que, inevitavelmente, me esqueço de muitas. Então, antes de tudo, agradeço à minha família – meus pais e minhas várias irmãs e poucos irmãos. Sempre me sinto grata a vocês por entenderem coisas que não fazem sentido para mais ninguém. Ao Sr. Milan, por geralmente preferir a rabugice. E me sinto especialmente grata a Pele e Silver, o que não faz sentido nenhum, porque a única coisa que fazem é exigir atenção e deixar ratos pelos cantos.

Este livro não foi fácil de escrever nem de editar. Tessa, Carey e Leigh, não sei o que eu faria sem vocês. Peeners – idem. Sherry e Tessa mais uma vez me ajudaram a escrever a sinopse, porque sou péssima nisso! Robin Harders sempre me força a pensar nas coisas que prefiro ignorar. Martha Trachtenberg corrige todos os nomes que escrevo errado, porque sou péssima nisso também! Nick Ambrose é rápido e confiável, e sem Anne Victory eu diria “Eita!” com muito mais frequência.

Mas, acima de tudo, quero agradecer aos meus leitores. Em todo livro difícil, chego a um ponto em que só tenho vontade de chutá-lo, berrar e correr em círculos. Se eu não soubesse que vocês estavam esperando este livro, talvez tivesse me deitado em posição fetal na cama e ficado lá

tremendo em vez de ter respirado fundo e voltado a escrever. São vocês que fazem isso valer a pena, e espero ter retribuído o favor.

LEIA AGORA UM TRECHO DO SEGUNDO
LIVRO DA SÉRIE OS EXCÊNTRICOS

O DESAFIO DA HERDEIRA



Capítulo um

Cambridgeshire, Inglaterra, janeiro de 1867

A maior parte dos números que a Srta. Jane Victoria Fairfield encontrara na vida não havia lhe causado nenhum mal. Por exemplo, a costureira que ajustava seu vestido neste momento a tinha cutucado sete vezes enquanto enfiava 43 alfinetes no tecido, mas não tinha demorado muito para que a dor passasse. Sim, era verdade que os doze buracos no espartilho de Jane eram incômodos, mas eram um mal necessário. Sem eles, ela jamais teria conseguido reduzir a medida da própria cintura dos inaceitáveis 93 centímetros para os não menos inaceitáveis 78.

Dois não era um algarismo terrível, mesmo quando representava a quantidade de irmãs Johnsons atrás dela, observando a costureira ajustar o vestido em seu corpo nada aceitável.

E nem mesmo quando estas irmãs haviam dado um total de seis risadinhas nos últimos trinta minutos. Esses números causavam meras irritações – como moscas que podiam ser afastadas com o aceno de um leque.

Os culpados por todos os problemas de Jane eram dois números

específicos. Cem mil era o primeiro deles, e era puro veneno.

Jane inspirou o máximo que o espatilho lhe permitiu e inclinou a cabeça para as Srtas. Geraldine e Genevieve Johnson. Aos olhos da sociedade, as duas eram incapazes de fazer algo errado. Naquele momento, elas trajavam vestidos diurnos quase idênticos – um de musselina azul-clara e o outro em um tom pálido de verde. Seguravam leques iguais, ambos decorados com pinturas de cenas bucólicas. A única forma de distinguir as duas era uma pequena pintinha perfeitamente natural que Geraldine tinha na bochecha direita. Genevieve também tinha uma, mas ficava na bochecha esquerda.

As duas tinham sido gentis com Jane nas primeiras semanas de convivência.

Ela suspeitava que as moças até conseguiam ser agradáveis quando não eram forçadas aos próprios limites. Porém Jane, pelo jeito, tinha um talento especial para levar até as jovens simpáticas a serem desagradáveis.

A costureira colocou um último alfinete no vestido.

– Prontinho – falou. – Agora olhe no espelho e me diga se quer que eu mude alguma coisa. Talvez mudar a posição da renda ou usar menos...

Pobre Sra. Sandeston. Ela falou isso do mesmo modo que um homem prestes a ser enforcado falaria sobre o clima do dia seguinte – com melancolia, como se a ideia de usar menos renda fosse um luxo, algo que só seria possível graças a um ato extraordinário e improvável de clemência.

Jane foi até o espelho e observou o novo vestido. Nem precisou fingir um sorriso – ele se espalhou por seu rosto como manteiga derretida em um pão quentinho. Meu Deus, aquele vestido era horroroso. Total e completamente horroroso. Nunca tanto dinheiro tinha sido gasto em um serviço de tão mau gosto. Jane piscou para seu reflexo, extasiada. A moça no espelho retribuiu o flerte: cabelos e olhos escuros, assanhada e misteriosa.

– O que vocês acham, moças? – perguntou Jane, se virando. – Será que preciso de mais renda?

Aos pés dela, a Sra. Sandeston soltou um gemido atormentado.

E era merecido. O vestido já estava sobrecarregado com três tipos diferentes de renda. Ondas grossas de renda azul tinham sido enroladas na saia, metros e metros de tecido ofensivamente caro. Um pedaço velado de duquesa belga decorava o decote, e uma chantilly negra com uma estampa conflitante de flores adornava as mangas. O tecido do vestido era de seda,

com uma bela estampa. Mas ninguém o veria por baixo de toda aquela decoração espalhafatosa.

Ele era uma abominação rendada, e Jane adorou.

Uma amiga de verdade, ela supôs, teria lhe dito para se livrar de toda aquela renda.

Genevieve assentiu.

– Mais renda. Sim, concordo plenamente que precisa de mais. Talvez mais um tipo diferente?

Meu Deus. Onde ela conseguiria colocar mais renda? Jane não tinha ideia.

– Que tal um cinto rendado? – sugeriu Geraldine.

A amizade que ela tinha com as gêmeas Johnson era de um tipo curioso. As duas eram conhecidas pelo bom gosto infalível. Consequentemente, nunca negavam a chance de levar Jane para o mau caminho. Mas faziam isso de um jeito tão doce que era quase um prazer ser motivo da risada delas.

Já que o objetivo de Jane era ser levada para o mau caminho, ela recebia as dicas com alegria.

Elas mentiam para Jane, e ela retribuía da mesma forma. Como queria ser alvo do ridículo, dava muito certo para todas as envolvidas.

Às vezes, Jane se perguntava como seria se as três um dia fossem sinceras umas com as outras. Se talvez as Johnsons pudessem ter se tornado amigas de verdade, em vez de inimigas educadas.

Geraldine avaliou o vestido de Jane e assentiu com convicção.

– Sim, concordo totalmente com a ideia de acrescentar um cinto de renda. Vai dar a esse vestido um ar de dignidade que está faltando.

A Sra. Sandeston sufocou um gemido.

De vez em quando Jane se perguntava se poderiam ser amigas. Na maior parte do tempo, ela só pensava nos motivos pelos quais não podia ter amizades verdadeiras. Todos os 100 mil motivos.

Então simplesmente assentiu com a cabeça, aceitando as sugestões terríveis.

– O que acham daquela refinada fita de renda maltesa que vimos mais cedo? Aquela dourada com rosetas?

– Com certeza – disse Geraldine, assentindo. – A maltesa.

As irmãs se entreolharam por cima dos leques – uma troca de sorrisos

sagazes que dizia com total clareza: vamos ver o que podemos convencer a Herdeira de Penas a fazer hoje.

– Srta. Fairfield. – A Sra. Sandeston juntou as mãos em uma imitação inconsciente de uma oração. – Estou implorando. Não esqueça que se atinge um efeito muito superior usando menos enfeites. Um pedacinho de uma bela renda, sim, é o destaque de um vestido magnífico, que deslumbra por ser simples. Mas quando usamos demais...

Ela deixou a voz morrer enquanto girava os dedos de maneira sugestiva.

– Quando usamos renda de menos – corrigiu Genevieve com calma –, ninguém sabe o que a pessoa vale. Geraldine e eu, ora, nós duas só valemos 10 mil libras cada, então nossos vestidos devem refletir isso.

Geraldine segurava o leque com força.

– Que peninha – lamentou.

– Mas a Srta. Fairfield tem um dote de 100 mil libras. E precisa ter certeza de que as pessoas perceberão disso. Nada diz riqueza como renda.

– E nada diz renda como... mais renda – acrescentou Geraldine.

Elas se entreolharam daquele jeito de novo.

Jane sorriu.

– Obrigada – falou. – Não sei o que eu faria sem vocês duas. São tão maravilhosas comigo, me ensinam tudo que preciso saber. Não tenho ideia do que está na moda, nem da mensagem que minhas roupas passam. Sem vocês para me ajudar, quem sabe as besteiras que eu faria?

A Sra. Sandeston fez um som engasgado, mas não disse mais nada.

Cem mil libras. Um dos motivos para Jane estar ali, observando aquelas mulheres belas e perfeitas trocarem sorrisos maliciosos que achavam que Jane não compreendia. As duas aproximaram as cabeças e sussurraram entre si – suas bocas escondidas recatadamente atrás dos leques – e depois, olhando para Jane, soltaram uma risadinha em conjunto. Achavam que ela era uma completa idiota, sem qualquer noção de bom gosto, discernimento e bom senso.

Mas isso não a incomodava, nem um pouco.

Não a incomodava saber que as duas a chamavam de amiga enquanto buscavam expor sua insensatez para todos que conheciam. Não a incomodava que elas a incentivassem a sempre ir além – mais renda, mais joias, mais enfeites – simplesmente para se divertirem às suas custas. Não a incomodava ser motivo de chacota para toda a população de Cambridge.

Não podia incomodá-la. Afinal, tudo isso havia sido uma escolha dela.

Ela sorriu para as gêmeas como se as risadinhas fossem amostras sinceras de amizade.

– Vamos com a maltesa então.

Cem mil libras. Havia fardos piores do que 100 mil libras.

– Você precisa usar esse vestido na próxima quarta – disse Geraldine. – Foi convidada para o jantar do marquês de Bradenton, não foi? Nós insistimos que a convidassem.

Os leques subiam e desciam, subiam e desciam.

Jane abriu mais um sorriso.

– Mas é claro. Eu não perderia esse jantar por nada nesse mundo.

– Vai ter um cavalheiro novo por lá. Filho de um duque. Infelizmente, ilegítimo, mas reconhecido mesmo assim. É quase tão bom quanto se fosse um duque de verdade.

Droga. Jane odiava conhecer novos homens, e o filho bastardo de um duque parecia ser do tipo mais perigoso. Devia ter muitos elogios a fazer a si mesmo e pouco dinheiro no bolso. Era justamente o tipo de homem que veria as 100 mil libras de Jane e decidiria ser capaz de ignorar a excessiva quantidade de renda. Aquele tipo de homem ignoraria muitos e muitos defeitos se significasse que o dote de Jane entraria na conta bancária dele.

– É mesmo? – disse ela, evasiva.

– O Sr. Oliver Marshall – retrucou Genevieve. – Eu o vi na rua. Não parece...

A irmã lhe deu um cutucão, e Genevieve pigarreou.

– Quer dizer, ele parece ser bem elegante. Os óculos dele são muito chiques. E os cabelos são bem... brilhosos e... acobreados.

Jane conseguia imaginar muito bem esse espécime que fora privado do ducado. Devia ser barrigudo. Usar coletes ridículos e ter um relógio de bolso para o qual olhava o tempo todo. Ter orgulho dos próprios privilégios e rancor do mundo que o levava a nascer fora do casamento.

– Ele seria perfeito para você, Jane. Perfeito – disse Geraldine. – É claro, com nossos dotes inferiores, nós seríamos... pouco interessantes para ele.

Jane forçou um sorriso.

– Não sei o que faria sem vocês – falou, com um pouco de sinceridade.

– Se eu não tivesse vocês cuidando de mim, talvez...

Se Jane não tivesse as duas tentando transformá-la em um bobo da corte, talvez um dia – apesar de seus maiores esforços – ela conseguisse conquistar o interesse de um homem. E isso seria um completo desastre.

– É como se vocês fossem minhas irmãs com todo o carinho que me dão – acrescentou ela.

Talvez as meias-irmãs más de um conto de fadas.

– Sentimos a mesma coisa. – Geraldine sorriu para ela. – Como se você fosse nossa irmãzinha.

A quantidade de sorrisos falsos naquele cômodo era quase igual à de renda no vestido de Jane. Ela se desculpou silenciosamente pela mentira.

Aquelas mulheres não eram nada parecidas com irmãs para ela. Só o fato de dizer isso já era um insulto à irmandade, e, se alguma coisa era sagrada para Jane, era isso. Ela tinha uma irmã – uma pela qual faria qualquer coisa. Por Emily, ela mentiria, trapacearia, compraria um vestido com quatro tipos diferentes de renda...

Cem mil libras não era um fardo tão ruim assim de se carregar. Mas se uma jovem queria permanecer solteira – se precisasse continuar com a irmã até que esta atingisse a maioridade e pudesse sair da casa de seu tutor –, o número se tornava uma ameaça.

Quase tão ruim quanto 480 – a quantidade de dias pelos quais Jane precisava continuar solteira.

Quatrocentos e oitenta dias até que a irmã atingisse a maioridade. Em 480 dias, a irmã poderia abandonar o tutor, e Jane – que tinha permissão para continuar naquela casa sob a condição de se casar com o primeiro homem elegível que lhe fizesse o pedido – poderia parar com toda aquela falsidade. Ela e Emily finalmente estariam livres.

Jane sorria, vestiria toneladas de renda e chamaria o próprio Napoleão Bonaparte de irmã se isso garantisse a segurança de Emily.

Em vez disso, tudo que ela tinha que fazer pelos próximos 480 dias era procurar um marido – procurar com afincos, mas não se casar.

Quatrocentos e oitenta dias durante os quais ela ousaria não se casar, e 100 mil libras para o homem que se casasse com ela.

Esses dois números descreviam as dimensões da prisão em que ela vivia.

Por isso, Jane sorriu de novo para Geraldine, agradecida pelos

conselhos, agradecida por ser levada para o mau caminho mais uma vez. Ela sorriu, e foi até um sorriso verdadeiro.

Sobre a autora



Courtney Milan já teve muitas ocupações: foi programadora, cientista e advogada. Mas seu trabalho preferido é escrever histórias de amor.

Seus livros já figuraram na lista de mais vendidos do *The New York Times* e do *USA Today* e ela foi finalista do prêmio RITA.

Atualmente mora na região das Montanhas Rochosas, nos Estados Unidos,

com o marido, um cachorro mal treinado e um gato muito arisco.

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

